

FRANCISCO DE OLIVEIRA
Coordenação

O Espírito Olímpico
no
novo milénio



Coimbra • Imprensa da Universidade

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Coordenação

O Espírito Olímpico no novo milénio

Autores

HANS JOACHIM GLÜECKLICH
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
MARIA DE FÁTIMA SILVA
DELFIN FERREIRA LEÃO
JOANA PORTELA
JOAQUIM PINHEIRO
SUSANA PEREIRA
FRANCISCO DE OLIVEIRA
MARIA CRISTINA PIMENTEL
AIRES PEREIRA DO COUTO
PAULA BARATA DIAS
CARLOTA MIRANDA URBANO
ANA FERNANDES
FRANCISCO SOBRAL
FERNANDO MAIA



Coimbra · Imprensa da Universidade

Coordenação Editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção Gráfica
António Barros

Execução Gráfica
Imprensa de Coimbra, Lda
Largo de S. Salvador, 1 a 3
3000-372 Coimbra

ISBN
972-98225-5-7

Depósito Legal
159184/00

© Novembro 2000, Imprensa da Universidade de Coimbra

Obra publicada com o apoio de

Fundação Calouste Gulbenkian; Associação Portuguesa de Estudos Clássicos - APEC; Núcleo de Viseu
do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa.

ÍNDICE GERAL

FRANCISCO DE OLIVEIRA: Introdução	5
HANS JOACHIM GLÜCKLICH: O espírito olímpico e a importância de aprender latim no novo milénio.....	7
MARIA HELENA ROCHA PEREIRA: Os vencedores dos jogos: a glória na arte.....	23
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA: A heroização do vencedor na poesia grega.....	45
MARIA DE FÁTIMA SILVA: Os jogos olímpicos na Grécia Antiga. Um certame de ideal e de glória.....	57
DELFIN FERREIRA LEÃO: Os honorários dos atletas vencedores	73
JOANA PORTELA: Amadorismo e profissionalismo na Grécia Antiga.....	85
JOAQUIM PINHEIRO: Mot/Vos olímpicos nos epinícios de Baquilides	95
SUSANA PEREIRA: Jogos Píticos na Electra de Sófocles.....	103
FRANCISCO DE OLIVEIRA: Actividades lúdicas em Roma	111
MARIA CRISTINA PIMENTEL: O espírito agónico no Alto Império Romano	127
AIRES PEREIRA DO COUTO: A glória olímpica numa ode horaciana.....	153
PAULA BARATA DIAS: O sucesso da Metáfora desportiva na literatura cristã	165
CARLOTA MIRANDA URBANO: O canto do martírio. Exaltação do espírito agónico no Humanismo.....	183
ANA FERNANDES: A poética do desporto em Maurice Genevoix	197
FRANCISCO SOBRAL: Olimpismo e exaltação da individualidade. Das origens aos jogos contemporâneos	205
FERNANDO MAIA: A participação portuguesa nos jogos olímpicos	213

(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

Celebrar o novo milénio é uma forma moderna de recordar aquilo que na cultura greco-romana se traduz no mito das idades em suas várias expressões, desde as propagandísticas, através da identificação do advento de um novo imperador com uma nova aetas ou com um novo saeculum, até à aspiração ao regresso de uma constelação benfazeja, tal como foi expressa na IV Bucólica de Virgílio.

Recordar o espírito olímpico é, por outro lado, aderir a uma aspiração de harmonia, cultura e paz universais, numa permanente busca da concretização de uma utopia, na crença na capacidade humana de construir o ideal.

Sem esquecer, pois, a importância da presença de um ideal messiânico, estamos a celebrar o homem na dimensão de promotor da paz e do progresso, na sua capacidade de realizar e de sonhar, e de sonhar, até, com ideais de glória.

Estas vertentes de exaltação da capacidade humana têm fortes raízes na cultura greco-latina. Por isso, a presente colectânea de estudos pretende, também, ser uma manifestação de optimismo na permanência da cultura clássica como astro orientador do homem em todas as suas lutas por um futuro melhor.

Trata-se, pois, de editar um conjunto de contributos de investigadores de várias universidades portuguesas e estrangeiras, de várias especialidades, predominantemente literárias, apresentados em linhas gerais, e depois reelaborados, no II Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.

A sua publicação fica, por conseguinte, a dever-se a um numeroso grupo de entidades, desde as Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade Católica, à Secretaria de Estado do Ensino Superior, à Secretaria de Estado do Desporto, à Fundação para a

Ciência e Tecnologia, à Fundação Engenheiro António de Almeida, à Fundação Calouste Gulbenkian, ao Comité Olímpico de Portugal; e a um numeroso grupo de pessoas, de que nomeio os Doutores M. H. da Rocha Pereira e José Ribeiro Ferreira, da Universidade de Coimbra; Aires Pereira do Couto e Manuel Pulquério, da Universidade Católica Portuguesa; Comandante José Vicente Silva, Presidente do Comité Olímpico de Portugal, e Hans Joachim Glücklich, Presidente da Euroclassica.

O agradecimento final vai para o Doutor Fernando Regateiro, ilustre Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, que amavelmente criou as condições para a inclusão da presente obra na série "Investigação".

Francisco de Oliveira

O ESPÍRITO OLÍMPICO E A IMPORTÂNCIA DE APRENDER LATIM NO NOVO MILÊNIO

Hans-Joachim Glücklich
Universidade de Heidelberg
Presidente da Euroclassica

1. ludi olympici

O nosso tema é "O espírito olímpico no início do novo milênio. Os estudiosos da matéria e os jornalistas desportivos modernos são capazes de provar que já na Antiguidade Grega existia o problema do "doping" dos atletas e o da corrupção do júri. Esses aspectos têm algo em comum com os problemas actuais do desporto, da sociedade e dos estilos de vida do nosso tempo. Seria interessante discutir esses aspectos, bem como as razões pelas quais se trata de problemas comuns à antiguidade e aos tempos de hoje. No entanto, uma discussão desse tipo afastar-nos-ia do nosso tema, que é o do espírito olímpico.

É o espírito olímpico que sempre fez e ainda faz dos jogos olímpicos e da ideia olímpica um dos conceitos mais inspiradores da história humana. O espírito olímpico transfere a agressão humana da guerra para a competição, de bellum para certamen. Leva as pessoas da guerra para a paz, ou, pelo menos, para a paz por um certo período de tempo. Impele as pessoas da glória da guerra para a glória da vitória desportiva e proporciona a todos um caminho seguro para a vivência do orgulho nacional. Os Jogos Olímpicos tornaram-se um símbolo da vida humana.

2. certamen: imago vitae

Desde há muito que se comparam os jogos e concursos físicos e mentais. O estadista e filósofo romano Cícero (*Tusculanae disputatio-*

Nos nossos dias, os atletas olímpicos tentam de novo dar à competição um sentido mais lato e à vitória um significado que transcende o aspecto físico. Lutam, como todos nós, por uma unidade de estilo de vida.

Tentamos encontrar meios que combinem numa só personalidade convincente as diferentes matérias escolares, os diferentes pensamentos, necessidades e desejos que temos. Gostaria de referir que o Latim e o Grego nos poderão ajudar a consegui-lo.

3. memória

Um desses meios é a memória. Vitruvius, o grande arquitecto romano de Augusto, afirma na sua obra *Da architectura* (de *architectura*, livro 7) que o desenvolvimento da mente humana se deve a muitas pessoas. Só tendo como base aquilo que foi conseguido pelos nossos antecessores seremos capazes de atingir o ponto mais alto do pensamento (*pervenirent vetustatibus ad summam doctrinarum subtilitatem*). Existem para isso duas condições:

1. A transmissão de pensamentos sob a forma escrita (*conscriptio*);
2. A memória de pensamentos anteriores (*memoria*).

Se não falarmos ou escrevermos sobre os nossos pensamentos, tornar-nos-emos culpados de invidia. Não permitimos que os outros conheçam os nossos pensamentos, ficando impossibilitados de construir os seus próprios pensamentos a partir dos nossos. Desse modo, ninguém poderá atingir o ponto supremo do pensamento humano.

Digamos que memória é a ligação nervosa não apenas num único cérebro e sim na história colectiva da mente. É importante verificarmos como os pensamentos antigos influenciaram durante tantos séculos a mente humana e a história do espírito humano e como ainda exercem a sua influência.

Dependemos desses pensamentos, seja por contacto directo, seja pelo nosso contacto com outros textos, que foram por sua vez influenciados pelos textos clássicos.

Por exemplo, Cristóvão Colombo, assim como tantos outros, descreveu o continente ocidental recentemente descoberto em termos e de acordo com as perspectivas dos historiadores antigos e dos poetas épicos. Consideravam-se os novos povos como pessoas que careciam de desenvolvimento em termos de cultura e de civilização, sendo o governo espanhol visto como portador da pax Romana. A recusa da aceitação do cristianismo espanhol e do seu governo de paz era entendida como motivo para guerra, como causa iusta para bellum iustum.

Existem inclusivamente comparações entre Colombo e Eneias em várias obras épicas. Os poemas épicos intitulados Columbeis integram a recepção da Eneida de Virgílio.

A própria designação de "América", que provém de Américo Vespucci, era justificada pela comparação com os três nomes, Europa, Ásia e África, e pela ideia de que deveria agora ser um homem o padrinho de um continente.

O desenvolvimento da mente humana não tem início apenas no nosso tempo. Os empreendimentos do nosso tempo, tanto os positivos como os negativos, devem ser vistos sob o pano de fundo da história.

Os Romanos tinham consciência do facto de que deviam muito aos seus predecessores. Escreve Cícero (orator 120):

Desconhecer o que aconteceu antes de termos nascido significa permanecermos crianças toda a vida. A vida dos homens existe apenas se for relacionada com os eventos do passado.

Retirar o Latim e o Grego da educação de base em vez de os tornar obrigatórios em todas as escolas secundárias significa privarmo-nos de todo esse passado histórico, da memória, de um fundamento apurado dos nossos próprios pensamentos.

4. *veritas e* identidade

Esse perigo tem sido identificado por muitos autores. Alguns deles afirmam até que devemos defender a nossa cultura de outras culturas (por exemplo, a cultura islâmica) que revelam uma forte tendência para

dominar a cultura mundial. Por mim, não iria tão longe, mas gostaria de afirmar que o corte com as nossas raízes comuns significa:

- 1) obstruir a unificação europeia;
- 2) entregarmo-nos a uma perda de consciência histórica;
- 3) rendermo-nos a ditaduras e a ludíbrios.

Vitrúvio (de architectura, livro 7, capítulos 4-7) conta a história de um certamen poetarum, um concurso de poesia que teve lugar em Alexandria. Aristófanes, um membro do júri, foi o único que se apercebeu de que o poeta mais apreciado cometia plágio. Isto demonstra que memória significa muito mais do que uma obrigação moral de honrar os tempos passados. Memória constitui, por si mesma, uma qualidade moral, uma vez que é uma fonte de juízo e de opinião independentes. Independência não significa espontaneidade e loquacidade, e sim a discussão crítica de pensamentos anteriores e ainda mais a capacidade de pôr em questão e de discutir as tendências actuais do pensamento e dos modos de vida, confrontando-os com outras possibilidades.

Os ditadores têm os seus motivos para ou promover a ausência e a perda da consciência histórica, ou permitir apenas uma consciência e um conhecimento seleccionados.

Na sua obra Fahrenheit 451 (a temperatura a partir da qual o papel começa a arder), Ray Bradbury mostra, tal como o faz François Truffaut no seu filme homónimo, como um ditador quer queimar todos os livros a fim de atingir esse objectivo de provocar uma perda cultural e conseguir assim uma manipulação total da mente humana.

Hoje em dia, os ditadores modernos são a cultura de massas, o culto do proletário em vez de cultura, um certo tipo de turismo e o entretenimento total.

5. homo expeditus

Quais são as condições para se ser um jurado competente e independente? Segundo Vitruvius (de architectura 7,5), o jurado independente Aristófanes foi eleito porque lia todos os livros com o máximo empenho

possível (*summo studio*), e a máxima precisão e atenção possíveis (*summa diligentia*).

Isso tornava-o *expeditus*. *Expeditus* é o oposto de *impeditus*, o resultado de um longo processo de educação que liberta alguém de trechos desnecessários do seu caminho, não se perturbando com a tendência ou a opinião públicas. É alguém capaz de comparar o novo e o velho com rapidez e independência, com um rápido acesso à história e às fontes, com um espírito bem treinado e uma inteligência aperfeiçoada. Analisa as novas ideias e processos com rapidez e independência.

6. lingua

a) ratio - oratio

E essa independência que exige também o conhecimento do Latim e, pelo menos, algum conhecimento do Grego. Todas as traduções são interpretações, todas as traduções dependem do tradutor e do seu tempo.

Cícero mostra (*de officiis* 1,12 e 50-51) como a combinação da linguagem e do pensamento forma a rede mundial da humanidade:

Com o poder da *ratio*, a natureza racional liga a humanidade a uma sociedade de *ratio* e de *oratio*, de *ratio* e de fala (1,12). (...) E essa a maior conexão social dos homens (I, 50-51).

A linguagem revela a forma como pensamos e, não havendo conhecimento do Latim, não há efectivamente acesso aos pensamentos dos tempos antigos. Assim, não é suficiente aceitar que estamos ligados aos pensamentos de épocas anteriores, mas temos também que aceitar que esses pensamentos não podem ser lidos e discutidos de forma independente se não tivermos conhecimento do Latim e do Grego.

Para além desta, muitas outras razões se podem invocar para provar a importância do conhecimento da língua latina.

b) forma

A beleza e a estrutura da língua latina clássica são reconhecidas por quase todos, mesmo por aqueles que não concordam com o seu ensino nas escolas.

Lion Feuchtwanger regista no seu diário o que lhe disse o poeta alemão Bertolt Brecht: “Mesmo se Horácio exprime os pensamentos mais triviais, tudo soa maravilhoso, pois ele trabalhou com mármore e nós trabalhamos com porcaria.” E Feuchtwanger explica ainda que “Bertolt Brecht usou uma palavra mais ordinária”.

Contudo, forma significa também disciplina. Os autores latinos clássicos são bem conhecidos pela capacidade de adequar conteúdos e estrutura nas suas frases, enchendo-as de impressões sonoras e visuais, o que não surpreende num mundo em que se lia alto e em que não existiam a fotografia e a televisão. Assim, todas essas funções cabiam à linguagem.

c) verba

O Latim é a chamada língua-mãe de quase todas as línguas europeias. Saber Latim facilita a aprendizagem do vocabulário de outras línguas. Torna mais fácil também a compreensão do sentido e do próprio “ambiente” das palavras.

d) syntaxis et grammatica

Os nossos métodos de ensino completo da gramática ajudam também a entender mais facilmente a estrutura de outras línguas. Em nossa opinião, a gramática é uma chave para a compreensão do pensamento das pessoas e da mente das pessoas.

Esta afirmação leva-me a acrescentar que há que ter cuidado em não se treinar a gramática sem discutir e apreciar os conteúdos de um dado texto. A gramática só é convincente e inspiradora se formos capazes de mostrar o significado da gramática e da linguagem na expressão e nos efeitos que pretendemos obter. Uma vez que o Latim é, hoje em dia, uma língua maioritariamente escrita e não falada, podemos

concentrar-nos na estrutura, na terminologia, na comparação com outras línguas.

e) linguagem científica e palavras estrangeiras

A linguagem científica é ainda hoje dominada pelo Latim e pelo Grego e, embora se encontrem mais palavras inglesas, muitas delas são de origem latina ou grega, tal como "copy" (cópia), "computer" (computador), "initialize" (inicializar), "memory" (memória). A língua inglesa mais cuidada, especialmente as palavras que designam conceitos abstractos, as palavras da ciência, da política, da história e da filosofia são de origem franco-normanda, o que significa, em última análise, que têm uma origem latina, por exemplo "to believe" (acreditar) é um termo originalmente anglo-germânico, mas a maioria das palavras relacionadas com "crença" deriva da palavra latina credere: creed (credo): sistema de crença religiosa; to credit (acreditar, dar crédito): crer, confiar; credit (crédito): acreditar que alguém vai poder pagar dívidas ou cumprir uma promessa; (in)credible (in-crível): em que (não) se pode acreditar; credulous (crédulo): que acredita com demasiada facilidade.

7. Europa

14 Numa carta que escreveu ao filho, que viria a ser Filipe II, o rei de Espanha Carlos IV fala-lhe de alguns princípios da educação: "Como vos disse em Madrid, não penseis que é infantil estudar". O estudo ajudou a fazer o homem. Ser um homem não era uma questão de corpo, mas sim de espírito e só o estudo poderia consegui-lo. E sobretudo, o príncipe iria governar muitos países de línguas diferentes e era essencial saber Latim para comunicar com todos eles. "Nem seria demais se soubésseis um pouco de Francês". É óbvio que o rei D. Carlos considerava ser o Latim a mais importante língua de comunicação europeia e o Francês a segunda em importância.

Hoje em dia provavelmente recomendaria o Inglês. O Inglês é a língua franca do hemisfério ocidental, embora a maioria das pessoas - incluindo eu - fale um Inglês mais ou menos mau. A sua amplitude vai do

Inglês de Inglaterra até ao da América, ao Australiano, desde o Inglês propriamente dito ao Inglês "miscigenado", passando pelo Inglês comercial, até ao Inglês formal dos académicos.

Haverá, no entanto, uma razão que justifique o conhecer-se um pouco de Latim? Andréas Alföldy, um historiador da Universidade de Heidelberg, compara a organização supranacional do Império Romano e a Comunidade Europeia e verifica que a administração romana funcionava eficazmente, concedendo direitos políticos a todos os membros do Imperium e utilizando esse facto como meio de integração de muitos grupos étnicos diferentes. Prova também o mesmo autor que não era através das medidas económicas que se obtinha a integração, mas sim através de medidas culturais, tais como a expansão generalizada da cultura greco-romana, que se tornou a base do pensamento, da cultura e da educação europeias.

Alföldy exige uma integração cultural muito mais intensa dos países europeus porque a economia não é nem o único caminho conducente à integração, nem será um caminho completo. Aquele historiador encontra a ligação unificadora nas raízes comuns da língua e da cultura latinas, que — como mostrámos atrás — influenciam o tempo presente não apenas directamente, mas também através de toda uma série de obras-primas da cultura que foram criadas na Europa, influenciadas pela antiguidade e pelos escritores e artistas Gregos e Romanos.

Combinados com os argumentos linguísticos já apresentados, estes factos apontam fortemente para a importância de uma nova vaga de ensino do Latim e também do Grego nas escolas secundárias em toda a Comunidade Europeia.

8. EUA

Mesmo nos Estados Unidos, alguns professores, académicos e outras pessoas ligadas ao sistema educativo já tomaram consciência da importância da aprendizagem do Latim.

O Latim ajuda a entender as palavras estrangeiras e a linguagem científica. Mas ajuda também a melhorar o conhecimento do sentido das palavras e a competência ortográfica. A escrita das chamadas palavras

difíceis (de origem grega e latina) torna-se mais fácil, por exemplo: “exam” (exame), debt (dívida). Pode entender-se o humor das palavras “abreviadas”, como por exemplo: “prof ’ (professor), “fab” (fabuloso), ab (“fab abs”: abdominais fabulosos). E pode até perceber-se o chamado “ProfTalk” (“Professorês”), por exemplo:

“Professorês”: “A sua estrutura afectiva de desvalores leva-o a conclusões essencialistas.”

Linguagem Simples: “Esse gajo é um chato.”

“Professorês”: “Generalize o documento.”

Linguagem Simples: “Faça 25 cópias e distribua”

Contudo, os americanos fazem o mesmo que uma série de países europeus e tentam construir a sua história independentemente das respectivas raízes. Os EUA pretendem ser independentes da Europa, mas dependem da cultura europeia e do sistema político europeu. Foram influenciados pelo modo como os conquistadores europeus viam e tratavam os povos nativos da América. A Pax Romana e a Pax Americana têm algo em comum.

Os fundadores da nação americana promoveram a educação clássica. A Constituição americana e a Declaração de Independência encontram as suas raízes nos pensamentos de Cícero sobre o direito natural, e os pensamentos de Lincoln, Jefferson, Franklin e Madison devem muito a Roma e à Grécia.

16 No entanto, mesmo nessa época era negada a influência do pensamento romano. A história dos Estados Unidos levou a maior parte dos autores políticos a crer que a democracia americana seria muito diferente do sistema parlamentar inglês. O inglês Thomas Paine, bem como os americanos Jefferson e Madison, entendiam que o governo representativo ou o sistema representativo era “uma invenção do mundo moderno”. Na opinião de Jefferson, tinha-se tornado inútil quase tudo quanto fora escrito antes do sistema americano sobre a estrutura dos governos. E Paine afirmava: “O que Atenas foi em miniatura, a América será em magnitude.” Queria dizer: uma democracia. No entanto, tal comparação e tal identificação da democracia antiga e da moderna, da democracia ateniense e da democracia americana não são

correctas. A nova democracia representativa não é uma constituição sem misturas de monarca, aristocratas e povo — e o novo sistema americano teria que ser uma constituição pura. James Madison concebeu a ideia da democracia representativa com base na Europa, revelando conhecer a sua origem histórica. Mas mesmo Madison pensava que “a América pode reclamar os louros de ter descoberto repúblicas puras e amplas.”

9. conclusão

Não temos nenhum motivo para negarmos as nossas raízes. Por isso, poderei terminar em jeito de provocação e de uma forma optimista: o conhecimento do Latim e do Grego, bem como da literatura clássica e das suas recepções, ajudam-nos a evitar seguirmos apenas o nosso ponto de vista e o nosso próprio modo de ajuizar. Queremos evitar ser como uma ditadura e adoptar uma forma de pensar totalitária. A tendência para tornarmos absoluto o nosso próprio ponto de vista é humana e pode ser detectada nos currícula das democracias modernas. Estas deveriam acolher com agrado o contributo que uma educação clássica traz ao desenvolvimento de um modo de pensar liberal e independente. O ensino do Latim e do Grego ajuda a ajuizar de forma independente, a tornarmo-nos conscientes das nossas raízes comuns e, ao mesmo tempo, a entendermos as nossas raízes nacionais. É por essas razões que gostaria de afirmar que o conhecimento do Latim e do Grego ensina a compreensão do presente. E, nessa medida, o exemplo do espírito Olímpico e o regresso dos jogos Olímpicos deverão animar e encorajar todos quantos são responsáveis pela educação e pela política a promover o Latim e o Grego.

10. Bibliografia

- G. Alföldy, Das Imperium Romanum — ein Vorbild für das vereinte Europa? "Jacob Burckhardt — Gespräche auf Castelen. Heft 9. Schwabe Verlag, Basel 1999
- J. Blänsdorf, Das Naturrecht in der Verfassung. Von Ciceros Staatstheorie zum modernen Naturrechtsdenken, in: H.-J. Glücklich (ed.): Lateinische Literatur, heute wirkend, vol. II, Göttingen 1987, pp. 30-59
- A. Fritsch, Latein im dritten Jahrtausend. "Historische" Kommunikation als Lernziel des Lateinunterrichts", in: Latein und Griechisch in Berlin und Brandenburg 44/1, 2000, pp. 2-16
- H. -J. Glücklich: Herkunft braucht Zukunft. Der Lateinunterricht heute und morgen, in: Gymnasium 104/6, 1997, pp. 481-508
- H. Hofmann: Die Geburt Americas aus dem Geist der Antike, in: International Journal of the Classical Tradition 1/4, 1995, pp. 15/47
- Henry Kamen, Philip of Spain, Yale University Press New Haven and London 1997
- D. Sternberger: Die neue Politie. Vorschläge zu einer Revision der Lehre vom Verfassungsstaat, in: Jahrbuch des öffentlichen Rechts der Gegenwart, NF Bd. 33, Tübingen 1984, pp. 1-40

I I. Fontes

Cicero, *Tusculanae disputationes*, book 5, § 9:

18 Pythagoram autem respondisse similem sibi videri vitam hominum et mercatum eum, qui haberetur maximo ludorum apparatu totius Graeciae celebritate; nam ut illic alii corporibus exercitatis gloriam et nobilitatem coronae peterent, alii emendi aut vendendi quaestu et lucro ducerentur, esset autem quoddam genus eorum, idque vel maxime ingenuum, qui nec plausum nec lucrum quaerent, sed visendi causa venirent studioseque perspicerent, quid ageretur et quo modo, item nos quasi in mercatus quandam celebritatem ex urbe aliqua sic in hanc vitam ex alia vita et natura profectos alios gloriae servire, alios pecuniae, raros esse quosdam, qui ceteris omnibus pro nihilo habitis rerum naturam studiose intuerentur; hos se appellare sapientiae studiosos — id est enim philosophos; et ut illic liberalissimum esset spectare nihil sibi adquirentem, sic in vita longe omnibus studiis contemplationem rerum cognitionemque praestare.

Vitruv, *de architectura*, liber 7:

(I) Maiores cum sapienter tum etiam utiliter instituerunt, per commentariorum relationes cogitata tradere posteris, ut ea non interirent, sed singulis aetatibus crescentia voluminibus edita gradatim pervenirent vetustatibus ad summam doctrinarum subtilitatem. Itaque non

mediocres, sed infinitae sunt his agenda gratiae, quod non invidiose silentes praetermiserunt, sed omnium generum sensus conscriptionibus memoriae tradendos curaverunt.

(3) Itaque quemadmodum his gratiae sunt agenda, contra, qui eorum scripta furantes pro suis praedicant, sunt vituperandi, quique non propriis cogitationibus scriptorum nituntur, sed invidis moribus aliena violantes gloriantur, non modo sunt reprehendendi, sed etiam, quia impio more vixerunt, poena condemnandi. Nec tamen hae res non vindicatae curiosius ab antiquis esse memorantur. Quorum exitus iudiciorum qui fuerint, non est alienum, quemadmodum sint nobis traditi, explicare.

(5) His ita institutis, cum ludi adessent, iudices litterati, qui ea probarent, erant legendi. Rex, cum iam sex civitatis lectos habuisset nec tam cito septimum idoneum inveniret, retulit ad eos, qui supra bibliothecam fuerunt, et quaesivit, si quem novissent ad id expeditum. Tunc ei dixerunt esse quendam Aristophanem, qui summo studio summaque diligentia cotidie omnes libros ex ordine perlegeret. Itaque conventu ludorum, cum secretae sedes iudicibus essent distributae, cum ceteris Aristophanes citatus, quemadmodum fuerat locus ei designatus, sedit.

Cicero, *Orator* 120:

Nescire autem, quid, ante quam natus sis, acciderit, id est semper esse puerum. Quid enim est aetas hominis, nisi ea memoria rerum veterum cum superiorum aetate contextitur? Commemoratio autem antiquitatis exemplorumque prolatio summa cum delectatione et auctoritatem orationi affert et fidem.

Cicero, de *officiis* 1, 12:

Eademque natura vi rationis hominem conciliat homini et ad orationis et ad vitae societatem...

Cicero, de *officiis* 1, 50-51:

Sed quae naturae principia sint communitatis et societatis humanae, repetendum videtur altius. Est enim primum quod cernitur in universi generis humani societate. Eius autem vinculum est ratio et oratio, quae docendo, discendo, communicando, disceptando, iudicando conciliat inter se homines coniungitque naturali quadam societate, neque ulla re longius absumus a natura ferarum, in quibus inesse fortitudinem saepe dicimus, ut in equis, in leonibus, iustitiam, aequitatem, bonitatem non dicimus; sunt enim rationis et orationis expertes. Ac latissime quidem patens hominibus inter ipsos, omnibus inter omnes societas haec est.

Melanchthon's Translation of Pindar's First Olympian Ode:

(Pindari Thebani Lyricorum veterum principis. Olympia. Pythia. Nemea. Isthmia. Per Philippum Melanchthonem latinitati donata, nunc primum in lucem edita. Basileae. Oporinus 1558)

(Strophe I)

Optima res est aqua. Aurum excellit in
superbis divitiis, sicut excellit fulvus ignis
nocte. Sed si certamina narrare cupis, o
anime, non aliud sole videbis ardentius
astrum in die per desertum aethera; neque
Olympico agone praestantiorum alium
celebrabimus. Unde celeberrimus
hymnus oritur sapientum cogitationibus,
ut celebrent Iovem, euntes ad divitem
domum Hieronis,

(Antistrophe I)

qui tenet iustum regnum in divite
Sicilia, decerpens ex singulis virtutibus
cacumen. Laetatur et musices flore, ut
viros saepe in conviviis ludere videmus.
Sed Doricam citharamprehendito a
clavo, si tibi Pisae et equi victoris
iucunditas movit mentem ad dulces
cogitationes: quando ad Alpheum
incitavit equi corpus sine flagellis, et
cursu dominum fecit victorem,

(Epodos I)

regem Syracusium, equis
gaudentem. Lucet eius gloria apud Lydii
Pelopis coloniam, quem Neptunus
amavit, postquam ex lebe eum Clotho
extraxit, ornatum humero eburneo.
Mirum est, quod saepe hominum mentes
decipiunt fabulae fabricatae mendacis.
Cupio verum sermonem.

(Str. 2)

Sed Gratia, quae facit omnia
iucunda hominibus, adfert honorem, et
facit, ut credantur incredibilia. Sed
futurum tempus reteggit mendacia. Decet
autem homines de Diis honesta dicere.
Minor enim culpa est. Fili Tantalii, ego te
laudabo aliter quam priores. Quando
vocavit Deos pater ad legitimas epulas, et
ad Sipylum, ut vicissim daret Diis cenam:
tunc Neptunum

(Ant.2)

desiderio tui flagratem, aio te
rapuisse in aureo curru, ad summam Iovis
domum, quo et postea Ganymedes venit
Iovi ad idem ministerium. Postquam vero
non conspectus es, nec te ad matrem
reducerunt illi, qui te quaesiverunt, dixit
aliquis clam ex invidis vicinis, quod in
aqua fervente gladio membra
dissecuissent; et in mensis minutas carnes
tuas distribuissent et comedissent.

(Ep.2)

Mihi vero absurdum est, dicere,
aliquem Deorum esse heluonem, quia
damnum comitatur crebro maledicos. Si
quem hominem Dii honoraverunt, fuit
hic Tantalus. Sed concoquere magnam
felicitatem non potuit. Saturitate accepit
magnum damnum, ut Iupiter ei supra
caput suspenderit lapidem, quem semper
cogitans delapsurum esse in caput aberrat
a laetitia.

(Str. 3)

Habet autem miseram vitam et
aerumnosam, cum tribus quartum
laborem: cum Ixione implicito rotae, cum
Tityo, qui roditur a vulture, quod furatus
rosurum
dedit aequalibus suis convivis nectar et
ambrosiam, in quibus rebus Dii
immortalitatem posuerunt
Pelopem ad homines, cui ad florentem
aetatem, cum lanugo nigrum ei mentum
coronabat, curavit paratas nuptias,

(Ant.3)

ut haberet inclytam Hippodamiam,
filiam Oenomai, regis Pisae. Noctu autem
solus ad mare accedens, vocabat
Neptunum, qui mox apparuit ei. Dixit
autem Pelops: Si tibi hoc coniugium
placet, impediatis hastam Oenomai
aeneam, meque in curru celerrimo ducas
ad Heliden, et mihi dato victoriam,
postquam tredecim procis interfectis,
differt nuptias.

(ep.3)

Res periculosa postulat virum non
timidum. Cum autem alioquin necesse sit
mori, cur aliquis sedens in tenebris,
obscura senecta, maceretur, gloriae
expers? Ego certamen aggredior,
tu praebeto gratum eventum. Sic dicit
Pelops, nec irrita fuit petitio, ac
laetificans Deus Pelopem dedit ei currum
aureum et indefessos equos.

(Str. 4)

Cepit igitur validum Oenomaum et
virginem coniugem, quae peperit sex filios,
principes virtutem curantes. Nunc
inter sepultos iacet, ad Alpheum, apud
aram frequentissimam, et adspicit
celebritatem Olympicorum certaminum,
ubi velocitas pedum certat, et vigor
roboris. Victor autem postea in mellita
tranquillitate vivit,

(Ant 4)

propter victoriae praemiae. Sic semper id
bonum summum dicitur, quod illo die
contigit, quo fructum percepimus
superiorum laborum. Me vero coronare
victorem equestri lege Aeolico carmine
oportet. Confido enim neminem posse
me laudare alium magis excellentem
scientia honestarum rerum et potentia
eorum, qui nunc sunt, quam Hieronem.
Deus custos, conservans tuam gloriam,
curat tuas sollicitudines. Hic si me non
cito destituet, spero me dulciori

(Ep. 4)

carmine te celebratum esse, cum in
curru celeri accedam ad Iovis templum,
inventa materia. Mihi Musa telum
praebet validissimum. Alii aliis rebus
excellunt. Summum vero decus est
regnum. Ne maiora appetas. Contingat
tibi in tota vita excellere; mihi vero,
familiarem esse victoribus, conspicuo per
Graeciam propter sapientiam.

(Página deixada propositadamente em branco)

OS VENCEDORES DOS JOGOS: A GLORIA NA ARTE

Maria Helena da Rocha Pereira
Universidade de Coimbra

Embora os Grandes Jogos Pan-helénicos fossem quatro, como é sabido, até ao ponto de se ter consagrado um título especial, o de 9, para quem ficasse vencedor em todos eles, muitos outros se realizavam em várias localidades gregas⁽¹⁾. O destinatário da chamada X Nemeia de Pindaro, por exemplo, alcançara a vitória na cidade de Argos, nos jogos em honra de Hera, e contava na sua ascendência numerosas distinções semelhantes, ganhas em diversos certames (Nem. X. 43-46):

De Sición regressaram cobertos de prata,
com taças para o vinho. De Pelena, com o dorso
coberto de tecidos macios. Os prémios de bronze,
aos milhares, nem podem enumerar-se...

De trechos como este é lícito concluir que os atletas recebiam, em muitos casos, prémios valiosos. Era o que se verificava também nos Jogos Panatenaicos, que, embora abertos a todos os helenos e, portanto, com o estatuto de Pan-helénicos, não eram contados entre os quatro maiores. Precisamente destes Jogos se conserva uma extensa inscrição do séc. IV a. C, com uma longa lista de prémios para as diversas modalidades de que constavam, a maioria dos quais era constituída por

23

() O próprio Pindaro menciona ao todo mais de vinte jogos locais. Veja-se, a título exemplificativo, 01. XIII. 105-1 13.

dezenas de ânforas cheias de azeite das oliveiras sagradas, conquanto para algumas as recompensas variassem: coroas de ouro para a música, touros para as danças pírricas, corridas de archotes e regatas (diga-se de passagem que só nestes Jogos se realizavam competições aquáticas)⁽²⁾. Pela mesma época, Aristoteles, na Constituição de Atenas LX, depois de descrever a organização do festival, apenas refere a atribuição de numerário e ouro aos vencedores da competição musical, de escudos aos da superioridade física⁽³⁾, e de azeite para os concursos gímnicos e de corridas de cavalos.

Quanto aos quatro grandes Jogos, só há notícia, porém, da consagração do vencedor com uma coroa de oliveira brava em Olímpia, de loureiro em Delfos, de pinheiro no Istmo e de aipo em Nemeia, de acordo com as tradições míticas de cada um dos deuses ou heróis que se celebravam⁽⁴⁾.

Esta parcimónia condiz com a informação, dada por Heródoto em passo célebre (VIII. 26), no qual refere a surpresa do rei da Pérsia, ao saber por uns transfugas da Arcádia que, mesmo em período de guerra, “os Helenos estavam a celebrar os Jogos Olímpicos e contemplavam os concursos gímnicos e hípicos”. Perguntando ele qual era o prémio proposto, e sendo-lhe respondido que era uma coroa de oliveira, e não dinheiro, Tritantaícmes, um dos homens do séquito real, exclama assustado: “Ai, Mardónio, que homens são esses contra quem nos levas a combater, se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade!”

A palavra que traduzi por “superioridade” é *καλότητα*, a que exprime, nesta época e neste contexto, um misto de coragem e de valor. É essa *καλότητα* que se procura evidenciar nos Jogos, porque dela resulta a glória⁽⁵⁾. Assim se lê no andante maestoso da abertura da VIII Olímpica de

(2) Trata-se do célebre bloco de mármore que se guarda no Museu Nacional de Atenas, /G 112 2311, reproduzido em Jenifer Neils et alii, *Goddess and Polis. The Panathenaic Festival in Ancient Athens* (Princeton 1992) 16. Para exemplos de outras localidades, vide I. Finley and H. W. Pleket, *The Olympic Games* (London 1976) 74.

(3) Traduzimos assim o enigmático termo grego *καλότητα*, que designava certamente mais do que um concurso de beleza masculina. Veja-se a este propósito H. W. Parke, *Festivals of the Athenians* (London 1977) 35-37.

(4) Pausanias VIII. 48.2.

(5) Píndaro, 01. VII. 89.

Pindaro, na magnífica evocação do cortejo nas margens do Alfeu (O/. VIII. 1-11):

Olímpia, mãe dos Jogos de áureas coroas,
senhora da verdade, onde os adivinhos,
observando o fogo dos sacrificios,
experimentam Zeus, senhor do raio
coruscante,
sobre os seus desígnios para com os homens
de espírito ansioso por atingir a supremacia
ilustre, repouso dos seus trabalhos!

Obtêm o favor dos deuses as preces piedosas.
Mas, ó santuário de Pisa, de belas árvores,
junto do Alfeu, recebe esta procissão,
que leva as coroas em triunfo! Grande, fulgente
é a glória
que sempre acompanha o teu prémio.

Porque, diz outro passo do mesmo poeta (O1. I. 97-99):

O vencedor goza, para o resto da vida,
uma ventura doce como mel, graças aos prémios.

A mesma ode proclama, nos versos seguintes (O1. I. 100-104):

A mim me compete coroar
o ilustre patrono, em ritmo equestre e melodia eólia.
Creio que as pregas gloriosas dos meus hinos
Jamais adornarão hóspede ao mesmo tempo
mais apreciador da beleza e poderoso em força.

Uma das formas de perpetuar a glória alcançada nos Jogos é, pois, a sua celebração em epinícios — forma lírica destinada exclusivamente a esta finalidade, na qual concorrem duas artes, a poesia e a música. Compunham-nos, entre outros, dois dos maiores poetas gregos, como Simonides e Pindaro. Mas outras formas de arte a consagravam também. Quando o concorrente era um grande senhor da política, como os tiranos da Sicília (e o destinatário da ode que acabámos de citar, Hierão de Siracusa, era um deles), podia dar-se ao luxo de mandar cunhar uma moeda comemorativa. Vamos ver um exemplo que, ao mesmo tempo

que demonstra a importância dos Jogos, comprova que a numismática grega não era uma arte menor [Fig. I], Trata-se de uma série de moedas de prata: a primeira é uma tetradracma de Siracusa, em que a Vitória ou Nike (figura à qual tornaremos adiante) coroa a quadriga de Gélon,



Figura I

tirano de Gela, que venceu a corrida de carros nos Jogos Olímpicos de 488; a seguinte é uma tetradracma de Régio, para celebrar uma vitória na corrida de carros de mulas do tirano daquela cidade da Itália do Sul, em Olímpia, em 480; a terceira, provém de Aspendos, na Ásia Menor, e diz respeito à luta; a quarta, ao lançamento do disco, por um atleta de Cós. Do primeiro motivo, ou seja, a Vitória a coroar a quadriga, existem dezenas de exemplares na colecção do Museu Gulbenkian, o melhor dos quais, como se sabe, foi escolhido para emblema da fundação.

Mas o nosso propósito é subir às artes maiores (mantendo a distinção tradicional, pouco do agrado dos actuais historiadores da especialidade, entre artes maiores e menores). Estamos a referir-nos, agora, à escultura. Como geralmente sucede, é Pausânias que, ao descrever o santuário de Olímpia, nos vai informar da amplitude do seu uso para esta finalidade (VI. I. I):

Segundo a ordem da minha exposição, depois da referência às oferendas votivas, faço menção dos cavalos dos concursos, dos atletas, e dos particulares igualmente. Não há estátuas erigidas a todos os que venceram em Olímpia, antes existem muitos que brilharam nas competições ou noutros feitos, e que não receberam estátuas.

O nosso periegeta viveu no tempo de Adriano. Segundo a contagem dos helenos, os Jogos Olímpicos realizavam-se desde 776 a. C. Mesmo que as provas tivessem constado, inicialmente, apenas de uma corrida de 200 m, como é tradição, e que, de qualquer modo, não houvessem sido tantas como no tempo de Píndaro (em que somavam 14), e que o uso atlético da escultura de grandes dimensões não fosse prática corrente antes do séc. VI a. C., nessas celebrações quadrienais, no séc. II d. C. seria incontável o número de estátuas, se cada um tivesse a sua. Mas, que era elevado, prova-o, não só a descrição que se segue àquele texto, como os muitos plintos aparecidos no decurso das escavações do santuário, alguns dos quais com o nome de Policleto inscrito, o que significa que uma grande parte da obra de um dos maiores escultores gregos — de quem sabemos que representou sobretudo atletas — se encontrava naquele local sagrado.

Ora o facto de ser corrente mandar perpetuar no bronze a honra da vitória alcançada teve um papel determinante na evolução da escultura grega, porquanto deu lugar ao desenvolvimento da representação do nu masculino. Por outro lado, dada a continuidade da realização dos diversos festivais, que só vieram a ser extintos no final do séc. IV da nossa era, pelo edicto de Teodósio I, as obras conservadas, ou no original ou em cópias romanas, permitem-nos acompanhar as diferentes fases dessa arte.

E isso mesmo que vamos exemplificar, agrupando por temas obras executadas em diversas épocas.

Seja a primeira uma estatueta encontrada e conservada em Olímpia, que representa um cocheiro, ou, para empregar o latinismo consagrado para designar estas figuras, um auriga [Fig. 2]. De pequenas dimensões (0^{cm}, 23), deixa entrever, pela posição das mãos, que segurava as rédeas dos cavalos. Os membros, bem destacados do torso que, por sua vez, tem já um apontamento de musculatura, levaram os especialistas a datá-lo dos meados do séc. VII a. C. Desta obra arcaica apenas podemos afirmar que era uma oferenda votiva ao santuário.

27

Mas, se passarmos para a primeira metade do séc. V a. C., ou seja, para aquela época que os historiadores da arte grega designam por estilo severo ou princípios do clássico ou ainda período de transição, e que uma frase muito expressiva de Gisela Richter caracterizou como "a

passagem do arcaísmo à liberdade e experimentação”(6), depara-se-nos o mais famoso exemplo de auriga, o do Museu de Delfos [Fig. 3]. Deste, temos a certeza que conduziu a sua quadriga à vitória nos Jogos Píticos, quer fossem os de 478, quer os de 474 a. C. Do carro, apenas restam fragmentos; dos cavalos, patas e a cauda. Na mão direita, porém, o cocheiro segura ainda as rédeas. O seu rosto ovoide, emoldurado por



Figura 2



Figura 3

28

aneis de cabelo, tem marcas de arcaísmo, e a cara, levemente voltada para a direita, apresenta, para compensar esse desvio — como notou Boardman(7) — uma leve assimetria da face. Os olhos incrustados e a fita de prata (emblema da vitória), o modelado do queixo e dos lábios contribuem para dar vida a esta figura revestida da túnica comprida que era então de regra para os aurigas, e que cai em pregas onduladas no tronco, a contrastar com as pregas verticais que, como caneluras de uma coluna, descem quase até aos pés. Uma inscrição revela o nome do vencedor — Polyzelos, senhor de Gela, um dos vários tiranos da Sicília que costumavam concorrer aos Grandes Jogos e disso se ufanavam. Mas, como os azares da política já então podiam chegar aos lugares sagrados,

(6) The Sculpture and Sculptors of the Greeks (New Haven, rev. ed. 1950) 199.

(7) Greek Sculpture. The Classical Period (London 1985) 52.

a primeira linha do texto veio a ter de ser alterada, e a menção do controverso domínio sobre aquela cidade apagada. Uma reconstituição [Fig. 4] do conjunto deste monumento permite-nos visualizar melhor a sua imponência.

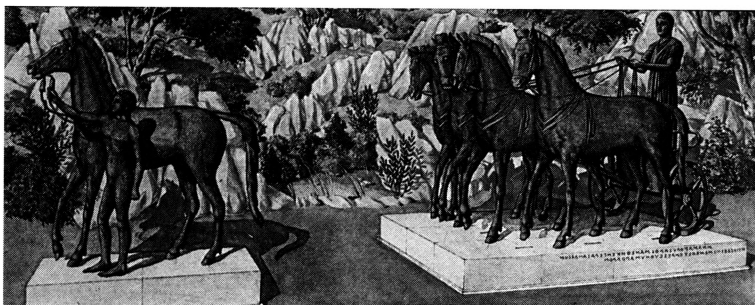


Figura 4

O motivo do auriga continuou o seu caminho na arte grega, ainda que não se tratasse, como naquele que acabámos de ver, de celebrar um concorrente aos Jogos. O exemplo presente [Fig. 5] é de séc. IV a. C., talvez de 360 a 350, e pertenceu a uma das sete maravilhas do mundo — o Mausoléu de Halicarnasso — onde é fama que trabalharam os maiores escultores da época, entre os quais Escopas. Se é dele ou não este auriga, não é certo. Mas tem os olhos

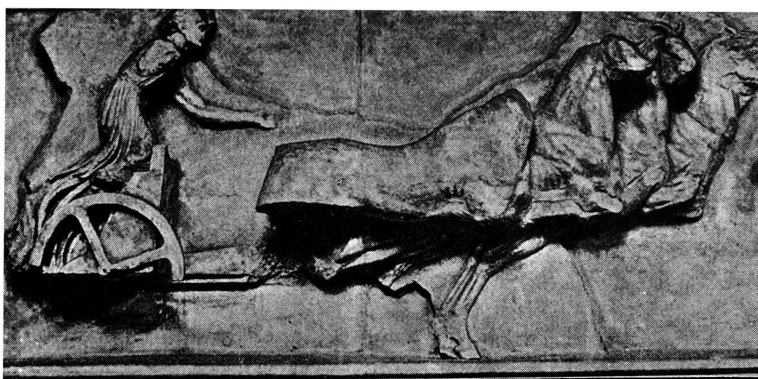


Figura 5

encovados, inquietos e expressivos, característicos do grande mestre. Também característico da nova época é o modo de sugerir o movimento rápido: o tronco inclinado para a frente, os cabelos quase na horizontal.

Vejamos agora o que nos mostra a pintura, não a grande pintura, que se perdeu na sua quase totalidade, mas o que dela podemos apreciar através das representações em cerâmica. Muitas delas encontram-se nas chamadas ânforas panatenaicas, que, cheias de azeite sagrado, eram, conforme vimos, dadas de prêmio em muitas das competições. Na já citada X Nemeia, Píndaro faz-lhes alusão (Nem. X. 33-36):

.... Felizes augúrios, tal um prelúdio,
já por duas vezes o acompanharam
nas festas solenes dos Atenenses. E ao povo de Hera
valente, já trouxe o fruto da oliveira,
no recesso colorido dos vasos de barro,
endurecidos ao fogo.

Ora estas ânforas tinham todas no anverso a figura da deusa Atena [Fig. 6], revestida com a égide e armada — como era habitual — com a lança, o capacete e o escudo. Ladeavam-na duas altas colunas dóricas,



Figura 6

encimadas por galos (símbolo do espírito competitivo), e, ao longo de uma delas, podia ler-se uma inscrição que significava "Dos Jogos de Atenas". As linhas do vaso e o desenho da deusa foram evoluindo ao longo dos tempos. Mas a técnica das figuras negras (ou seja, de delinear a silhueta a verniz negro sobre o fundo vermelho do barro), que estava em uso quando, no séc. VI a. C., as competições atléticas se juntaram às cerimónias religiosas em honra da patrona da cidade, manteve-se inalterada, não obstante a gradual substituição dessa mesma técnica, a partir de c. 530 a. C., por outra mais expressiva, a das figuras vermelhas, que invertiam o esquema cromático, ou seja, cobriam de negro o fundo do vaso e deixavam reservado, na cor natural do barro, o espaço para o desenho.

E dessa origem ática esta ânfora [Fig. 7], encontrada numa cidade helénica do norte de África, Cirene. Pintada no final do séc. V a. C., fazia parte dos prémios alcançados numa corrida de carros de cavalos. A quadriga avança a toda a velocidade, embora esteja a atingir o ponto mais perigoso — aquele em que era preciso tornejar a curva. Por isso o auriga, com a sua longa túnica pintada de branco, puxa com maior cuidado as rédeas do cavalo do lado esquerdo.



Figura 7

A corrida de carros de cavalos era a prova mais espetacular. Mas também havia corridas de cavalos [Fig. 8], que eram especialmente difíceis, se tivermos em conta que, como nos documenta o reverso desta outra ânfora panatenaica, anterior à antecedente em alguns decénios, os dois cavaleiros apenas dispõem de chicote e das rédeas



Figura 8

para governarem as suas montadas, porquanto os estribos só começaram a ser usados no séc. I da nossa era e a sela ainda mais tarde — só na Idade Média.

32 Especialmente interessante, para o ponto de vista que nos ocupa, é uma ânfora panatenaica decorada pelo "Pintor dos Baloços" cerca de 530 a. C. Trata-se também de uma vitória na corrida de cavalos. No seu regresso, o premiado é escoltado pelo pai, que apregoa contente: "O cavalo de Dyskeiketos é vencedor".

Esta outra ânfora panatenaica [Fig. 9], pouco anterior a 500 a. C, representa uma das competições mais temidas, que ainda hoje fazem parte dos modernos Jogos Olímpicos: o pentatlo. Das cinco provas que — como o nome indica — o compunham, estão aqui representadas três: da esquerda para a direita, o lançamento do disco, o do dardo e o salto

com pesos. Repare-se na variedade de posições dos diversos atletas e nos apontamentos da sua musculatura, obtidos pela técnica das incisões.



Figura 9

Do pentatlo fazia parte também a corrida [Fig. 10], que representam ambas estas ânforas panatenaicas, das quais a de cima é da mesma época das anteriores e a de baixo de 333/332 a. C. As técnicas usadas pelos

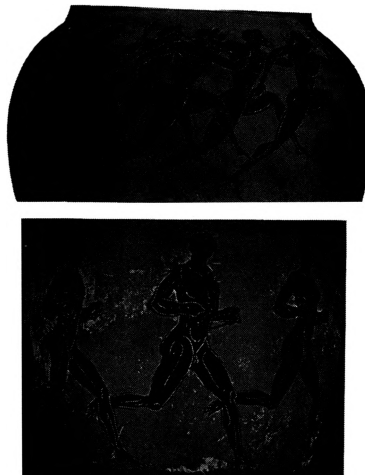


Figura 10

atletas são distintas em cada uma delas; porquanto a primeira é uma prova de 200 m, ao passo que a segunda é uma competição de longa distância, talvez de 4800 m. O modo de correr é, por isso, diferente numa e noutra representação — como também diferente, devido à desigualdade de épocas, é a arte do desenho.

Mas as representações de jogos e de atletas não se limitam às ânforas panatenaicas, como é evidente. Assim, esta ânfora-de-colo ática de figuras negras, dos meados do séc. VI a. C, pintada, aliás, dois ou três decénios antes da introdução da respectiva prova nos Jogos Olímpicos [Fig. 1 I], mostra-nos um tipo de corrida diferente dos que vimos há pouco e certamente mais difícil: a que os atletas efectuavam revestidos de armas.

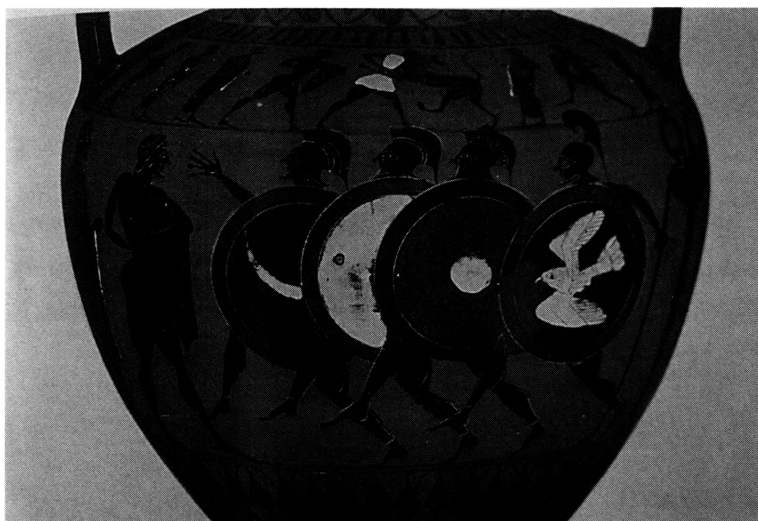


Figura 1 I

O fundo de taça ática de figuras vermelhas singularizava um lançador de dardo. A coluna à direita assinala, provavelmente, o lugar de onde se efectuava o lançamento. Mas a atenção do jovem está toda voltada para o dardo que segura na mão direita, apoiando o dedo na tira de couro. O desenho dos olhos — com a pupila de perfil — e o das pernas e pés — um de lado, outro de frente — classificam a taça como pertencente

ao estilo arcaico na maturidade (primeiro quartel do séc. V a. C), ou seja, naquela fase decisiva em que a pintura passa de bidimensional a tridimensional.

Voltemos, porém, à escultura, onde veremos motivos semelhantes. Um exemplo é de novo uma figurinha votiva de bronze, com pouco mais de 10 cm, encontrada em Olímpia. Que é votiva, confirma-o a inscrição que ostenta: "Pertença a Zeus". O atleta prepara-se para iniciar a corrida. A inclinação pronunciada para frente e o desdobramento de planos nos membros superiores e inferiores, por um lado, e o tratamento arcaico do cabelo e dos olhos, por outro, datam-no do estilo severo.

Tivemos ocasião de avistar, na ânfora panatenaica com o pentatlo, um dos atletas no acto de lançar o disco. Os exemplos de estátuas de vulto, de que falaremos a seguir, referem-se à mesma actividade. Distam entre si perto de meio século, e a sua comparação serve, como poucas, para ilustrar a evolução no modo de representar o movimento. A primeira [Fig. 12] é uma estátua de bronze feita em Atenas nos começos do séc. V a. C. O atleta segura o disco com a mão esquerda, o que significa que está no primeiro momento da prova, aquele que precede a mudança de mão e o movimento rápido para trás. A perna

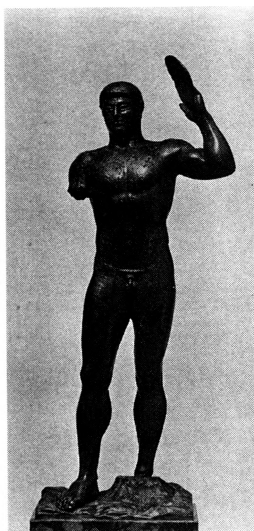


Figura 12

direita um pouco avançada compensa, desde já, o equilíbrio da figura no seu conjunto.

A outra é talvez a mais reproduzida das estátuas de atletas, pelo que não a mostramos aqui. Desaparecido o original de bronze, da autoria do ateniense Míron, conservam-se sete cópias, das quais duas se encontram no Museo delle Terme, em Roma. Executada num só plano e com um só ângulo de visão, como se fosse um alto relevo, conforme escreveu Boardman⁽⁸⁾, apresenta o braço direito no ponto mais recuado do lançamento, enquanto apoia o esquerdo no joelho, formando assim uma curva contínua que engloba os dois membros superiores, passando pela linha dos ombros. Encontrado no Esquilino, no séc. XVIII, pertence a um pequeno número de obras de arte grega identificadas através de textos literários (neste caso, de Luciano 34.18).

Míron ficou conhecido como escultor de atletas. Outro tanto sucedeu com outros grandes cultores dessa arte. Mais ainda, os cânones que vão começar a constituir-se logo a seguir escolhem esse motivo para se afirmar. Embora haja outras interpretações, será o caso do Doríforo [Fig. 13] de Policleto, que, como já dissemos, fez principalmente estátuas

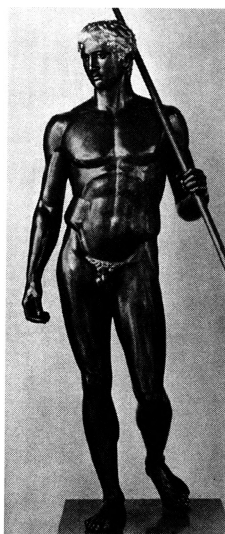


Figura 13

⁽⁸⁾ Greek Sculpture. The Classical Period (London 1985) 80.

de atletas. O autor tinha escrito um livro (e note-se a tendência dos artistas gregos para teorizar) e exemplificado os seus princípios na estátua deste nome. Um e outro se perderam, pelo que estamos reduzidos a conhecer apenas más cópias, das quais a melhor será a do Museu de Nápoles, a partir da qual se fizeram quatro tentativas de reconstituição do original. Por outro lado, o aparecimento, por voltas de 1976, de moldes de restos da perna esquerda, das duas mãos e do pescoço não é suficientemente elucidativa, pois desconhecemos os pontos usados como base. Do livro do cânon, conhecem-se três frases, das quais a mais discutida é a que observa que "o trabalho mais difícil é quando a argila chega à unha", mas a mais importante será a que revela a importância de conceitos estéticos como *symmetria* e *harmonia*.⁹⁾

Uma das grandes novidades desta obra consiste na aplicação da técnica chamada do *contrapposto*, que se conhece pela alternância entre membros tensos e relaxados combinada com a posição do torso (assim, a lança que está segura pela mão esquerda leva a que o ombro que lhe corresponde esteja levemente erguido, e o contrário sucede do lado oposto, no qual, por sua vez, o peso do corpo recai sobre a perna direita, de onde resulta que a anca fica mais elevada).

O esquema repete-se, com a variante de a figura [Fig. 14] ter os braços noutra posição, pois está a atar à cabeça as fitas da vitória, de onde a designação de *Diadoumenos*. Pelo que, neste caso, temos a certeza de que se trata de um vencedor nos Jogos.

Embora afirmasse que o *Doríforo* fora o seu modelo¹⁰⁾, Lisipo vai, no século seguinte, criar um novo cânone, exemplificado pelo *Apoxyomenos* [Fig. 15], ou seja, o atleta que está a raspar com a estrígil o excesso de óleo com que se ungiu. Também neste caso não sabemos, mau grado a descrição de Plínio-o-Antigo (34. 65), como definir com rigor o novo cânon, embora se tenha como certo que a cabeça era menor e "os corpos mais esbeltos e mais secos, de modo que a altura das estátuas parecia maior". Outra diferença visível nesta cópia é a cria-

37

⁹⁾ Sobre a questão, veja-se em especial Werner Gauer "Zu einem Zitat an das Kanon des Polyklet", *Hermes* 106 (1978) 43-48, e Andrew Stewart, "The Canon of Polykleitos", *Journal of Hellenic Studies* 98 (1978) 122-131.

¹⁰⁾ Cf. Cícero, *Brutus* 296.

ção de um espaço em frente da figura, com o lançamento dos dois braços para a frente, criando assim uma verdadeira tridimensionalidadeO '). E, portanto, como escreveu Boardman, "urna quebra manifesta com a composição essencialmente frontal"(12).



Figura 14

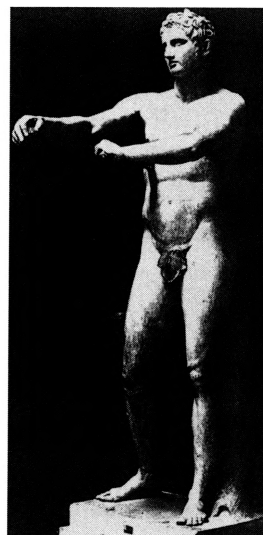


Figura 15

Embora não seja certa a atribuição a Lisipo, vale a pena considerar esta estátua de mármore de Agias [Fig. 16], um vencedor do pancrácio em Delfos. Que Lisipo executou uma deste mesmo vencedor para a família de Dáochos, em Farsália da Tessália, está confirmado por uma base aí encontrada, com a assinatura do artista. Quanto ao exemplar do Museu de Delfos, embora menos ousado do que os do mestre, apresenta as características do contrapposto, nomeadamente as ancas desniveladas. Mas, não menos do que a obra de arte, vale o significado da construção do monumento de Farsália, que prova que os dinastas da

38

(>) Cf. J. J. Pollitt, *Art in the Hellenistic Age* (Cambridge 1986) e sobretudo R. R. Smith, *Hellenistic Sculpture* (London 1991) 52.

(12) *Greek Sculpture. The Late Classical Period* (London 1995) 57.

Tessália se gloriavam, à maneira helénica, de contar atletas vencedores entre os seus antepassados⁽¹³⁾.

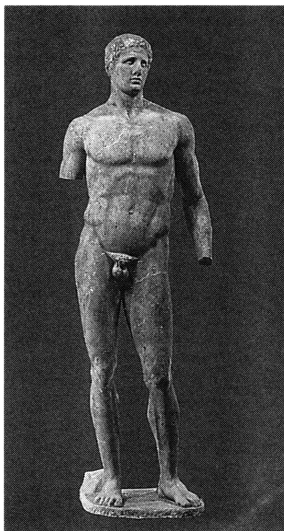


Figura 16

De Lisipo se sabe que começou a trabalhar em 370 a. C. e que ainda se encontrava em actividade na última década do séc. IV. Dele e dos seus discípulos se tem dito que estavam já a criar a escola helenística, de que a exploração do expressionismo emocional era uma característica inaugurada com a arte do retrato. Não será um desses retratos uma cabeça de pugilista, encontrada em Olímpia, pois há nos seus traços alguma idealização. No entanto, o modo de representar o nariz e as orelhas levam a identificar o género de desporto a que se dedicava^{O4)}.

A obra prima neste domínio é o Jogador de Boxe do Museo delle Terme em Roma [Fig. 17]. "Brutalmente realista, com o seu cabelo curto, testa baixa, nariz quebrado, orelhas em "couve-flor", numerosas cicatrizes faciais em uma boca que sugere dentes partidos" — é como o

39

O³⁾ Cf. R. R. R. Smith, *op. cit.*, 52.

(14) Cf. J. Boardman, *Creek Sculpture. The Late Classical Period*, 70.

descreve R. R. R. Smith, que aliás, também não o considera um retrato individual¹⁵). Todo o corpo é fortemente musculado e, mesmo num momento de repouso, em que parece estar atento a algumas instruções, se sente a enorme força nele contida.

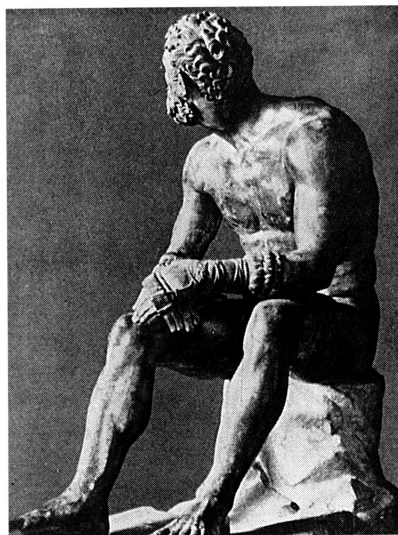


Figura 17

Neste breve percurso que fizemos por algumas das muitas obras de arte grega consagradas aos vencedores dos Jogos, vimos que, desde as figurinhas votivas em bronze às estátuas monumentais, sem esquecer as pinturas de vasos, a glória alcançada se perpetuava em todos os estilos. Uma divindade os coroava, conforme já vimos em moeda expressamente cunhada para o efeito — a Vitória ou Nike. Essa figura feminina, que aparece também em centenas de vasos gregos, a maior parte das vezes como auxiliar de deuses ou de guerreiros, é uma das personificações mais conhecidas da religião e da arte grega. Muito ligada, quer a Zeus, quer a Atena (e as famosas estátuas criselefantinas de um e outro deus, esculpidas por Fídias, aquela para o Templo de Olímpia, esta para

(15) op. cit, 54.

o Pártenon, seguravam na mão direita essa figura alada⁽¹⁶⁾), o seu culto acaba por se fundir, em Atenas, com o da patrona da cidade, como o demonstra o Templo de Atena Nike, na subida para a Acrópole⁽⁷⁾. Mas, pelo que concerne à sua representação artística, torna-se um dos motivos escultóricos mais conhecidos⁽⁸⁾.

Diziam os antigos que o primeiro artista a representar Nike com asas fora Archermos. Ora essa estátua de vulto apareceu, efectivamente, nas escavações de Delos, e pode hoje admirar-se no Museu Nacional de Atenas [Fig. 18]. Datável de c. 510 a. C., o artista representou-a com um



Figura 18

⁽¹⁶⁾ Os dados provêm, mais uma vez, da descrição de Pausânias, V. III e I. 24.7, respectivamente. Atena Nike era a invocação do pequeno templo na encosta da Acrópole, e é com essa designação que aparece em inscrições e no lexicógrafo Harpócraton. Porém o contemporâneo deste, Pausânias, chama-lhe *Nike* sempre que se lhe refere (I. 22.4; III. 15.7; V. 26.6). No segundo destes passos esclarece que os Atenienses explicavam a ausência das asas pelo empenho em que a deusa permanecesse sempre na sua cidade. Sobre a questão veja-se o sempre útil comentário de Blümner in Hitzig und Blümner, *Pausaniae Graeciae Descriptio* (Berlin 1896) I. I, 245-246.

⁽¹⁷⁾ Sobre o caso especial de Nike, vide H. A. Shapiro, *Personifications in Greek Art* (Zürich 1993) 28-29.

⁽¹⁸⁾ O artigo 'Nike' no *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, por Alexandra Goulaki-Voutira, menciona 730 exemplos em vasos, relevos, moedas e estátuas, dos quais 19 repeitam a atletas.

joelho flectido — processo arcaico de sugerir o movimento rápido — e com o característico sorriso das imagens dessa época. Achados mais recentes dos meados deste século puseram a descoberto o braço da deusa e revelaram pormenores da variegada pintura do seu manto.

O segundo exemplo seleccionado [Fig. 19] é uma das obras mais famosas do santuário de Olímpia. Trata-se da Nike de Paíónios de cerca de 420 a. C., que comemorava a vitória alcançada, em



Figura 19

42 Esfactéria, pelos habitantes da Messénia e de Naupacto sobre os Atenenses. Trabalhada com a transparência nos drapejamentos característica da segunda metade do séc. V a. C., encimava uma coluna de cerca de 10 m de altura, e a sua dimensão aproximava-se, por sua vez, dos dois metros. Estava representada no momento de se desprender dos ares, enquanto uma águia de asas abertas (símbolo de Zeus, a quem era dedicada), ficava a seus pés.

À época helenística vamos buscar o terceiro exemplo [Fig. 20], o mais conhecido de todos. A Nike de Samotrácia, com as suas enormes asas, feita em mármore de Paros, acaba de pousar na proa de um navio, o que significa que celebrava uma vitória naval. Muitas têm sido

propostas para motivo desta honra, e a batalha de Áccio, embora pouco provável pela sua data tardia (3 I a. C), tem ainda defensores. Porém a conjugação dos dados históricos com a crescente influência do santuário de Samotrácia favorecem ou 306 ou 250 a. C. Tendo muito de clássico na transparência das vestes, que se colam ao corpo sob o ímpeto dos



Figura 20

ventos, a forte torsão do tronco, com as ancas numa direcção e o peito noutro, reflecte a estética helenística. Também desta figura se recuperaram ultimamente os braços, que foram entregues ao Museu do Louvre, mas não se encontram em condições de serem recolocados. Mantém-se, portanto, esta Nike do chamado barroco helenístico como mais um exemplo de que uma obra prima, mesmo mutilada, não perde a sua grandeza.

43

Comemorando a supremacia no combate e no desporto, a Nike era o coroamento natural do que Burckhardt chamou, com muita propriedade, o espírito agónico grego. E nesse sentido que entendemos que este motivo artístico servia, ele também, para simbolizar uma das mais altas manifestações desse desejo de superação.

(Página deixada propositadamente em branco)

A HEROIZAÇÃO DO VENCEDOR NA POESIA GREGA

José Ribeiro Ferreira
Universidade de Coimbra

Era o espírito agónico uma característica dos Gregos desde os mais remotos tempos: está presente já nos Poemas Homéricos. Também a preparação física era componente essencial da mundividência helénica. A paixão atlética emerge, assim, no quotidiano de um povo que desenvolveu o seu espírito de competição e o exerceu nos mais diversos domínios.

Imbuídos de espírito agónico, amantes do exercício físico e desejosos de se superiorizarem aos demais, os Gregos gostavam de participar em competições e jogos desportivos que reunissem a fina-flor dos atletas.

Logo nos alvares da literatura grega encontramos expressa essa tendência. Não temos a certeza, mas é possível que a prática e o costume dos concursos desportivos venham desde os tempos micénicos ou mesmo minóicos^O). O canto 23 da *Iliádo* descreve os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, em que as provas desportivas têm papel dominante (v.266-897), e a *Odisseia*, no canto 8, descreve os jogos dos Feaces em honra de Ulisses (v. 104-130). O Hino

45

O) Possíveis argumentos, um rhyton de esteatite negra do Museu de Heraclion proveniente de Hagia Triada com representações de cenas de luta e de pugilato e datado pelos arqueólogos de c. 1600/1500. Vide Sp. Marinatos-M. Hirmer, *Crete and Mycenae* (London, 1960), ests. 106 e 107, coment, nas p. 147-148; G. A. Christopoulos-John C. Bastias (edd.), *Prehistory and Protohistory* (London, 1974), p.206-208 e imagem de duas crianças de Tera a jogar pugilato, na página 225.

Homérico a Apoio relata-nos as competições dos Ionios em Delos (146-150):

*Nas é em Delos, ó Febo, que mais deleitas o teu espírito.
É aí que se reúnem os Iónios de túnicas a arrastar,
com seus filhos e suas castas esposas.
Pensando em ti é que se deleitam no pugilato, na dança
e no canto, quando organizam competições.⁽²⁾*

O gosto pela competição leva os Helenos a encontrarem-se nas mesmas competições, procurando mostrar a sua excelência em confronto com os outros. Surgem, por isso, com o tempo, quatro grandes festivais desportivos que adquirem projecção pan-helénica: os Jogos Olímpicos, os Jogos Píticos, os Jogos Nemeus e os Jogos Ístmicos.

Não são bem conhecidos os motivos que conduziram estes quatro festivais à fama que vieram a ter a partir do séc. VI a. C. Talvez o facto de serem competições integradas em festivais religiosos tenha exercido grande influência na sua difusão⁽³⁾.

Os Helenos participavam nos grandes jogos pan-helénicos pelo prazer de competir, para se superiorizarem aos demais concorrentes. Não os atraía o prémio recebido, que não tinha valor material: constituído por coroas de ramos e folhagem da árvore simbólica dos deuses em honra dos quais se celebravam os Jogos, tinha apenas um valor simbólico.

É certo que não devemos exaltar excessivamente o desinteresse e o amadorismo dos atletas gregos⁽⁴⁾; apesar de tudo seduzia-os sobretudo a glória e o reconhecimento social e público que obtinham, não tanto a recompensa material. Os atletas vitoriosos eram recebidos com festejos *¹

⁽²⁾ Tradução de . H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, 71998), p. 100.

⁽³⁾ Para mais pormenores sobre o assunto vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*.

I — *Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 21993), p. 145-146.

⁽⁴⁾ Se o prémio recebido no local dos jogos era insignificante e apenas simbólico, os que triunfavam recebiam na sua cidade natal honras de heróis, a cada passo recompensas monetárias e refeições e expensas da pólis (cf. Plutarco, Sólon 23. 3); eram-lhes erguidas por vezes mesmo estátuas. Além disso, se os quatro jogos pan-helénicos não tinham prémios materiais, realizavam-se na Hélade muitos outros, espalhados por toda ela, nos quais o prémio era material ou monetário. Naturalmente que um vencedor nos quatro grandes jogos teria uma cotação mais elevada e receberia prémios consideráveis nesses outras competições. Vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*, p. 151 - 152.

nas suas cidades e cumulos de honras; entoavam-se cantos no último dia em Olímpia, o da proclamação dos vencedores, e por ocasião da entrada na sua cidade.

A admiração excessiva de que eram alvo provocou recriminações de alguns intelectuais e até de chefes militares da Grécia antiga. Veja-se um passo (fr. 2 Diels, v. 1-12) de Xenófanés, um presocrático do século VI a. C., que protesta pelo facto de o vencedor dos jogos ser «mais ilustre à vista dos seus concidadãos», ter «alimentação a expensas públicas da sua cidade, ou uma dádiva, que será para ele um tesouro», «sem ser tão digno como eu. Pois melhor do que a força de homens e corcéis é a nossa sabedoria».⁽⁵⁾

De nada valeu o protesto do filósofo Xenófanés; e sem grande eco ficaram também os de outros. Os vencedores eram unanimemente aplaudidos e ovacionados, sem distinção de origem: atenienses ou espartanos, coríntios ou tebanos, das cidades da Magna Grécia ou da Ásia Menor, das ilhas do mar Egeu ou das do mar Jónico.

Em honra dos vencedores nos Jogos escreveram os poetas cantos de vitória, os epinícios. E mais de meia centena de vencedores asseguraram a sua imortalidade por terem sido alvo de poemas desse género. Estou a referir-me, é evidente, aos epinícios de Simónides, de que apenas nos chegaram alguns fragmentos; aos de Baquírides, que a arqueologia tem vindo a recuperar e a completar; e aos de Píndaro em especial, de que possuímos 45. Podemos perguntar-nos como puderam esses poetas, em especial Píndaro, a partir de uma vitória desportiva, que é passageira, deixar-nos uma obra que se manteve ao longo dos tempos e continua perene?

Os concorrentes aos grandes Jogos pan-helénicos eram, na sua maioria, atletas não profissionais e provinham, pelo menos até aos inícios do séc. V a. C., das famílias aristocráticas — quer se tratasse de indivíduos particulares quer de governantes, como os tiranos da Sicília, Hierão de Siracusa e Terão de Agrigento —, para quem as provas atléticas constituíam um meio de manifestar o seu valor e destreza. Consideravam que era privilégio seu participar nessas provas, e desse modo procuravam espalhar a sua fama e exaltar os seus valores e ideais

(5) Tradução de . H. Rocha Pereira, *Hélade*, p. I 19-120.

políticos e sociais. Classe que vinha perdendo muitos dos seus privilégios e caminhava para o fim em várias póleis, os nobres alimentavam a esperança de verem esses ideais glorificados por um poeta.

Ora o próprio mito reconhece o papel da poesia na transmissão dos feitos dos homens e no assegurar da sua lembrança. É o que faz Hesíodo, ao referir no início da Teogonia que as Musas são filhas de Zeus e de Mnemósine, a Memória (v.54 sqq. e 915 sqq.). Não menos significativo é um passo da Olímpico de Píndaro.

No dia do seu casamento com Hera, após a vitória sobre os Titãs, durante a festa realizada no Olimpo, Zeus observa que os outros deuses permaneciam silenciosos e não estavam de todo felizes. Ao interrogá-los sobre a razão de tal tristeza, obteve dos outros deuses o pedido de criação de novas divindades que tivessem a única tarefa de cantar os feitos de Zeus e da ordem que estabeleceu no mundo. Concordou o Crónida com a proposta e gerou as Musas, cuja mãe é Mnemósina, a Memória. Desse modo, como sublinha Kakridis, para não cair no esquecimento, o louvor de Zeus necessita de se tornar palavra na boca das Musas⁽⁶⁾.

E as odes que até nós chegaram — estou a pensar no caso específico de Píndaro — compõem-se de elogio ao vencedor e seus antepassados; de máximas ou sentenças; de reflexões pessoais acerca da sua arte e do seu ofício de poeta; e sobretudo de uma narrativa mítica que vem da tradição épica e lírica e se encontra ligada aos deuses e aos santuários em que decorreram os jogos, à cidade do atleta ou às condições da sua vida, ou aos antepassados míticos do vencedor, divinos e humanos.

Desse modo, como nota Kakridis, o atleta é, no suceder temporal, o último elo da cadeia familiar de deuses e heróis e coloca-se sob a protecção das divindades que o fizeram “belo e bom” (

48

).

Como se conclui, na estruturação dos epinícios, Píndaro deixa em segundo plano as referências à vitória e ao vencedor, para pôr em evidência um mito, máximas e a sua arte poética. Em contrapartida, os

(6) G. A. Christopoulos-John C. Bastias (ed \pm), *The Olympie Games in Ancient Greece* (Athens, 1982), p. 143.

pormenores sobre o decurso das provas e sobre os atletas rivais são quase inexistentes. O presente liga-se a um passado heroico e a competição física aparece como mera ocasião para o competidor manifestar a sua *physis*, as qualidades naturais, quer físicas quer mentais, qualidades que ele recebe como herança dos antepassados e que lhe advêm dos deuses.

A concepção de que a herança recebida dos antepassados determina no homem definitivamente a sua natureza e personalidade traduz uma das mais antigas e duradouras noções da cultura grega e constitui ao mesmo tempo a expressão e o fruto de uma mentalidade e ideologia aristocráticas⁽⁷⁾. Muitos são os exemplos que poderia apontar. Escolho apenas três que me parecem mais significativos, propositadamente todos eles retirados de Píndaro.

Para Píndaro, a natureza determina a excelência; e assim encontramos nele uma tomada de posição que nega a possibilidade de a *aretê* ser ensinada. Em sua opinião, essa *aretê* é inata e reside no sangue que se recebe dos antepassados. A educação só é possível, quando a *aretê* já exista no educando. Assim, na *Olimpica* 2, exalta os dons naturais (*φύσιν*) — neste caso os do poeta —, que propiciam a verdadeira arte, a qual nunca pode ser fruto da aprendizagem, em oposição ao saber aprendido que apenas permite aos seus detentores grasnar como corvos (v.86-88). Na *Olimpica* 9. 100-102, considera superior tudo o que vem da natureza (*φύσιν*), apesar de haver quem procure arrebatar a glória por meio de qualidades aprendidas (*μαθήματα*). A *Nemeia* 3, proclama que a glória inata torna grande o seu possuidor, enquanto a obscuridade, a inconstância e a insegurança são apanágio de quem apenas sabe o que aprendeu. Transcrevemos os versos que são muito elucidativos (v.40-42):

49

ἄλλοι δὲ μάθημα
 κερδαίνειαν, ἄλλοι δὲ
 φύσιν, ἣν οὐδὲ μάθημα
 κερδαίνειαν.

(7) A. Lesky, *Die griechische Tragödie* (Stuttgart, 1964), p. 163.

Pela glória inata um homem torna-se grande.
 Quem sabe apenas o que aprendeu é um homem obscuro,
 atirado pelo vento de um lado para o outro, com pés nunca seguros
 caminha, e de mil maneiras seu espírito imaturo taceia a glória!⁸).

Os epinícios transportam-nos para dentro da atmosfera da celebração da vitória e fazem-nos ver que o vencedor, nas competições pan-helénicas, manifesta o seu carácter moral através dos feitos atléticos, traz honra e glória à família e à pólis, glorifica os deuses que o ajudaram na vitória.

Nos Poemas Homéricos, e no pensamento comum dos Gregos, depois da morte, não há felicidade nem recompensa no Além. Estamos perante o Hades bolorento, onde a vida não é feliz, como o reconhece Aquiles, quando no Canto II da Odisseia, Ulisses aí o encontra como rei dos mortos e o felicita por isso. A resposta da psyché do Pelida é bem significativa do desencanto e da não felicidade que esse Além oferece (v.488-491):

μ μ , μ'
 μ ' ? μ'
 ' és μ μ ? μμ

Não me elogies a morte, ilustre Ulisses.
 Eu preferia trabalhar a terra como teta de alguém,
 de um homem pobre que não tivesse grandes recursos,
 a reinar sobre quantos mortos pereceram.

Aquiles prefere ser o mais ínfimo na terra a ser rei dos mortos. A precária sobrevivência no Hades, sem consideração pela existência levada em vida, nem pelo valor, deixa ao herói homérico apenas o reconhecimento da sociedade, a memória que dele ficou e perma- * 10

(8) Cf. ainda *O1. li. 19-20, 13. 13; Pyth. 8. 44-45; Nem. I. 26 sqq., 6. 8-1 I, 7. 54-55, 10. 50-51; Isthm. 3. 13-14*. É certo, como observa Guthrie, HGPH, p.252, que Pindaro admite um certo aperfeiçoamento pelo treino (cf. *O1. 10. 20-21*), mas só para aquele que nasceu nobre na aretê (' ápeich, v. 20) e tenha a ajuda da divindade (v. 21); é um «aprender o que já se sabe» (*O1. 8. 59-60*). Sobre o conceito de aretê em Pindaro vide W. Jaeger, *Paideia I* (Berlin, 1954), p.277-289. Para a sua concepção de physis vide A. Lesky, *Geschichte der griechischen Literatur* (Bern, 1971), p.235.

nece. Entende-se por isso que Aquiles tenha preferido uma vida curta mas gloriosa a uma vida longa, apagada e desconhecida⁹. Ora os participantes nos grandes Jogos pan-helénicos são em grande parte os continuadores do ideal heroico homérico. A vitória nesses jogos era para eles um meio de ficar na lembrança dos vindouros e de ultrapassar o esquecimento. E nessa missão de preservar na memória dos homens é atribuído à poesia um papel de relevante importância.

Refere Pindaro na Pítico 8 que o homem é um ser efémero, a «sombra de um sonho» (òvap, v. 96):

..... ' ? ,
 μ μ .

Mas, quando sobrevier um raio de luz divina,
 um brilhante clarão e doce vida
 sobrevirá aos homens⁽¹⁰⁾.

Se, como é o caso de vitória nos jogos pan-helénicos, alguém praticar um feito glorioso, se «sobrevier um raio de luz divina», o homem ultrapassará a fimbria do esquecimento e a sua memória perdurará. E tem papel importante, para não dizer primordial, o poeta na tarefa de exaltar os feitos valorosos que arrancam os homens à efemeridade e esquecimento. Proclama-o Pindaro nestes versos da Olímpica 9. 21-29 que são uma exaltação da poesia e não deixarão de trazer à memória as primeiras estâncias dos Lusíadas:

òé
 μ ? ?,
 ?
 v<òs
 μ ,
 ei μ μ μ
 μ μ *
 μ '
 '.....

(⁹) Essa sua escolha é feita no Canto décimo oitavo da *Iliada* (v. 121-126). Tétis, a sua mãe, reconhece que essa escolha não é de homem covarde (v. 128-129). Cf. ainda *Il.* 9. 410-416.

(¹⁰) *Pyth.* 8. 96-97. Tradução de H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, 1998), p. 184.

Eu abrasarei com meus cantos fogosos
 essa cidade bem armada,
 e, mais rápido que o cavalo magnífico
 e que o alado navio, espalharei este louvor
 por toda a parte,
 se, com mão assinalada pela sorte, eu sei cultivar
 o jardim privilegiado das Graças. São elas
 que concedem todo o deleite. Os homens, esses valem
 conforme os deuses concedem
 pela coragem ou pela arte.^(M).....

Um dos aspectos significativos dos epinícios de Píndaro reside, pois, na frequente valorização da sua arte poética. Não são menos elucidativos os passos em que manifesta a consciência do papel dessa poesia na exaltação da glória e renome do vencedor e sua família e na preservação da sua memória nas gerações posteriores. É que (Nem 7. 12-17):

..... μ
 μ μ *

.....as grandes acções
 padecem de muita obscuridade, se carecem de hinos;
 e para os belos feitos só conhecemos um espelho:
 por vontade de Mnemósine de fulgente diadema,
 encontrarmos a recompensa dos feitos nos ilustres cantos dos versos.

E nessa missão a poesia supera a escultura, relembra-o Píndaro na Quinta Nemeia. No começo da composição o poeta defende a sua arte como mais apropriada a dar renome e a preservar a memória do vencedor (v. I -5):

52

μ' ' -
 μ ' * a <3 μ
 ' ,
 év ' , ,
 μ

(M) Tradução de . H. Rocha Pereira, Hêlade (Coimbra, 71998), p. 175.

Não sou escultor para lavrar inertes
 estátuas sobre o próprio pedestal
 erigidas, mas em qualquer
 cargueiro e falua, meu doce canto
 parte de Egina e anuncia que
 o filho de Lâmpon, Píteas cheio de vigor,
 ganhou nos Jogos Nemeus a coroa do pancrácio.

Segundo a tradição Píteas, vencedor da prova do pancrácio em Nemeia, teria encomendado a Pindaro um epinício. Perante o pedido de três mil dracmas por parte do poeta, o solicitante, esmorecido, declarara que, por tal preço, preferia mandar esculpir uma estátua em bronze. Mais tarde porém muda de opinião e encomenda a feitura da ode. Então Pindaro entendeu pôr em evidência a importância da sua arte, sublinhando que a escultura ficava imóvel e que só quem, junto dela passava e lia a inscrição, tomava conhecimento do nome e feito do atleta. A ode, pelo contrário, desde o momento da celebração e festejos da vitória, passaria a ser cantada por toda a Grécia. Tanto mais, como lembra mais adiante, que o seu vigor poético é comparável ao voo altaneiro de uma águia (v. 18-22).

Não menos explícito e significativo é o passo da Istmica 4 em que Pindaro — depois de referir o suicídio de Ajax, por se sentir desconsiderado pelos Aqueus que atribuíram a Ulisses as armas de Aquiles — lembra a exaltação e glória que lhe advieram da poesia de Homero (v.36-42):

' ' μ ? μ ' ,
 .
 * -
 μ .

Mas Homero honrou-o entre os homens,
 ao enaltecer, apoiado ao bastão, toda a sua valentia
 em versos divinos para divertimento dos vindouros.
 Porque uma coisa imortal prossegue ressoando
 quando alguém a diz de forma bela. E por terra
 de abundantes frutos e por mar caminha
 o raio das belas obras para sempre inextinguível.

Também Píndaro pretende, com o auxílio das Musas, exaltar os feitos do vencedor dos Jogos, no caso da Quarta Nemeia, Melisso de Tebas. Pois pensa o poeta que, como recompensa de gloriosas obras, «é conveniente cantar o homem nobre, é conveniente exaltá-lo em danças pelas amáveis graças» (Isth. 3. 7-8: μ μ , / μ ?).

Assim é fundamental a missão do poeta no processo de heroização do vencedor. A ode encomendada era cantada no santuário em que os Jogos se realizaram, num santuário da cidade do vencedor ou na própria casa, com acompanhamento de flauta e de lira. Desse modo o poema espalhava-se. E natural que a família procurasse conservá-lo como testemunho da sua própria glória. Poderia depois cantar esse epinício em anos subsequentes, como o refere a Olímpica 7, escrita em 464 a. C. e dedicada a Diágoras, um famoso pugilista de Lálios, em Rodes. Assim se procurava preservar a memória. Muitos outros exemplos poderia apontar, mas o tempo esvaiu-se, pelo que vou citar apenas o verso 16-20 da Istmica 7, dedicada a Estrepsíades de Tebas. Trata-se de um passo significativo em que Píndaro expressa com clareza que o esquecimento será o destino das acções heroicas que não são cantadas pela poesia. Depois de lembrar as glórias e heróis de Tebas — uma cidade nessa altura, em 454 a. C., submetida a Atenas, como consequência da Batalha de Enófitas —, o poeta acrescenta (v. 16-19):

eúoiei , μ μ ? è ,
 õ μ ?
 ?

Mas do passado
 dorme a glória; e esquecem os mortais
 tudo o que não foi capaz de a suprema flor da sabedoria
 atingir, jungido às ilustres correntes dos versos.

54

Por essa razão, anuncia Píndaro de imediato que vai celebrar com um hino de doce melodia Estrepsíades (v.20-21) que «se inflama graças às Musas de tranças cor de violeta» (v. 23: âye\ ?).

E concluo com os primeiros seis versos da Olímpica I I, em que o poeta declara ser tão necessário ao vencedor o canto e a poesia como ao barco são os ventos e aos campos a água:

^ μ
 ? ' ,
 μ * ,
 eí ? μ ? μ
 μ ? ?

Têm os homens por vezes de ventos a maior
 necessidade; têm-na também das águas dos céus,
 pluviosas filhas da nuvem.
 Mas se alguém com esforço alcança vitória, melodiosos hinos,
 prelúdio de futuros elogios,
 nascem e são promessa fiel de grandes façanhas.

(Página deixada propositadamente em branco)

OS JOGOS OLÍMPICOS NA GRÉCIA ANTIGA. UM CERTAME DE IDEAL E DE GLÓRIA

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Reflectir sobre os grandes jogos que concentraram as atenções do mundo helénico e, por essa mesma dimensão e prestígio, foram capazes de deixar o seu lastro vivo para além deste segundo milénio prestes a findar, é, de alguma maneira, revitalizar diversos motivos que foram fulcrais no que chamamos 'espírito grego'. O recuo que se torna necessário fazer até às suas origens — ainda que, pela própria dimensão dos séculos, nos quedemos mergulhados em sombras e hesitações insolúveis —, à procura de uma luz sobre o embrião de um processo destinado a tão largo futuro, transmite-nos, pelo meio das dúvidas, sinais luminosos; o carácter sacro impõe-se, antes de mais, como o contexto permanente, onde os deuses dominam, na condução dos destinos humanos, e onde permitem, por um momento que a sensatez reduz à fugacidade de um raio, que o homem se eleve acima da sua natural efemeridade e pequenez. Que, em certas ocasiões, os jogos simbolizem homenagem aos mortos, heróis ou amigos, que o destino conduziu à outra margem da existência universal onde reinam as sombras, não deixa de ser um contacto com outros horizontes que os deuses igualmente regem, não sem que uma quota de relação humana agora se insinue. Depois, à medida que a sociedade helénica foi progredindo de uma fase arcaica e profundamente aristocratizada para outra em que o indivíduo, como membro de uma comunidade social ou polis, se foi impondo, a intenção a presidir à realização dos jogos ganhou também uma amplitude diversa. Reunir o mundo helénico numa festa, onde todos, irmanados

num mesmo ideal, se congregavam para competir por um prémio de arete e para receber, perante uma plateia pan-helénica e diante da soberania dos deuses, o galardão merecido, tornou-se um momento de união nacional, raro dentro de um conceito de repartição política característico da Grécia antiga. Numa celebração sobre a qual se derramavam todos os efeitos de solenidade e de elevação, o ser humano podia tocar, sem excessos mas com legitimidade plena, a distinção máxima: o dom da glória, traduzido na simplicidade de uma coroa de folhagem, que os deuses lhe depunham por um momento nas mãos, ao som dos aplausos de toda a Grécia reunida em festa. Fugaz o momento que não o seu eco, perpetuado para além do tempo pela voz inspirada dos poetas e pela mão hábil e firme do artista do cinzel. Pela arte dos homens, com a conivência divina, o vencedor ultrapassava os limites estreitos da sua própria essência; porque a vitória desportiva mais não era do que pretexto para êxitos superiores, onde se impunham as coroas, essas de ouro, do espírito.

Do mundo arcaico, de que os Poemas Homéricos são o eterno testemunho, avultam já imagens da realização de jogos ao serviço de diversas intenções. Concebidas, antes de mais, no ambiente denso da guerra, as provas atléticas aproveitam, numa outra dimensão, o próprio potencial físico dos heróis ou o seu adestramento para as exigências do combate. Elas são, portanto, a dimensão pacífica das artes da guerra. Dois episódios famosos se tornaram paradigmáticos desta prática: os jogos fúnebres com que Aquiles reverenciou a memória de Pátroclo (Íliada 23. 257-897) e as provas festivas com que Alcino quis desenrugar a fronte e o espírito sofrido do seu hóspede, o Ulisses que muito sofreu (Odisseia 8. 100-130).

58 Num e noutro caso, a motivação que os dita é ainda de tom individualista e eminentemente aristocrático. O seu alvo é um indivíduo, morto ou vivo, a quem se quer homenagear em nome da amizade ou da simpatia devida a um hóspede. Por trás dos homens, estão os valores que elevam o processo e o colocam ao serviço de um princípio ou ideal.

(¹) Sobre a diversidade de teorias que, a partir de dados antropológicos ou dos testemunhos épicos, se multiplicam à procura de uma explicação satisfatória sobre a origem dos jogos, vide . H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, I, Lisboa, 1998, p.340.

Apenas esse não é ainda um factor mobilizador de massas, mas tão só partilhado pelo núcleo estreito de uma elite de heróis gregos em Tróia, ou de nobres comensais na corte dos Feaces.

Depois de prestar as honras devidas ao cadáver de Pátroclo, Aquiles organiza, em homenagem do amigo, provas atléticas. Começa por reunir os prémios que, no ambiente restrito do campo de batalha, são bens materiais, decerto produtos de saque acumulados pelo guerreiro morto, que deverão passar agora às mãos dos vencedores nos jogos em sua honra. A volta reúne os Mirmidões em assembleia, como um público delimitado e específico. Logo se anuncia a primeira prova, a mais nobre, distinta e espectacular de entre todas⁽²⁾, a de carros de cavalos, e já se aprontam os heróis, seduzidos pelo frémio da competição e pelo estímulo dos prémios. Cada um põe ao serviço da prova força e engenho, os mesmos dotes que fazem dele um guerreiro distinto no combate. Mas, para além do empenho humano, estão os deuses que, em cada momento do percurso, dispõem da sorte dos concorrentes. A mão divina, na descrição homérica da prova, está presente, não porque os deuses sejam já os destinatários primeiros dos jogos, mas porque deles disfrutam também, participam e sobretudo decidem com a sua autoridade suprema. Por isso a vitória é a obra cooperante da arete humana com o favor divino. Nenhum poeta foi capaz de traduzir, com mais vigor do que o autor da *Iliada*, o ímpeto da prova. Atento à reacção e ao esforço de cada concorrente, à intervenção directa dos deuses sobre os participantes no agôn — guerreiros, cavalos carros —, o episódio épico põe a tónica na prova desportiva em si, dentro de uma visão que sobretudo premeia o valor físico de cada herói no que é verdadeiramente um concurso de arete individual, entendida como empenho, correcção e desportivismo. Este passo é, portanto, como muito a propósito salienta Harris⁽³⁾, o embrião de 3000 anos de

(2) Com o curso do tempo, a prova de corrida de cavalos e de carros manteve todo o seu prestígio. Em Olímpia era-lhe dado um lugar destacado no primeiro dia de provas, como convém a um espectáculo que exigia gastos, mas que oferecia uma exibição notável e proporcionava a vitória mais sedutora. A própria exigência financeira manteve para esta prova um perfil marcadamente aristocrático.

(3) H. A. Harris, *Sport in Greece and Rome*, London, Thames and Hudson, 1972, p.l 54. Cf. ainda, sobre este passo homérico, V. Vanoyeke, *La naissance des jeux olympiques et le sport dans l'Antiquité*, Paris, Les Belles Lettres, 1992, p.l 7-22.

literatura desportiva. Outros certames se seguem nos jogos oferecidos a Pátroclo: o pugilato, a luta, a corrida, o combate, o disco, o arco e o dardo. Mas nenhum atinge, apesar do valor dos concorrentes, o brilho inimitável da disputa harmónica entre corcéis e seus aurigas.

E em ambiente de paz que os jogos decorrem na terra dos Feaces, organizados pelo soberano Alcino para acolher e distrair das suas amarguras evidentes o hóspede recém-chegado, Ulisses. Aos heróis junta-se toda uma multidão curiosa, na ânsia de presenciar e aplaudir as façanhas dos concorrentes, um punhado de cortesãos ou familiares do rei. Dada à prova da corrida a prioridade, outras se seguiram para glória dos vencedores e regozijo da multidão que os saudava, contagiada do entusiasmo colectivo. Mas, neste contexto de recepção e festa, o filho do monarca, Laodamante, não deixou de referir, no convite feito ao hóspede para que participasse, o espírito de elevação que deve ser o verdadeiro motivo de cada concorrente: a tua vez agora, estrangeiro, de participares nos jogos, se conheces alguma modalidade. E deves conhecer. Porque não há para um homem, ao longo da vida, glória maior do que arrebatrar uma vitória com os pés e com os braços' (Od. 8. 145-148).

Presentes numa tradição muito antiga de que os episódios homéricos dão a prova, os jogos aparecem desde muito cedo na vida grega. Posteriormente disseminadas por várias cidades, que internamente organizavam os seus próprios concursos, estas disputas ganharam eco de facto significativo nos grandes agones que, já a partir do séc. VIII a. C., mobilizaram a Grécia inteira num envolvimento pan-helénico. 776 a. C, o ano da realização da primeira olimpíada, o festival mais antigo, mais solene e mais famoso de entre todos, definiu um marco na existência oficial dos jogos desportivos; e 'oficial' passou a pressupor regularidade e exigência de medidas organizativas. Algo do espírito aristocrático se mantinha vivo nesta nova fase: o culto da superioridade física, o gosto pela disputa leal, o desejo de um prémio que distinguisse e impusesse à consideração geral os vencedores. É este um conjunto de objectivos a que a palavra *philotimia* se aplicaria com propriedade⁽⁴⁾. Apenas o

(4) Vide G. Triantaphyllopoulos, *giochi olimpici ieri e oggi\ Atene e Roma* 39. 4, 1994, p. 183.

contexto da disputa e a qualidade dos concorrentes começava a mudar. Não se tratava agora de mobilizar plateias restritas em volta da superioridade incontestada de uns tantos heróis ou herdeiros de casas nobres. Importava mobilizar a Grécia inteira, os povos de todas as cidades, para um encontro onde todos partilhassem de um espírito e de um objectivo comum. Era uma consciência nacional que se desejava impregnar num povo que, por tradição, vivia repartido em pequenos núcleos politicamente independentes e, por alguns dias, fazer-lhe sentir o peso de uma cultura que os unia, por sobre quaisquer fronteiras físicas ou políticas. Este objectivo tornava-se tanto mais premente quanto, por força de uma explosão populacional, muitos Gregos se viam compelidos a abandonar a sua terra e a procurar um novo espaço para viver. Era a fase da colonização, que dispersava as populações de origem helénica por toda a bacia do Mediterrâneo. Com o curso dos tempos, esta intenção deu os seus frutos; não será inútil transcrever o comentário com que Isócrates se lhe referia, no cap. 43 do seu Panegírico ⁽⁵⁾:

Com justiça se elogiam os que instituíram as panegírias, porque nos legaram o costume de nos reunirmos, depois de termos feito libações e de termos deixado os ódios existentes, e, seguidamente, após termos efectuado preces e sacrifícios em comum, de nos lembrarmos do parentesco recíproco, de nos tornarmos de futuro mais benevolentes, de renovarmos laços de hospitalidade de antanho e de contrairmos outros novos.

O mesmo texto de Isócrates serve-nos ainda para valorizar uma outra marca que, desde sempre, se associou a este tipo de certames pan-helénicos: o carácter sagrado que se espelhava de todos os pormenores da sua orgânica e execução. Enumera o autor do Panegírico os rituais — as libações, as preces, os sacrifícios, as tréguas sagradas — que exprimiam, no concreto, a vénia devida aos deuses patrocinadores da festa. Porque a cada grande festival desportivo presidia uma divindade maior do panteão helénico: Zeus olímpico, de pleno direito, ao mais grandioso de todos estes eventos, as Olimpíadas; Apoio, em Delfos, aos Jogos Píticos; Posídon, em Corinto, aos Istmicos; finalmente ainda Zeus

⁽⁵⁾ A tradução que reproduzo é a de . H. Rocha Pereira, op. c/t., p.348.

aos de Nemeia. H. A. Harris⁽⁶⁾ acentua o carácter fortemente antropomórfico da religião grega como o justificativo para esta fusão: dentro de uma concepção de divindade à semelhança do homem, os Gregos atribuíam aos seus deuses o mesmo prazer pela música, a dança ou o desporto que eles próprios tiravam dessas actividades. Sagrado, em consequência, o terreno que servia de cenário às provas, o temenos do deus patrocinador, como sagrados e inviolados de conflitos os dias reservados às festividades. Sagradas igualmente as regras que vinculavam cada concorrente na realização das provas, como sacrossanto o juramento com que se comprometiam⁽⁷⁾. Todo este clima sacro se repercutia de imediato no ambiente ordeiro, seguro e livre que se desejava garantir a todos desde a partida até ao regresso a casa, por longínqua que fosse. Mas mais do que um objectivo meramente pragmático, o espírito sagrado que tudo envolvia convidava à reflexão e impunha a consciência da pequenez humana, se medida pela grandeza divina. Os deuses em tudo estão presentes, para proteger, para decidir, para partilhar com os homens uma celebração de fronteiras universais. Chegam também para premiar, com a sua insígnia divina, os vencedores. Melhor do que nenhuma outra, a voz de Pindaro, o mais célebre cantor de epinícios, ecoa toda esta magnífica aura de religiosidade (Olímpica 8. l sq.):

Mãe dos jogos, onde se ganham as coroas tão preciosas quanto o ouro, Olímpia! Senhora da verdade, onde os adivinhos, interrogando a chama dos sacrifícios, questionam Zeus (...) para saber se ele favorece os homens, cuja alma arde de desejo de obter uma vitória distinta e a recompensa dos seus labores.

62 Na simplicidade de uma coroa de folhagem, simbolicamente associada ao deus e ao local que enquadra a festa, o vencedor recebe um sinal de adesão de tudo o que é grande, dos deuses, antes de mais, e da própria natureza que o cerca e lhe condiciona a vida. Por seu lado, a força e a destreza com que se empenha são a sua oferta no altar do

⁽⁶⁾ Op. cit., p. l 6.

⁽⁷⁾ Portadoras de um claro ascendente religioso eram também algumas provas, como as corridas de archotes que tinham celebração em Atenas.

sacrifício. Unidos em suprema harmonia, deuses e homens, sem que por um momento se perca ou esbata a noção clara da fronteira que os une e os separa, que se traduz no gesto significativo do depor das oferendas no templo do deus enquanto o vencedor se guinda às alturas da fama — o galardão humano —, e ao toque do divino, que a coroa sagrada pousada nos cabelos simboliza.

Ao lado do sagrado, o mitológico veio trazer também ao processo um traço de magia; portador de distância, de fantasia, de paradigma, o tom lendário que é próprio do mito contribuiu para a redenção do que é simplesmente concreto e humano, e para a sua elevação às alturas do exemplar e do eterno. É com esta maravilhosa harmonia do sacro e do mítico, que Píndaro abre a sua II Olímpica (vv. I sqq.):

Hinos, senhores da lira, que deus, que herói, que varão celebraremos?
Em Pisa é Zeus o senhor. Os Jogos Olímpicos, Hércules os criou, como primícias da luta ... (8)

A Zeus, soberano em Olímpia, os Gregos associavam Hércules, o herói da força máscula, como o criador dos jogos. A pergunta que, em termos humanos, é de difícil resposta — a quem coube a fundação dos jogos? — recebe, na voz dos poetas, a solução magnífica da harmonia do engenho e da palavra (Píndaro, Olímpica 10. 43 sq.):

Então o valente filho de Zeus, reunindo em Pisa todo o seu exército e todo o saque, traçou, em honra do seu sublime progenitor, o santuário divino. Delimitou, com palissadas, o terreno nu do Altis, e destinou a planície em volta a abrigar a paz dos festins. Ao rio Alfeu prestou homenagem com os doze deuses soberanos. A colina de Cronos destinou este nome. (...) A esta solenidade inaugural assistiram, como convinha, as Parcas e o testemunho único da verdade autêntica, o Tempo. Tempo que, no seu curso, transmitiu à posteridade como Hércules partilhou o saque de guerra e lhe consagrou as primícias, como depois instituiu a festa quinquenal, pela celebração da primeira Olimpíada, e os prémios dados pela primeira vez ao vencedor.

63

(8) Cito a tradução de . H. Rocha Pereira, op. cit., p.340.

Por intervenção do herói se definira o espaço de 600 pés, o estádio, cenário das provas atléticas. Como das suas artes saíra também a coroa de oliveira brava, com que um dia sombreara de verde, como artista inimitável, os terrenos descarnados de Olímpia, para dar aos homens o refrigério de uma sombra amiga nos ardores do estio, e aos vencedores o galardão divinamente olímpico da vitória. Pindaro ecoa também esta proeza do filho de Anfitrão (Olímpica 3. l l sqq.) e as regras que, como criador dos jogos, o herói comunicou àqueles que agora são seus árbitros:

Executor das antigas prescrições de Hércules, a de depor acima das pálpebras, em torno dos cabelos, o verde folhagem da oliveira que outrora, das fontes penumbrosas do Istro, trouxe o filho de Anfitrão, memorial magnífico das vitórias nos jogos olímpicos. Conseguiu-a do povo dos Hiperbóreos, servos de Apoio, com palavras persuasivas, quando lhes pediu, com coração leal, para o santuário hospitaleiro de Zeus, a árvore que daria sombra à multidão dos visitantes e forneceria as coroas aos atletas.

Tão marcante era a intervenção de Hércules na fundação dos jogos olímpicos que muitos quiseram ver, na personalidade de um herói que, depois de cometer uma proeza, funda uns jogos e os dedica a uma divindade (modelo de que Hércules é um padrão), uma explicação mítica para a origem dos diversos jogos pan-helénicos.

Por fim, ao divino veio juntar-se o humano, na figura de Pélops, o primeiro a colher a coroa da vitória. Por isso, a memória de Pélops ficou para sempre associada à vitória olímpica e o seu túmulo, deposto no temenos, se tornou lugar de veneração. Para alguns, os jogos olímpicos eram mesmo um certame fúnebre em sua honra. Com o filho de Tântalo, a intenção ou o ideal do homem grego entrava nesta carta de alforria mítica que durante séculos consignou o espírito olímpico. Ainda uma vez Pindaro nos ilumina com a prece que Pélops, candidato a um troféu difícil mas de sedução única — a mão da bela Hipodamia —, dirigiu a Posídon no momento da prova (Olímpica I. 70 sqq.):

O grande risco exige um homem de fibra. Já que a morte é inevitável, para quê sentar-se na sombra e consumir em vão uma velhice anónima,

longe de tudo o que faz a beleza da vida? Não, vou enfrentar esta prova.
E tu, concede-me o sucesso por que aspiro.

A afirmação do poder humano, da sua capacidade de enfrentar os riscos impostos à própria condição, como o ideal de um objectivo que dá o sal à vida e a perpetua para além das sombras, esta é uma filosofia de vida humana que enobrece o homem e de que o cenário olímpico se tornou um palco privilegiado.

Ao mito, que dourou o sentido da celebração olímpica, os poetas foram também buscar o ornamento para envolverem os vencedores, cujos feitos, mais do que simples recordes desportivos, podiam assim ganhar o lustre de uma proeza que só a tradição e a qualidade ancestral inspiram.

Para além do toque divino ou lendário, os jogos comportavam uma quota de aplauso humano, de prestígio pessoal e social que, para um povo sempre à procura da valorização da condição humana, não foi irrelevante. Depois da distinção divina, suprema mas não única, o vencedor colhia com emoção ímpar o reconhecimento geral, aquele geras sempre tão caro aos heróis de antanho.

Em todas as cidades gregas, fora do contexto dos grandes festivais, o desporto ocorria como prática comum ou motivava mesmo pequenos certames locais (cf., e. g., Olímpica 7. 84 sqq.). Em algumas comunidades, como entre os povos dóricos, nunca lhe foi negada a maior relevância. Assim concebida e disseminada, a prática desportiva detinha um enorme poder pedagógico e visava o equilíbrio, fundamental no ser humano, entre corpo e espírito. Mais ainda, como afirma Platão no Banquete 182, a qualidade do ser humano que se obtém por esta forma é apanágio do homem livre e indesejada pelas tiranias ou pela barbárie. Decerto por isso, através de legislação de Sólon, os escravos ficaram afastados dos ginásios, mantendo-se estes recinto da formação de cidadãos perfeitos. Dentro do mesmo espírito, Pausanias (10. 4. 1) duvida se uma pequena cidade da Beócia, desprovida de ginásio, mereceria o reconhecimento de uma verdadeira polis; como ainda mais tarde Estrabão (5. 246) deduzia a origem helénica da cidade de Nápoles da existência de um ginásio. Em volta destes espaços, onde a juventude masculina se reunia, desde sempre convergiram os intelectuais que, para além da prática desportiva,

entreviam na convivência aí garantida um terreno propício à comunicação de ideias e à reflexão de teorias. Não foi por acaso que também Platão e Aristoteles preferiram a vizinhança de Acádemo ou do Liceu para instituírem as suas escolas^W. Em última análise, a prática física, com os objectivos elevados que comporta ao lado da convivência humana que proporciona, é também ela responsável pela individualidade nacional de um povo.

Com a vitória olímpica, o atleta colhe prestígio para si próprio e, através da sua pessoa, para a família a que está ligado e para a cidade a que pertencei¹⁰). Todos participam do êxito obtido: a família, pelo que transmite de dons naturais, que são a marca das raças superiores; mas como é de um estado que depende a sobrevivência e projecção das famílias, a cidade está presente no contributo elementar que também ela dá para a formação e para o enobrecimento do indivíduo. Por isso, a comunidade social se empenha, por todas as vias, em manifestar ao herói o seu reconhecimento e apreço. Distinções materiais, por vezes preciosas, podem contribuir para o bem-estar imediato e concreto do vencedor^U); mas mais do que o provento material, são os sinais honoríficos os que se multiplicam e brilham com fulgor particular. Segundo o testemunho de Plutarco, um gesto como rasgar uma fenda na muralha da cidade para acolher, em glória, um cidadão vitorioso pôde algum dia exprimir a vénia colectiva ao prestígio de um atleta.

Para além da expressão que teve neste diálogo mútuo entre o atleta e a sua cidade, o prestígio olímpico dilatou-se a um plano verdadeiramente pan-helénico. Não é de somenos o estabelecimento de um calendário olímpico, que se mede por períodos de quatro anos

(⁹) M. Pohlenz, *LVomo Creco*, trad. italiana, Firenze, reimpr. 1967, p. 809 sq.

66 (¹⁰) Cf., para além dos louvores com que Pindaro associa indivíduo, família e cidade nos seus epinícios, as menções frequentes que se repetem nas Histórias de Heródoto. Aí, a referência às vitórias olímpicas é um elemento indispensável no retrato dos políticos mais distintos: vide, e. g., 6. 34-36, sobre Milcíades, 6. 70, sobre Demarato, 6. 103, sobre Címon, irmão de Milcíades, 6. 122, sobre o ateniense Cálías, ou 6. 126, sobre o avô do democrata Clístenes, com o mesmo nome. Nestes diversos casos, é notória a relação entre os membros das famílias mais distintas, pelo nome ou pela fortuna, com as corridas de carros de cavalos.

(H) A cidade de Atenas, por exemplo, reservava aos vencedores e seus descendentes as honras do Pritaneu.

correspondentes a cada espaço entre Olimpíadas e que mereceu, como designação identificativa, o nome do vencedor na corrida do estádio (c. 200m). Esta era, de facto, a única cronologia considerada válida na Grécia inteira, a partir da instituição dos jogos. De olhos postos em Olímpia modelaram-se os outros grandes certames pan-helénicos, que lhes repetiram o espírito e as regras. Mas sobretudo o tempo das olimpíadas, com o seu dom de reunir o povo grego, tornou-se atractivo para todos os que tinham algum produto a oferecer à colectividade. Primeiro os atletas, naturalmente, que se propunham abrilhantar a festa com a agilidade e destreza do corpo. Mas também os intelectuais que vinham fazer demonstração dos seus saberes ou superiores qualidades. Tal como em volta de qualquer comum ginásio se reuniam aqueles para quem os dons do espírito representavam preocupação suprema, em Olímpia era toda a Grécia que fazia demonstração do seu saber. Sofistas e oradores principalmente encontravam em Olímpia um espaço propício à publicitação das suas ideias e palavras: o célebre Hípias, que não perdia, em cada olimpíada, a possibilidade de fazer a sua performance retórica (Platão, Hípias Menor 363 c-d, 368 b-e), ou o não menos célebre Górgias (Paus. 6. 17. 7-9). Até mesmo os políticos podiam colher aí a vénia mais cara aos seus sucessos. Essa rara emoção experimentou-a Temístocles, o herói ateniense de Salamina, que, poucos anos após (476 a. C.) a batalha que a sua estratégia saldara numa estrondosa vitória para a Grécia, chamava sobre si todas as atenções quando se apresentou em Olímpia para assistir aos jogos (cf. Plutarco, Temístocles 17). Só essa atenção foi compensação suficiente para quem, à custa de muitos sacrifícios, se podia considerar um salvador da pátria. E porque não repetir, na tradução de . H. Rocha Pereira⁰²), as palavras de Lísias no Discurso em Olímpia, onde o orador exprime a sua emoção diante daquela 'parada de inteligência no lugar mais belo da Grécia'? Na sua aparente simplicidade, esta observação reúne e proclama todos os valores, humanos e divinos, presentes num lugar que a natureza dotou de uma magia indizível.

67

Nem as Musas quiseram estar ausentes de Olímpia e vieram, elas também, através da voz dos poetas, trazer o seu contributo de beleza.

02) *Op. cit*p.345.

Com o canto dos seus predilectos, de onde avulta com brilho maior o nome de Pindaro, a fama dos atletas ultrapassa a barreira da morte ou do esquecimento. Para além do momento perecível da vitória, para além das honras imediatas ou das muralhas que se rasgam para dar passagem aos eleitos, ergueram-se os versos dos epinícios, que cobriram de magia e de elevação os triunfos desportivos. Ao lado dos poetas, os artistas plásticos descobriram, na nudez do atleta, a beleza de um corpo viril bem conformado e não se cansaram nunca de o reproduzir na aspereza, habilmente dominada, da pedra. Com Pohlenz³⁾ será legítimo afirmar que 'sem o ginásio, a escultura grega não teria podido atingir a elevação que na realidade conseguiu'. Foi a poetas e artistas que coube o milagre de manter verde, até aos dias longínquos que são aqueles em que vivemos e ao eterno sempre, a coroa da imortalidade. Assim o lembra Pindaro (Olímpica 1. 95-100):

Em Olímpia se julga a velocidade dos pés e a resistência inquebrável da força. Então ao vencedor, para o resto da vida, cabe o mel da felicidade, graças aos jogos. Uma glória que, para sempre, flui, dia após dia, sem quebras, é um bem supremo para os mortais.

Tudo parecia conjugar-se para delinear um quadro de superior perfeição. Mas a própria maravilha, quase divina, que o homem construiu em Olímpia teve de ser também uma lição de equilíbrio e de *sophrosyne*, não viesse algum orgulho incauto atrair a malquerença dos deuses. Misturada com os louvores, Pindaro recorda esta prudência cautelosa que, aliada à vigilância divina, traz a verdadeira felicidade. Ao celebrar Diágoras de Rodes, vencedor já coroado de múltiplos troféus a que acrescentava a vitória no pugilato, em Olímpia, o poeta remata (Olímpica 7. 89 sqq.):

68 Zeus, (...), protege este herói a quem os punhos valeram a glória; concede-lhe o respeito afectuoso de concidadãos e de estrangeiros. Ele segue um caminho recto, inimigo da insolência, e sabe bem como praticar as sábias lições que recebeu dos seus nobres antepassados. Não permitas que se obscureça o renome de toda a posteridade de Calíanax; (...) porque

03) *Op. cit.* p.813.

num só instante podem soprar, de quadrantes opostos do céu, brisas contrárias.

O mesmo Diágoras que Cícero (Tusculanas I. 46. III) recordava, levado em ombros pelos filhos, todos eles ganhadores do prêmio máximo, no auge da felicidade. Prudente, uma voz se ergueu então de entre a multidão: 'Morre, Diágoras, que aos céus não podes subir!'

Palco de glórias e escola de princípios, Olímpia ergueu-se como o símbolo da consciência e dos ideais de um povo. Pôde, por isso, converter-se numa espécie de referência ou marca identificativa de um carácter nacional. Assim o sentiram os Persas quando invadiram território grego na ânsia de alargamento de um império, como o testaram os Gregos, eles próprios, nessa hora de tremendo desafio à sua resistência e liberdade. E Heródoto o cronista por excelência desta fase da experiência grega. Oriente e ocidente cruzavam armas, num duelo de forças, de interesses e de culturas. A desproporção entre os dois campos era indizível, enormes em número as forças persas que avançavam, ameaçadoras, pelo terreno invadido. Ao poder do mais forte estava subjacente a injustiça, que a ambição gera, numa sede de conquista que tem por norma única poder maior. Ao lado da bandeira da injustiça — perigosa insígnia — Xerxes ostentava outro baluarte, não menos arriscado e agourento: o do desconhecimento, sobre um povo que abordava com a displicência que merece, ao rico, o mais pobre, ou, ao todo-poderoso, o mais fraco. Entre os Persas, de resto, como Heródoto testemunha, a consideração ia para quem lhes é mais próximo, a distância representava, no seu conceito, a própria nulidade (I. 134. 2-3). Esta lacuna de informação Xerxes preencheu-a já no terreno, perante o inimigo e o seu comportamento, que lhe pareceram, por várias vezes, estranhos e ridículos. Através dos seus conselheiros ou homens de confiança, o rei foi colhendo imagens fiéis do adversário, como aquela que o grego Demarato lhe traçou, com o conhecimento que lhe advinha da própria origem (Heródoto 7. 102):

A Grécia, desde sempre, cresceu na pobreza. Mas a ela associou a superioridade (arete), feita de espírito (sophia) e de uma lei rigorosa (nomos íschyros). Graças a esses princípios, a Grécia defende-se da pobreza e da sujeição a um senhor.

Incapaz de compreender a linguagem da pobreza e da liberdade, o persa riu, trocista e superior.

Heródoto multiplica, nesta campanha, quadros sucessivos que condicionam o resultado, à partida ameaçador para o lado grego. E, através desses episódios, vai definindo um mundo de diferenças entre etnias que, pela primeira vez, se sentem próximas e interrogativas uma sobre a outra. E neste espaço de revelação em tempo de crise que os jogos retornam como uma prática que identifica os Gregos. Iminente o combate sangrento das Termópilas, Xerxes à frente de uma mole imensa de guerreiros quis informar-se, através de espias, dos movimentos no pequeno campo inimigo. Soube então, com que perplexidade, que os invadidos se entregavam a jogos gímnicos⁴⁾, enquanto outros penteavam os cabelos (7. 208-209). Esta atitude de extrema dignidade, de quem deseja, na iminência da morte, manter o carácter e a elevação, era também o sinal da diferença entre uma sociedade de homens livres e autónomos de vontade, perante o peso da subserviência instalada entre os bárbaros (cf. supra p. 69). Ao rir, Xerxes manifestava, com o desprezo e uma profunda incompreensão, uma tremenda imprudência.

O episódio teria, mais tarde, repetição, após o combate naval do Artemisio. De novo o sucessor de Dario inquiria de uns trans-fugas os movimentos adversários, quando colheu esta resposta (8. 26):

70 Eles responderam que os Gregos celebravam os Jogos Olímpicos e que lhes era devido assistir às provas gímnicas e hípicas. O Persa quis saber qual era o prémio proposto, pelo qual concorriam. 'A coroa de oliveira' — disseram-lhe — 'que se destina ao vencedor'. Foi então que Tritantecmes, filho de Artábano, exprimiu uma opinião muito sensata, que lhe valeu porém, da parte do soberano, uma acusação de cobardia. Quando ouviu dizer que o prémio era uma coroa e não dinheiro, não se conteve e declarou, diante de todos: 'Deus seja louvado, Mardonio! Que

(⁴) Esta atitude corresponde à prática desportiva generalizada por toda a Grécia, que conserva um claro carácter pedagógico, sendo o desenvolvimento físico um aspecto indissociável da educação com vista à formação plena do indivíduo. Cf. supra p. 65.

tipo de homens são estes contra quem nos conduziste nesta campanha?
Homens que se não disputam pela posse de riquezas, mas em nome da honra?!

Mais uma vez, com o inimigo dentro de portas, os Gregos não abdicaram dos seus hábitos e fizeram questão de opor aos invasores um comportamento coerente com a sua própria identidade.

O desfecho final desta guerra, de uma glória para a Grécia nunca repetida, foi para todos inesperado; não tanto por milagre divino, mas pela sorte de uma disputa de ignorância e saber, de menosprezo e perspicácia. Ao género humano coube, de facto, no resultado, um quinhão decisivo.

Se os jogos olímpicos constituíram, durante séculos, um padrão elevado do espírito grego, a caducidade, em tudo inevitável, lançou-os numa crise que os encaminhou para a extinção. Já no séc. IV a. C., a infiltração acentuada de profissionais entre os concorrentes, que se vinha registando de tempos anteriores, demoliu a noção de ideal de honra que lhes dava o brilho principal e manchou, da baixeza do lucro, o ambiente sacro. O empenho pessoal e o esforço de participação que movimentavam os cidadãos deram vez à ideia de competição de alto nível ou de espectáculo, que os deixava passivos e na atitude lateral de quem assiste sem participar. Veio depois a corrupção e a indisciplina, o protesto contra o árbitro, o insulto ao adversário, o desrespeito por todas as regras. Mesmo se adulterado o sentido da reunião, o atractivo da festa persistiu e foi como símbolo de uma prática pagã que o imperador Teodósio a extinguiu, em 393. Tais mudanças não passavam de mais um sinal da crise profunda que, entretanto, se apoderou da Grécia.

Sombra de uma memória, os Jogos Olímpicos ressurgiram no mundo moderno por empenho do Barão Pierre de Coubertin, em 1896. Dos seus ascendentes herdaram as competições desportivas e até um certo gosto pela cultura que se vem, por regra, associando a alguns rituais solenes dos jogos. Podem agora, neste universo da comunicação que é o nosso, mobilizar não uma comunidade apenas, mas o mundo inteiro num apelo que é, de facto, centralizador. O cenário sagrado de Olímpia enquadra ainda, simbolicamente, o acender renovado da chama que

transportam os novos arautos da realização. Falta, porém, o ideal, nesta experiência profissionalizante e neste espírito lucrativo que envolve o desporto nosso contemporâneo. O vedetismo substituiu-se ao sentido de união nacional, como o sentimento do sucesso e da riqueza fácil que produz não deixam lugar ao espírito elevado da honra. Quem sabe a Grécia, com a responsabilidade que lhe cabe de assumir as Olimpíadas de 2004, tenha ainda o 'espírito grego' suficiente e capaz de produzir outro milagre.

OS HONORÁRIOS DOS ATLETAS VENCEDORES

(a propósito de Plutarco, Sol. 23.3)

Del fim F. Leão
Universidade de Coimbra

A Grécia antiga contava, entre as suas manifestações culturais, com a realização de centenas de festivais de vária índole. Alguns tinham apenas um alcance local; outros, porém, assumiam uma importância que se estendia a toda a Hélade, a ponto de se tornarem um dos traços distintivos do povo grego e de constituírem um dos raros vínculos de amplitude “nacional”. O Falamos, como é óbvio, dos quatro grandes festivais pan-helénicos: os Jogos Olímpicos, Píticos, Nemeus e Istmicos. Não pretendemos discutir agora problemas ligados ao funcionamento destas provas em particular nem à identificação social dos atletas que nela disputavam a primazia. O aspecto que elegemos para análise diz respeito à natureza dos prémios que os concorrentes poderiam esperar atingir. Noutros jogos de importância mais circunscrita, os atletas contavam, à partida, com recompensas pecuniárias que podiam ir de montantes relativamente modestos até somas muito significativas. Porém, os festivais pan-helénicos que enumerámos ofereciam apenas uma coroa simbólica ao vencedor, sem valor material de nota. Não obstante esse facto, estes jogos nunca perderam popularidade, em especial os Olímpicos, que serviam de modelo às restantes competições

73

(*) Em especial no período sobre o qual centraremos a nossa análise, a Época Arcaica, já que a realização destes festivais se prolongaria durante o período de domínio romano, altura em que a realidade política da Grécia era já muito diferente.

desportivas e encabeçavam sempre as distinções que um atleta se honrava de haver conseguido.

No entanto, a fama que o indivíduo alcançava com vitórias deste tipo — e que constituíam uma forma de imortalização⁽²⁾ — reflectia-se também sobre a sua polis de origem, que procurava recompensar o atleta à medida do* mérito demonstrado. Por tal motivo, os benefícios indirectos dos vencedores acabavam por traduzir-se em proventos nada despidiendos.⁽³⁾ Assim, entre os diferentes exemplos de distinção, o atleta era acolhido na cidade com uma recepção solene,⁽⁴⁾ onde, a par de outras coisas, se entoavam cânticos em sua honra;⁽⁵⁾ podia mesmo proceder-se à abertura de uma brecha nas muralhas, a fim de que o vencedor entrasse por uma porta especialmente criada para o efeito.⁽⁶⁾ Estes homens passavam a contar-se entre os cidadãos ilustres e tinham direito a lugares de honra no teatro e nos banquetes;⁽⁷⁾ em Esparta, era-lhes concedida a honra suprema de combaterem ao lado do rei⁽⁸⁾ e, em Atenas, podiam usufruir de alimentação a expensas públicas no Pritaneu.⁽⁹⁾ Ora é precisamente sobre o caso ateniense que nos propomos reflectir com maior profundidade, apelando ao contributo de mais alguns elementos.

(2) Ideia muitas vezes expressa pelos autores antigos (e.g. Pindaro, /, 1.50-51; Dio Crisóstomo, 31.20-22).

(3) Ainda assim, talvez se possa manter que, para o atleta, seria mais significativo o prestígio pessoal resultante de ter saído vencedor do que propriamente o dinheiro que poderia ganhar em resultado dessa situação. Este sentimento afigura-se indissociável do universo de interesses partilhado, em termos gerais, pelos atletas gregos, os quais parecem derivar, por sua vez, da ética aristocrática que, ao menos numa fase inicial, terá ditado as linhas mestras dos valores cultivados nas competições desportivas. Neste sentido se pronuncia Henri W. Pleket, "The participants in the ancient Olympic Games: social background and mentality", in *Proceedings of an international symposium on the Olympic Games — 5-9 September 1988 (Athens, 1992)* 147-152. Em todo o caso, há que reconhecer que o estatuto de atleta amador, que compete unicamente em nome do espírito agónico, constitui uma imagem idealizada da prática desportiva grega. Entre os vários estudos que abordam esse problema, vide E. N. GARDINER, "VII. Professionalism", in *Athletics of the ancient world* (Chicago, 1987) 99-116.

W Diodoro, 13.82.7.

(5) E.g. Baquííides, 6.10-15.

(6) Suetónio, Nero 25.

(7) Ateneu, *Deipnosoph.* 6.237.

(8) Plutarco, *Moralia* 2.5.2.

(9) Platão, *Ap.* 36d.

Entre os retratos paralelos elaborados por Plutarco, destaca-se a biografia de Sólon, que, conforme é sabido, constitui o documento mais extenso que possuímos sobre a personalidade do reformador. Contudo, os dados fornecidos por Plutarco a respeito do antigo estadista não se encontram totalmente isentos de imprecisões, pelo que também este importante testemunho deve ser considerado com uma certa retracção metódica, a fim de não induzir em erro o estudioso moderno. As informações veiculadas pelo polígrafo de Queroneia abarcam múltiplos aspectos da actividade de Sólon, mas, para o problema em análise, interessam em especial algumas das disposições previstas no código do legislador, que têm sido objecto de debate. Será, por isso, conveniente recordá-las:⁽¹⁰⁾

Eis μ μ μ μ
 μ μ μ , ' ' μ μ ?
 , μ ? , μ ? , μ ?
 μ ? μ ? , μ .

Efectivamente, para cálculo do valor das vítimas sacrificiais, ele fixou a equivalência de um carneiro ou de uma dracma a um medimno de grão; «estabeleceu que se entregasse ao vencedor dos Jogos Istmicos cem dracmas e ao dos Olímpicos quinhentas»; a quem apanhasse um lobo davam-se cinco dracmas, e um lobito uma dracma, somas que, segundo Demétrio de Fáleron, correspondiam ao preço de um boi e de um carneiro, respectivamente.

Discutiremos, mais adiante, o sistema de equivalências referido no texto. Interessa, desde já, chamar a atenção para o importante facto de, segundo Plutarco, Sólon haver instituído no seu código de leis um prémio destinado aos Atenienses que saíssem vencedores nos Jogos Istmicos e nos Olímpicos, prémio esse que atingia o valor de cem e de quinhentas dracmas, respectivamente. O legislador previu que o prémio

(10) Na citação dos testemunhos relativos às leis de Sólon, usamos o texto de Eberhard RUSCHENBUSCH, *So/onos Nomoi. Die Fragmente des solonischen Gesetzeswerkes mit einer Text- und Ueberlieferungsgeschichte* (Wiesbaden, 1966). Para facilitar a identificação, os passos vêm acompanhados do número do fragmento correspondente na colectânea deste estudioso (a que convencionamos acrescentar a letra R, forma abreviada de RUSCHENBUSCH). Adoptamos esta prática já com o passo de Plutarco em questão: Sol. 23.3 = F 143a R, que colocamos entre aspas para o distinguirmos do contexto envolvente. A tradução facultada será sempre da nossa responsabilidade.

oferecido pela cidade ao vencedor olímpico fosse cinco vezes superior ao atleta que alcançasse o primeiro lugar nas competições ístmicas, diferença para a qual deve existir uma explicação. Por outro lado, a referência a outras recompensas pecuniárias previstas pelo estadista ($\mu \hat{\omicron} \epsilon \mu \mu , \mu$) parece advogar a favor da autenticidade da disposição relativa aos atletas, se bem que tenha o inconveniente de se ligar à problemática emissão de moeda atribuída pela tradição a Sólon. Intrigante ainda é o facto de a lei não mencionar os outros dois festivais pan-helénicos (os Píticos e os Nemeus).

Limitamo-nos, de momento, à enunciação destas dificuldades, que adiante retomaremos. Antes disso, será conveniente recordar os outros dois testemunhos que tocam igualmente na questão em análise. Um deles é facultado por Diógenes Laércio¹⁾

$\mu \hat{\omicron} \epsilon \mu \mu ? \hat{\omicron} \nu , \mu \hat{\omicron} \epsilon \mu ? , \mu \hat{\omicron} \epsilon \mu ?$
 $\mu ? , \mu ? \mu ? \mu$
 $\mu ? \mu$

«Restringiu ainda as honrarias dos atletas que participavam nos jogos: fixou quinhentas dracmas para um vencedor olímpico, cem para um vencedor ístmico e procedeu de forma análoga para os restantes.» Na verdade, seria de mau gosto aumentar as recompensas destes e não antes as dos que pereceram em combate, cujos filhos importa alimentar e educar às custas do Estado.

76 As disposições referidas no passo transcrito fazem parte de um conjunto de leis implementadas por Sólon e que o autor do testemunho considera positivas. Diógenes concorda com Plutarco no essencial, ou seja, no montante previsto pelo legislador para atribuir aos atletas vencedores nos Jogos Olímpicos e nos Istmicos. Acrescenta, no entanto, alguns dados que podem ser bastante significativos. Em primeiro lugar, afirma que, com esta medida, Sólon veio não propriamente inaugurar um costume, mas antes moderar uma prática já existente ($\mu \hat{\omicron} \epsilon \mu ? \mu ?$). Esta pequena nuance de significado acaba por alterar bastante a leitura que se pode fazer da

(¹⁾ 1.55 = F 143b R.

acção de Sólon. Na verdade, se o reformador tivesse instituído um prémio que ainda não existia, então a sua atitude poderia ser interpretada como um estímulo ao desporto; no entanto, se o estadista veio cercear uma prática que considerava excessiva, neste caso a lei assumiria um carácter sumptuário, cujo fim consistiria na contenção das despesas públicas. Diógenes acrescenta ainda que o reformador terá aplicado uma reforma análoga aos restantes jogos (

). A ser verdade esta última informação, a medida de Sólon teria propósitos bastante abrangentes. Contudo, o facto de Diógenes exemplificar somente com os casos já referidos por Plutarco pode constituir um indício de que o doxógrafo estará a amplificar uma disposição que começara por ser de aplicação restrita. A confirmar-se esta hipótese, o objectivo de Diógenes consistiria em tornar mais pungente o comentário que tece relativamente à lei, dando mais importância aos soldados mortos em combate do que aos atletas vencedores, topos que se insere na crítica tradicional ao desporto.

Há ainda um terceiro testemunho, da autoria de Diodoro, que, sendo embora menos significativo, importa igualmente recordar.^{C2)}

μ μ μ
, , ,

É que Sólon pensava que os pugilistas, os corredores de estádio e os restantes atletas não contribuíam para a salvação das cidades com nada digno de nota, mas somente as pessoas que se distinguiam pela ponderação e virtude é que estavam em condições de proteger a sua pátria em momentos de perigo.

O testemunho de Diodoro é o mais recuado no tempo, o que não implica necessariamente que seja o mais seguro. Neste passo, o autor não refere directamente as disposições de Sólon sobre os atletas vencedores, tal como as encontramos em Plutarco e Diógenes; em todo o caso, a forma como regista a opinião de Sólon poderá ser, em última análise, uma interpretação da lei em questão.⁽¹³⁾ A dúvida que se levanta ^{12*}

77

(12) 9.2.5 = F 143c R.

(13) Assim crê Ingomar Weiler, "Einige Bemerkungen zu Solons Olympionikengesetz", in *Festschrift für Robert Muth*, edd. P. Händel & W. Meid (Innsbruck, 1983) 573-582, p. 575.

é saber se essa leitura é legítima ou não. Em caso afirmativo, Sólon teria regulamentado as recompensas a atribuir aos vencedores dos Jogos Olímpicos e Istmicos (e eventualmente aos de outras competições desportivas) como forma de controlar uma prática que lhe era anterior e funcionava em moldes que ele consideraria excessivos. Desta forma, a lei destinava-se a promover a contenção de despesas num momento de crise e talvez visasse cercear os privilégios aristocratas, uma vez que, na viragem do séc. VII para VI, os atletas ainda deveriam ser maioritariamente oriundos da classe nobre. A ser esta a realidade, a lei estaria de acordo com os objectivos prováveis de algumas das disposições de Sólon.⁽¹⁴⁾ No entanto, há também fortes possibilidades de que tanto Diodoro como Diógenes estejam a interpretar de forma um tanto abusiva o alcance da lei, cuja verdadeira natureza talvez de possa atingir cruzando a informação de Plutarco com a de Diógenes e, sendo assim, a norma estipulava somente os prémios a atribuir aos vencedores dos Jogos Olímpicos e dos Istmicos. De resto, como adiante veremos, é possível encontrar razões objectivas para Sólon ter distinguido estes dois jogos em relação a todos os outros. A sustentar-se esta hipótese, que nos parece preferível, a ideia de que o legislador dava preferência aos que fossem capazes de defender a cidade, em detrimento dos atletas, mais não seria do que uma amplificação derivada da crítica tradicional à importância geralmente atribuída aos vencedores dos jogos, conforme se pode ver já em Xenófanés.^{O⁵}

A argumentação que até agora apresentámos visava sustentar a preferência pelo relato de Plutarco, uma vez que o seu testemunho regista diferenças de pormenor importantes em relação aos dados fornecidos por Diodoro e por Diógenes. No entanto, esta análise preliminar serve apenas de ponto de partida para uma questão mais complexa, relativa à autoria da lei em questão, cuja atribuição a Sólon * ¹⁵

RUSCHENBUSCH, *Solonos Nomoi...*, 123 n. ad F 143c R, é também de opinião que tanto a afirmação de Diodoro como o comentário de Diógenes Laércio correspondem a uma interpretação pessoal da lei.

⁽¹⁴⁾ Tanto em normas de carácter sumptuário, como nas que poderiam afectar a exuberância aristocrática: e.g. Plutarco, *Sol.* 20.6 (= F 71a R); 21.5-6 (= F 72c R).

⁽¹⁵⁾ *Frg.* 2 *Diel* s.

ainda não foi justificada. É esse problema que agora nos propomos discutir.

A melhor edição das leis do estadista ateniense continua a ser a catalogação estabelecida por RUSCHENBUSCH, que coloca a norma em estudo entre a legislação falsamente atribuída a Sólon.⁽¹⁶⁾ O filólogo justifica esta posição com o facto de os prémios previstos na lei serem demasiado elevados para o tempo. A objecção tem a sua pertinência, mas talvez não seja totalmente incontornável, de modo que convém repensar os argumentos.⁽¹⁷⁾

Na verdade, os problemas levantados por uma disposição que prevê prémios pecuniários começa ainda antes da questão relativa ao montante envolvido. Efectivamente, a tradição literária sustenta que, ao atingir o arcontado, Sólon terá implementado uma série de disposições de emergência, destinadas a preparar o caminho para uma reforma legislativa mais profunda. Entre elas, situam-se a reforma das medidas de capacidade e dos pesos de referência e ainda uma emissão de moedas.⁽¹⁸⁾ E precisamente em relação ao último dado que as dificuldades se avolumam, pois as descobertas arqueológicas não só não permitem confirmar essa informação como ainda sugerem fortemente a possibilidade de a primeira cunhagem ter ocorrido apenas durante a tirania dos Pisístratos. Contudo, se nos virmos obrigados a pôr de lado todas as leis onde haja referência a dracmas, então seremos privados de elementos bastante importantes. Existe, no entanto, uma forma de contornar esta primeira dificuldade. De facto, em grego antigo, a nomenclatura metrológica (cujas denominações básicas são a dracma, a mina, o stater e o talento) é usada para designar tanto as unidades de peso como as unidades

⁽¹⁶⁾ Solonos Nomoi..., 43 e 123.

⁽¹⁷⁾ Outros autores há que se pronunciam pela atribuição da lei a Sólon, e.g. Carolus Sondhaus, *De Solonis legibus* (Ienae, 1909) 70-71; Weiler, "Einige Bemerkungen zu Solons Olympionikengesetz".

⁽¹⁸⁾ Relativamente a esta área de estudo, o passo determinante (e um dos mais polémicos na história do período em análise) corresponde a uma das alturas em que o autor da Constituição dos Atenienses faz uma apreciação geral da obra de Sólon (Ath. 10.1-2). Não poderíamos discuti-lo de forma conveniente nos limites reduzidos deste trabalho, pelo que nos limitaremos a enunciar os principais dados da questão. Para maior cópia de argumentos, vide a nossa dissertação de Doutoramento, *Sólon. Ética e política* (Coimbra, 2000), "11.3.2. Reforma das medidas, pesos e moeda".

monetárias.⁽¹⁹⁾ Portanto, o termo dracma, que ocorre por várias vezes no código de Sólon, pode referir-se, efectivamente, a um valor material pensado não em termos de moeda cunhada, mas antes na acepção de peças de prata com determinado peso.⁽²⁰⁾

Contornada esta dificuldade, o óbice maior reside na relação a estabelecer entre o prémio previsto para os atletas vencedores e as classes censitárias fixadas por Sólon. Uma vez mais, o passo de Plutarco em análise revela-se determinante. Como vimos, o biógrafo afirma que Sólon havia fixado a equivalência de um carneiro ou de uma dracma a um medimno de grão ($\mu\mu$).⁽²¹⁾ A aceitar-se como verdadeira esta informação, uma das consequências mais dignas de nota consiste em mostrar que o legislador, ao proceder à divisão dos cidadãos de acordo com o rendimento, estava em condições de englobar todo o tipo de profissões. Esta tabela comparativa permitia avaliar tanto os produtos agro-pecuários, como os que provinham da indústria e da actividade comercial. A informação presente no relato de Plutarco tem, ainda, a vantagem de servir de complemento aos dados que Aristoteles apresenta sobre a mesma questão.⁽²²⁾ De facto, o Estagirita refere apenas os produtos secos e líquidos ($\mu\mu$), que equivalia a considerar somente a quota de produção agrícola, deixando de fora as outras áreas de rendimento, hipótese difícil de conciliar com a tradição que fazia do próprio Sólon um comerciante e com a forma como o estadista procurou implementar o comércio e a indústria. Ora a tabela comparativa de valores permitia ultrapassar esse problema.

Tomando então como ponto de referência a relação carneiro-dracma-medimno, o facto de Sólon fixar em quinhentas dracmas a

(19) Dá-se uma realidade semelhante com o termo "pound", em inglês.

(20) o que, no caso da dracma, corresponderia a uma unidade de 6,548 g. Seguimos a tabela comparativa de valores de Wolfgang Trapp, *Kleines Handbuch der Maße, Zahlen, Gewichte und der Zeitrechnung* (Stuttgart, 1996) 207.

(21) Disposição que se encontra entre as normas que RUSCHENBUSCH considera genuínas (F 77 R). O facto de esta equivalência ser usada para o cálculo do valor das vítimas sacrificiais (eis $\mu\mu$ ye $\mu\mu$) deve aconselhar-nos a considerar a hipótese de preço do carneiro poder elevar-se um pouco acima da média (já que as vítimas sacrificiais seriam, em princípio, animais de boa qualidade).

(22) a th. 7.3-4. Discutimos o problema com mais profundidade na nossa dissertação de Doutoramento, Sólon. Ética e política, "11.4.1. "As quatro classes censitárias".

recompensa que a polis atribuía ao cidadão ateniense que ganhasse nos Jogos Olímpicos tornava esse vencedor num dos membros da classe mais elevada, ou seja, num dos pentakosiomedimnoi. E nas implicações desta equivalência que residem as objecções dos estudiosos que, como Ruschenbusch, consideram o montante do prémio demasiado elevado para a época. A argumentação tem a sua pertinência, mas convém compará-la com disposições que até aquele investigador considera verdadeiras, nomeadamente com o valor de outras recompensas ou multas pecuniárias. No passo de Plutarco transcrito, informava-se que Sólon determinou que fossem entregues cinco dracmas a quem apanhasse um lobo e uma a quem capturasse um lobito (F 92 R), somas que Demétrio de Fáléron dizia que correspondiam ao preço de um boi e de um carneiro, respectivamente. Ora estes valores também são elevados e talvez se expliquem, conforme pretende Plutarco (Sol. 23.4), pela importância que a pastorícia detinha na economia da Ática. Há, no entanto, casos ainda mais expressivos, fornecidos pelo mesmo biógrafo num contexto próximo daquele que estamos a discutir. Por exemplo, a multa prevista para quem raptasse uma mulher livre e a violentasse era de cem dracmas (Sol. 23.1 = F 26 R) e, para quem a prostituísse, de vinte dracmas (Sol. 23.1 = F 30a R). Se tomarmos como termo de comparação a pena a aplicar a um culpado de violação, podemos constatar que é precisamente o mesmo valor previsto para quem vencesse nos Jogos Ístmicos e apenas cinco vezes inferior a quem obtivesse a vitória nas competições olímpicas. Contando embora com a relativa gravidade social dos crimes em questão⁽²³⁾ não se afigura assim tão excessiva a proporção fixada por Sólon entre as multas a aplicar em casos destes e a recompensa a dar ao atleta que se distinguisse ao mais alto nível⁽²⁴⁾

Outra particularidade que aconselha mais algumas considerações prende-se com o facto de a lei de Sólon ser relativa apenas aos Jogos

(23) De notar que Sólon previa no seu código o homicídio justificado do homem adúltero apanhado em flagrante (Sol. 23.1 = F 28 a R).

(24) Infelizmente, a crermos no enredo da comédia (especialmente a nova), os casos de violação e de prostituição forçada seriam bastante mais frequentes do que os exemplos de atletas vencedores em jogos pan-helénicos. De resto, Sólon proibiu por lei o proxenetismo imposto, que chegava a ser exercido pela própria família (e.g. Plutarco, Sol. 13.4-5 = F 3 I b R; Sol. 23.2 = F 31a R).

Olímpicos e aos Istmicos.⁽²⁵⁾ A escolha de Olímpia justifica-se com facilidade, pois as competições aí disputadas foram sempre o acontecimento desportivo mais importante da antiguidade, e daí que se compreenda igualmente que o prémio fixado por Sólon fosse bastante superior. No caso dos Jogos Istmicos, a razão poderá não ser tão evidente, uma vez que os outros festivais pan-helénicos (os Píticos e os Nemeus) poderiam disputar-lhe a primazia. E, no entanto, provável que também aqui o legislador tenha contado com critérios objectivos que o levassem a dar preferência às provas realizadas junto de Corinto. Na verdade, há registos de uma ligação ancestral entre a cidade de Atenas e os Jogos Istmicos, consubstanciada na pessoa de Teseu. Efectivamente, um fluxo da tradição sustenta que o herói ateniense teria fundado aquela competição desportiva ao passar pelo Istmo de Corinto e depois de livrar a região do bandido Sínis.⁽²⁶⁾ Em nossa opinião, seria esta, portanto, a dupla motivação que levou Sólon a distinguir os Jogos Olímpicos e os Istmicos: uns por serem os mais importantes; os outros por estarem relacionados com o passado mítico da cidade de Atenas. Antes, porém, de passarmos às reflexões finais, convém discutir uma outra dificuldade que se prende com o facto de os Jogos Istmicos terem passado a festivais pan-helénicos regulares somente por volta de 582 a.C. Sendo assim, Sólon não poderia tê-los contemplado no seu código, implementado durante o arcontado, que ocorreu em 594/3, de acordo com a datação tradicional.⁽²⁷⁾ Na realidade, o problema talvez seja menos complexo do que à primeira vista parecerá, pois, embora fossem remodelados por volta de 580 (ou até um pouco mais tarde), os Jogos Istmicos deveriam ser mais antigos.⁽²⁸⁾

(25) Diógenes Laércio (1.55 = F 143b R) sustentava que a acção reguladora do legislador tinha englobado muitos outros jogos, mas já ao comentarmos este passo nos pronunciámos pela reduzida fiabilidade dessa interpretação.

(26) Cf. IG XII, 5, 444, ep. XX.

(27) Que nos parece a mais defensável. Curiosamente, embora a relação com os Jogos Istmicos pudesse servir de argumento aos que sustentam uma datação mais baixa para o arcontado de Sólon, não temos conhecimento de que tenha sido alguma vez aproveitada como tal.

(28) Cf. Vera OLIVOVÁ, *Sports and games in the Ancient World* (London, 1984) I | 7.

Uma vez que a atribuição a Sólon da lei relativa aos prémios dos atletas vencedores não nos parece levantar problemas incontornáveis, resta procurar entender a intenção do legislador ao promulgá-la. A questão despertava perplexidade já entre os antigos. Como vimos, Diodoro e Diógenes Laércio entenderam a disposição à luz do topos da crítica ao desporto, mas tal interpretação não se afigura a mais correcta. Sendo assim, cremos que só restam duas vias. A primeira é de natureza política: com esta medida, o reformador ateniense terá procurado retirar aos aristocratas o monopólio do acesso às competições desportivas mais importantes, concedendo um prémio que garantia a sobrevivência a um atleta de estratos sociais inferiores e, portanto, com menos recursos.⁽²⁹⁾ A norma obedeceria, assim, a intuítos de nivelamento social. Trata-se de uma leitura em parte sustentável, mas que enfrenta algumas dificuldades, a começar pelo facto de a miragem das cem ou quinhentas dracmas do prémio não assegurar o mais difícil: o investimento representado pelo tempo gasto em treino, e ainda pelas despesas de viagem e estadia do atleta.⁽³⁰⁾ Por outro lado, nos dois séculos que se seguiram a Sólon, não há registo de qualquer vencedor olímpico que não pertencesse ao estrato social mais elevado, pelo que se a lei pretendia abrir o leque de possibilidades, então teria falhado os seus objectivos.⁽³¹⁾ Preferimos, por conseguinte, uma segunda interpretação, mais simples e menos especulativa. Conforme salientámos no início deste estudo, vencer nos festivais pan-helénicos constituía, obviamente, uma grande honra, que se reflectia tanto sobre o atleta como sobre a sua cidade de origem. Portanto, o mais razoável será admitir que, ao estabelecer os prémios para os vencedores, Sólon terá obedecido afinal ao impulso de recompensar, em nome da polis, uma distinção que acabava por ser motivo de orgulho para todos os concidadãos.

83

(29) Perspectiva defendida por WEILER, "Einige Bemerkungen zu Solons Olym-pionikengesetz", 576-577.

(30) Tanto mais que não havia nenhuma garantia de que sairia vencedor.

(31) Conforme oportunamente recordam . I. Finley & H. W. Pleket, *The Olympic Games. The first thousand years* (London, 1976) 77.

(Página deixada propositadamente em branco)

AMADORISMO E PROFISSIONALISMO NA GRÉCIA ANTIGA

Joana Portela
Universidade de Coimbra

O espírito olímpico idealizado por Pierre de Coubertin, ao fundar os Jogos Olímpicos Modernos, assentava em alguns princípios fundamentais: a fraternidade entre as nações, o desenvolvimento harmonioso do Homem e o verdadeiro amadorismo. Estes ideais, segundo Coubertin, buscavam as suas raízes na ideologia olímpica da Grécia antiga.

Nas últimas décadas, o ideal olímpico proposto por Coubertin tem sofrido um retrocesso significativo no que respeita ao princípio do amadorismo. Nos Jogos Olímpicos de Séoul, realizados em 1988, já participaram nas diversas provas muitos atletas profissionais, e desde então, cada vez mais, são os atletas profissionais aqueles que competem e vencem nestes Jogos.

No início do novo milénio, uma pergunta se impõe: com a crescente profissionalização dos atletas olímpicos, estaremos hoje a afastar-nos ou a aproximar-nos, em termos ideológicos, do espírito olímpico da Grécia antiga? A controversa questão do amadorismo e do profissionalismo no mundo do desporto tem sido muito discutida ultimamente, não só no que se refere aos Jogos Olímpicos mais recentes, mas sobretudo às competições desportivas da Grécia antiga. (2)

85

0) A título de exemplo, podemos referir atletas como Cari Lewis ou Sergei Bubka.

(2) O amadorismo e profissionalismo nos agones da Antiguidade Clássica são amplamente discutidos por E.N. Gardiner (*Greek Athletic Sports and Festivals*, 1910; *Athletes of the Ancient World*, 1930), H.W. Pleket ("Games, prizes, athletes and ideology: some aspects of the history of sport in the Graeco-Roman world", 1975; "The participants in the ancient Olympic Games: social background and mentality", 1992) e D.C. Young (*The Olympic myth of Greek amateur athletics*, 1984; "How amateurs won the Olympics", 1988).

Ao analisar retrospectivamente a questão do amadorismo e do profissionalismo na Antiguidade, devemos estar bem conscientes de que “amadorismo” e “profissionalismo” são conceitos modernos e, de alguma forma, anacrónicos quando os reportamos ao universo desportivo da Grécia antiga. O termo “amadorismo”, significando a prática do desporto pelo desporto, sem dele retirar qualquer benefício ou pagamento, veicula um conceito ideológico muito recente, nascido em Inglaterra entre a elite vitoriana do século XIX⁽³⁾.

A filosofia e o ideal de amadorismo parecem ser estranhos à natureza do desporto na Grécia antiga. Os Gregos não tinham nem o conceito nem o vocabulário do amadorismo e, de uma forma geral, estavam longe de fazer uma distinção entre atleta amador e atleta profissional como a fazemos hoje.

Actualmente, com a designação “atleta profissional”, queremos significar o desportista que aprofite proveitos materiais ou financeiros pela sua actividade desportiva, dedicando uma grande parte do seu tempo à prática do desporto e dele fazendo o seu modo de vida. Esta concepção moderna de atleta profissional parece ser alheia à ideologia da Antiguidade.

De facto, quando tentamos reconstruir a mentalidade do universo atlético da Grécia antiga, apercebemo-nos de que os atletas gregos não encaravam a sua actividade desportiva como uma profissão, ainda que se dedicassem a tempo inteiro à prática do desporto e daí recebessem dinheiro ou outros bens materiais. Ao contrário do que sucede actualmente, na Grécia antiga, os ganhos financeiros dos atletas profissionais não eram encarados como o rendimento obtido pelo exercício de uma profissão.

86 A razão de, na Antiguidade, uma carreira desportiva não ser considerada pelos próprios atletas como uma profissão, nem, conseqüentemente, uma forma de ganhar o sustento diário, não resulta de um ideal helénico de amadorismo. Explica-se pelo facto de a ideologia atlética do mundo grego ter sido estabelecida pelos primeiros atletas, membros de uma elite aristocrata que desprezava a ideia de exercer uma actividade

⁽³⁾ Por iniciativa de Pierre de Coubertin, reuniu-se em Paris, em 1914, o Congresso Internacional que definiu o conceito de amadorismo no desporto.

profissional, qualquer que ela fosse, para assim obter o seu sustento económico. Por esta razão, na ideologia própria dos atletas, a prática exclusiva do desporto nunca é chamada *ἀμаторισμός* ou *ἐπαγγελματισμός*. A definição moderna de desporto profissional e de profissionalismo teria, pois, surpreendido o atleta antigo, precisamente porque pressupõe uma atitude positiva relativamente ao facto de todas as pessoas terem um trabalho remunerado.

Assim se conclui que o emprego dos termos "amadorismo" e "profissionalismo" para descrever o universo social e ideológico do desporto na Grécia antiga pode levantar alguns problemas de anacronismo. Por isso, é fundamental definir previamente e com precisão o significado a atribuir a estas duas designações, de modo a que as possamos empregar retrospectivamente, como conceitos instrumentais, para caracterizar a realidade desportiva da Grécia antiga.

Assim, quer para os dias de hoje quer para a Antiguidade grega, entenderemos "amadorismo" como a prática desinteressada de uma actividade desportiva, que não requer do atleta uma dedicação exclusiva e a tempo inteiro, nem constitui para ele uma fonte de rendimento. Paralelamente, iremos empregar o conceito de "profissionalismo" para caracterizar uma situação em que o atleta, pelo exercício da sua actividade desportiva, é capaz de auferir um ganho financeiro continuado durante o período de tempo em que se dedica intensa e exclusivamente à prática do seu desporto.

Uma vez definidos os conceitos operatórios de amadorismo e profissionalismo, convém esclarecer ainda um outro aspecto, que diz respeito à sociologia e ideologia dos atletas gregos. Em termos sociológicos, não havia uma categoria específica de atletas olímpicos, nem, em termos ideológicos, uma mentalidade exclusiva dos Jogos Olímpicos. O ideal olímpico não estava confinado aos jogos realizados em Olímpia, mas estendeu-se aos diversos agones, pan-helénicos ou não. Os atletas olímpicos participavam igualmente em centenas de outros concursos desportivos⁽⁴⁾ e a ideologia atlética corrente era, portanto,

(4) Finley-Pleket (*The Olympic Games*. 1976) estipulam em cerca de 50 os concursos desportivos para o ano 500 a. C., número que vai aumentando até atingir, aproximadamente, 300 no séc. I d. C.

aplicável a todos os atletas, quer competissem ou não nos Jogos Olímpicos.

Feitas estas ressalvas iniciais, é agora altura de analisar, no âmbito da ideologia olímpica actual, alguns mitos, preconceitos e pressupostos modernos que se foram difundindo em torno do atleta antigo. Um desses mitos olímpicos, ainda hoje demasiado comum, é o mito do amadorismo grego nos Jogos pan-helénicos e em outras competições desportivas. Durante várias décadas do século XX, vigorou a ideia de que, na antiga Grécia, os atletas olímpicos eram verdadeiros amadores, praticando o desporto pelo desporto e competindo apenas por uma coroa de oliveira, símbolo de glória e aretê. Todavia, este é um mito moderno, nascido durante o século XIX, simultaneamente com o desenvolvimento do movimento amadorista entre a elite britânica. A tese do atleta grego amador, muito defendida e difundida pelo Olimpismo, só recentemente foi posta em causai⁵⁾.

Efectivamente, durante muito tempo foi opinião aceite entre os historiadores modernos que os atletas gregos da época arcaica e clássica eram verdadeiros amadores e que a entrada do profissionalismo nas competições desportivas, especialmente na época helenística, levava ao declínio, ideológico e moral, dos Jogos. Esta tese foi largamente difundida, sobretudo por Norman Gardiner no princípio deste século⁶⁾. Este autor britânico, de origens aristocratas e de uma absoluta dedicação à contemporânea causa do amadorismo, atribuiu particular ênfase ao estudo do amadorismo e do profissionalismo nas competições desportivas da Antiguidade. Uma vez que a sua tese viria a fazer escola nos anos posteriores, contribuindo muito para alimentar o mito do amadorismo grego, convém que nos detenhamos agora sobre algumas ideias fundamentais deste autor.

88 Gardiner defende que no período arcaico da Grécia antiga todos os atletas eram de nascimento nobre e amadores genuínos. Todavia, de

⁵⁾ É sobretudo a partir de 1984, com a obra de David Young intitulada *The Olympic myth of Greek amateur athletics*, que o amadorismo grego começa a ser encarado como um mito olímpico moderno.

⁶⁾ Norman Gardiner, nas suas obras *Greek Athletic Sports and Festivals* (1910) e *Athletics of the Ancient World* (1930), contribui academicamente para a difusão da ideia de que o desporto grego experimentou uma fase ascendente marcada pelo amadorismo, a que se seguiu uma fase de declínio em consequência da profissionalização dos atletas.

acordo com este autor, já no séc VI a.C. era possível detectar um elemento de potencial excesso nas honras atribuídas aos vencedores. A exagerada importância dada à excelência física e à obtenção de vitórias nos Jogos trouxeram consigo a especialização dos atletas e a dedicação exclusiva a um único desporto. Para Gardiner, é durante o século VI a.C. que começa a verificar-se uma competição excessiva, devido à multiplicação de atletas concorrentes e de prémios monetários, que progressivamente estavam a tornar a prática do desporto numa rentável fonte de lucros.

Consequentemente, no início do século V a.C., surge o tipo de atleta que participa no maior número de competições possível, movido apenas pela caça ao prémio. Este novo tipo de atleta, que Gardiner designa por "pothunter"^(?), viaja de competição em competição para recolher prémios e fortuna. Durante o século V a.C., quando as recompensas materiais pela vitória se tornam muito aliciantes, começa a surgir a nova classe dos atletas profissionais. Segundo Gardiner, os atletas amadores vão sendo progressivamente substituídos pelos profissionais, tentados pelas enormes somas de dinheiro que poderiam ganhar com as vitórias. Por esta razão, defende o mesmo autor, nos inícios do século IV a.C., começa a verificar-se o declínio, o definhamento ideológico e a corrupção nas competições desportivas.

Gardiner atribui esse declínio ao aumento do número de atletas profissionais, maioritariamente oriundos — segundo ele — das classes sociais mais baixas, atraídos para as competições desportivas apenas pela sedução dos avultados prémios. Não obstante, o mesmo autor acreditava igualmente que, mesmo durante a fase do declínio, o antigo ideal aristocrático de amadorismo se mantinha nos Jogos realizados em Olímpia, e acreditava também que ao longo de todos os períodos da história grega houve sempre homens de elevada posição social competindo como genuínos amadores.

Estas ideias de Gardiner, embora tenham vigorado nos meios académicos durante várias décadas, têm sido ultimamente postas em

(?) Gardiner, *Athletics of the Ancient World*, Chicago, 1987, p. 101: "Early in the fifth century there arose the 'pothunter', who spent most of his time travelling from city to city, picking up prizes."

causa por vários historiadores⁽⁸⁾). Um dos ideais olimpistas mais veiculados na obra deste autor é o amadorismo, a ideia de que o verdadeiro desporto é alheio ao dinheiro e à profissionalização dos atletas. Gardiner foi profundamente influenciado pelo movimento amadorista do seu tempo e este preconceito reflecte-se claramente nos seus trabalhos, originando leituras distorcidas acerca do desenvolvimento do desporto grego.

A tese de Gardiner é baseada no pressuposto, provavelmente falso, de que nos primeiros tempos das competições desportivas todos os atletas eram amadores aristocratas, praticando o desporto pelo desporto e não recebendo quaisquer recompensas materiais pelas vitórias. No entanto, David Young tem provado precisamente o contrário: os primeiros atletas gregos não eram todos idealistas, aristocratas e verdadeiros amadores. Mais ainda, desde o início das competições desportivas, todos os atletas gregos, independentemente da sua origem social, esperavam e aceitavam prémios materiais pela sua vitória.⁽⁹⁾ Assim, o amadorismo, entendido como a prática de um desporto sem dele auferir ganhos materiais ou financeiros, é algo que nunca existiu plenamente nos concursos desportivos da Grécia antiga⁽¹⁰⁾. Já no Poemas Homéricos ^(M) a elite aristocrata recebia prémios valiosos pelas suas vitórias nas competições desportivas.

A especialização dos atletas, os substanciais prémios monetários e o profissionalismo não foram um novo fenómeno do século V. É por volta de 700 ou 680 a.C. que começa a desenvolver-se na Grécia o desporto de alta competição e a consequente especialização dos atletas⁽²⁾. O treino físico intensivo, destinado à participação (e à vitória) nos Jogos,

⁽⁸⁾ Desde meados dos anos 70 que as ideias de Gardiner têm sido postas em causa por vários autores, nomeadamente por H.W. Pleket, M.B. Poliakoff, mas sobretudo por D.C. Young, em 1984. Este autor considera que a absoluta dedicação de Gardiner ao amadorismo o levou a muitas interpretações erróneas acerca do desporto na Antiguidade.

⁽⁹⁾ Young, "How amateurs won the Olympics", p.62: "All greek athletes from the start collected as much prize money as they could win."

⁽¹⁰⁾ Finley-Pleket, em *The Olympic Games*, p. 131, afirmam que "the 'true amateur' never existed in Antiquity".

("> *Iliada* XXIII, 256 sgg.

⁽²⁾ Vide Finley-Pleket, *The Olympic Games*, p.69, onde são referidas evidências da especialização dos atletas, nomeadamente o estatuto inferior do pentatlo e a raridade de duplas vitórias nas duas corridas de curta distância.

torna-se progressivamente uma actividade exclusiva marcada pela especialização, e assim permanecerá até ao fim da Antiguidade.

Assim, muito antes do tempo de Pindaro, a crescente competição nos grandes Jogos levou ao desenvolvimento do desporto para além da esfera do puro exercício físico e da recreação, até que a prática do desporto se tornou, para muitos atletas, num fim em si mesmo. A especialização progrediu rapidamente nas mãos de treinadores profissionais, cujo negócio era treinar atletas para vencer nos Jogos pan-helénicos. Para muitos dos competidores, a prática do desporto torna-se uma ocupação exclusiva e especialmente orientada para alcançar a vitória nos concursos atléticos.

Estas vitórias não significavam apenas que o vencedor seria honrado como herói com estátuas e epínícios, mas significavam também que seria materialmente recompensado. A asserção de Gardiner de que é em consequência do aparecimento de prémios monetários que se inicia, no séc. IV a.C., o declínio e a corrupção nas competições desportivas implica que teria havido tempos anteriores em que recompensas materiais eram algo alheio aos Jogos. No entanto, parece que recompensas financeiras ou, pelo menos, presentes valiosos estiveram desde sempre associados ao reconhecimento das vitórias desportivas³).

Embora nos Jogos pan-helénicos o prémio, oficialmente, fosse apenas uma coroa de folhagem, esses prémios simbólicos não eram necessariamente indicadores de amadorismo por parte dos atletas. Desde cedo surgiram benefícios oficiais da cidade natal para os vencedores nos Jogos sagrados, de tal forma que uma vitória olímpica ou ístmica significava também um considerável ganho financeiro. A partir de finais do século VII a.C., pelo menos, os vencedores nos Jogos sagrados recebiam das suas cidades recompensas oficiais pelas coroas pan-helénicas. Sólon, por exemplo, oferecia uma recompensa de 500 dracmas a qualquer ateniense que vencesse nos Jogos Olímpicos⁴). Mas, além de competir nos quatro Jogos pan-helénicos, os atletas gregos participavam em muitos outros concursos desportivos, de prestígio inferior, em que o prémio consistia numa abundante soma de dracmas.

(³) Cf. Pindaro, X^o Ode Nemeia, v. 44 sgg.

(⁴) Plutarco, Vida de Sólon, 23.2.

Vários historiadores, nomeadamente Pleket e David Young⁵⁾, chamam a atenção para um aspecto relevante: não havia, na Antiguidade grega, desaprovação do facto de atletas de sucesso receberem prémios materiais pelas suas vitórias. Alguns filósofos gregos, como Xenófanes⁶⁾ e Sócrates, queixavam-se da atenção e riqueza que os vencedores recebiam, mas nunca questionaram a integridade dos atletas ou o direito a auferirem lucro das suas capacidades desportivas. A ideia, amadorista e moderna, de que um atleta não deve lucrar financeiramente com a prática do seu desporto parece ter sido alheia à mentalidade grega.

Ao contrário do que Gardiner pressupunha, a participação de atletas profissionais nas competições desportivas não é um fenómeno tardio nem resultante da multiplicação de atletas das classes sociais mais baixas. De facto, encontramos alguns atletas profissionais já desde a época arcaica. Mais ainda, Pleket deixa claro que é entre os aristocratas que vamos encontrar os primeiros participantes profissionais.⁽¹⁷⁾ Um dos atletas profissionais mais célebres da época arcaica é Milão de Crotona (séc. VI a.C.), cuja carreira se estendeu, pelo menos, durante vinte e quatro anos ao nível da alta competição⁽¹⁸⁾.

A partir do momento em que os atletas aristocratas começam a contratar treinadores especializados⁹⁾ para melhorar as suas capacidades físicas, torna-se cada vez mais difícil para um amador conseguir vencer nos concursos pan-helénicos. Quando as competições desportivas aumentam o nível de exigência, a participação nos grandes Jogos quase se torna monopólio dos atletas profissionais, que podem dispender do tempo e dinheiro necessários para adquirir a excelência física. Depois de o profissionalismo se instalar definitivamente nos

⁽¹⁵⁾ The Olympic myth of Greek amateur athletics, p.91 : 'The amateur policy forbidding all athletic profit was as foreign to archaic greek athletics as it was to the professionals of later days.'

⁽¹⁶⁾ Frg. 2 Diels. Xenófanes, no século VI a.C., refere que os atletas vencedores eram alimentados a expensas públicas e recebiam uma dádiva valiosa (vv. 8-9).

⁽¹⁷⁾ Pleket, "The participants in the ancient Olympic games: social background and mentality", p. 148.

⁽¹⁸⁾ Pausanias, Descrição da Grécia, VI. 14.5.

⁽¹⁹⁾ Píndaro, nas suas odes, menciona alguns treinadores: Menandro (Nemeias, V), Orseas (Istmicas, III), Ilias (Olimpicas, XI), Melesias (Olimpicas, VIII; Nemeias, VI).

concursos desportivos, o atleta amador já não consegue competir com o profissional.

Teógenes de Taso, que viveu na primeira metade do século V a.C., é o exemplo mais célebre de atleta profissional. Segundo o relato de Pausânias⁽²⁰⁾, Teógenes, ao longo dos vinte e dois anos da sua carreira, terá conseguido 1400 vitórias. É claro que este número é exagerado e mítico, sinal de heroicização do atleta, mas talvez possamos admitir que Teógenes tenha ganho, em média, uma vitória por semana. Este exemplo não é necessariamente excepcional. Nas odes de Píndaro encontramos certos paralelos, ainda que poéticos: alguns dos seus heróis ganharam “inumeráveis” vitórias, ou “vitórias tão numerosas quanto os grãos de areia da praia”. Para um atleta como estes, o desporto deixara de ser uma mera recriação e passara a ser o seu modo de vida.

Podíamos, com alguma pertinência, perguntar porque é que, a contrastar com a ideologia de Coubertin e de outros olimpistas, nunca houve um movimento na Antiguidade para banir o profissionalismo e as recompensas monetárias das competições desportivas. De facto, este é um fenómeno bastante recente, já que apenas no século XIX se tornou aristocrático separar o dinheiro da prática do desporto. Pleket dá uma resposta possível para esta questão: na Antiguidade, a aristocracia nunca deixou de aceitar recompensas monetárias pelas suas vitórias atléticas, porque a sua posição social nunca esteve verdadeiramente ameaçada por uma classe de comerciantes que, aos olhos dos aristocratas, não passavam de novos-ricos sem pergaminhos sociais.⁽²¹⁾ Esta mudança económica e social desenvolveu-se no século XIX e tornou-se o principal factor que levou aos inícios do movimento amadorista, nascido entre a classe aristocrata da Inglaterra vitoriana.

Embora na Antiguidade nunca tivesse havido uma tentativa para impedir a participação de atletas profissionais nas competições desportivas, os protestos contra o profissionalismo no desporto não são um fenómeno moderno. Encontramos já em certos autores gregos duras críticas contra a profissionalização dos atletas. E o caso de Eurípides⁽²²⁾

93

⁽²⁰⁾ Descrição da Grécia, VI. I 1.5.

⁽²¹⁾ Pleket, “Games, prizes, athletes and ideology: some aspects of the history of sport in Greco-Roman world”, p.87 sgg.

⁽²²⁾ Autolykos, frg 282 (apud Ateneu 10.413)

e, séculos mais tarde, de Galenoi²³) e Filóstrato²⁴). Os protestos destes autores testemunham que a Grécia antiga não foi a idade ideal do amadorismo olímpico.

No início do novo milénio, uma nova pergunta se levanta: com a recente desmistificação do mito do amadorismo grego, faz ainda hoje sentido pugnar pelo "regresso" do espírito olímpico moderno ao ideal de amadorismo proposto por Pierre de Coubertin?

BIBLIOGRAFIA

FINLEY, M.I. and PLEKET, H.W., *The Olympic Games. The first thousand years*. London/New York, 1976.

GARDINER, E.N., *Greek Athletic Sports and Festivals. Handbooks of Archaeology and Antiquities*. London, Macmillan, 1910.

GARDINER, E.N., *Athletes of the Ancient World*. Oxford, Clarendon Press, 1930.

KYLE, D.G., "E. Norman Gardiner and the decline of Greek sport" in Kyle (ed.) *Essays on sport history and sport mythology*. Arlinghton, 1990, pp.7-44.

MILLER, S.G., *Arete. Greek sports from ancient sources*. Berkeley, 1991.

PLEKET, H.W., "Games, prizes, athletes and ideology: some aspects of the history of sport in the Graeco-Roman world", *Stadion I*, 1975, pp.49-89.

PLEKET, H.W., "The participants in the ancient Olympic games: social background and mentality", in Coulson and Kyrieleis (eds.), *Proceedings of an international symposium on the Olympic Games (5-9 September 1988)*. Athens, 1992, pp. 147-152.

POLIAKOFF, Michael, *Combat Sports in the Ancient World. Competition, violence and culture*. Yale University Press, 1987.

SWEET, Waldo, *Sport and Recreation in Ancient Greece*. Oxford University Press, 1987.

WEBER, E., "Pierre de Coubertin and the introduction of organised sport", in Weber, *Ny France*. Cambridge Mass, 1991, pp.207-225.

94

YOUNG, D.C., "How amateurs won the Olympics" in W.J. Raschke, *The Archaeology of the Olympics. The Olympics and other festivals in Antiquity*. Madison, Wisconsin, 1988.

YOUNG, D.C., *The Olympic myth of Greek amateur athletics*. Chicago, 1984.

<²³) Exortação à medicina, 9-14.

(²⁴) Da Cinástica, 45.

MOTIVOS OLÍMPICOS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES

Joaquim J. S. Pinheiro
Universidade da Madeira

A criação literária grega não foi indiferente ao espírito agónico evidenciado nos eventos desportivos. Durante os séculos VI e V a. C., a par de alguns fragmentos de Simónides de Céos, provavelmente o mais antigo cultor das odes epinícias⁰, outros dois poetas contemporâneos se evidenciaram: Píndaro e Baquíledes²). É precisamente a partir dos epinícios 3, 9 e 13³) do poeta de Céos, Baquíledes (510 a. C.), que procuraremos realçar alguns motivos relacionados com a actividade desportiva.

Tendo em conta o estado fragmentário dos epinícios citados, algumas informações são puramente conjecturais. Além disso, desiluda-se aquele que procurar nos epinícios motivos concretos sobre a competição, como o estado psicológico dos atletas antes da prova, a caracterização dos diversos competidores, as condições atmosféricas, as reacções do público ou outros momentos próprios de um evento desportivo. No entanto, juntamente com a arqueologia, a fonte literária ajuda-nos a perceber o valor do atleta e dos festivais atléticos na sociedade grega.

95

0) Para outros, Arquíloco é o mais antigo.

(?) O recente estudo de Valérie VISA-ONDARÇUHU, *L'Image de l'Athlète d'Homère à la fin du V^e siècle avant J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1999, oferece no Cap. II «Gloire et Louange éternelles aux Athlètes Victorieux», p. 73-181, uma leitura actualizada e interessante dos versos que celebram a vitória dos atletas.

(³) O texto grego utilizado é da edição da Loeb: *Creek Lyric IV. Bacchylides, Corinna, and Others*, edited and translated by David A. CAMPBELL, Harvard University Press, 1992.

Antes, porém, aclare-se o significado de epinício⁽⁴⁾, género da poesia lírica coral, cuja evolução desde as origens é muito discutida. Da leitura das odes de Simónides, Baquílides e Pindaro, percebemos que se trata de uma composição poética com o objectivo de celebrar os vencedores dos grandes agones atléticos da Grécia: os Jogos Olímpicos, os Jogos Píticos, os Jogos Istmicos e os Jogos Nemeus, respectivamente consagrados a Zeus, Apoio, Poséidon e Zeus. Estes quatro eventos pan-helénicos eram os mais competitivos, formando um período. Ao atleta que vencesse a mesma modalidade nos quatro jogos chamava-se *periodonikes*.

Observando ainda a obra dos três poetas, notamos a repetição de traços fundamentais, como o louvor do vencedor, da sua pátria ou família, o mito e a introdução de mensagens de cariz gnómico. Seja por razões de ordem social, como o facto de a aristocracia privilegiar os feitos atléticos, seja por ter sido um meio de propaganda política, a verdade é que o epinício granjeou notoriedade, visível pela sua definição autónoma como forma literária. O epinício era cantado e dançado por um coro, com o acompanhamento de um instrumento musical, sendo a sua representação feita no próprio lugar da vitória ou no regresso apoteótico do vencedor à sua pátria. Quanto aos seus elementos convencionais, esperamos extrair-los da análise dos epinícios 3, 9 e 13 do poeta de Céos, cuja obra foi incluída no cânone alexandrino dos nove grandes líricos.

O critério que presidiu à escolha deste epinício e não de outros baseou-se na intenção de expor três vencedores em modalidades distintas. Assim, o epinício 3 louva o triunfo de Hierão de Siracusa na corrida de cavalos, nos Jogos Olímpicos; por sua vez, o epinício 9 é dedicado à vitória obtida por Automedonte de Fliunte no pentatlo, por ocasião dos Jogos Nemeus; o epinício 13, por fim, celebra o vencedor do pancrácio, Píteas de Egina, nos Jogos Nemeus.

96

Começamos pelo epinício 3⁽⁵⁾. Deixaremos de lado as causas que levaram Hierão de Siracusa a encarregar Baquílides de compor a ode,

(4) Para a definição de epinício, propomos Anne P. BURNETT, *The Art of Bacchylides*, Harvard University Press, 1985, p. 48-60.

(5) Uma análise deste e dos epinícios 9 e 13 é feita por Anne P. BURNETT, *op. cit.*, Caps. 5, 6 e 7.

para celebrar o seu maior triunfo, pelo facto de ter ganho a prova mais importante do mais prestigiado evento, a corrida de cavalos dos Jogos Olímpicos, em 468 a. C. Também não nos ocuparemos de saber se em algum momento da ode o povo é que profere as palavras em vez do poeta. Cinjamo-nos, apenas, aos motivos que estruturam a ode.

Na invocação inicial à Musa Clío (, Clío de doces dons, v.3), o poeta identifica a pátria do vencedor (? , v. 1), o local e a prova em que venceu (? μ μ ? ? , velozes cavalos que correram em Olímpia, v.3-4) e o nome do vencedor (? , v. 4). A vitória de Hierão é explicada pela acção de três entidades: (v. 5), (v. 6) e ? (v. 7).

O vencedor, μ (v. 10), que governa Siracusa, tem como característica essencial da sua acção política o facto de não ocultar o ouro (v. 13-14). Se nos versos 15 e 16 a vitória de Hierão é festejada em Siracusa, logo transitamos para o santuário délfico, sublinhando-se a glorificação que o deus Apoio merece, fruto da sua generosidade. Tanto a alusão à riqueza (ploutos, v. 13) como a referência apolínea preparam um elemento central no epinício (v.22-62): o mito de Cresos⁽⁶⁾.

Na personalidade de Cresos, figura que remetia na época para a riqueza, realça-se a sua eusebeia (v.61) e generosidade para com Apoio, por isso o deus o salvou das chamas devoradoras da pira.

Como o provam os versos 63 a 71, o mito de Cresos tem a função de iluminar analogias com o vencedor. Assim como Cresos é generoso, também Hierão é o que dá mais ouro a Apoio, em toda a Hélade. Neste epinício, a sequência de palavras relacionadas com a abundância ou riqueza é determinante: (v.8), (v. 13), ? (v. 17), ? [] (v.22), [? (v.28),] ? (v.44), (v.65), (v.82), (.84), ' ? (.87), ... (.92-94).

(6) Cf. Heródoto I, 85-6. Sobre este tema vide J. PÉRON, "Les Mythe de Crésus et de Méléagre dans les Odes III et V de Bacchylide", REC 91 (1978), p. 307-339. Para a tradução dos versos do mito de Cresos vide M. H. ROCHA PEREIRA, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 1990⁵, p. 181 -2.

Quanto à caracterização de Hierão, ele é philippos (v.69), areios (v.69), possuidor do skaptron de Zeus (v.70) e, como alguns interpretam o verso 71, impulsionador da arte das Musas, isto pelas condições que proporcionou ao desenvolvimento cultural.

Depois do enkomion feito ao vencedor, o poeta introduz uma secção (v.72-92) de cariz gnómico, cujas ideias fortes são:

1. o reconhecimento da efemeridade (ephmeros, v.73) da condição humana;
2. acentua-se a diferença entre a areta (v.90) e o soma (v.91), pois enquanto o envelhecimento do corpo é inevitável, o brilho da virtude não diminui.

Assim, enquanto (v.86) e (v.86) são athanatoi, o homem é mortal, sendo o canto poético uma forma de perpetuar os kosmoi da condição humana. Esta é a função do epinício do $\theta \mu$: imortalizar os feitos dos vencedores.

No epinício 9, o poeta autodefine-se como ye deios (divino porta-voz das Musas de violáceos olhos, v.4) ao invocar as Xápixes (v. 1). O objectivo do logoi poético é bem definido: celebrar Fliunte (v.4), cidade dória do Peloponeso, e Zeus Nemeu (v.4-5). Antes de nomear o vencedor, conta a conhecida luta de Héraclès com o Leão de Némea, um dos seus trabalhos, mito fundador dos Jogos Nemeus (v. 10-24), que ocorriam de dois em dois anos tal como os Jogos Istmicos.

Depois de retardado o anúncio do nome do vencedor, apesar de Fliunte constituir um indício da sua pátria, eis que finalmente surge⁽⁷⁾ o nome do herói da ode: Automedonte (v.25), que venceu o (v.27). Pelas informações que temos, o pentatlo na Antiguidade, reflectido a educação dos jovens gregos e, em Esparta, também das jovens, era composto pelas seguintes provas: a corrida, salto em comprimento (sem corrida), lançamento do dardo, lançamento do disco e luta. Ora, destas cinco provas Automedonte venceu três:

(7) Uso de prophetes como o arauto que anuncia o nome do vencedor (Cf. George A. KENNEDY (ed.), The Cambridge History of Literary Criticism, Vol. I Classical Criticism, C. U. P., 1997r, p. 27).

(lançamento do disco redondo, v.32), μ μ
 ([lançamento] do ramo de folhagem negra, v.33), (luta,
 v.36). Depois da segunda vitória, o poeta atesta o efeito que o
 lançamento do dardo provocava no público:
 (impulsionava o clamor da multidão, v.35). Este feito de Automedonte
 deve-se à sua μ μ (estatura admirável, v.31) e à sua
 μ (força magnânima, v.37). Vejam-se, assim, os ver-
 sos 27 a 39:

μ []
 ' []
 μ μ
 ' μ
 μ μ
 ' μ
 [] μ μ
 ['] μ []
 [] μ []
 ' []

*De facto, distinguia-se entre os pentatletas
 como brilham a luz dos astros e
 a lua resplandecente da noite que divide o mes.
 Atravessando o imenso círculo dos Helenos,
 ele mostrava a sua estatura admirável
 no lançamento do disco redondo,
 e no enviar da mão para o elevado éter
 um ramo de salgueiro, de folhagem negra,
 que impulsionava o clamor da multidão,
 ou depois de terminar o frémito da luta.
 Aproximando da terra, com uma força magnânima,
 os corpos de membros vigorosos,
 veio ao Asopo de purpúreos redemoinhos.*

Até ao fim do epinício, faz-se o louvor dos descendentes de Fliunte, alude-se à celebração da vitória de Automedonte e, tal como no epinício 3, repete-se a capacidade que o poema tem de immortalizar a nika. Nos últimos três verso ficamos a conhecer o nome do pai do

vencedor, Timóxeno, além de se exortar à celebração da vitória no pentatlo com cortejos de jovens ([μ <\$, v. 103).

O epinício 13⁽⁸⁾, certamente a mais extensa e mais homérica⁽⁹⁾ composição do rouxinol de Céos, além de repetir a invocação feita à musa Clio no epinício 3, volta a referir o mito etiológico da fundação dos Jogos Nemeus, ou seja, a luta que opôs Héraclès ao Leão de Némea, sugerindo, claramente, que se trata de um topos deste tipo de composição coral. Mais à frente, no verso 58, distingue-se a figura de Zeus, como deus tutelar dos Jogos Nemeus.

Entre os versos 67 e 76 temos a primeira secção dedicada ao louvor do vencedor, afirmando-se que é filho de Lâmpôn e que no regresso à cidade de Éaco⁽¹⁰⁾, Egina, recebeu muitos louvores pela sua vitória no pancrácio (v.75-76), prova que combinava a luta e o pugilato, sendo, normalmente, a última dos Jogos. A propósito das regras desta prova, sabemos que era necessário obrigar o oponente a admitir a derrota, quando em perigo de estrangulação ou fractura de um membro. Para o conseguir apenas era proibido morder ou arrancar olhos.

Como é habitual nos epinícios, o poeta faz o louvor da pátria do vencedor, preparando a passagem para o mito central. Tal como em Pindaro, narram-se os feitos dos descendentes de Eaco e de Endeis, Peleu e Télamon, e dos filhos destes, respectivamente, Aquiles e Ájax, os principais baluartes da vitória dos aqueus sobre os troianos. Na parte final da narração mitológica, ainda que o texto esteja muito mutilado, percebemos que a inevitável morte silenciou o ressoar dos dardos, mas os feitos gloriosos jamais serão esquecidos. Com efeito, a cidade de Éaco distingue-se pela tima (v. 183), eunomia (v. 186), eusebeia (v. 188), condição sine qua non para a eirene (v. 189).

Finalmente, o v. 190 exorta ao canto da (vitória muito gloriosa) de Píteas e de Menandro^O '), seu treinador, pelos cuidados

⁽⁸⁾ Cf. Nemeia V de Pindaro, com o mesmo tema.

⁽⁹⁾ Cf. P. E. EASTERLING-B. M. W. KNOX, *The Cambridge of Classical Literature*, vol. I, Part I, C.U.P., 1990, p. 196-7.

⁽¹⁰⁾ Filho de Zeus e da ninfa Egina, filha de Asopo.

O ') Cf. Pindaro, Nemeia V, 48.

dispensados. A necessidade de um treinador indica, claramente, que o atleta era sujeito a uma preparação antes da competição, para dar expressão às suas capacidades.

Louvada a glória do vencedor, segue-se uma parte gnômica com diversos preceitos dos quais evidenciamos: "o que não domina a inveja de ousada palavra, louve o homem sábio com justiça" (v. 199-202) e "a verdade ama a vitória" (v.204-5).

Nos últimos versos, 220 a 225, Baquílides oferece a ode como retribuição pela hospitalidade de Lâmpon. Não pense ele que é um pequeno presente porque as suas palavras desencadearão junto do povo muito apreço pelo seu filho Píteas.

Após esta breve análise, compete-nos retirar algumas ilações. Em primeiro lugar, qualquer um destes epinícios procura associar o vencedor à sua pátria, à prova em que competiu e aos Jogos, ignorando-se por completo a referência dos derrotados, pois apenas interessa glorificar aquele que obteve a vitória.

Outro aspecto prende-se com as consequências da vitória. Se, por um lado, para a pátria é motivo de prestígio e de orgulho, e por isso o vencedor passa a ser heroizado, para o vencedor, por outro lado, receber o *stephanos*, emblema da vitória, significa atingir um momento memorável da sua biografia, sinónimo da dedicação, força e destreza, que fazem dele um modelo para qualquer cidadão. Assim, a *nika* atinge não só o autor de tão grande feito como contagia toda a pátria, levando-a a festejar entusiasticamente o seu regresso.

Para cumprir o programa da celebração da vitória, do vencedor e da pátria, o poeta introduz, como vimos, o mito não apenas com uma finalidade estética, mas com valor funcional, pois ele configura valores e reproduz a religiosidade da sociedade pan-helénica, irradiando *dynamis* e poder.

Assegurando a pervivência do *kleos* e do *kydos*, a composição coral, privada hoje do canto, da música e da dança, aplaude a vitória e a celebração, valorizando, paralelamente, princípios, como comprovam as partes de tom moralista. Na verdade, o atleta dos epinícios de Baquílides alia à sua compleição física a excelência de carácter, que é uma lição para o fenómeno desportivo da actualidade. Aliás, o próprio Comité Olímpico Intencional (COI) está consciente da necessidade de huma-

nizar o movimento olímpico, como afirma o presidente do COI, Juan-Antonio Samaranch:

“L'Olympisme est une philosophie de la vie qui exalte et combine en un ensemble équilibré les qualités du corps, de la volonté et de l'esprit. Alliant le sport à la culture et à l'éducation, l'Olympisme s'efforce de créer un style de vie fondé sur la joie dans l'effort, la valeur éducative du bon exemple et respect des principes éthiques fondamentaux universels. Le but de l'Olympisme est de mettre le sport uni à l'art et à la culture au service du développement harmonieux de l'homme, en vue d'encourager l'établissement d'une société pacifique, soucieuse de préserver la dignité humaine.”⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ in *Esprit Olympique*, Paris, Éd. Contrastes, 1992, p. 68.

JOGOS PÍTICOS NA ELECTRA DE SÓFOCLES

Susana Pereira
Universidade de Coimbra

“Irei a Delfos celebrar ’), afirma Manuel Alegre num poema. Este seu propósito traz-nos à memória as habituais deslocações àquele local escarpado, na Grécia Antiga, para comemorar e também para consultar o deus da luz e dos oráculos, que ali tinha o seu templo.

Na tragédia grega, Delfos é repetidamente mencionada e/ ou descrita, quer pelo ascendente que tem no espírito grego, para o qual vida religiosa e civil estão intimamente ligadas, quer pela sua riqueza plástica, quer ainda pela sua paisagem especial. Ao santuário de Apoio, cenário de religião e crença, local de culto, dirigiam-se, na verdade, ilustres visitantes, aguardando os prestigiados oráculos do poderoso Lóxias, ou fazendo suplicas e oferendas ao deus: procuravam-no, nomeadamente, por questões morais ou políticas (cf. A., Ch., Eu.; S., OT, El.; E., Ion, Andr.). A riqueza arquitectónica do templo, por outro lado, é motivo de longa descrição (cf. E., Ion, 184 sqq., surpresa das servas de Creúsa ante a morada de Apoio). Também a surpreendente beleza da paisagem délfica, panorama de luminosidade, é causa de atracção e de espanto para os olhos, como se acentua no Ion de Eurípides (cf. v.82 sqq.) e revelam as palavras seguintes: “Através dos olhos de Ion, o nosso

103

* Quero deixar expresso o meu reconhecimento à Prof.³ Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva pelos prontos conselhos dados, com toda a disponibilidade. Uma palavra de agradecimento também à Dr^a Maria Isabel Lima Pereira pelas suas sugestões, sempre oportunas.

(¹) Manuel Alegre, “Louvor de Apoio”, Chegar Aqui, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984.

primeiro contacto com Delfos faz-se ao romper do dia, quando o sol inunda a natureza e o templo da divindade... (...). São, antes de mais, os cumes das Fedriades a recortarem-se no rubor do éter, e a inundarem-se de luz (...). Perdida entre escarpas, a água cristalina da fonte Castália prossegue o seu curso, em ondas de prata (...). O templo desperta nas primeiras volutas de fumo oloroso, que se eleva do fogo sagrado da Pítia que retoma o seu lugar profético (...). A mancha verde do loureiro engrinalda a mansão de Apoio, símbolo discreto da presença do deus (...). Rodeado de objectos preciosos, o templo envolve-se nos tons loiros do oiro (...). A vida anima-se com a chegada ruidosa das aves do Parnasso (...)"(2). É notória no Ion a importância marcadamente pictórica de Delfos, local cujos elementos visuais e religiosos justificam, por si, tantas menções dos autores trágicos.

E ainda ao santuário de Apoio que Sófocles nos conduz na peça *Electra*, através de uma descrição feita pelo velho Pedagogo do filho de Agamémnon e Clitemnestra.

Relembremos, rapidamente, alguns dados do mito de Orestes. Menino ainda, fora enviado para o exílio, a fim de escapar às mãos da mãe e de Egisto(3), que haviam tomado o governo da cidade de Micenas(4). No jovem príncipe, chegado entretanto à idade viril, depositava *Electra* a esperança de punir a mãe, assassina de Agamémnon e traidora dos próprios filhos por razões que oscilam nas leituras diversas: por ambição de poder, por espírito de vingança do marido ou por causa da sua ligação com Egisto.

Alguns anos após a morte do Atrida, Orestes, confiante no oráculo de Lóxias ou submisso às suas ordens, regressa então à sua cidade para cumprir o dever de vingar o pai (cf. *A*, Ch., 269 sqq.; *S.*, El., 32 sqq.; *E.*, Or., 28 sqq. e *E/.*, 87 sqq.). No seu propósito, conta com vários aliados, além do deus: a velha Ama (cf. *A*, Ch., 734 sqq.), o Pedagogo (cf. *S.*, El., I sqq.), um antigo criado (cf. *E.*, El, 664 sqq.), o fiel amigo de infância, Píladés (cf. *A*, Ch., 900 sqq.; *S.* El, I sqq.; *E.*, Or., 31-33 e El, 880 sqq.), a própria irmã, *Electra*, que vê cumprir-se a sua expectativa de vingança

(2) Maria de Fátima SOUSA e SILVA, "Elementos visuais e pictóricos em Eurípidés", *Humanitas* 37-38, 9-86, p.30-31.

(3) Cf. *S.*, El., 8 sqq.; *E.*, El, 14 sqq.

(4) Argos, segundo outras versões do mito (cf. *A.*, Ch.; *E.*, Or. e El).

com a chegada tão ansiada de Orestes, a quem incita e se associa (cf. A, Ch., 235 sqq.; S., El., 1288 sqq.; E. Or., 31-33 e El., 276 sqq., 973 sqq.).

No tratamento diverso que os três grandes tragediógrafos gregos deram ao mito do filho de Agamémnon, o matricídio é acontecimento comum (cf. A., Ch.; S., El.; E., El. e Or.), embora sujeito a determinações e objectivos muito diversos.

Clitemnestra receara o regresso do filho, herdeiro legítimo do trono e vingador natural do pai. Uma noite, aterrorizada por um sonho funesto, decidiu enviar libações ao túmulo de Agamémnon, para se purificar (cf. A., Ch. 22 sqq. e S., E/., 405 sqq.). Na Electra, Sófocles põe em cena a própria filha de Tíndaro a fazer ofertas e preces a Apoio, com o desejo de se livrar do terror que sentia. Uma notícia enganadora, pensada pelo próprio Orestes e dada pelo seu Pedagogo, parecia responder aos seus anseios⁽⁵⁾: ' <\$ (S. E/., 673) - anúncio de morte falso, simples, angustiante e ... desejado!... Ouve-o Electra, desesperada; escuta-o Clitemnestra, esperançada!

O velho Pedagogo do filho de Agamémnon esmera-se, e a pedido da rainha mostra de forma brilhante o modo como Orestes, supostamente, deixara o mundo dos vivos (S., El., 680-763). A sua longa narrativa conduz-nos, pois, a Delfos. Aí se celebravam os Jogos Píticos em honra de Apoio, nos quais participava o filho de Agamémnon, também ele imbuído do espírito agónico que animava os Gregos em geral. Como é por demais sabido, o jovem príncipe estivera exilado na Fócida, região na qual se situava o santuário de Apoio: ali fora criado por seu tio, Estrófilo, pai de Pílates. Por outro lado, o próprio deus dos oráculos está intimamente associado ao mito de Orestes: é um aliado divino do filho de Agamémnon no seu dever natural de vingar o pai.

Ao templo de Lóxias dirigira-se o jovem Orestes, com o intuito de alcançar a suprema honra para qualquer participante: conquistar as coroas délficas (cf. v.681-682). As provas decorriam, pois, num espaço sacro, concedendo os deuses os seus próprios troféus ao vencedor -

105

⁽⁵⁾ «O engano na Electra é uma condição de êxito imposta pelo próprio deus.» (M. O. PULQUÉRIO, "Estudos sobre três tragédias de Sófocles: III - Tradição e inovação na Electra", Humanitas 19-20, 36-50, p.50). De facto, no prólogo da peça, Orestes afirma que, para vingar o seu pai, Agamémnon, Febo lhe dissera que se apresentasse sem exército, mas através da astúcia (cf. S., E/., 32 sqq.).

neste caso, a coroa de loureiro, árvore simbólica de Apoio -, o que torna claro que aquele que ganhava se encontrava sob a mira divina, sobretudo quem tudo ia vencendo, como o filho do Atrida; por outro lado, testemunha também o padrão religioso dos Jogos⁽⁶⁾.

Um sinal sonoro deu início à primeira prova, a corrida a pé⁽⁷⁾. Esta competição, aqui apresentada por Sófocles como a de abertura dos concursos⁽⁸⁾, era tradicional: fazia parte do programa das primeiras provas olímpicas, pelo que permaneceu, até à actualidade, como uma das mais importantes⁽⁹⁾. Neste passo, a competição não é descrita, mas apenas mencionada, dando-se em seguida relevo ao atleta Orestes, porque é ele que se pretende pôr em destaque. A sua entrada no estádio impressionou a multidão (cf. v.685). Realçava-lhe a imagem o brilho do corpo, certamente devido ao óleo derramado, segundo o costume, como medida de higiene, uma vez que os concorrentes participavam na corrida nus. O aspecto brilhante do jovem atleta é-nos sugerido pelo emprego do adjectivo μ ? (v.685). A visão esplendorosa que a assistência tem do herói prenuncia logo a sua vitória: de facto, ele abandona a liça honrosamente coroado com o troféu de Apoio.

Seguem-se outros concursos desportivos, não mencionados de modo individual, mas colectivamente referidos - de novo, pretende destacar-se o atleta e as suas vitórias, e não cada uma das diversas provas que convencionalmente faziam parte do programa dos Jogos.

Os triunfos do jovem príncipe sucediam-se e, no final de cada prova, supervisionada por juizes, a proclamação era sempre a mesma: Orestes, o argivo, filho de Agamémnon, fora o vencedor. A indicação do nome do

106

(6) Note-se que os elementos que apontam no sentido divino estão em perfeita consonância com a profunda marca religiosa comum numa tragédia.

(7) Sófocles não nos indica a distância que os atletas tinham de percorrer, pelo que não sabemos se se tratava da corrida de estádio (200 m), do "diaulos" (400 m) ou do "dolichos" (2400 m).

(8) A corrida de carros de cavalos, a prova para homens mais espectacular do festival, é a que, segundo algumas opiniões, aparece a abrir os Jogos (cf. DREES, L, *Olympia*, London (trad. inglesa), 1968, p.67 e FINLEY, . I. e PLEKET, H. W., *The Olympic games: the first thousand years*, London, 1976, p.27 sqq.).

(9) Lembremos que as competições desportivas dos Jogos Olímpicos serviam de modelo aos restantes festivais pan-helénicos.

atleta que ganhava, da sua origem e do nome do seu pai era habitual, depois de cada competição.

Após tantos triunfos, porém, chega a prova final para o herói: agora, ele não vence, é antes vítima. É que aos desígnios da divindade não pode o homem escapar, como afirma o velho Pedagogo de Orestes, que põe assim em relevo, uma vez mais, a presença do elemento religioso na vida humana. Em seguida, descreve a corrida de carros de cavalos e, em particular, o trágico final do filho de Agamémnon. Aquela prova equestre, convencionalmente disputada num dia diferente do das competições pedestres, era uma prova de cariz aristocrático: para se participar, era preciso ter dinheiro que cobrisse as avultadas despesas inerentes, nomeadamente, à compra de carros e de cavalos. É a única competição efectivamente descrita no passo sofocliano: lembremos que ela constituía um dos momentos fundamentais dos Jogos - pictoricamente muito atraente, era o concurso mais espectacular. E com ela que têm início, na *Ilíada*, XXIII, 262 sqq., os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, um dos testemunhos literários mais antigos que temos de concursos atléticos. Em Sófocles, como em Homero, é-nos apresentado um catálogo dos concorrentes à prova, ainda que os elementos valorizados sejam diferentes. De facto, se o poeta épico refere o nome dos cinco nobres concorrentes e, em geral, o dos seus pais, normalmente também com uma menção mais ou menos longa aos cavalos que cada um conduzia, já o tragediógrafo valoriza a origem dos dez atletas participantes, não nomeados, com excepção, claro, de Orestes, personagem a destacar. Assim, se Homero sublinha o valor dos concorrentes, Sófocles, por seu turno, remete para um dos aspectos que, no seu tempo, traduzia o espírito dos Jogos: o pan-helenismo. De facto, se atentarmos nos diversos locais enumerados (cf. v.701 sqq.) verificaremos que, embora oriundos de várias regiões, todos os atletas eram gregos, uma vez que a participação em qualquer um dos jogos pan-helénicos se destinava apenas aos filhos da Hélade.

A prova é descrita de modo diferente pelos dois autores: uma vez mais, em Sófocles está em causa o atleta e não a competição em si, como em Homero. Com efeito, se para este autor a tónica se encontra no esforço desportivo que o concurso implica (cf. disputa entre os vários atletas e respectivos cavalos), ao tragediógrafo interessa,

sobretudo, a participação do jovem Orestes no concurso e, em particular, o seu acidente fatal. Há, no entanto, alguns elementos comuns a ambos os passos, decerto convencionais na descrição dos jogos, como a tiragem à sorte para a atribuição de lugares aos concorrentes, a presença de alguém a supervisionar a corrida, o incitamento dos cavalos com vozes e chicotes, o levantamento de poeira, após a partida dos carros, a referência ao desejo que cada um tinha de ultrapassar os adversários. A descrição de Sófocles pouco acrescenta a estes elementos: refere que os atletas só partem depois de ouvir o sinal dado pela trombeta de bronze, e que o som dos seus carros enchia o estádio. Destaca, em seguida, o trágico acidente do filho de Agamémnon e a sua morte, concedendo a este acontecimento um número de versos semelhante ao que utilizara para se referir às competições délficas, o que é revelador do seu propósito: tornar convincente a morte falsa de Orestes. Para o efeito pretendido, contribui, sem dúvida, o manifesto conhecimento de aspectos técnicos da corrida de carros de cavalos, presente, nomeadamente, na menção do facto de o jovem príncipe, porque ocupava a vantajosa pista extrema, dever dar sempre rédeas à direita, como fizera até então (cf. v.74l sqq.)⁽⁹⁾. Também a linguagem técnica da prova equestre empregue pelo velho Pedagogo é própria de um conhecedor do concurso, capaz de transmitir o que, supostamente, observara. Assim, encontramos vários termos/ expressões referentes aos cavalos (μ ⁷ , μ /), aos condutores (μ ,), aos carros (,), bem como a outros importantes elementos da competição (, μ ,).

108 relato do Pedagogo de Orestes mostra-nos o que acontecera no início da sétima volta; até aí, todos os carros haviam permanecido intactos. Foi então que os cavalos do auriga da Enia, desobedientes ao freio, foram contra o carro líbio. O choque em cadeia foi inevitável e os destroços encheram a planície de Crisa. O filho de Agamémnon seguia em último lugar, guardando esforços para o final da competição. Ao ver

⁽⁹⁾ Orestes ocupava a pista interior, pelo que tinha a vantagem de ter uma distância menor para correr. Porém, entusiasma-se demasiadamente com a corrida, esquecendo o que deveria fazer até ao final.

que lhe restava apenas passar um concorrente, o de Atenas, incitou os seus fogosos cavalos da Tessália. Cada um dos competidores tentava então ultrapassar o rival. Orestes, que tinha feito todas as outras voltas sem dificuldade, dando rédeas à direita, faz agora o contrário. Dá-se o fatídico acidente. A roda do carro embate contra a baliza, parte-se, Orestes cai, embaraçado nas rédeas, e é arrastado pelo chão até à morte.

Nesta descrição, vivem-se os momentos de perigo (cf. v.741 sqq.), assiste-se à queda terrível do jovem atleta argivo (cf. v.745 sqq.), que suscita o grito de lamento da multidão (cf. v.749-750). A sua desgraça atingira em grandeza os feitos anteriores. Coberto de sangue, sem vida, o herói filho de Agamémnon é depois reduzido a cinzas...

Na última prova em que participa, Orestes é, pois, vítima, no próprio santuário de Apoio, o deus que o aconselhara a vingar o pai através do dolo e em cujo recinto sagrado o jovem encontra a solução!

A descrição do velho Pedagogo é dinâmica, rica em diferentes sensações sugeridas pelo vocabulário: cinéticas (μ , μ , μ / μ ...), auditivas (μ ? , μ ? μ ? , μ ? μ ? μ ? / μ ? μ ? μ ? ...), visuais (μ ? , μ ? μ ? / μ ? ...). A linguagem é também expressiva de várias emoções (μ ? , μ ? , μ ? , μ ?). Através das palavras empregues, o espectador quase consegue, pois, ouvir os ruídos dos carros, ou o alarido da multidão; é ainda capaz de ver os atletas em movimento.

Fora realmente convincente a narrativa do homem que afirmava ter visto com os seus próprios olhos o espectáculo de que dava conta (cf. v.761-763). Clitemnestra fica tranquila, livre de ameaças; Electra, por seu lado, revela-se desesperada, ao ver-se abandonada, só.

No entanto, Orestes continua vivo, e em breve aparecerá à irmã, para sua alegria, disposto a matar Clitemnestra e Egisto.

Nesta peça, apesar do recurso a elementos decerto convencionais na descrição das provas desportivas (cf. supra), Sófocles dá mostras de originalidade ao aproveitar o conhecido e bastante versado mito de Orestes para tratar o tema dos Jogos: entre as criações trágicas conservadas, a Electra é a única em que isso se verifica.

(Página deixada propositadamente em branco)

ACTIVIDADES DE LAZER EM ROMA

Francisco de Oliveira
Universidade de Coimbra

O termo *ludus*, com os verbos correspondentes, significa 'jogo, divertimento, divertir-se à custa de outrem, praticar desporto, lugar do jogo ou do desporto, escola'. O plural *ludi* especializou-se no sentido de 'festivais'.

Ora, como o próprio sentido etimológico parece indicar, um dos motivos, certamente mais prosaico, mas nem por isso menos verdadeiro, para a existência do jogo, é o divertimento, isto é, o prazer que nele se colhe.

E todas as idades procuravam esse prazer. As crianças, como ocupação do seu tempo, divertem-se em jogos variados: com animais (fig. 1: Museu Capitolino), com carros de brincar, à bola, ao boxe, às cavalitas, ao arco (fig.2: Museu do Vaticano).

Os adultos, para preencherem o seu ócio, também se entregam a actividades das quais não tiram qualquer utilidade imediata, mas que nem por isso são menos importantes, quer por ocuparem o tempo de lazer, quer por permitirem o convívio salutar com os parceiros de jogo: banquetes, pesca, mergulho, disco, bola, atletismo, hóquei (fig.3).

As próprias mulheres se exercitavam em jogos de dados, concursos de beleza musculação, (fig.4: mosaico de Piazza Armerina).

No caso dos adultos, o jogo pode constituir um meio de esquecer as fadigas da luta pela sobrevivência, um momento de repouso necessário e recuperador de energias, particularmente no termo de determinadas tarefas cíclicas, como as vindimas. Nesta medida, o jogo, como forma

de ócio, decorre de uma necessidade fisiológica de repouso temporário.

Quanto aos jogos de natureza violenta, como o boxe, o dardo, a equitação, a luta livre, a dança, e especialmente a dança ritual, os jogos de gladiadores, pode ainda pensar-se que cumpririam determinadas funções: servir de preparação militar, dar saída legal às pulsões e instintos de violência e de agressividade, ou fornecer momentos de decompressão.

De resto, a ligação dos jogos às artes e momentos de guerra é bem conhecida das civilizações clássicas: recordemos os jogos em honra de Pátroclo, longamente descritos na *Iliada*; cenas tantas vezes repetidas nos vasos gregos, como a de Aquiles a jogar aos dados com Ajax no intervalo dos combates; a utilização do Campo de Marte em Roma como lugar de treino e desporto⁽²⁾; o conhecido Ludus ou Lusus Troiae, cerimónia romana em que dois esquadrões de jovens da alta sociedade, com idades entre os 12 e os 16 anos, evoluíam a cavalo, chegando a ser enquadrados pelos principes iuuentutis, destinados herdeiros do Império⁽³⁾.

Esta função paramilitar dos jogos constitui já um aproveitamento utilitário do lazer.

Aos pedagogos também não passou despercebida a sua real importância formativa, como vemos em Aristóteles⁽⁴⁾.

Outro aproveitamento decorre da consciência de que o jogo é, normalmente, uma actividade colectiva e social, com a consequente tendência para o Estado ou a colectividade organizarem jogos públicos ou estabelecerem ligação entre os jogos e as actividades políticas.

I 12

(O Recordar, de Virgílio, os trechos de *Geórgicas*, 2.525-529; e de *Eneida*, 6.640-640-647, que nos mostra como, no próprio além, a actividade lúdica está presente; cf. Aristoteles, *Política*, 1337b.

(2) J. Gagé, *La chute des Tarquins et le début de la république romaine*, Paris, Payot, 1976, estabelece mesmo ligação entre a revolução que derrubou os Tarquínios e instaurou a República e as rivalidades entre grupos de jovens aristocratas que se treinavam em espaços diferentes.

(3) J. Balsdon 1969 327-328.

(4) *Política*, 1335b, sobre a formação juvenil.

Este facto está atestado desde cedo na Grécia, onde, bem cedo, ágora e teatro tinham uma ligação estreita⁵⁾.

Em Roma, a ligação entre política e jogos faz parte da lenda das origens, com o célebre Rapto das Sabinas, realizado aquando de festivais em honra de Consus (fig.5: forum de Roma, basílica Aemilia)

Algumas manifestações cívicas e religiosas romanas continham mesmo uma componente lúdica, como no caso das cerimónias dos Lupercos, que corriam à volta do Palatino; da festividade do October equus, a 15 de Outubro, onde os fiéis disputavam a cauda de um cavalo; ou do Regifugium, a 24 de Fevereiro, onde o sacerdote que presidia ao sacrifício, o rex sacrificulus, simulava uma fuga.

Este carácter religioso e cívico ajuda a explicar o facto de, em Roma, e originariamente na Grécia, a assistência aos ludi oficiais ser gratuita, sem prejuízo de se ter de arranjar bilhete para garantir lugar sentado.

Outro aspecto que desde cedo nos aparece, é a ligação dos jogos ao culto dos mortos, a qual já viria da Grécia, quer nos recordemos da célebre máscara mortuária de Agamémnon⁶⁾, quer atentemos nos homéricos jogos fúnebres em honra de Pátroclo, na Iliada, quer nos fixemos na história do herói Adrasto.

Em Roma, acaso por influência dos Etruscos, que enriqueceram os seus túmulos com frescos cheios de referências a actividades de lazer, pelo menos desde o séc II aC os jogos aparecem como componente dos funerais dos aristocratas. Recordemos só dois exemplos marcantes: o dos jogos fúnebres em honra de Paulo Emílio, no ano de 160 aC, onde foram representadas as peças Os Dois Irmãos e a segunda versão de A Sogra de Terêncio; e o dos jogos fúnebres dados por Júlio César em honra de seu pai, com um paralelo na tradição literária romana, os jogos fúnebres em honra de Anquises, no livro V da Eneida de Virgílio.

⁵⁾ Ver F. Kolb, "Theaterpublikum, Volksversammlung und Gesellschaft in der griechischen Welt", Dioniso 59 345-351; e, para a temática da função política do teatro, os meus artigos citados na bibliografia.

⁶⁾ Estou a estabelecer um nexo, talvez ousado, com a utilização de máscara no teatro grego.

Existiam também jogos privados e variados espectáculos de rua, com acrobatas, marionetas, ilusionistas e teatro popular (fig.6: Vaticano, Museu Pio Clementino)(7).

Mas ao nosso ponto de vista interessam sobretudo os festivais oficiais, que se realizavam sob a responsabilidade de um ou mais magistrados, nessa função chamado(s) editor(es): os edis da plebe nos Jogos Plebeii e Ceriales; os edis curuis nos jogos Romani, A^lego/enses e Floralia; o pretor urbano nos Apollinares.

Estes seis grandes festivais republicanos, onde as componentes atléticas se ligam às cénicas, tinham duas características marcantes: a primeira, o facto de serem organizados por magistrados ainda em fase de competição política por magistraturas do *cursum honorum*, o que levará à politização e utilização partidária e pessoal dos festivais; a segunda, a circunstância de se bifurcarem em duas categorias: os festivais incumbidos a magistrados essencialmente aristocratas e os jogos organizados por magistrados plebeus.

Esta dupla via de organização traduz um sábio equilíbrio social e político de poderes, correspondente à existência de um Estado que costumamos chamar patrício-plebeu.

Nos jogos praticavam-se várias modalidades, que, por brevidade, só em parte enunciarei.

As corridas de cavalos realizavam-se no Circo Máximo (fig.7: Museo della Civiltà Romana), que chegou a ultrapassar os 250.000 espectadores(8), congregando, assim, num momento de lazer e coesão cívica, a quase totalidade dos habitantes de Roma. Digo habitantes, não digo cidadãos, para mostrar que, embora excluídos das assembleias políticas onde só eram admitidos cidadãos, os restantes habitantes de Roma podiam estar ao lado daqueles em determinados momentos de importância política, cívica e religiosa.

I 14

As corridas de cavalos remontariam, segundo os Romanos, ao tempo de Rómulo, e a equitação, como forma tradicional de treino militar, era praticada pela juventude romana no Campo de Marte.

(7) Cf. J. Balsdon 1969 287-288.

(8) Sobre a capacidade do Circo Máximo e as corridas, ver J. Balsdon 1969 265 ss_M, 314 ss. e 324; R. Auguet 1970 151 ss.; o circo era um lugar de encontro social, com mistura de homens e mulheres, dando ocasião a encontros de apaixonados.

No início, tratar-se-ia de corridas de cavalos, mais tarde de corridas de carros. A sua importância decresce à medida que surgem as outras formas de espectáculo.

Tal como na Etrúria, as corridas de cavalos teriam uma ligação originária com as divindades infernais ou com cultos predominantemente agrários.

Existiam várias especialidades, onde se destacava a corrida de carros puxados por quatro cavalos, ou quadriga (fig.8: mosaico dos aurigas, Museo Nacional de Arte Romano de Mérida). O sinal de partida (missus) era dado com um pano branco ou mappa. A colocação era feita por tiragem à sorte e havia apostas. A corrida consistia em 7 voltas ao circuito, no total de 8.400 metros, com o seu eixo central ou spina, cujo contorno era manobra muito perigosa (fig.9: Foligno, Pinacoteca Comunale). O cocheiros dos carros que se voltavam perigosamente (nafragium) eram reanimados com uma poção de excrementos de javali, que funcionava como poderoso analgésico⁽⁹⁾.

A corrida era disputada normalmente por quatro escuderias, cada uma representada por sua cor, pela qual os Romanos se deixavam obcecar: branca ou albata e vermelha ou russata, as mais antigas; verde ou prasina e azul ou veneta, as mais recentes, que haveriam de absorver as duas primeiras.

As sedes destas escuderias eram autênticos clubes, como a Maison des Chevaux em Cartago, e as corridas propriamente ditas eram um evento social⁽¹⁰⁾.

Nos primeiros anos do Império os azuis estão mais ligados à aristocracia: são seus adeptos Vitélio e Caracala; os verdes ao povo: a estes aderem os imperadores Calígula e Nero, que podemos enquadrar na chamada tirania demagógica.

. . .

Os combates de gladiadores ou munera (fig. 10: Museu de Paestum) são jogos de origem provavelmente etrusca que chegaram a Roma em

(9) Cf. Plin.Nat.28.237-238.

(10) J. Balsdon 1969 esp. 321.

264 aC, directamente ou através da Campânia, como rito funerário da aristocracia, sendo mais tarde introduzidos nos jogos oficiais, assumindo um papel central na vida públicaC ').

Fazer lutar prisioneiros em frente da sepultura seria o sucedâneo de um rito primitivo, em que esses mesmos prisioneiros eram imolados sobre o túmulo de grandes guerreiros, na crença de que o sangue derramado sobre o morto constituía uma espécie de garantia de continuidade de vida.

Os gladiadores eram especializados, e o grande interesse do jogo era ver como se enfrentavam duas armas ou duas tácticas diferentes de combate¹²⁾, segundo normas rígidas: um *retarius* contra um *secutor* ou *myrmillo* (fig. I I: mosaico do Museu de Augst); um *Samnita* contra um *Trácio*¹³⁾.

O gladiador aprendia a matar (fig. 12: Museu Arqueológico de Dorres) como aprendia a morrer (fig. 13: Gaulês moribundo, do Museu Capitolino). Aos olhos do público, um gladiador derrotado que tivesse combatido corajosamente tinha mais oportunidades de ser *missus* 'poupado' que um hesitante e cobarde.

. . .

As *uenationes* ou caçadas revelam um interesse dos Romanos pelos animais também atestado na lenda das origens e na prática da caça enquanto actividade de lazer (fig. 14: camafeu). Têm a ver, ainda, com um traço distintivo, pouco conhecido do mundo grego, que é considerar os animais como um duplicado do comportamento humano.

(*) J. Balsdon 1969 248-249; J. C. Edmondson 1996 69-1 12.

(12) *Samnita* ou *secutor* fortemente armado, contra um *Trácio* armado à ligeira; *retarius* vs. *secutor*. Vêm a surgir outras numerosas especialidades, até par evitar a monotonia ou redobrar o interesse: *essedarii*, que combatem num carro; *equites*, a cavalo e com lança; *dimacharii*, sem escudo, mas uma espada em cada mão; *laqueatores* armados de uma espécie de laço; *andabates*, de olhos vendados; *paegniarii*, para os intermédios paródicos; combates *sine missione*, onde não há *stantes missi*, pois o combate é até à morte; *noxii ad gladium ludi damnati*, verdadeiras execuções em massa: o último sobrevivente ou era degolado ou guardado para um outro espectáculo.

(13) R. Auguet 1970 86.

Aparecidas tardiamente, as uenationes eram uma forma espectacular de executar condenados, por exemplo cristãos, como no caso de Daniel atirado aos leões (fig. 15: relicário do séc. IV, Lião).

Mas, no circo, para além da espectacularidade e do estrondoso número de animais (fig. 16: Museu de El Jem), havia um especial condimento para o gosto romano, o exótico, com elefantes, avestruzes (fig. 17: mosaico de Piazza Armerina), aves raras, ursos, leões e leopardos, caçados vivos e transportados das mais longínquas terras do Império e até da Índia (elefantes) e do Cáucaso (tigres), num comércio tão intenso que levou à extinção de espécies (fig. 18: mosaico de Piazza Armerina)⁽¹⁴⁾.

O valor cultural das uenationes é especialmente evidente se recordarmos que elas estão especialmente ligadas aos jogos triunfais, onde representavam, para a grande massa dos espectadores, a ilustração do conhecimento geográfico do Império.

. . .

As naumaquias, nascidas no tempo de César (46 aC), eram batalhas navais, por vezes sob a forma de reconstituição histórica⁽¹⁵⁾, que levavam à morte verdadeiros exércitos de gladiadores e prisioneiros. Não terão sobrevivido, todavia, para além do séc. I dC.

Para as realizar, Augusto construiu um lago artificial de 536 por 357m, na base do Janículo; Cláudio recorreu ao Lago Fucino; Nero edificou o seu anfiteatro de modo a receber naumaquias, graças à possibilidade de enchimento da arena, processo que foi seguido em numerosos anfiteatros espalhados por todo o Império, como é o caso de Mérida⁽⁶⁾.

⁽¹⁴⁾ A estatística do número de animais mortos é aterradora: cf. J. Balsdon 1969 307-308. Na província, era regra contentarem-se com as feras locais; não assim em Roma, onde o Imperador é obrigado a criar verdadeiros parques de animais, os uivaria, além de reservar para si o monopólio do comércio de leões e elefantes.

⁽¹⁵⁾ J. Balsdon 1969 329 cita, em 46 aC, Tírios contra Egípcios; em 2 aC, Atenenses contra Persas; em 80 dC, Cócira contra Corinto; Atenas contra Siracusa.

⁽¹⁶⁾J. Balsdon 1969 328-329.

Em Roma, o teatro assume várias formas: teatro pré-literário e popular, como a atelana e o mimo; e teatro literário, isto é, com texto escrito, como o pantomimo, a fabulo togata a fabula palliata, nas suas variantes de comédia e de tragédia (fig. 19: Museu Capitolino).

No geral, os *ludi scaenici* ou jogos teatrais foram admitidos como uma parte dos outros festivais¹⁷).

De início, o teatro seria representado em lugares temporários e em praças públicas, havendo notícia de representações nos bairros ou uici de Roma até meados do séc. I aC. O primeiro edifício permanente, em pedra dura, foi o Teatro de Pompeu, datado de 55 aC., seguido pelo de Marcelo (fig.20: reconstituição do Museo della Civiltà Romana).

A disposição dos espectadores, na sequência da *lex Roscia theatralis* de 67 aC, depois completada com a *lex Papia Poppaea* de 9 dC, era ai selectiva: senadores na Orquestra; equites nas 14 primeiras filas; mulheres e desqualificados na *summa caeua*, por vezes em forma de pórtico.

Esta disposição selectiva era um sinal evidente de politização, na medida em que distinguia ou segregava os estratos populacionais de acordo com a hierarquia social. Ao fazê-lo, permitia que qualquer manifestação de um desses grupos pudesse ser claramente identificável, dando voz a estratos sociais que não podiam pronunciar-se colectivamente noutras circunstâncias¹⁸).

. . .

Estou, com isto, de certo modo a contradizer opiniões como a de P. Veyne ou de Auguet, que acusam os jogos, na época imperial, de contribuírem para a despolitização das massas¹⁹).

I 18

(17) J. Balsdon 1969 248: "So on fifty-six of the seventy-seven days of regular public games at the time of Augustus, on 101 out of 177 days in the mid-third century A.D., any Roman who could secure a seat sought his entertainment in the theatre".

(18) C. Nicolet 1976 460 enumera as ocasiões em que se podia manifestar uma opinião pública fora das assembleias institucionais: "...les funérailles, les triomphes, les représentations théâtrales ou les combats de gladiateurs ..." (cf. p.480). D. Potter 1996 apresenta uma bela exposição sobre a importância, formas e fórmulas de manifestação política no teatro.

(19) O próprio título da conhecida obra de P. Veyne, 'pão e o circo', sugere uma visão negativa da iniciativa política popular; por sua vez, escreve R. Auguet 1970 178: "Plus que d'une politisation du cirque, les faits mentionnés témoignent d'une dépolitisation des masses

Várias das razões apontadas, desde a ligação entre a vertente religiosa e a vertente cívica dos jogos enquanto promotores de coesão social²⁰); à circunstância de serem organizados e parcialmente pagos por magistrados ávidos de ascensão política⁽²¹⁾; ao facto de se dar neles a proximidade entre os líderes políticos e a população (fig.21 : obelisco de Karnak, Constantinopla), e à disposição selectiva dos espectadores, justificam o que Balsdon escreve: "...não havia lugar mais apropriado para manifestações eficazes do que os jogos públicos e os espectáculos"⁽²²⁾.

Na Grécia, essa politização tem logo a ver com a diferença de festivais: carácter pan-helénico nas Grandes Dionísias; reserva para a política doméstica nas Leneias⁽²³⁾.

Em Roma, no período republicano, a questão tem sido relacionada fortemente com o facto de o editor concorrer às eleições seguintes, no esquema do *cursus honorum*; para o período imperial, fala-se em histrionismo do poder, sendo Nero o exemplo mais citado⁽²⁴⁾.

De facto, por um lado, o espectáculo dava ao povo ocasião de manifestar os seus sentimentos, favoráveis ou hostis, para com altas personalidades — senadores, editor; por outro, constituía um meio de atrair popularidade e de ganhar votos ou simpatia⁽²⁵⁾.

De entre as manifestações violentas, com desacatos da ordem pública, recordemos a refrega entre Pompeianos e habitantes de Nucéria, no ano de 59 dC (fig.22: fresco do Museu Arqueológico de Nápoles), e a do ano 190 d.C., quando, após a sétima volta, um grupo de crianças guiadas por uma rapariga se lançou na pista para protestar

— nourrie par l'État et protégée aux frontières para des généraux dont elles ont pris l'habitude de s'entendre annoncer les victoires lointaines. Les courses, comme d'ailleurs tous les jeux, ont pour effet sinon pour but, d'entretenir l'apolitisme et l'indifférence. Indifférence réelle ou nourrie par la peur: le cirque offrait dans le grand monde un sujet de conversation très apprécié parce qu'il n'était pas compromettant".

(20) J. C. Edmondson 1996 e. g. 83.

(21) C. Nicolet 1980 482.

(22) J. Balsdon 1969 265; D. Potter 1996 129-159.

(23) Ver F. Oliveira — M. F. Silva, *O teatro de Aristófanes*, Coimbra, 1991 12 ss.

(24) Para C. Nicolet (1976) 459, a partir do séc. II emergem formas paralelas de vida colectiva, e o Circo e o Anfiteatro substituem o Forum e a Cúria; cf. J. Edmondson 1996 72: "After the decline of republican political institutions, they represented almost the only remaining opportunity for the political debate between plebs and princeps".

(25) Cf J. Balsdon 1969 249; R. Auguet 1970 43 ss.

contra o Prefeito do Pretório, tomado como responsável pela carestia do abastecimento alimentar. Engrossada por uma parte dos espectadores, a manifestação dirigiu-se ao Palácio Imperial e enfrentou a guarda com sucesso, levando Cómodo a ordenar a execução do Prefeito⁽²⁶⁾.

Uma outra vertente da politização dos jogos é a da política externa. De facto, no caso do teatro literário, os seus começos estão ligados a um acto de diplomacia, se é certo ter sido a vinda de Hierão de Siracusa, aliado preferencial e convidado de honra dos Romanos nas celebrações da vitória na I Guerra Púnica, o que levou à decisão de incluir no programa a primeira representação de uma peça de teatro literário.

Com os seus grandes edifícios públicos, que se repercutiam inclusive no urbanismo de Roma e das cidades de província (fig.23: Arles; e fig.24: El Jem), a cultura do lazer tornou-se um sinal claro de superioridade civilizacional: "L'architecture constituait chez les Romains un extraordinaire moyen d'action psychologique"⁽²⁷⁾.

. . .

Em conclusão: os jogos eram um dos principais veículos da superioridade da civilização romana, uma civilização que, sem a tradição sabática judaico-cristã e semítica, enfrentava o lazer com pragmatismo, integrando-o de forma dinâmica no seu viver cívico e religioso e no quotidiano.

(26) J. Balsdon 1969 266.

P7) P.-M. Duval, apud Auguet 1970 260.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- R. AUGUET (1970). *Cruauté et civilisation: les jeux romains*, Paris, Flammarion.
- J. P. V. D. BALSDON (1969). *Life and Leisure in Ancient Rome*, Toronto, The Bodley Head.
- T. D. BARNES (1996). "Christians and the Theater", in: *Roman Theater and Society*, ed. W. J. SLATER, The University of Michigan Press, p. 161 -180.
- S. BARTHÉLEMY — D. GOUREVITCH (1975). *Les loisirs des Romains*, Paris, SEDES.
- S. BARTSCH (1994). *Actors in the audience. Theatricality and doublespeak from Nero to Hadrian*, Harvard Univ. Press.
- R. C. BEACHAM, (1999). *Spectacle Entertainments of Early Impérial Rome*, New Haven.
- J. C. EDMONDSON (1996). "Dynamic Arenas: Gladiatorial Présentation in the City of Rome and the Construction of Roman Society", in: *Roman Theater and Society*, ed. W. J. SLATER, The University of Michigan Press, p.69-1 12.
- C. EDWARDS (1993). *The Politics of Immorality in Ancient Rome*, Cambridge U. P., cap.3.
- J. ELSMER — J. MASTERS (1994). *Réfections of Nero. Culture, History and Représentation*, London, Duckworth.
- G. C. FAGAN (1999). *Bathing in public in the Roman World*, Ann Arbor.
- E. R. GEBHARD (1996). "The Theater and the City", in: *Roman Theater and Society*, ed. W. J. SLATER, The University of Michigan Press, p. 113-127.
- J.-C. GOLVIN — C. LANDES (1990). *Amphithéâtres et Gladiateurs* (1990). Paris, Presses du CNRS.
- E. S. GRUEN (1993). *Culture and National Identity in Republican Rome*, London, Duckworth, cap.5.
- J. GUILLÉN (1980). *Vrbs Roma. Vida y Costumbres de los Romanos. II. La Vida Publica*, Salamanca, Ed. Sigueme.
- H. A. HARRIS (1972). *Sport in Greece and Rome*, London, Thames and Hudson.
- H. W. JOHNSTON (1973). *The Private Life of the Romans*, New York, Cooper S. Publishers.
- D. MANCIONI (1987). *Giochi e Spettacoli*, Roma.
- C. NICOLET (1976). *Le métier de citoyen dans la Rome Républicaine*, Paris, Gallimard.
- F. OLIVEIRA (1993). "Teatro e poder em Roma", in: *As Linguas Clássicas. Investigação e Ensino*, Coimbra, Faculdade de Letras, p. 121-142.
- F. OLIVEIRA (1993). "Teatro e poder na Grécia", *Humanitas* 45 69-93.
- F. OLIVEIRA (1993). "Aculturação do teatro em Roma", *Mdthes/s* 2 69-90.
- H. ROCHA PEREIRA (2986). *Romana. Antologia da cultura latina*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.

- A. PIGANIOL (1923). *Recherches sur les jeux romains*, Strasbourg, Faculté des Lettres.
- D. POTTER (1996). "Performance, Power, and Justice in the High Empire", in: *Roman Theater and Society*, ed. W. J. SLATER, The University of Michigan Press, p. 129-159.
- R. TEJA (1996). *Espectáculos y deportes en la Roma Antigua*, Madrid.
- P. VEYNE (1976). *Le pain et le cirque. Sociologie historique d'un pluralisme politique*, Paris, du Seuil.
- P. WERNER (1997). *Das Leben in Rom in alter Zeit*, München, F. A. Herbig Verlagsbuchhandlung.
- S. SETTIS (1993). *Civiltà dei Romani. Un linguaggio comune*, Milano, Electa.

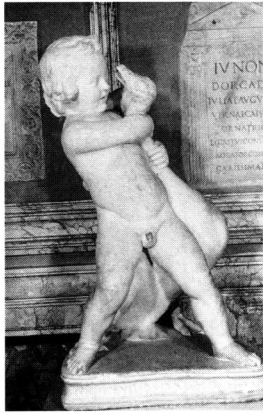


Figura 1



Figura 2

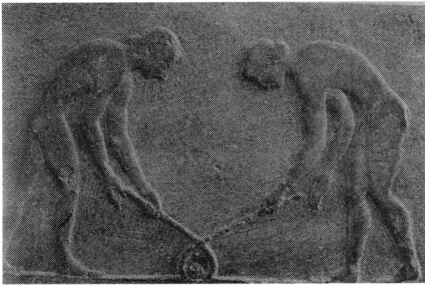


Figura 3

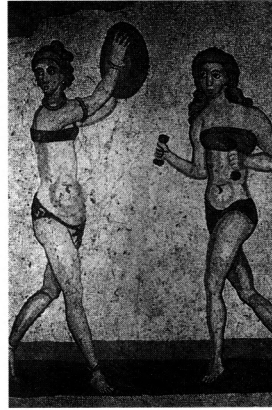


Figura 4



Figura 5

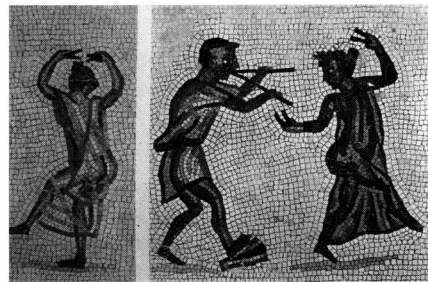


Figura 6



Figura 7



Figura 8

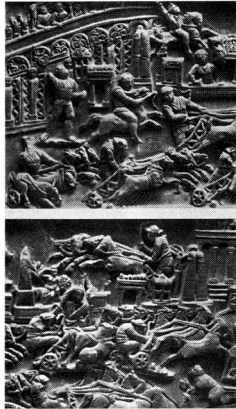


Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12

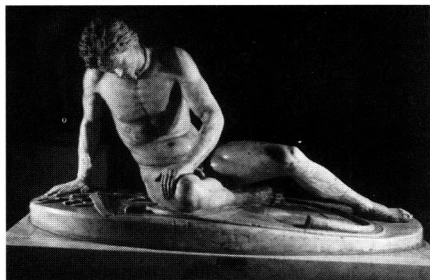


Figura 13



Figura 14

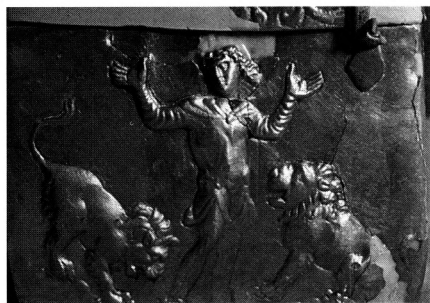


Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19

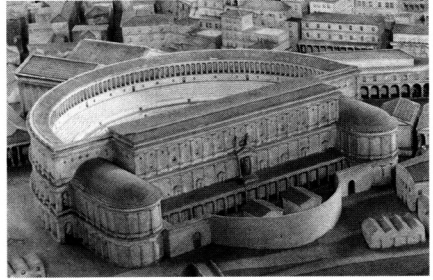


Figura 20

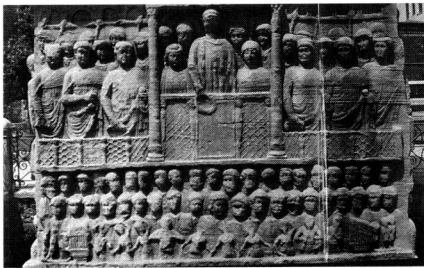


Figura 21

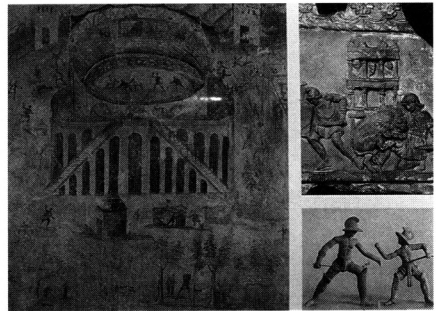


Figura 22

126

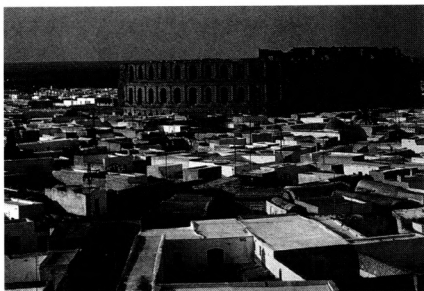


Figura 23



Figura 24

O ESPÍRITO AGÓNICO NO ALTO IMPÉRIO

Maria Cristina Pimentel
Universidade de Lisboa

A acreditar no testemunho dos historiadores, os jogos remontam, em Roma, aos tempos de Rómulo. Com carácter religioso, consistiam basicamente em corridas de carros e tinham lugar no Campo de Marte. Bastará lembrar que foi durante as festas em honra do deus Conso, divindade agrária, que Rómulo e os seus prepararam e executaram o rapto das Sabinas. Terá sido Tarquinio Prisco quem deu uma organização regular aos jogos, estabelecendo que fossem anuais. O mesmo rei mandou ainda vir da Etrúria cavalos especialmente destinados às corridas e, juntando aos primitivos jogos hípicas as primeiras provas de carácter gímnico, fez vir pugiles, também da Etrúria, e instituiu o pugilato, criando a base dos *ludi Romani* ou *magni*, celebrados solenemente a partir de então.

Num terceiro momento, chegam a Roma os jogos cénicos, também eles vindos da Etrúria. Esses *ludi scaenici*, realizados pela primeira vez em 364 a.C. para apaziguar a cólera dos deuses e pôr fim a uma peste devastadora, compreenderam de início apenas danças ou pantomimas, com acompanhamento de flauta. Depois, acrescentaram-se versos e, com Livio Andronico, nos *Ludi Romani* de 240 a.C., assumiram forma de certame literário. Tais representações dramáticas conquistaram enorme favor e passaram a integrar a maior parte dos jogos realizados em Roma.

Vemos assim presentes, nos jogos romanos, e embora recebidas da Etrúria, as três componentes dos jogos gregos, a que se acrescentaram outras provas e espectáculos específicos, como os combates de gladia-

dores, as uenationes ou as naumaquias. No capítulo das representações dramáticas, à comédia e à tragédia vieram juntar-se mimos e pantomimas, que tanto aplauso haveriam de colher entre os Romanos.

As provas atléticas, todavia, desde sempre suscitaram uma atitude de desconfiança por parte daqueles Romanos que se distinguiam pela grauitas, desagrado que se traduziu no facto de só muito tarde terem sido incluídas em ludi oferecidos à população^(*). Se há notícia de que esse desfavor se foi progressivamente esbatendo entre as classes mais humildes, aquelas que aderiam a todos os espectáculos, sobretudo os menos elaborados intelectualmente, a verdade é que nunca, nem mesmo quando, no séc. I, tais competições eram já prática admitida e frequente, elas deixaram de provocar o desprezo e a crítica da maioria dos senadores e cavaleiros. E essa é a primeira circunstância em que os agones divergem dos jogos gregos e do espírito que os enformava: a perspectiva pela qual eram vistos e avaliados por aqueles cuja opinião tinha peso e influência.

Lembremos o que escreveram três autores, justamente de uma época (séc. I - II d. C.) em que os certamina graeca estavam já aclimatados' em Roma e eram exigidos pelo povo: Séneca, Marcial e Tácito.

128 O filósofo, que até por razões de saúde não era muito dado a exercícios físicos, revela-se claramente contra o culto do corpo, que prejudica a cultura do espírito, e lança as mais negras suspeições sobre os nefastos efeitos morais da actividade nos ginásios e nos estádios. Por isso, tal como se manifestou contra a crueldade dos jogos na arena do anfiteatro na célebre Epístola 7, também a sua voz se ergue para criticar os que admiram os músculos de uns brutamontes que se treinam para se exibirem, e a essa exibição e a esse treino confinam a vida. Registe-se que tal opinião é sobremaneira significativa se tivermos em conta que, como veremos, é na época de Nero, e por impulso do próprio imperador, que se consagram os jogos atléticos inteiramente segundo a forma grega. Para avaliarmos a perspectiva de Séneca, bastará 1er dois passos

(*) Recorde-se o escândalo provocado pela atitude de Cipião Africano, na Sicília, em 204 a. C., onde, além de se vestir e calçar 'à grega', participava nos exercícios do ginásio (Tito Livio XXIX 19, 12).

significativos das Epistolae ad Lucilium. Na carta 15 (§§ 2-3), o filósofo diz ao amigo:

Cultiva, (...) em primeiro lugar a saúde da alma, e só em segundo lugar a do corpo; esta última, aliás, não te dará grande trabalho se o teu objectivo apenas for gozar de boa saúde. A ginástica destinada a desenvolver a musculatura dos braços, do pescoço, do tórax, é uma insensatez totalmente imprópria dum homem de cultura (...). Pensa também que quanto mais volumoso for o corpo mais enturada e menos ágil se torna a alma! Vários inconvenientes se oferecem a quem se preocupa em excesso com o físico: por um lado o esforço exigido pelos próprios exercícios tira-nos o fôlego e deixa-nos incapazes de atenção e de aplicação a um trabalho intelectual intenso; por outro, o excesso de alimentos limita-nos a inteligência. Como mestres de cultura física recrutam-se escravos da pior extracção, homens que dividem o tempo entre o óleo e o vinho - e que consideram bem sucedido o seu dia se transpiraram muito e se em compensação do suor derramado ingeriram bebidas em quantidade equivalente, e tanto mais eficazes se consumidas em jejum!(²)

Na Epístola 80 (§2), é ainda mais duro quando escreve:

(...) creio que falei demais quando me gabei de poder gozar de uma tarde de silêncio e um retiro livre de interrupções: agora mesmo me chega aos ouvidos um enorme clamor vindo do estádio, o qual, se me não corta o pensamento, pelo menos o desvia para a consideração do fenómeno desportivo. Ponho-me a pensar na quantidade dos que exercitam o físico, e na escassez dos que ginasticam a inteligência; na afluência que têm os gratuitos espectáculos desportivos, e na ausência de público durante as manifestações culturais; enfim, na debilidade mental desses atletas de quem admiramos as espáduas musculadas.

Também Marcial, embora fosse um dos poetas que apoiavam sem reservas a política do princeps no poder, Domiciano, o fundador do agon Capitolinus totalmente concebido segundo o paradigma olímpico, não conseguiu esconder o seu desacordo, para não dizer desprezo, relativamente aos que se entregavam ao exercício físico ou se treinavam em provas atléticas. Sirva de exemplo o epigrama VII 32, em que louva um seu amigo, Ático(³), justamente porque cultiva o espírito e não o corpo,

129

(²) A tradução dos passos das epístolas é de José António Segurado e Campos (Lúcio Aneu Séneca, Cartas a Lucílio. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991).

(³) Com base no I ° dístico deste epigrama (Attice, facundae renouas qui nomina gentis / nec sinis ingentem conticuisse domum), há quem julgue tratar-se este Atico de descendente de Tito Pomponio Atico.

porque, em sua casa, há lugar para a filosofia mas não para o massagista e o mestre de pugilato. Para estes, reserva o epigramatista traços que quase parecem caricaturais, mas são bem reveladores do desprezo que lhes vota: se a este aponta a *fracta auris* (cf. v.5), àquele, o *sordidus unctor*, censura-o porque *rapit immeritas ... opes* (v.6). Não estamos afinal muito longe da crítica bem-humorada, mas nem por isso menos certa, de Lucillio, o epigramatista de língua grega da época de Nero e modelo de Marcial, que, em epigramas como XI 77 e 79 da Antologia Palatina, nos fala respectivamente de um Estratofonte que, depois de quatro horas de pugilato, nem se reconhecia a si mesmo no espelho, e de um Cleômbroto⁽⁴⁾, vencedor do pugilato nos jogos olímpicos, mas que, em casa, apanhava tarefa da mulher.

Paradigmática é, todavia, a reflexão de Tácito em *Annales* XIV 20. Nesse passo, o historiador enumera os argumentos de todos aqueles que reagiram negativamente à criação de jogos gregos por Nero, em 60: nessa exibição gratuita de exercícios físicos, sem qualquer objectivo a não ser o culto do corpo e o deleite da assistência, nos corpos nus que se exibiam, os Romanos de mais puros e exigentes costumes viam um caminho fácil para a degradação moral, um incentivo à ociosidade e, consequentemente, uma porta aberta à decadência. Tácito lembra que tal perspectiva era aproximadamente a mesma que impediu durante mais de dois séculos a construção de um teatro totalmente em pedra, que só Pompeio conseguiu pôr de pé, e ainda assim cautelosamente integrado num complexo arquitectónico de cariz religioso⁽⁵⁾. Também nesse caso as vozes discordantes denunciavam o perigo da inacção, proporcionada e incentivada pela possibilidade de se ficar sentado, durante todo o dia, a assistir a peças teatrais. Não deverá também esquecer-se que os Romanos apontavam como uma das causas para a decadência dos Gregos e para a sua submissão ao jugo de Roma justamente a degradação dos costumes, patenteada nos recintos dos jogos por intervenientes e assistentes, aqueles exibindo-se e exercitando-se sem ter em vista a guerra, a defesa e a autonomia da pátria, estes assistindo inactivos, cada vez mais * 10

(4) Não passe despercebida a ironia da etimologia do nome.

(5) Sobre a 'associação' do teatro ao templo a *Venus Victrix*, v. Tertuliano, *De spectaculis* 10, 3-6.

indolentes e corrompidos. Recorde-se ainda que já Cícero considerava que a origem e a frequência das relações homossexuais entre os Gregos se devia à permissividade que reinava nos ginásios⁽⁶⁾.

A verdade é que, e retomamos o passo de Tácito, os partidários da aceitação dos certamina graeca em Roma, em particular dos Neronia, argumentavam que, encarregando-se o Estado da realização e financiamento desses jogos, se impediria que o povo pedisse e conseguisse os agones de particulares com mais ou menos escrúpulos, que os dariam com intenções sem dúvida fruto da ambição política. Porque o povo já então os exigia, completamente conquistado, afinal, pelos músculos dos atletas profissionais. A perspectiva de Tácito, porém, fica explícita quando, a abrir o § 21, em que apresenta as razões dos que defendiam os agones gregos, embora reconheça que eles eram mais numerosos que os seus detractores, diz: *Pluribus ipsa licentia placebat, ac tamen honesta nomina praetendebant*.

Importa, assim, acompanhar o longo percurso que vai desde a primeira realização dos agones gregos, no séc. II a.C., até à sua plena implantação, no séc. I d.C., com o estatuto de espectáculo reclamado pelo povo, bem como ver quem foram os políticos e príncipes responsáveis pelo desenvolvimento desses certames, e avaliar as razões e objectivos que os terão movido.

Durante a República, os ou certamina graeca realizaram-se poucas vezes, sempre em ocasiões especiais e apenas nos dois últimos séculos. O primeiro que ofereceu ao povo esse tipo de jogos, para os quais chamou muitos atletas gregos, foi Marco Fúlvio Nobilior, em 186 a.C., justamente no ano em que foram introduzidas em Roma, pelo mesmo Nobilior, as *uenationes*⁽⁷⁾. Seguiu-se-lhe Sula, em 80 a.C., por ocasião da celebração do triunfo sobre Mitridates. Os atletas que fez vir para os inúmeros torneios, em Roma, foram tantos que, nesse ano, em que devia celebrar-se a 175ª Olimpíada, houve necessidade de a suspender, pois não havia participantes em número suficiente, excepto para a prova da corrida de um estádio⁽⁸⁾. Em seguida, coube ao edil Marco

(6) Cf Tuse IV 70. V.tb. Plutarco, Quaest. Rom. 40.

(7) Tito Livio XXXIX 22, 2. Nobilior celebrava o seu triunfo sobre os Etólios.

(8) Apiano, Bellum civile I 99, 463-464.

Emílio Escauro, em 58 a.C., realizar como também fizeram Pompeio, por ocasião da inauguração do teatro com o seu nome, em 55 a.C.⁽¹⁰⁾, Gaio Escríbónio Curião, nas exéquias de seu pai, em 53 a.C.^(M), e, por fim, em 46 a.C., Júlio César⁽¹²⁾. Nestes últimos jogos, as provas atléticas prolongaram-se por três dias consecutivos, num estádio em madeira construído para o efeito no Campo de Marte, e que se desmontou, terminadas as festas.

Com a instauração do principado, os jogos, na sua generalidade, tornaram-se cada vez mais numerosos. Augusto não deixou de aproveitar esta forma de consolidar o seu poder junto do povo, tanto mais que ele próprio era apreciador de espectáculos e fazia questão, em gesto que lhe garantia a popularidade e lhe satisfazia os gostos pessoais, de assistir aos jogos acompanhado da mulher e da descendência⁽¹³⁾.

No capítulo específico dos chamados certamina graeca, o próprio Augusto regista nas *Res gestae*⁽¹⁴⁾: *Bis athletarum undique accitorum spectaculum populo praebui meo nomine et tertium nepotis mei nomine. Suetonio acrescenta que athletis et conseruauit priuilegia et*⁽¹⁵⁾, medidas acompanhadas da exigência de uma severa disciplina nas certationes dos ginásios e da exclusão rigorosa das mulheres da assistência aos espectáculos com atletas⁽¹⁶⁾. O mesmo historiador informa-nos ainda sobre um gosto particular de Augusto pelo pugilato, que o levava a apreciar tal luta não só entre profissionais mas até entre os que brigavam, *temere ac sine arte, em qualquer canto ou rua*⁽¹⁷⁾.

No entanto, em medida táctica e cuidadosamente calculada, evitou a realização regular de certamina graeca na capital. Em vez disso, aproveitou os jogos em honra de Apoio que já se realizavam, de dois em dois anos, em *Accio* e, em celebração da sua vitória sobre Marco António e Cleópatra, renovou-os com o maior esplendor. Esses ' passaram

(9) Valério Máximo II 4, 6.

O*) Plut., Pomp. 52, 5; Dion 39, 38, I.

(*) Plínio-o-Velho, NH 36, 120.

(12) Suet., Caes. 39, 3.

(13) Suet., Aug. 45, I.

(14) § 22, I. Cf. Suet., Aug. 43, 2; 45, 4.

O5) Aug. 45, 6.

(16) Aug. 44, 5.

(17) Suet., Aug. 45, 5.

a celebrar-se em Nicópolis, a cidade que Augusto fundou perto de Áccio para recordar o seu triunfo. Tinham lugar de quatro em quatro anos, talvez em 2 de Setembro, a data da batalha, e, no mundo grego, passaram a contar-se como os quintos jogos, logo após os Olímpicos, os Píticos, os Nemeus e os Istmicos. Foram os primeiros jogos gregos, instituídos pela autoridade romana, a ter realização periódica estabelecida. Compreendiam corridas de cavalos e provas musicais e gímnicas⁽⁸⁾. Nestas, segundo o uso grego, os atletas dividiam-se em categorias, consoante a idade (, , ?). Festas semelhantes foram decretadas pelo Senado, em Roma, mas com carácter excepcional, em honra do princeps e da sua vitória⁽⁹⁾. Parece ter sido durante a celebração destes Actia de Roma, em 29 a.C., que, pela primeira vez, membros da nobilitas conduziram carros nas corridas do Circo. Os Actia de Nicópolis realizaram-se até ao fim do paganismo e Juliano restabeleceu-os durante o seu breve império.

Num segundo momento, em 2 d.C., Augusto instituiu os Augustali em Nápoles, cidade onde, pela origem da maioria da população, os jogos gregos também seriam mais bem recebidos do que em Roma. Celebravam o princeps, num quinquennale certamen gymnicum em que, além das provas usuais, havia um concurso de poesia grega. Designados como ' μ , mantiveram-se mesmo depois da morte de Augusto^(2°). Sabemos por Suetónio^{20 21)} que Cláudio fez representar, em sessão destes jogos realizada durante o seu principado, uma comédia grega de seu irmão Germânico, que obteve o prémio. Será ainda curioso lembrar, como testemunho do apreço que Augusto tinha pelos certamina graeca, que, velho, doente e poucos dias antes de morrer, o princeps se deslocou à Campania e, em Nápoles, assistiu do princípio ao fim aos Sebastá⁽²²⁾.

Depois de Augusto, porque os jogos atléticos se haviam tornado mais populares e solicitados, outros imperadores os proporcionaram,

133

(⁸) Suet., Aug. 18, 3; Dión 51. 1.2.

(⁹) Dión 53. 1.5.

(²⁰) Estrabão V 4, 7.

(²¹) Claud. 11,5.

(²²) Suet., Aug. 98, 9: Veleio Patérculo II 123, I. Augusto morreu em Nola, poucos dias depois (19 de Agosto de 14).

nomeadamente Calígula, em 38-39, que os deu, em vários lugares do império, celebrando o dies natalis de sua irmã muito amada e recém-desaparecida, Drusila⁽²³⁾. Também Cláudio, em 44, para festejar o triunfo britânico, fez exhibir no Circo, alternadamente, lutas de atletas, corridas de cavalos e uenationesi⁽²⁴⁾.

Foi, porém, Nero quem primeiro instituiu, na capital, uns jogos inteiramente segundo os moldes gregos e pagos pelo fisco: os Neronia, celebrados pela primeira vez no ano 60. Tal certame, porém, mais não é do que uma etapa na progressiva e bem esquematizada conquista da intenção de Nero se apresentar aos Romanos, seus súbditos, como artista, mais do que como governante⁽²⁵⁾. Recordemos, pois, os diferentes passos que prepararam esse momento culminante do seu principado.

Desde muito cedo, Nero manifestou vontade de se exhibir como artista, que queria ser sem entraves nem censuras⁽²⁶⁾. A princípio, Séneca e Afrânio Burro, seus preceptores e, depois, seus conselheiros, pensaram ser possível travar-lhe os ímpetos, deixando que se exhibisse em privado. Para isso, preparou-se um recinto onde Nero pudesse, longe do olhar público, entregar-se ao prazer das corridas⁽²⁷⁾. Em breve, porém, foram surgindo convidados, povo, e este de imediato se identificou com um princeps que tinha os mesmos gostos que o comum dos mortais e com eles vibrava. Como nota Tácito (Ann. XIV 14, 3), tal sucesso fez com que essas exhibições semi-privadas, em vez de provocarem satietatem, servissem afinal a Nero de incitamentum. Bem depressa o princeps fez com que membros das classes mais dignas descessem à arena, corressem no circo, subissem à cena. As interpretações antigas não variam muito sobre a intenção que o moveu: arrastar

⁽²³⁾ Dion 59. 13. 8.

⁽²⁴⁾ Dion 60. 23. 5.

⁽²⁵⁾ Cf. G. Charles-Picard, *Auguste et Néron. Le secret de l' Empire*. Paris, Hachette, 1962, p. 1 38: "Néron est (...) le seul monarque qui se soit considéré exclusivement comme un artiste; (...) Mais Néron voulait être un artiste professionnel, et ce métier passait pour lui avant même celui d'empereur."

⁽²⁶⁾ Era ainda uma criança quando, constantissime fauorabiliterque, participou no ludus Troiae, durante um espectáculo circense (Suet., Nero 7, 1).

⁽²⁷⁾ Tratou-se do estádio aberto por Calígula, no Vaticano, que se preparou para o efeito.

outros consigo, no opróbrio, mascarando assim a sua própria infâmia. Mas as razões podem ter sido múltiplas: constrangimento para uns, adulação para outros, mas talvez também, para muitos, sincero empenho e adesão a um programa ideológico e artístico, o do princeps²⁸⁾.

Em 59, como diz Tácito, *ne tamen adhuc publico theatro dehonestaretur* (Ann. XIV 15, 1), Nero instituiu e realizou, nos seus jardins privados, os *ludi luuenaes*, jogos de tipo tradicional, classificados pelo mesmo historiador como *certamina uitiorum* (§ 3). Para neles participarem, inscreveram-se muitos Romanos, homens e mulheres, jovens e velhos, de maior ou menor nobreza, num crescendo de *flagitium* e de infâmia que culminou com a exibição de Nero, tocando cítara e modulando a voz²⁹⁾. A aplaudi-lo tinha o recém-criado corpo de *Augustiani*, a claque de filhos de cavaleiros e jovens plebeus, escolhidos entre os mais robustos, num total de cerca de 5 mil membros, que davam apoio permanente às exposições artísticas do princeps. Recorde-se que, divididos em facções, a cada uma competia um diferente modo de aplaudir³⁰⁾. Todos os jovens usavam o cabelo comprido e vestes sumptuosas. Os chefes da claque recebiam a quantia de 400 mil sestércios, soma que, note-se, era a exigível no censo para se ser eques.

Em 60, diz Suetônio (Nero 12, 7), *instituit et quinquennale certamen primus omnium Romae more Graeco triplex, musicum gymnicum equestre, quod appellauit Neronia*³¹⁾. Em claro gesto de 'convite' às classes dominantes, *senatui quoque et equiti oleum praebuit*³²⁾. Além disso, e para mais honrar o agon, fê-lo presidir por consulares, tirados à sorte, e não, como era norma, por pretores. Para que assistissem às provas atléticas, e contra tudo o que era aceitável, convidou as Vestais, sob pretexto de que, em Olímpia, também as sacerdotisas de Deméter o faziam. Os

(28) Cf. E. Cizek, *Néron*. Paris, Fayard, 1982, p. 163: "Le code culturel que Néron voulut imposer reposait sur deux maîtres mots, l'un grec, l'autre latin: agôn et luxus. Ces deux termes définissent les métavaleurs qui, dans l'esprit de l'empereur et de ses partisans, devaient remplacer la piété et la fides."

(29) Sobre os *luuenaes*, v. tb. Dion 62. 19-20.

(30) Suet., Nero 20, 5: *bombos et imbrices et testas uocabant*.

(31) Cf. Tácito, Ann. XIV 20, 1: *quinquennale ludicum Romae institutum est ad morem Graeci certaminis*. Sobre os *Neronia*, v. tb. Dion 62. 21.

(32) Cf Tácito, Ann. XIV 47, 2, que ironicamente atribui essa 'prodigalidade à moda grega' ao momento em que, em 60, dedicou um ginásio, no Campo de Marte.

espectáculos prolongavam-se pela noite e, em Roma, muitos foram os que envergaram trajes gregos, prática que Tácito⁽³³⁾ se apressa a registar logo ter passado de moda, assim que terminaram os jogos. O único aspecto em que os Neronia se distinguiam dos grandes jogos gregos era na periodicidade da sua realização, pois tinham lugar de cinco em cinco anos.

Em 60, Nero não participou nas provas, mas aceitou a coroa de eloquência e de poesia latinas, que os juízes lhe concederam por unanimidade. Quanto ao prémio de tocador de lira, que também lhe atribuíram, mandou, depois de se ajoelhar, que a colocassem, em oferenda, na estátua de Augusto⁽³⁴⁾.

Entre os outros participantes, contava-se Lucano, que ganhou uma coroa no concurso de poesia com uma composição de elogio ao imperador, de quem era ainda, na altura, apoiante indefectivo⁽³⁵⁾.

Nero, porém, bem depressa considerou que o seu talento se perdia sem uma condigna divulgação. Cada dia era mais forte o seu desejo de cantar em público, de representar. Não ousando, todavia, apresentar-se em Roma, escolheu Nápoles, quasi Graeca urbs (Tácito, Ann. XV 33, 2), considerando desde logo que aí faria uma espécie de ensaio geral para a exibição na capital e, em seguida, na Grécia, única região onde, segundo dizia, lhe apreciariam devidamente o talento⁽³⁶⁾.

Nesse ano de 64, em Nápoles, nem um tremor de terra⁽³⁷⁾ impediu que Nero terminasse a sua prova. Cantou por diversas vezes, dias a fio, aplaudido por todos e, em primeiro lugar, pelos Augustiani que o acompanhavam. Mas nem isso lhe bastou, porque não era em Roma, nem na Grécia. Toma, então, decisões e age de forma coerente com o desejo manifesto de se identificar com Apoio e ser reconhecido como o maior artista.

⁽³³⁾ Ann. XIV 21,4.

⁽³⁴⁾ Cf. G. Charles-Picard, *op. cit.*, p.221: "par cet hommage il entendait marquer que son talent, loin de le faire déroger, consacrait en lui le digne héritier du fondateur de la dynastie."

⁽³⁵⁾ Suet., *Vita Lucani* 1,1.

⁽³⁶⁾ Cf. Tácito, Ann. XV 33, 2.

⁽³⁷⁾ Tácito (Ann. XV 34, 1) fala de um outro acidente: após a saída de todos os espectadores de uma sessão, o teatro ruiu, o que para muitos foi presságio do desagrado dos deuses. Mas Nero interpretou o facto de outro modo, de imediato compondo hinos de acção de graças aos deuses pelo facto miraculoso de não ter morrido ninguém.

Aproximando-se o momento da segunda realização dos Neronia, o Senado, ut dedecus auerteret (Tácito, Ann. XVI 4, 1), ofereceu a Nero, de imediato e por antecipação, a vitória na prova de canto e também a coroa de eloquência. Mas ele rejeitou essa infracção às regras, repreendeu o Senado e declarou a sua intenção de participar em pé de igualdade com os outros concorrentes, submetendo-se em tudo ao regulamento e à decisão dos juízes. Suetónio afirma que Nero fez antecipar alguns meses a realização dessa segunda sessão dos Neronia, impaciente como estava por se apresentar perante o povo da sua capital e também, uma vez que acabara de esmagar a conjura de Pisão, de se mostrar em toda a sua glória de imperador-artista. Assim, inscreveu-se regularmente como citaredo e actor, entoou uma Niobe, de sua autoria, que só cessou pelo fim da tarde, e decidiu suspender essa prova e a atribuição do prémio, que adiou para o ano seguinte, ut saepius canendi occasio esset (Suet., Nero 21, 2). Representou ainda vários papéis em diversas tragédias. Suetónio regista as preferências de Nero quanto aos papéis trágicos: Cânace em trabalho de parto, Orestes matricida, Edipo cego, Hércules enlouquecido⁽³⁸⁾. Tácito acrescenta pormenores sobre o respeito manifestado por Nero relativamente às regras do certame: não se sentou, mesmo em caso de cansaço, limpou o suor apenas com a veste que envergava, cuidou de que não fossem visíveis nulla oris aut narium excrementa⁽³⁹⁾ (Ann. XV 4, 3).

Entre os espectadores havia delegações vindas de todo o império. Parte desses enviados assistiam ao agon mais ou menos constrangidos e, no dizer de Tácito⁽⁴⁰⁾, quase todos se sentiram relutantes em aceitar e suportar tanta indignidade. Mas, vigilantes, havia soldados que, à bastonada, os obrigavam a todos a aplaudir entusiasticamente. Entre a assistência espalhavam-se ainda espíões, que observavam as reacções de todos e registavam o apoio manifestado ou o enfado traído pelo rosto ou pelo sono⁽⁴¹⁾.

(38) Nero 21,6. V.tb. Dion 62. 9. 4.

(39) Ann. XV 4, 3. Suetónio regista semelhantes preocupações, mas relativamente à participação nos jogos da Grécia (Nero 24, 1).

(40) Ann. XVI 5, 1.

(41) Um dos que teve problemas por se deixar adormecer foi o futuro imperador Vespasiano (Ann. XVI 5, 3). Suetónio (Vesp. 4, 8), porém, refere tal atitude de desinteresse, que o levava a adormecer ou a não ir sequer aos espectáculos de Nero, como tendo tido

Por fim, em fins de Setembro de 66, Nero empreende a viagem à Grécia, há muito desejada e já adiada algumas vezes. As cidades gregas haviam-lhe enviado pouco antes todas as coroas dos concursos de citaredos. Mais se firmou no princeps a opinião de que só os Gregos eram realmente capazes de avaliar o seu talento de poeta, actor, citaredo, auriga. Moviam-no ainda outros projectos, como dar início à abertura do istmo de Corinto.

Na Grécia, para poder participar em todos os jogos sagrados, fê-los concentrar num só ano, adiantando a data de realização dos Olímpicos e dos Nemeus. Em Olímpia, e ao contrário do uso, introduziu as competições musicais, para que pudesse vencê-las. Fazia-se acompanhar de uma enorme comitiva de senadores, escritores, artistas, Augustiani, e dos nerone/o/, os apoiantes organizados como um exército que, em vez de armas, transportavam instrumentos musicais e usavam vestes de actores em vez de equipamento militari⁴²). Comportou-se como qualquer outro concorrente, inscreveu-se, respeitando, pelo menos na aparência, as regras, preocupava-se com os resultados. Suetónio conta, no entanto, que ele se deixava tomar pela aemulatio de adversários e pelo metus relativamente aos juízes. Assim, àqueles observava-os, servia-se de expedientes pouco limpos, denegria-lhes a fama, ou tentava mesmo suborná-los, se os sentia superiores a si. Aos juízes, tentava captá-los com palavras doces de aceitação prévia das suas decisões e com a manifestação da sua pretensa humildade.

Participou nas corridas de carros⁴³), exibiu-se como citaredo, prometeu mesmo apresentar-se como atleta. Aguardava, sentindo ou simulando inquietação e ansiedade, o veredicto do júri, que obviamente lhe foi sempre favorável. Ele próprio se proclamava vencedor e, para apagar de vez a memória de todos os anteriores vencedores dos jogos, mandou abater e destruir todas as estátuas e imagens que os representavam⁴⁴).

138

lugar durante a viagem de Nero à Grécia. Vespasiano faria parte da comitiva do princeps e, por tais actos, teria caído em desgraça.

(«> Dion 62. 8. 3-4.

⁽⁴³⁾ Em Olímpia, com um carro puxado por dez cavalos (Suet., Nero 24, 4).

⁽⁴⁴⁾ Suet., Nero 24, 3.

Ninguém podia abandonar o local dos espetáculos enquanto ele se exibia. Conta-se que houve mulheres que deram à luz no local, que muitos se fingiram de mortos para serem levados do recinto sem incorrerem em nenhuma penalização.

Como se espera, conquistou coroas atrás de coroas, aplausos retumbantes, talvez sinceros por parte de muitos. Os juízes não lhe negaram os prémios, mesmo quando as provas não correram bem. Numa corrida, o carro virou-se, lançando o imperador por terra. Mesmo assim, foi vencedor⁽⁴⁵⁾. Sagrou-se , vencedor nos quatro jogos.

Em Corinto, em Novembro de 67, durante os jogos Istmicos, no mesmo estádio onde, em 196 a. C, Tito Quíncio Flaminino tinha proclamado a liberdade da Grécia, Nero anunciou solenemente a restauração dessa liberdade e a imunidade fiscal para a Acaia. Na prática, tal medida traduzia-se em retirar a província da alçada do Senado⁽⁴⁶⁾. Mas, de forma simbólica, Nero mais não fazia que recompensar aqueles que tão completa e rendidamente lhe reconheciam o génio. Nesse sentido, concedeu a cidadania romana a vários dignitários das cidades gregas, bem como aos juízes que lhe avaliaram as provas⁽⁴⁷⁾. Fosse apenas por isso, fosse também porque deveras o apreciaram, a verdade é que Nero conquistou grande apoio entre os Gregos⁽⁴⁸⁾.

Em Roma deixara um seu liberto, Hélio, encarregado da governação. Como este lhe pedisse que regressasse, respondeu-lhe que o deveria aconselhar antes a que voltasse digno de Nero⁽⁴⁹⁾. Só as notícias alarmantes que lhe chegaram de Roma, sobre os focos de revolta que ameaçavam o poder, o fizeram renunciar a prolongar a sua presença na Grécia e até a continuar pelo Oriente.

⁽⁴⁵⁾ Suet., Nero 24, 4.

⁽⁴⁶⁾ A medida veio a ser revogada por Vespasiano, que fez da Acaia, de novo, uma província senatorial e pôs fim à imunidade (Suet., Vesp. 8. 6).

⁽⁴⁷⁾ Suet., Nero 24, 5; Díon 62. 14. I.

⁽⁴⁸⁾ Não visitou, porém, Esparta, talvez porque os valores aí cultivados eram semelhantes aos da aristocracia renitente e conservadora de Roma, nem Atenas, símbolo da democracia. Parece que também evitou Eleusis, de cujos ritos estavam excluídos os criminosos. Cf. Suet., Nero 34, 8; Díon 62. 14. 2-3.

⁽⁴⁹⁾ Suet., Nero 23, 2 (*suadere et optare potius debes, ut Nerone dignus reuertar*); cf. Dion 62. 19. I, que diz que Hélio, não conseguindo o regresso de Nero, foi ele próprio à Grécia para o informar da preparação de uma conjura. Só assim o príncipes se decidiu a voltar.

Regressou como os triunfadores dos jogos gregos. Entrou em Nápoles, num carro puxado por cavalos brancos, por uma fenda que fez abrir na muralha. Depois dirigiu-se a Ancio, sua terra natal, em seguida à sua propriedade de Alba.

Entrou em Roma em Março de 68, em autêntico triunfo⁽⁵⁰⁾. No carro em que Augusto celebrara o triunfo, dirigiu-se ao templo de Apoio, no Palatino, e só depois ao de Júpiter, no Capitólio⁽⁵¹⁾. Envergava um manto púrpura recamado de estrelas de ouro, na cabeça trazia a coroa olímpica, na mão direita a coroa pítica. Acompanhava-o um longo cortejo em que se ostentavam painéis contendo a indicação de cada vitória obtida nos jogos, local e rivais vencidos. Exibem-se também as 1808 coroas que conquistou. A sua volta, os Augustiani proclamam-se seus soldados, o povo aclama-o como Hércules, como Apoio.

Menos de três meses depois, Nero morreu, abandonado por todos, perseguido por todos, hesitando no gesto que o pouparia ao cruel castigo para que o procuravam. Ainda assim, pouco antes de morrer, ter-se-á lamentado: *Qualis artifex pereo*⁽⁵²⁾.

Dos certamina instituídos por Nero, nenhum teve continuação após a sua morte. Em 240, porém, Gordiano, antes de partir em campanha contra os Persas, restaurou magnificamente o agon Neroneus, sob o nome de agon Mineruae (Aur. Vict. De Caes. 27. 7).

Como todos os principes, uns levados mais pela leuitas, a característica que consistia em dizerem e fazerem o que o povo deles esperava para conquistarem a aura popularis, outros sobretudo pela necessidade, que sentiam premente, de trazer o povo satisfeito e entretido, Domiciano não deixou de dar jogos e de a eles assistir⁽⁵³⁾. Suetónio (Dom. 4, 1) assegura: *Spectacula assidue magnifica et sumptuosa edidit non in amphitheatro modo, uerum et in circo, ubi praeter sollemnes bigarum quadrigarumque cursus proelium etiam duplex, equestre ac pedestre, commisit; at in amphitheatro nauale quoque.*

140

⁽⁵⁰⁾ Leia-se a descrição em Suet. Nero 25 e Dion 62. 20, bem como a interpretação do ritual criado, em G. Charles-Picard, op. cit p 230-1.

⁽⁵¹⁾ Suet., Nero 25; Dion 62. 20.

⁽⁵²⁾ Suet., Nero 49, 1.

⁽⁵³⁾ Presença documentada em Marcial IV 2; VI 34 e VIII 11, com inevitável alusão ao apoio entusiástico que a multidão manifesta ao seu chefe. V. tb. Suet., Dom. I 3, 2-3.

E é justamente com Domiciano que encontramos a realização de outros jogos plena e totalmente decalcados dos gregos, quer na sua estrutura, quer inclusive na sua forma e aparato exteriores. Trata-se dos *ludi Capitolini*, instituídos em 86 d.C.⁽⁵⁴⁾ em honra de Júpiter, que se realizavam de quatro em quatro anos, no princípio do Verão. O modelo é o dos jogos Olímpicos, de tal forma que este *agon Capitolinus* aparece designado em inscrições como μ (C./G. 2180b).

Em primeiro lugar, poderemos interrogar-nos: em honra de Júpiter porquê? As respostas parecem ser várias e a mais simples de todas é, sem dúvida, a do paralelo com os jogos Olímpicos, dedicados a Zeus. No caso de Domiciano, as razões são mais complexas e prendem-se com a sua ideologia política e a própria propaganda que dela fazia.

Com efeito, desde sempre Domiciano se apresentou como especial devoto de duas divindades: Júpiter e Minerva. A esta última (quam superstitiose colebat, diz Suetonio, Dom. 15, 7) dedicou também uns jogos, os *ludi Albani*, que fazia realizar anualmente na sua uilla de Alba, durante as Quinquátrias (19 a 23 de Março). Aí se davam *eximias uenationes et scaenicos ludos superque oratorum ac poetarum certamina* (Suet. Dom. 4, 1 I). O prémio para os vencedores era uma coroa de folhas de oliveira, em ouro.

A ligação com Júpiter apresentava-a o *princeps* como muito íntima e especial, fazendo remontar a protecção que o senhor dos deuses lhe dispensava ao momento em que os partidários de Vitélio, em 19 de Dezembro de 69, tomaram de assalto o Capitólio, onde o jovem Domiciano, seu tio Flávio Sabino e uns quantos partidários de seu pai, Vespasiano, se encontravam refugiados. Quando os Vitelianos lançaram fogo ao templo de Júpiter, Domiciano escondeu-se na casa do *aedituus*, o guardião do templo⁽⁵⁵⁾. De manhã, terá escapado milagrosamente: disfarçado de sacerdote de Isis e misturado com devotos de outros cultos, fugiu da colina e buscou refúgio seguro até que a vitória de seu pai se confirmasse (Suet. Dom. I, 4), atitude que Tácito insinua ter resultado mais da cobardia que da cautela. O tio, ao invés, foi

141

⁽⁵⁴⁾ Censorino, *De die natali* 18. 159.

⁽⁵⁵⁾ Tácito, *H/st.* III 74, 1; Suet., Dom. I, 4. Dion Cássio (64. 17. 4) apresenta uma versão ligeiramente diferente: Domiciano ter-se-ia escapado do Capitólio na confusão inicial dos recontros entre as tropas.

cruelmente assassinado. Domiciano soube aproveitar o acontecimento para divulgar a versão de que Júpiter o protegera especialmente. Logo que seu pai tomou o poder, fez construir um sacellum, um pequeno santuário a Iuppiter Conseruator, no local onde se escondera e, quando ascendeu ao poder, em 81, nesse mesmo local ergueu um templo magnífico a Iuppiter Custos, além de ter procedido à restauração, em moldes grandiosos⁽⁵⁶⁾, do templo de Iuppiter Optimus Maximus que existia na colina, e que ardera de novo, em 80, após a reconstrução levada a cabo por Vespasiano⁽⁵⁷⁾. Com base numa referência de Marcial (V 5, 7: *Capitolini caelestia carmina belli*), pensa-se que um poema épico que Domiciano compôs, na juventude⁽⁵⁸⁾, se ocupava desses terríveis combates pela posse do Capitólio. Também aí evocava, com certeza, essa atenção protectora de que fora alvo por parte de Júpiter e exporia a tese, que sempre divulgou, de que fora ele a conseguir a vitória e a garantir ao pai, Vespasiano, e, mais tarde, ao irmão, Tito, o poder de que generosamente abdicara mas que por legítimo direito lhe pertenceria⁽⁵⁹⁾.

Na sua estrutura interna, os Iudi Capitolini compreendiam os três tipos de jogos gregos: os *agones*, os *musicae* e os *gymnasia*. Como diz Suetónio, tratava-se de um *quinquennale certamen Capitolino Ioui triplex, musicum, equestre, gymnicum* (Dom. 4, 8), a que se apresentavam numerosíssimos concorrentes. Além das provas consagradas, o mesmo historiador dá-nos conta da existência de um concurso de eloquência latina e grega; de que, além dos citaredos, concorriam os *chorocitharistae* (os tocadores de cítara que acompanhavam o coro) e os *psilocitharistae* (citaristas que não cantavam, apenas tocavam); e, ainda, de que

⁽⁵⁶⁾ Para marcar a importância desse templo e do culto aí prestado, usou-se mármore precioso e nunca utilizado em outros monumentos em Roma; as portas eram chapeadas a ouro e as telhas que o cobriam eram também douradas.

⁽⁵⁷⁾ Simbolicamente, o próprio Vespasiano participou dos trabalhos (Suet., Vesp. 8, 9). Será a esses dois templos em honra de Júpiter, o reconstruído e o que Domiciano fez erguer de novo, que Marcial alude em VI 10, 3 (*templa quidem dedit ille Ioui*) e IX 3, 7 (*pro Capitolinis quid enim tibi soluere templis*).

⁽⁵⁸⁾ Desse poema resta um fragmento, de cuja autenticidade nem todos estão seguros, transmitido no séc. IX pelo escritor bizantino Jorge Sincelo.

⁽⁵⁹⁾ E, de resto, essa a versão que os poetas 'da situação' confirmam. V. por ex., em Marcial IX 101, longo epigrama que enumera os actos e benesses de Domiciano em paralelo com os feitos de Hércules, os v. l 3-6: *asseruit possessa malis Palatia regnis, / prima suo gessit pro Ioue bella puer; / solus Iuleas cum iam retineret habenas, / tradidit inque suo tertius orbe fuit.*

havia uma corrida em que competiam jovens do sexo feminino⁽⁶⁰⁾. Neste aspecto, os *ludi Capitolini* retomavam o costume das cidades dóricas, já que, por exemplo, as mulheres de Esparta também participavam nas provas da corrida. De qualquer modo, sabemos que foram justamente estas provas para que Suetónio chama a atenção, talvez porque eram as mais inusitadas, aquelas que quase de imediato foram abandonadas. No caso da corrida feminina, tal desaparecimento poderá ainda ter-se devido a uma última concessão à opinião dos Romanos grauiores, aqueles que continuavam a opor o seu veto moralista aos exercícios físicos, muito mais tratando-se de mulheres⁽⁶¹⁾.

O carácter grego destes jogos via-se também na forma como Domiciano a eles assistia. O *princeps* estava vestido à moda grega, com a *clâmide* púrpura e as *crepidae*, as sandálias gregas. Na cabeça colocava uma coroa de ouro com a representação da tríade capitolina, Júpiter, Juno e Minerva. Junto dele tomavam lugar o *Flamen Dialis* e os membros do *collegium Flauiale* que expressamente instituíra para prestar culto aos Flávios desaparecidos e deificados, Vespasiano e Tito. Todos os sacerdotes estavam vestidos como o imperador mas, na coroa que usavam, estava também representada a efígie de Domiciano, ao lado das três (outras) divindades. Eram esses sacerdotes e o *princeps* os juízes das provas, os que atribuíam os prémios, constituídos por coroas de folhas de carvalho, em ouro, que o próprio Domiciano entregava aos vencedores⁽⁶²⁾. Como bem nota Brian W. Jones⁽⁶³⁾, "it was a display arranged to show the regime to the world".

A importância que Domiciano atribuía a estes jogos pode ainda ver-se na construção de edifícios especiais para as provas gímnicas e para as provas musicais. Para aquelas mandou construir, no Campo de Marte, um *Stadium*, com cerca de 250 metros de comprimento e capacidade para 15 mil espectadores, situado onde hoje fica a *Piazza Navona*, que lhe conserva a forma e cujo nome deriva directamente da designação do

⁽⁶⁰⁾ /n stadio (...) cursu etiam uirgines (ibidem).

⁽⁶¹⁾ Sobre tal perspectiva, v. por ex. a associação que Marcial faz entre uma atleta e a sua orientação sexual: a *Filénis* de VII 67 é uma tribade.

⁽⁶²⁾ Marcial IV 1,6: *perque manus tantas plurimas quercus eat*. V. tb IV 54, 1-2; IX 3, 8; 23, 5; 35, 10; 101,22; Estácio, *Siluae* IV 2, 62; V 3, 23 I; *Juv.* IV 387.

⁽⁶³⁾ *The emperor Domitian*. London, Routledge, 1992, p. 103.

agon Capitolinus. Para as provas musicais, mandou erigir o Odeum, também no Campo de Marte, com capacidade para 5 mil espectadores. Ambos os recintos eram magníficos e podiam ainda admirar-se no séc. IV⁽⁶⁴⁾.

Sobre os ludi Capitolini existe informação relativamente abundante quanto a provas e concorrentes que será curioso evocar.

Sabemos por Quintiliano que o tema proposto para o concurso de eloquência era fixo e consistia no elogio de Júpiter Capitolino (10 3, 7, 4: laudes Capitolini louis perpetua sacri certaminis materia). Ora, uma vez que as condições políticas do principado de Domiciano se pautavam pela adulação compulsiva e servil, dado ainda que o princeps exigia que todos se lhe dirigissem tratando-o por dominus et deusi⁽⁶⁵⁾, não podemos senão deduzir que tal tema único aproveitaria, como variação possível e inevitável, a evocação do salvamento milagroso de Domiciano na já referida noite de 69, bem como a relação especial de protecção que ligava Júpiter e o imperador. Cabe aqui dizer que foi justamente esse um dos mais frutuozos filões dos epigramas adulatórios de Marcial dirigidos ao último dos Flávios. Nos Epigramas, são constantes os paralelos entre Domiciano e Júpiter, dos quais o deus do Olimpo sai quase sempre em desvantagem perante a grandeza do deus do Palatino⁽⁶⁶⁾. São também constantes as identificações de Domiciano com Júpiter: Marcial refere amiúde o senhor dos Romanos como Tonansi⁽⁶⁷⁾.

Ora, uma vez que, em 96, Domiciano foi assassinado e o Senado votou a damnatio memoriae do imperador, obrigando a que o seu nome e os seus actos fossem riscados da lembrança dos homens, poderá ter sido essa a principal razão de terem desaparecido dos ludi Capitolini as provas em que especificamente se fazia a adulatio do odiado tirano, isto é, o concurso de eloquência latina e grega.

⁽⁶⁴⁾ V. Suet., Dom. 5, 2; Eutrópio 7. 23 e Amiano Marcelino 16. 10. 14.

⁽⁶⁵⁾ V. Suet., Dom. 13, 4-5; Dion 67. 4. 7, testemunho retomado e ampliado em historiadores posteriores (Aur. Vict. De Caes. 11.2; Ps. Aur. Vict. Epit 11.6; Eutrop. 7. 23; Oros. 7. 10), e de que Marcial se faz subserviente eco (V 8,1; VII 34, 8; VIII 2, 6), para logo rejeitar a adulação, morto Domiciano (X 72, 3).

⁽⁶⁶⁾ Cf. IV I; 8, 12; VI 10; VIII 15, 2; IX 3; 18; 36; 86, 8 (utrumque louem); 91; XIII 4; XIV I. Veja-se ainda que o próprio puer delicatus de Domiciano, Eáirino, é comparado e identificado com Ganimedes (IX II; I 6; 36).

⁽⁶⁷⁾ Cf. VI 10, 9; VII 56, 4; 60, I -2; 99, I; IX 39, I; 65, I; 86, 7; 101,24.

Conhece-se um caso que confirma a hipótese de que o tema fixo destas provas se transformava em louvor do princeps no poder e, simultaneamente, revela o carácter despótico de Domiciano. No tempo de Vespasiano, o senador Palfúrio Sura fora expulso da ordem senatorial por comportamento indigno e incompatível com a dignidade da sua condição. Sura tinha participado no ogon Neroneus e competira com uma jovem espartana na corrida⁽⁶⁸⁾. Ora, anos depois, Sura apresentou-se a concurso nos ludi Capitolini e ganhou o prémio de eloquência latina, ao que parece com claras intenções de agradar a Domiciano e, assim, dele conseguir a readmissão na lista dos senadores. Suetónio conta-nos que todo o povo presente no agon interveio por ele, após a conquista do prémio, pedindo ao Imperador que o readmitisse no senado. Mas Domiciano nullo responso dignatus tacere tantum modo iussit uoce praeconis (Dom. 13. 3).

A história, a poesia, a epigrafia conservaram-nos o nome de outros vencedores neste certamen Capitolinum e em diferentes sessões.

Na sua primeira realização, em 86, um certo Colino conquistou um prémio, ao que tudo indica, na prova de poesia latina. Marcial celebra-o, no epigrama IV 54, por ter sido o primeiro a receber a coroa dos ludi Capitolini (v.2: prima cingere fronde), mas, como era costume fazer aos que triunfavam e gozavam da glória e do favor das multidões, logo lhe lembra que a vida é efémera e que a fama se esvai, rápida⁽⁶⁹⁾.

Na sessão seguinte, em 90, contava-se entre os participantes Lúcio Anio Floro e é ele próprio quem diz que recebeu aplauso unânime do público, que o queria ver vencedor, mas que o imperador lhe negou a vitória, não porque tivesse sido movido por sentimentos de inveja, vendo-o tão jovem, mas por não querer que um concorrente vindo da África ganhasse a corona magni louis⁽⁷⁰⁾.

No certamen de 94 sabemos que houve 52 concorrentes para a poesia grega, o que demonstra bem a popularidade dos jogos. Tal dado é-nos fornecido pela lápide sepulcral de um desses participantes, Quinto

145

(68) Schol. ad Iuu. IV 53: sub Nerone luctatus est cum uirgine Lacedaemonia in agone.

(69) V. v. 1 - 2: si sapis, utaris totis, Colline, diebus / extremumque tibi semper adesse putes.

(70) Floro, p.221 Malcovati: inuito quidem Caesare, non quod tibi puero inuideret, sed ne Africa coronam magni louis attingeret.

Sulpício Máximo, morto com 11 anos, 5 meses e 12 dias, ao que parece consumido justamente pelo excesso de estudo. O epitáfio (C/L VI 33976 = ILS 5177) é dedicado pelos pais do jovem, que revelam o tema da prova (a censura de Júpiter a Hélio por ter dado o carro a Faetonte), dizem que o filho cum honore discessit e, de seguida e como suprema homenagem, transcrevem os 43 hexâmetros que o jovem apresentou a concurso.

Cabe aqui notar, como fez Italo Lana⁽⁷¹⁾, que Sulpício Máximo era um poeta muito jovem e que, sem dúvida, tal corresponde a uma divisão dos concorrentes por estratos etários, que se verificaria nas provas musicais, tal como nas atléticas. Além disso, o tema proposto aproxima-se demasiado daqueles que eram tratados nas escolas de retórica, o que leva o citado estudioso a avançar a hipótese de que a estes concursos se apresentassem os 'melhores da classe', o que serviria como claro incentivo para os jovens alunos.

Marcial fala também de um certo Diodoro que viera de Alexandria para participar nos ludi de Domiciano, ao que parece nesta mesma sessão de 94, já que o epigrama (40) em que se lhe refere pertence ao Livro IX, publicado em 95. Vindo de onde vinha, Diodoro deve ter-se apresentado a concurso na prova de poesia grega. Nada mais sabemos, todavia, sobre ele: com certeza, não se sagrou vencedor, já que Marcial não o saúda por isso mas sim por um estranho voto que sua mulher fizera pelo regresso rápido, e em segurança, do marido.

Talvez também em 94, o poeta Estácio sofreu um duro revés de que jamais se recompôs e o levou até a retirar-se para a Campânia, tendo-se-lhe tornado insuportável a vida em Roma. O que aconteceu foi que, sendo ele já um poeta de méritos reconhecidos, que se sagrara vencedor em poesia nos ludi de Nápoles e recebera por três vezes a coroa de folhas de oliveira nos ludi Albani, foi derrotado no agon Capitolinus⁽⁷²⁾

(71) "I ludi Capitolini di Domiziano": *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica* 29 (1951) 145-160.

(72) Cf. *Silu.* III 5, 28 ss.; V 3, 228 ss.; *Juv.* VII 82-7. Uma das vitórias nos ludi Albani conquistara-a com um poema que celebrava as guerras da Alemanha e a vitoriosa actuação de Domiciano contra os Dacos.

Na sessão de 90 ou na de 94, o poeta trágico Scaeuus Memor ganhou a prova de poesia latina⁽⁷³⁾. Marcial celebra-o em XI 9, num dístico que parece destinado a servir de epígrafe a uma representação pictórica do homenageado⁽⁷⁴⁾ e recorda-o em XI 10, epigrama de louvor ao irmão de Mémore, Turno, poeta satírico dos mais queridos no momento. Do valor de Cevo Mémore é impossível fazer juízo, uma vez que dele possuímos não mais que dois fragmentos e apenas um deles não oferece dúvidas quanto à autoria. Parece no entanto adivinhar-se que se dedicava à tragédia de assunto mitológico⁽⁷⁵⁾, como convinha a quem queria estar bem e a salvo nos tempos incertos que corriam⁽⁷⁶⁾.

Uma outra inscrição (CIL IX 2860 = ILS 5178) conserva-nos o nome do vencedor em poesia latina, no concurso de 106: Lúcio Valério Pudente, natural de Histório, que *coronatus est inter poetas Latinos omnibus sententiis iudicum*. Por tal feito, a sua cidade natal *statuam aere collato decreuit*. Ora, também este vencedor era um adolescente, que não contava mais de 13 anos. Na idade adulta tornou-se funcionário público (*curator rei publicae Aeserninorum datus ab Imperatore*) e, manifestamente, abandonou as Musas. O que poderá abonar a hipótese, acima exposta, de Italo Lana. Também este jovem competiria no escalão dos Ttcaõeç.

(73) Italo Lana, art. cit. p. 156, pensa que ele teria sido vencedor numa prova específica de poesia dramática, que se distinguiria do de poesia latina. Para a hipótese de autonomia deste tipo de prova, chama o exemplo já citado da comédia grega de Germânico que Cláudio fez apresentar, nos jogos de Nápoles, em memória do irmão, e que venceu o certame.

(74) H. Bardon (*La littérature latine inconnue II. L' époque impériale*. Paris, Klincksieck, 1956, p.216) crê que se tratava de uma estátua, hipótese retomada em OCD s.u. 'Memor', e refutada por Luc Duret ("Dans l'ombre des plus grands: II. Poètes et prosateurs mal connus de la latinité d'argent" in ANRW II 32.5, 1986, p.3212 n. 336).

(75) O primeiro fragmento, transmitido pelo gramático Sérgio (GLK 4, 537, 17-18) é, com toda a certeza, um passo do coro de cativas troianas que se dirigem, lamentosas, a Hécuba. O segundo (Fulgêncio, *Serm. ant.* 25), de autenticidade duvidosa, pertenceria a uma tragédia sobre Hércules.

(76) De resto, a acreditar nos escoliastas de Juvenal, o irmão de Mémore, Turno, gozava do favor de Domiciano, como acontecera sob Tito (*schol. ad Iu. I 20: Turnus hic libertini generis ad honores ambitione proeuctus est potens in aula Vespasianorum Titi et Domitiani*). Tal circunstância, aliada ao que pode deduzir-se sobre a obra satírica de Turno, a partir dos fragmentos até nós chegados (ocupar-se-ia de enegrecer e condenar a época de Nero), aponta para uma situação de claro 'enfileiramento' político dos dois irmãos, apoiantes empenhados de Domiciano.

Quanto às provas atléticas, tal divisão por estratos etários parece não oferecer qualquer dúvida, e as inscrições que referem participantes nestes ludi apontam claramente nesse sentido. Observemos o percurso de Tito Flávio Arquíbio, natural de Alexandria⁽⁷⁷⁾. Ganhou, entre os Ttuõeç, o pancrácio, nos Actia de Antioquia. Em 90, nos mesmos jogos, em Alexandria, ganhou também o pancrácio, mas desta vez já entre os , vitória que repetiu, em 94 e no mesmo escalão etário, nos ludi Capitolini. Depois, em feito nunca antes conseguido por nenhum atleta, venceu também o pancrácio, no agon Capitolinus, por três vezes consecutivas (em 98, 102 e 106), concorrendo já entre os avópes. Trata-se, ao que tudo indica, de um atleta profissional, cuja única ocupação seria a de treinar-se para competir (e vencer) em todas as provas possíveis, em especial as de maior nomeada⁽⁷⁸⁾.

Da informação, até nós chegada, sobre os atletas que participavam nos certamina graeca, podemos, de resto, concluir que eram, na sua grande maioria, se não na totalidade, profissionais que percorriam todos os jogos do novo ciclo constituído pelo agon Capitolinus, que devia realizar-se em Julho, depois pelos Sebastà de Nápoles, em Agosto, e finalmente pelos Actia, em Nicópolis, no mês de Setembro.

Marcial (VI 77, 3) conservou-nos ainda a memória de Tito Flávio Artemidoro, natural da Síria e vencedor do pancrácio, em 86 (C/G 3426). Mas, curiosamente, no epigrama de Marcial, Artemidoro é tomado tão-só como exemplo de força.

148 Desta múltipla informação, que aponta para uma grande quantidade de participantes, vindos dos mais variados pontos do império, parece ser possível tirarmos a conclusão de que o agon Capitolinus se tornou a prova mais apetecida por atletas, aurigas e artistas, particularmente os poetas. Sem ser necessário retomar o caso de Estácio e a sua decepção por ter sido derrotado nesse certamen, pois naturalmente se sentiu ferido no seu orgulho de poeta laureado, podemos encontrar eco de tal interesse generalizado na obra de Marcial e Juvenal. Em Sat VI 387, sabemos que um certo Polião ansiava pela coroa de folhas de carvalho,

⁽⁷⁷⁾ Kaibel, / . G. / . 747, 1.12 (citado por Italo Lana, art. cit p. 152).

⁽⁷⁸⁾ Em C/G 3674, conserva-se ainda a memória de Marco Aurélio Coro, de Cízico, que venceu o pancrácio dos jovens, em 116.

Capitolina quercus, como lirista. Em Marcial IX 23, conhecemos Caro, vencedor nos jogos Albanos, que se prepara para concorrer aos jogos Capitolinos, onde deseja e espera também ganhar. Será curioso verificar, neste epigrama, que para todos os efeitos equivale a um epinício, a diferença de perspectiva em relação à forma como eram louvados e glorificados os atletas e vencedores dos jogos na Grécia. Marcial interroga Caro, querendo saber o que ele fez à coroa conquistada nos ludi Albani, e reproduz a resposta do vencedor: a própria coroa foi cingir a cabeça de Domiciano, num busto, em mármore, que Caro possuía e que muito venerava. Ou seja: a maior recompensa do vencedor é partilhar a migalha de glória de ser coroado pelo princeps, mas a verdadeira vitória pertence ao imperador. A maior ambição de todos é, afinal, e na perspectiva de adulatio política aqui manifestada, prestar culto ao deus vivo que Domiciano é. Bem longe estamos do aclamado como herói na sua cidade e que oferecia a Zeus a coroa conquistada nos jogos Olímpicos. Nestes ludi e nesta época, os vencedores pertencem necessariamente à faixa de apoiantes do imperador, são os que cantam o poder instituído e os que lhe oferecem a vitória em preto de subserviente homenagem.

O sucesso dos ludi Capitolini foi, todavia, tanto que nem a damnatio memoriae do seu fundador lhes pôs termo⁽⁷⁹⁾. Realizaram-se, ao que tudo indica, até ao séc. IV e só tiveram fim quando todos os jogos foram banidos por Honório. Tal parece dever-se ao carácter universalista que Domiciano lhes quis imprimir, fazendo de Roma também o centro das manifestações superiores da cultura do espírito e do corpo, intenção bem diferente, apesar de todos os objectivos adulatórios e de propaganda, da finalidade de promoção pessoal e glorificação do seu génio que Nero claramente atribuía aos Neronia.

Outros imperadores realizaram, nos séculos seguintes, certamina graeca, como foi o caso, por exemplo, de Antonino Pio, que instituiu os Eusebia, em Putéolos, em memória de Adriano⁽⁸⁰⁾, de Marco Aurélio que, para celebrar a vitória que, juntamente com Cómodo, obtivera sobre os

⁽⁷⁹⁾ Os ludi Albani, ao invés, devem ter sido suprimidos após o assassinio de Domiciano, pois cessou toda a informação sobre eles.

⁽⁸⁰⁾ SHA, Hadr. 27.

Partos, celebrou uns Epinikia em 176, de Alexandre Severo, que deu jogos triunfais nos quais participaram atletas e artistas de todas as partes do império, ou de Aureliano que, em 274, instituiu um agón Solis, relacionado com o culto do Sol. Outros, como já vimos que foi o caso de Gordiano relativamente aos Neronia, recuperaram ludi caídos em desuso. A perspectiva pela qual eram vistos os que participavam em tais tipos de espectáculos, porém, nunca mudou por completo: sempre foi considerado uma desonra, uma infâmia, uma ignomínia, a exibição dos membros das classes dominantes no teatro, no anfiteatro ou no circo, como fizeram Nero, o histrião, Cómodo, o gladiador, Caracala, o auriga. Não será mesmo exagero dizer que foram tais infracções à ordem moral que definitivamente perderam tais príncipes aos olhos e no apoio dos que tinham poder e influência. Além disso, a informação que chegou até nós vem sempre transmitida através da pena de escritores que manifestamente saíram das fileiras dessas classes dominantes e conservadoras, o que à partida determina os juízos de valor que emitem. Ainda assim, é fácil perceber no que dizem que os certamina graeca ganharam a adesão incondicional do povo, que os exigia e apreciava em pé de igualdade com os outros espectáculos em que consumiam o tempo e gastavam a vida. E essa parece-nos ser, afinal, a grande diferença entre os jogos da Grécia e os de Roma: não há nestes nenhum espírito de unidade nacional, nenhuma exaltação de valores, nenhum ideal de ultrapassar as limitações do que é humano. E certo que, quando os Romanos deixaram que os certamina graeca se institucionalizassem no seu mundo, já há muito, na Grécia, se desvanecera esse espírito, substituindo-se os atletas pelos profissionais, empenhados apenas nas recompensas e na vitória, conseguida quantas vezes com actos pouco limpos relativamente aos adversários. Como bem notou H.-I. Marrou, talvez a persistente desconfiança das classes mais esclarecidas intelectualmente, e a não aceitação plena nem dos certamina graeca nem do puro exercício físico no programa de educação do jovem romano se tenham devido a que "leur prestige rémanent était déjà trop affaibli dans leur patrie d'origine pour pouvoir s'imposer à l'imitation des Latins"⁽⁸¹⁾.

150

⁽⁸¹⁾ Henri-Irénée Marrou, Histoire de l'éducation dans l'Antiquité. 2. Le monde romain. Paris, Seuil, p.39.

Em Roma, pois, trata-se de espectáculo e apenas de espectáculo. Grandioso, frequente e profundamente ligado aos meandros da propaganda política de quem o proporcionava. Muitas vezes com resultados falseados e prémios atribuídos por razões bem distantes do mérito. Nada mais que isso. Com esse aparato se contentavam os que a ele assistiam. E com a breve glória das palmas se enchiam de orgulho os que nele participavam.

(Página deixada propositadamente em branco)

A GLORIA OLÍMPICA NUMA ODE HORACIANA

Aires Pereira do Couto
Universidade Católica

A ode que abre o livro primeiro das Odes de Horácio é dedicada a Mecenas, um político romano descendente da nobreza etrusca, que era amigo, colaborador e um dos principais conselheiros de Octávio, o futuro imperador Augusto. Mecenas sobressaiu particularmente pelo apoio que concedeu aos homens das artes e das letras, nascendo à sua volta o chamado Círculo de Mecenas, de que fizeram parte poetas como Virgílio, Vário Rufo, Propércio e o próprio Horácio, que foi apresentado a Mecenas por Virgílio e Vário⁽²⁾, em 38 a.C., acontecimento que viria a influenciar profundamente o rumo da sua vida, pois Mecenas tornou-se seu protector e amigo.

Na referida ode, o poeta Venusino enumera nove exemplos de diferentes paixões e ambições humanas que determinam a vida de cada homem numa caminhada incessante pela sua concretização. Assim,

() São vários os textos de Horácio dirigidos ou dedicados a Mecenas. É, além da ode I.1, o caso das odes 1.20, 2.12, 2.17, 2.20, 3.8 e 3.29; dos epodos I, 3, 9 e 14; das sátiras I.1 e 1.6; e das epístolas I.1, 1.7 e 1.19.

(2) E o próprio Horácio que o diz na sátira 1.6, a melhor e mais extensa memória da sua própria vida. Afirma o poeta:

*Nulla etenim mihi te fors obtulit; optimus olim
Vergilius, post hunc Varius dixere quid essem, (v.54-55)*

Na verdade não foi o acaso que te trouxe ao meu conhecimento;
um dia o excelente Virgílio, e depois dele Vário, disseram-te quem eu era.

segundo Horácio, alguns homens encontram a felicidade na vitória olímpica:

Sunt quos curriculo puluerem Olympicum
collegisse iuuat metaque feruidis
euitata rotis palmaque nobilis
terrarum dominos euehit ad deos, (v.3-6)

Há homens a quem agrada levantar o pó Olímpico na corrida de carros, e a quem a marca evitada pelas rodas escaldantes e a palma gloriosa elevam até aos deuses, tornando-os senhores da terra.

Outros encontram-na no sucesso político:

Hunc, si mobilium turba Quiritium
certat tergemis tollere honoribus, (v.7-8)

Este fica feliz se a multidão dos Quirites inconstantes procura honrá-lo com a tríplice dignidade.

Outros, na abundância da produção agrícola:

Illum, si proprio condidit horreo
quidquid de Lybicis uerritur areis, (v.9-10)

Aquele (sente-se feliz) se juntou no seu próprio celeiro todo o grão que é varrido nas eiras da Líbia.

Outros, no prazer dos trabalhos agrícolas:

Gaudentem patrios findere sarculo
agros Attalicis condicionibus
numquam dimoueas, ut trabe Cypria
Myrtoum pavidus nauta secet mare. (v. 11-14)

Aquele que se sente feliz em abrir com a enxada os campos paternos, nem oferecendo-lhe a riqueza de Átalo o convencerias a, marinheiro tímido, sulcar com um lenho cíprio o mar de Mirto.

154

Outros, no comércio marítimo:

Luctantem Icaris fluctibus Africum
mercator metuens otium et oppidi
laudat rura sui; mox reficit rates
quassas, indocilis pauperiem pati. (v. 15-18)

Quando o Africo luta com as ondas Icárias,
o mercador, assustado, louva o ócio e os campos
da sua cidade; mas logo conserta as embarcações
danificadas, incapaz de suportar a pobreza.

Outros sentem-se felizes fruindo os prazeres de uma vida ociosa:

Est qui nec ueteris pocula Massici
nec partem solido demere de die
spernit, nunc uiridi membra sub arbuto
stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae, (v. 19-22)

Há quem não recuse os copos do velho Mássico,
nem tirar uma parte ao dia inteiro para se estender
quer debaixo de um verde medronheiro quer
junto da agradável fonte de água sagrada.

A outros agradam as actividades bélicas:

Mu/tos castra iuuant et lituo tubae
permixtus sonitus bellaque matribus
detestata. (...) (v.23-25)

A muitos agradam os acampamentos e o som
da trombeta misturado com o do clarim e as guerras
detestadas pelas mães. (...)

E outros, ainda, sentem prazer na caça:

(...) Manet sub loue frigido
uenator tenerae coniugis inmemor,
seu uisa est catulis cerua fidelibus,
seu rupit teretes Marsus aper plagas, (v.25-28)

155

(...) Permanece ao relento
o caçador, esquecido da sua jovem esposa,
se uma corça foi avistada pelos seus cães fiéis,
ou se um javali da região dos Marsos rompeu as redes finas.

Por fim, Horácio fecha esta enumeração com o seu próprio conceito de felicidade, que ele alcançará através da sua inclusão no número dos poetas líricos:

Me doctarum hederæ præmia frontium
dis miscent superis, me gelidum nemus
Nympharumque leues cum Satyris chori
secernunt populo, si neque tibias
Euterpe cohibet nec Polyhymnia
Lesboum refugit tendere barbiton.
Quod si me lyricis uatibus inseres,
sublimi feriam sidera uertice. (v.29-36)

A mim, as heras, prémio das doudas fronte,
tornam-me semelhante aos deuses celestes; a mim,
o bosque fresco e os coros agradáveis das Ninfas, juntamente
com os dos Sátiros, separam-me do povo, se Euterpe
não me negar as suas flautas nem Polímnia
se recusar a tocar para mim a lira de Lesbos.
Se me incluíres entre os poetas líricos,
tocarei os astros com a minha cabeça gloriosa.

Quando Horácio exprime o desejo de ser incluído no número dos poetas líricos, alude ao cânone de nove poetas líricos gregos, dos quais o primeiro e mais importante era Píndaro, o "regnator lyricæ cohortis", como diz Estácio⁽³⁾, os restantes eram Baquilides, Safo, Anacreonte, Estesícoro, Simónides, Ibico, Alceu e Alcman.⁽⁴⁾ Horácio deseja ser poeta lírico, na tradição de Safo e Alceu, e ser o primeiro a introduzir a poesia édica nos versos latinos. O poeta alcançou estes objectivos: ele próprio o diz na última ode dos seus três primeiros livros, a ode 3.30, na qual faz a sua autoconsagração poética, exprimindo o orgulho de ter conquistado a imortalidade.

Contrapor a vocação lírica a uma enumeração de vários tipos de vida eleitos pelos homens era um procedimento tradicional desde os poetas

(3) Siluæ, 4.7.5.

(4) Cf. R. Pfeiffer, *History of Classical scholarship*, Oxford, 1968, p.205.

gregos.⁽⁵⁾ A diversidade dos prazeres humanos e da sua busca era um velho tópico literário que já aparece em Sólon, fr. 13 West, 43-58:

, * μ
 , μ μ μ *
 μ μ μ *
 , μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 * μ μ *
 μ

Cada um se afadiga à sua maneira: um vagueia pelos mares
 piscosos em navios, desejando levar para casa
 o lucro, arrastado pelos ventos terríveis,
 sem pensar em poupar a vida.
 Outro, que cuida dos arados recurvos, serve todo o ano,
 retalhando a terra coberta de árvores.
 Outro, instruído nas obras de Atena e do industrioso
 Hefestos, ganha a vida com suas mãos.
 Outro, que aprendeu a ter os dons das Musas Olímpicas,
 conhece a medida dos encantos da Sabedoria.
 A outro, a quem os deuses acompanhavam, Apoio, senhor do arco,
 fê-lo adivinho; percebe a desgraça
 que de longe caminha para o homem; mas o destino marcado,
 não o evita o arúspice nem os sacrifícios.
 Outros são médicos, que exercem o ofício de Péon,
 rico em remédios; mas não alcançam o fim.⁽⁶⁾

⁽⁵⁾ Cf. R. G. M. Nisbet and Margaret Hubbard, *A Commentary on Horace Odes, Book I*, Oxford, Clarendon Press, reimpr. 1989, p.2-3. Ai são citados exemplos de Safo (fr. 16), de Píndaro (Nemeia 8.37 sqq.) e de Eurípides (frag. 659. I sqq.).

⁽⁶⁾ A tradução aqui apresentada é da Professora . H. Rocha Pereira (*Hélide. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 81995, p. 108-109).

Este mesmo tópico está presente em Píndaro, frag. 96 (edição de Puech)(7);

... μ () μ ' ,
μ () ? , μ ?
? ' μ ?
?

Há aqueles a quem agrada a glória e as coroas dos cavalos rápidos como a tempestade, a outros agrada viver em quartos onde abunda o ouro; outros gostam de atravessar, sãos e salvos, o turbilhão marítimo num rápido navio.

Este tópico serviu ainda de objecto de especulação para os filósofos gregos, ao compararem a actividade filosófica a outros tipos de tarefas. É o caso de Platão, na República 581c, e de Aristoteles, na Ética a Nicómaco 1095b17sq.(8)

Voltemos agora ao primeiro dos exemplos de paixões humanas apresentados por Horácio - o da vitória olímpica. Este exemplo é um tópico habitual nos "catálogos de ocupações" apresentados por autores gregos, como por exemplo: Píndaro (frag. 96 da edição de Puech), Diógenes Laércio (8.8) ou Iâmblico (Vida de Pitágoras 58).(9)

Na Grécia do século V a.C., os jogos eram numerosos, mas entre eles sobressaíam quatro: os jogos Píticos, que se realizavam em Delfos, os Istmicos, em Corinto, os Nemeus, em Nemeia, e os mais importantes, os Olímpicos, em Olímpia.

Quando Horácio escreveu esta ode, possivelmente em 23 a.C., pouco tempo antes da publicação dos três primeiros livros das odes - o que aconteceu ainda nesse mesmo ano - os Jogos Olímpicos já tinham perdido muita da sua antiga glória.

O início oficial dos Jogos Olímpicos remonta a 776 a.C., data a partir da qual os nomes dos vencedores das provas começaram a ser anotados em registos públicos. Atingiram o seu auge no século V a.C.. Com o

(7) > Corresponde ao frag. 221 da edição de Schroeder (editio maior).

<*> Cf. R. G. M. Nisbet and M. Hubbard, op. cit., p.2.

<'> Cf. Ibidem, p.5.

domínio romano da Grécia e da Macedónia, no século II a.C, as competições entraram em contínua decadência, por motivos vários, dos quais se pode realçar o próprio temperamento do povo romano que não via a competição desportiva com o espírito quase religioso dos gregos. Apesar dos esforços de imperadores como Nero, Adriano e Tibério - este último venceu mesmo uma corrida de carros no ano 4 - vão desaparecendo do programa olímpico provas como as corridas de carros e multiplicam-se as que se caracterizam pela violência. O desinteresse pelos jogos foi aumentando, até que, em 393, o imperador Teodósio I os proibiu por serem considerados festivais pagãos.^{C0)}

Ao contrário do que acontecia na Grécia, na época áurea dos Jogos Olímpicos, em que os vencedores eram celebrados em odes triunfais, de que se destacam as Odes Olímpicas de Pindaro, em Roma, na poesia da época de Augusto apenas surgem algumas breves referências às vitórias olímpicas. E, por exemplo^{C)}, o que acontece com Propércio, 3.9.17-20, que apresenta versos semelhantes aos de Horácio, dizendo:

Est quibus Eleae concurrat palma quadrigae,
est quibus in celeres gloria nata pedes;
hic satus ad pacem, hic castrensibus utilis armis:
naturae sequitur semina quisque suae.

Há homens a quem convém a palma da quadriga olímpica,
há aqueles para quem a glória nasceu nos seus velozes pés;
este foi criado para a paz, este é hábil nas armas castrenses:
cada um segue as inclinações da sua natureza.

Horácio, na sua ode, refere-se especificamente à mais nobre das várias competições dos Jogos Olímpicos^{A2)}: a corrida de carros de

⁽¹⁰⁾ Sobre a história dos Jogos Olímpicos, vide H. Schöbel, *The Ancient Olympic Games*, London, 1966; L. Drees, *Olympia, Gods, Artists and Athletes*, London, 1968; e . I. Finley and H. W. Pleket, *The Olympic Games: The First Thousand Years*, London, 1976.

^(M) Poderão encontrar-se outros exemplos em Virgílio, *Georgicas* 3.49; Estácio, *Siluae* 5.2.25-26.

⁽¹²⁾ No seu início, os Jogos duravam apenas um dia e tinham no seu programa apenas uma prova: a corrida de velocidade no estádio (uma distância de 192,27m). Com o aumento do prestígio dos Jogos Olímpicos, a sua duração e número de provas foram aumentando, até atingirem no seu período áureo, o século V a.C., uma duração de 5 dias, ao longo dos quais se realizavam as seguintes provas: 4 corridas a pé: o estádio (192,27m) para homens e para

cavalos, na qual o condutor procurava contornar a marca colocada em cada extremidade da pista de corridas, passando o mais próximo possível de cada uma delas sem, no entanto, lhes tocar. A importância do modo como a marca era contornada é realçada por autores gregos como Homero, na *Íliada* 23.334 sqq., Sófocles, na *Electra* 743 sqq., e Teócrito 24.1 19 sqq.. Vejamos o que, a este propósito, o velho Nestor diz, na *Íliada*, ao seu filho Antíloco:

μ ἄ μ ἐπι μ
 , ,
 μ , μ ,
 μ * , μ *
 μ μ , μ
 , , , μ μ ,
 , μ , , ,
 μ , , , μ , , , (. 334-348)

Faz com que o carro e os cavalos passem o mais perto possível da marca, e tu próprio inclina-te ligeiramente para a esquerda no carro bem entrelaçado; estimula o cavalo da direita com gritos, com o aguilhão, e afrouxando-lhe as rédeas, mas que o cavalo da esquerda passe tão perto da marca que dê a impressão que o cubo bem feito da roda vai raspar na pedra. Mas evita, no entanto, tocar-lhe, para não danificares o carro nem ferires os cavalos, o que traria alegria para os outros e vergonha para ti. Sê, pois, prudente, meu filho, e tem cautela. Se, guiando os cavalos, conseguires passar a marca, não haverá quem te alcance e muito menos te ultrapasse, ainda que te perseguisse o divino Aríone, o rápido cavalo de Adrasto, de origem divina, ou os cavalos de Laomedonte, os melhores que aqui foram criados.

160

rapazes, o *diaulos* (duplo estádio), o *dolichos* (corrida de fundo) e o *hoplitodromo* (corrida com armas); 3 provas de combate: luta e pugilato para homens e para rapazes, e *pancrácio* (um misto de luta e pugilato); o *pentatlo* (corrida, salto, luta, lançamento do disco e do dardo); e duas corridas hípicas: uma em cavalos de sela, outra com carros.

Voltando à ode do Venusino, é curioso verificar o realce que o poeta dá ao pormenor das rodas dos carros, que ele classifica de rodas escaldantes (*feruidis rotis*), porque as rodas eram de ferro na sua extremidade e, por isso, ficavam muito quentes durante a corrida, podendo mesmo provocar eventualmente faíscas ao rasparem na marca. Esta mesma ideia aparece em Ovídio, na *Arte de amar* 3.396:

Metaque feruenti circumeunda rota.

E a marca que deve ser contornada pela roda escaldante.

E em Virgílio, na *Eneida* I 1.195, onde as rodas também são qualificadas pelo adjectivo *feruentes*:

Frenaque feruentesque rotas...

Freios e rodas escaldantes...

Horácio termina a referência ao primeiro exemplo de paixão humana aludindo à glória da vitória olímpica, dizendo que “a palma gloriosa” torna os vencedores “senhores da terra”⁽¹³⁾ e eleva-os “até aos deuses”.

A palma, enquanto símbolo de vitória, não aparece ainda mencionada em Píndaro, pois o prémio começou por ser uma coroa de oliveira brava, uma árvore sagrada que, dizia-se, tinha sido trazida por Hércules do país dos Hiperbóreos⁽¹⁴⁾. No entanto, a palma já aparece mencionada como símbolo da vitória no século IV a.C.. Em Roma, é referida pela primeira vez em 293 a.C. 15, como se infere das seguintes palavras de Tito Lívio 10. 47. 3:

Palmaeque tum primum translato e Graeco more uictoribus datae.

Então, pela primeira vez, por influência do costume grego, as palmas foram dadas aos vencedores.

⁽¹³⁾ Alguns consideram a expressão *terrarum dominos* como aposto de *deos*; preferimos, com Kenneth Quinn (*Horace. The Odes*, Edinburg, Nelson, 1992, p.1) e Nisbet and Hubbard (*op. cit.*, p.6), considerá-lo um aposto de *eos*, o complemento directo subentendido de *euehit*, pois parece não haver dúvidas quanto ao sentido que o poeta quer dar à expressão: os vencedores olímpicos sentem-se como verdadeiros senhores da terra.

⁽¹⁴⁾ Cf. Aimé Puech, *Pindare. Olympiques*, Paris, Les Belles Lettres, 1970 (numa reimp.), p.6; vide também a nota 16.

⁽¹⁵⁾ Cf. Nisbet and Hubbard, *op. cit.*, p.6.

A propósito dos prémios dos jogos, Pausanias, no século II depois de Cristo, na sua Descrição da Grécia, 8. 48. 2, diz:

μ μ
 ? ? , μ
 ? ? ? ,
 ? * μ ? μ
 ? μ μ ? μ ?
 * ?
 μ ? .

Por que razão em Olímpia se dá uma coroa de oliveira brava ao vencedor, e em Delfos de loureiro, já expliquei a causa da primeira no livro sobre a Elide⁽¹⁶⁾, e da segunda fá-lo-ei depois. No Istmo eram usadas as de pinheiro, e em Nemeia as de aipo, para comemorar os sofrimentos de Palémon e de Arquémoro. Mas a maioria dos jogos concede uma coroa de palma, a qual é colocada, em todos, na mão direita do vencedor.⁽¹⁷⁾

Interessante é, também, um passo de Heródoto, 8. 26, a propósito dos prémios dos Jogos Olímpicos, no qual o persa Tritantaicmes, filho de Antábano, ao ser informado de que o prémio pelo qual lutavam os Gregos nos Jogos Olímpicos era uma coroa e não dinheiro, não resistiu a exclamar:

, , ? ' ? ?
 μ μ ? μ ? , μ
 ?

Ai Mardónio, que homens são esses contra quem nos levas a combater, se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade⁽¹⁸⁾

162 Horácio qualifica a palma com o adjectivo nobilis, transferindo para ela a característica habitualmente aplicada ao vencedor.

A glória alcançada pelos vencedores olímpicos faz deles, segundo o poeta, verdadeiros senhores da terra, e fá-los sentirem-se verdadeiros

(16)Vd. Pausânias, op. cit., 5.7.7.

(17) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, op. cit, p.478.

(18) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, ibidem, p.227.

deuses. Horácio repete esta ideia na ode 2 do livro quarto, recordando as celebrações que Píndaro faz dos vencedores dos Jogos Olímpicos, cuja glória era, segundo o poeta, "superior à de cem estátuas." Esta afirmação é feita numa ode em que Horácio enaltece o engenho e as virtudes poéticas de Píndaro, quer ele celebre os deuses ou os reis, quer celebre o pugilista ou o cavaleiro que regressa a casa com a palma olímpica que o iguala aos deuses:

Seu deos regesque canit... (v.13)

*Sive quos Elea domum reducit
palma caelestis pugilemve equomve
dicit et centum poti ore signis
munere donat, (v. 17-20)*

Embora o prémio pela vitória fosse uma coroa de oliveira ou uma palma e, naturalmente, a glória eterna, como afirma Píndaro na sua 1ª Ode Olímpica:

ὁ μὲν ἄλλοτε μὲν
μὲν ἄλλοτε μὲν
εἰ μὲν
... (. 96-99)

vencedor goza, para o resto da vida,
uma ventura doce como o mel, graças aos prémios.
Um bem que se não perde acompanha os mortais até ao fim.⁽¹⁹⁾

Ou ainda na VIIIª Ode Olímpica, onde, a propósito da vitória nos jogos olímpicos, diz:

οὐδὲν αἰεὶ,
, (. 10-11)

Grande, fulgente é a glória
que sempre acompanha o teu prémio.⁽²⁰⁾

(19) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, *ibidem*, p. 152.

(20) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 163.

No entanto, o prêmio pela vitória não se limitava à glória eterna, pois, quando regressavam à sua cidade, os atletas vencedores recebiam várias recompensas, algumas delas pecuniárias, e passavam a gozar de vários privilégios que, por exemplo, os isentavam de pagamentos de impostos ou lhes atribuíam pensões vitalícias, pois a glória olímpica não era sentida como um exclusivo do vencedor, ela estendia-se a toda a sua cidade que a sentia também como sua.

Nos Jogos Olímpicos Modernos, que tiveram no Barão Pierre de Coubertin o seu grande impulsionador e que se iniciaram em Atenas, em 1896, os vencedores já não recebem uma coroa de oliveira ou de palma, mas sim uma medalha, de ouro para o primeiro classificado, de prata para o segundo e de bronze para o terceiro. A glória da vitória olímpica, essa mantém-se inalterada, até na forma como a terra natal do vencedor ou mesmo um país inteiro a sentem como sua. Alguns dos vencedores atingem o estatuto de verdadeiros heróis, assumem-se como uma verdadeira personificação da glória. Isto mesmo podemos vislumbrar em atletas como por exemplo Jesse Owens, vencedor de 4 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que demonstrou a Hitler, que se recusou a apertar-lhe a mão, que a raça ariana não era superior à negra; ou Cari Lewis, vencedor de 9 medalhas olímpicas; ou ainda Nadia Comaneci que, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, encantou o mundo com as suas magníficas provas de ginástica e se tornou na primeira ginasta a obter a nota máxima.

Naturalmente, também as recompensas e os privilégios atribuídos aos vencedores dos Jogos Olímpicos Modernos não ficam aquém daqueles que eram atribuídos aos vencedores dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, mas a verdade é que, mais importante do que essas recompensas ou privilégios, continua, indubitavelmente, a ser a glória eterna da vitória olímpica.

O SUCESSO DA METÁFORA DESPORTIVA NA LITERATURA CRISTÃ

Paula Barata Dias
Universidade de Coimbra

Em 390, em Tessalónica, os corpos mutilados do general Boterico, um godo ao serviço do exército romano, e seus oficiais são arrastados pelas ruas depois de linchados por uma multidão em fúria. A multidão mostrava assim o seu descontentamento por se ter visto privada do espectáculo oferecido por um popular auriga, preso por Boterico sob a acusação de ter seduzido um jovem. A resposta do imperador não é menos cruel. Prescindindo das formalidades da justiça, ordena ao seu exército que, com a promessa de jogos, atraia a população ao circo. Cercado o espaço, sete mil pessoas são massacradas indiscriminadamente. No Ocidente, Ambrósio, bispo de Milão, obriga o imperador ao arrependimento. Vemos então o imperador de Roma impedido de entrar na catedral, afastado da comunhão por oito meses, e obrigado a uma penitência pública no meio da catedral, em que, depostas as insígnias imperiais, entre suspiros e lágrimas de remorso, Teodósio suplica o perdão dos seus pecados (').

Se relatamos este episódio, circunstancial para o sujeito desta comunicação, é porque, nos seus termos, ilustra bem a moldura historico-cultural em que se move a problemática dos jogos e divertimentos públicos de tradição pagã no seio de um Estado cristão: estes, por um lado, exerciam sobre as populações urbanas, cristãs ou pagãs, uma atracção extrema. Com esse engodo contou o imperador na sua vingança. Por outro lado, o imperador humilhado e penitente é o paradigma da

165

O SANTO Ambrósio, Epist. 51 manifestou ao imperador a sua reprovação, que Teodósio acatou, mas limitou o cumprimento da penitência à esfera privada. Também SANTO Agostinho, *De duitate Dei* V, 26; Paulino de Nola *Vita Sancti Ambrosii*, 24, dão notícia do episódio.

cedência da velha Roma à nova autoridade da Igreja, que passou a gestora da espiritualidade, dos comportamentos, das instituições, enfim, da totalidade da vida do Império romano. A cristianização do Estado e dos costumes avançou com a repressão de todas as manifestações pagãs de carácter oficial e, inseridos no mesmo impulso, os Jogos Olímpicos extinguem-se no ano de 392⁽²⁾.

A Igreja mostrou, na sua relação com a realidade dos jogos públicos, uma atitude ambivalente. Os textos evangélicos, apostólicos e patrísticos exploraram como recurso expressivo uma linguagem conotadora do esforço agónico, colocando-a ao serviço da exortação da fé. Ao mesmo tempo, e por vezes os mesmos autores, condenam, veladamente ou explicitamente, a realização dos jogos e divertimentos tradicionais. Explicar esta contradição de atitudes, que se pode definir como adesão à linguagem e rejeição da realidade em si, não é difícil, se partirmos de outros casos onde sejam visíveis processos de aculturação.

166 O processo não é novo, nem é específico da realidade dos jogos. Numa progressiva e frequentemente deliberada aculturação, vários aspectos, coerentes e integrados no sistema do mundo pagão, são desmembrados na sua lógica interna e utilizados para a construção da nova realidade que é o mundo cristão. A linguagem, como o demonstrou a escola de Nimega, foi o campo de chegada mais visível desta transformação de mentalidades. Inseridos no Século, a vocação evangelizadora, mas também a vivência quotidiana, obrigam a que os cristãos não sejam autistas à linguagem do mundo pagão que os acolheu. Se a ruptura fosse absoluta, não haveria comunicação, e os factos demonstram que ela existiu. Desta forma, as mensagens cristãs dirigidas ao mundo pagão obrigavam ao domínio dos seus referentes civilizacionais, símbolos, sistemas de valores, hábitos, enfim, todo um sistema representado na linguagem. E então que vemos, integrada no esforço proselitico dos primeiros cristãos, mas também como instrumento de interiorização e compreensão de novas realidades, para consumo interno, o uso da metáfora despor-

(2) E. Gibbon, *Histoire du Déclin et de la chute de l'Empire Chrétien*, (1^a ed. Ingl. 1776), Paris, Bouquins, 1993, p.821-850. H-I Marrou, em *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*, Seuil (1963), 1985, p. 109-MO, apresenta as dificuldades sentidas pelos imperadores na cristianização dos hábitos. Em 434, os espectáculos dos anfiteatros são limitados às uenationes, ou seja, consegue-se abolir o combate dos gladiadores usque ad mortem.

tiva, em contextos que louvam o cristão que se constitui como um modelo e exemplo de vida, seja ele um apóstolo, um mártir ou um asceta. Assim chegavam ao coração de povos que, se amavam os divertimentos públicos e vibravam com o seu “star sistem”, não menos se tornavam permeáveis à mensagem cristã de incitamento à perfeição, à purificação interior, ao esforço radical de transformação quotidiana. A metáfora desportiva, de pés bem fixados nos referentes do mundo comum, o emprego de termos relacionados com os divertimentos públicos, realidade apreciada e admirada, tendo criado mesmo ídolos de massas (como o triste fim de Boterico o mostra), estabelecem perfeitamente o elo de contacto entre estes dois traços da personalidade do homem da Antiguidade tardia. Constituíram, com efeito, um poderoso recurso retórico ao serviço da expansão cristã (3).

Mas este processo de acolhimento de uma realidade pagã no seio cristão não implicava apenas um exercício de recepção e de acomodação, antes se tornou ponto de partida para a sua transformação. Já mais dirigidas a uma população cristianizada, a mensagem reprime, num tom admoestativo, o acesso dos crentes aos jogos, e apela para a sua extinção. Os argumentos, aliados ao poder e à influência de, por exemplo, S. João Crisóstomo, contribuíram para a extinção do apoio estatal à celebração de jogos. Esta é a etapa anterior ao termo das celebrações lúdicas, teatrais e desportivas. Ilustremos com exemplos o que acabámos de dizer:

Na Bíblia encontramos figuras vetero-testamentárias que se distinguiram pelo seu . Jacob luta com um anjo nunca identificado, num combate que dura toda a noite. Vencido o combate, recebe do vencido o nome de Israel, pois “se venceu o próprio Deus, será poderoso diante

(3) O uso da metáfora desportiva tinha não só uma difusa função simbólica ou expressiva. O seu emprego revestia objectivos pragmáticos concretos, e para tal concorria o emprego de uma linguagem técnica específica dos jogos. Este tecnicismo só faria sentido se o receptor fosse conhecedor da realidade descrita. Se quiséssemos fazer um paralelo com os nossos dias, podíamos apontar dois fenómenos ligados à Igreja Católica de tendências carismáticas. Falamos dos “atletas de Deus”, grupo de fé que reúne famosos futebolistas da nossa praça, e da popularíssima “aeróbica do Senhor”, popularizada pelo padre brasileiro Marcelo Rossi. Estes movimentos devem muito do seu sucesso, justamente, ao emprego de uma linguagem e de símbolos valorizados na sociedade actual, mas que nada têm, na sua origem, a ver com a religião: o culto do futebol e da boa forma física.

dos homens". Também a fidelidade de Job a Deus foi objecto de uma espécie de aposta entre Deus e o Demónio, em que o primeiro delega em Job o papel de enfrentar o seu inimigo, e estabelece, como um treinador, as condições do combate. As provações a que foi exposto foram interpretadas como etapas de um combate entre a tenacidade de Job e o demónio. As fontes patrísticas interpretaram as probationes a que foram sujeitas estas personagens como prefigurações da busca da conversão interior a Deus, processo lento, sujeito a etapas e cuja meta é a perfeição. Aí chegados, são premiados com o estatuto de líder de um povo (Jacob); ou com o epíteto de fidelíssimo (Job)(4). Salientemos, porém, que estas figuras não foram desenvolvidas com esse propósito, antes é a exegese futura, com o seu constante exercício de interpretação prefigurativa, quem faz delas essa leitura, e as associa ao heroísmo, espírito de combate, coragem e abnegação desejados nos cristãos.



168

Fig. 1 - A luta de Job e o Demónio. Iluminura de manuscrito de S. Gregório, Comentário sobre o Job, 10, séc. XIII, Herzogenberg, Áustria (in M. B. Poliakoff, op. cit, nota 4, p. 145).

Os adversários lutam nus, segundo a tradição desportiva pagã.

(4) Gen 32 22-32; Job 2-3; Segundo M. B. POLIAKOFF, *Combat Sports in the ancient World, Competition, violence and culture*, Yale University Press, London, 1987 p. 134.

Foi S. Paulo quem explicitamente utilizou a metáfora desportiva para exortar os seus destinatários ao esforço da fé. Sob um exterior simples, esconde-se uma poderosa persuasão:

Não sabeis vós que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi pois, deste modo, para que o consigais alcançar. Aquele que se prepara para a luta abstém-se de tudo, a fim de alcançar uma coroa corruptível; nós porém, para alcançar uma coroa incorruptível. Eu não corro sem rumo e não luto como quem açoita o ar.

A retórica paulina faz uso de referentes comuns do mundo para designar uma nova realidade, ou seja, recorre a uma linguagem a que a sociedade helenística do séc. I pudesse ser sensível.⁽⁵⁾ Interpretando as palavras de Paulo, ele fala de uma corrida para alcançar uma coroa incorruptível, ou seja, a vida Eterna. A corrida é selectiva, o que se conforma com as dificuldades de perseverar na fé cristã — todos podem iniciar a corrida, poucos alcançam a coroa. Paulo fala de uma preparação anterior à corrida que implica uma “abstinência de tudo”. As exigências da “corrida” obrigam à mesma , ou seja, contenção em alimentos e estatuto celibatário a que estavam submetidos os atletas pagãos. As emblemáticas palavras de Paulo ilustram a ambivalência de atitudes que apontámos no início: temos a utilização da metáfora desportiva, mas também o embrião da argumentação cristã contra os jogos futuramente desenvolvida nos polemistas cristãos, a qual se

(5) Citamos a tradução da Bíblia dos Capuchinhos. I Cor 9, 24-26;

oí

Também em II Tim, 2,5:

4, 7-8:

... Também as escolas filosóficas estoicas e platónicas que influenciaram a teologia paulina e a espiritualidade cristã, defendiam para o sábio a busca da *ejkravteia*, a ausência de sensibilidade (); o repouso () conseguidos através de exercícios () A. A. Long, *Hellenistic Philosophy, Classical Life and Letters*, London, Duckworth, 1974. Desta forma, a presença da linguagem agónica nos textos cristãos, sobretudo no traçar da perfeição cristã como um objectivo sujeito a etapas de progressivo despojamento do corpo, também seguiu esta via filosófica.

empenha em demonstrar a vanidade destes como o mais suave dos seus defeitos. O que Paulo diz é, “nós somos os verdadeiros atletas, os outros correm sem rumo por uma coroa corruptível, e lutam como quem açoita o ar”. Estamos, no entanto, conscientes de que as palavras paulinas não se esgotam nesta interpretação, sendo possível ligá-las a uma matriz filosófica: Paulo pode estar a condenar os sábios estoicos ou platónicos que, utilizando os mesmos métodos de purificação anterior, o fazem de forma vã.

Os relatos de martírios também utilizaram com fluência as metáforas desportivas, desenvolvendo as figuras vetero-testamentárias ou a máxima paulina. Concorre para esta utilização uma realidade óbvia: muitos, mas não todos, foram executados em locais públicos, anfiteatros ou circos, castigo comumente reservado aos criminosos. Portanto, a natural contaminação entre uma realidade e seu espaço potência a utilização da metáfora desportiva⁽⁶⁾. Estes textos destinavam-se a ser lidos nas assembleias cristãs, ou seja, a serem veículo de edificação e fortalecimento na fé. Tinham, por isso, um alcance pragmático. Pela insistência na oposição entre as virtudes heroicas cristãs e a iniquidade dos perseguidores e das velhas crenças, parece-nos que estes textos exerciam também uma missão proselitica⁽⁷⁾.

É sobejamente conhecido o relato autobiográfico da Paixão de Santa Perpétua e Felicidade, um dos mais antigos do seu género, onde a metáfora desportiva é explorada. Na véspera do martírio de Perpétua, ela teve uma visão de glória. Levada para a arena, é condenada a lutar com um egípcio de aspecto repelente. Três assistentes despem-na e misteriosamente, ela transforma-se em homem. Untam-na de óleo, esfrega-se de areia e, pronta para o combate, surgiu uma figura masculina, imponente, vestida (mas incincta — sinal que, para o receptor, é claro quanto à Sua identidade), de uma túnica púrpura, identificada com um lanista que estabelece as regras e o prémio do combate: um ramo de um verde

170

⁽⁶⁾ *Passio Sancti Symphoniani*, PL 5, col. 1464: *Comperimus ab his qui se temporibus nostris Christianos dicunt, legum praecepta uiolari*. *DACL*, t.2, col. 3105, s.v. “Athlète”: “La place considérable que tenaient les spectacles de l’ampithéâtre et l’importance grandissantes des épitres paulines concouraient à faire de la comparaison avec l’athlète un de ces lieux communs...”

⁽⁷⁾ *DACL*, t. I, col. 373, s.v. “Actes des Martyrs”.

perene com frutos de ouro. O combate é descrito com detalhes técnicos específicos. Perpétua venceu, e recebido o prémio junto do treinador, este felicita-a e despede-se com o *pax tecum* que, nos Evangelhos, serve como sinal de identificação de Cristo.



Fig. 2 - Mosaico de Cartago in DACL, t. I, col. 438 representação de Santa Perfeita. A santa enverga uma espécie de maillot justo e transparente, um μ . Tem um ramo na mão esquerda, à direita está coberta com o Oestus, nos pés, uma serpente é pisada. O espelho é o único objecto sem relação directa com o texto literário.

As Cartas dos mártires da Igreja de Viena e Lião ao papa S. Eleutério, em parte transcritas por Eusébio de Cesareia no livro V da sua *Historia Ecclesiastica*, pertencem também aos mais antigos textos do género martirológico⁽⁸⁾. Narram em estilo simples, que oscila entre a informação objectiva e o elogio, o martírio de vários cristãos, entre eles o de Blandina, que, durante o interrogatório, é submetida a tormentos variados, permanecendo resoluta:

*Nias a venturosa, tal como um valente atleta (s'yevvaio? ,
mantinha as forças e o ânimo nessa mesma confissão, mostrava serenidade, quietude *5*

⁽⁸⁾ EusÉBE DE CESARÉE, *Histoire Ecclésiastique*, t. II, S. C. n° 41, le Cerf, Paris, (1955) 1994, 5, p.6-23. Os textos são citados segundo a PL 5, cols 1402-1454. As traduções são da nossa responsabilidade.

() e impassibilidade (), e toda a sensação das dores presentes era resgatada com o recitar das seguintes palavras: — sou cristã, nenhum mal me pode atingir.

Condenados à execução no anfiteatro, diz o narrador em jeito de proêmio:

Com efeito, os beatíssimos mártires trouxeram ao Pai uma só coroa (), que teceram com todas as flores, de várias espécies e cores. Igualmente era justo que, tal como os atletas corajosos (), que enfrentaram um combate múltiplo (μ) e venceram com grandeza (μ), recebessem a valorosa coroa da imortalidade (μ)⁽⁹⁾.

Os cristãos são conduzidos ao anfiteatro, onde são dados ad bestias, segundo as palavras do autor, ao espectáculo desumano dos gentios (μ). Os tormentos múltiplos inflingidos a Maturo e Santo tornam-nos comparáveis a atletas que, depois de terem, por muitas vezes, derrotado o adversário e de terem já disputado a coroa, enfrentam novamente os golpes repetidos do chicote, o combate com as feras, a pedido de uma multidão enfeitiçada com a coragem destes atletas. De facto a dimensão espectacular do martírio cristão é explorada a vários níveis: por exemplo, os prisioneiros são conduzidos à presença de um juiz tal como se fosse uma procissão (μ μ μ , μ μ). Noutro passo, os mártires são finalmente degolados e o narrador afirma que eles substituíram as monomaquias tradicionais:

falecidos num enorme combate (μ) (...) nesse dia, no lugar de toda a variedade habitual nos combates de gladiadores, tornaram-se num

⁽⁹⁾ V, col. 1424; XI, col. 1433; XII, col. 1440, XI, col. 1436. O jovem Maturo é comparado a um ? (V, col. 1421) A referência, na morte do mártir, ao prémio da coroa incorruptível tão constante como metáfora; o mártir não morre; e se bem que se faça uma descrição pormenorizada dos tormentos inflingidos ao mártir, o momento da sua morte é sempre referido com perífrases — ele recebe a coroa da vitória, do triunfo, que, na imagética cristã, corresponde à imortalidade. Também a referência ao , "combate variado": os jogos pagãos estavam sujeitos a uma organização prévia, a um cursus que ordenava a sequência dos espectáculos. O martírio do cristão adapta-se a esta sequência e o mártir eleva-se como "o maior dos atletas que enfrentou e venceu todas as provas".

espectáculo para o mundo... (μ , μ μ μ μ μ).

Desta forma, martírio é glorioso quando o espectáculo se eleva pela coragem dos supliciados. Dá-se então uma interessante simbiose: o mártir corajoso anseia oferecer aos pagãos o espectáculo do seu martírio, estes anseiam vibrar com a heroicidade dos mártires, apupam os fracos inconfidentes e aplaudem os que mantêm a sua fé até à morte...

Blandina é comparada a um atleta invencível, (μ), que, revestida em Cristo (μ), através de muitos combates e depois de derrotado o adversário, transporta a coroa da imortalidade (μ , μ μ).

Já escrita em latim, a Paixão dos Santos Epipódio e Alexandre, também de Lião, revela uma maior elaboração filosófica, com nítidas influências estoicas. Os mártires são jovens na flor da idade, belos. A narração concentra-se no interrogatório aos mártires, e estes sustentam o duplo desafio da perseguição dos pagãos e do apelo demoníaco à inconfidência. Diz-se na introdução, em louvor do atleta, ou do soldado, que despreza as instituições e os senhores do mundo para honrar, com a sua luta, o Rei e a Pátria celestes⁽¹⁰⁾:

derramaram o seu sangue não em honra do imperador terrestre, e sim do Rei celeste, não em favor da pátria que se funda e que se perde, não por aquela pátria que ora se defende ora se abandona, mas pela Jerusalém celeste, pátria sempiterna (...)

É evidente o conflito entre a vontade dos mártires e a ordem pagã do mundo em que se encontram. O sacrifício do corpo não serve

⁽¹⁰⁾ Passio sanctorum Epipodii et Alexandri, PL 5, cols 1455-1462. Diz Epipódio, utilizando máximas salustianas (Col. 1438): numquid ita caecata mens tua est, ut nescias hominem ex animae et corporis duplici constare substantia? Animae imperio, corporis seruitio magis utimur. O demónio tenta o jovem mártir: "Não prestamos culto a deuses imortais, a quem muita gente, e também príncipes veneram. Nós prestamos culto à alegria, aos convívios, às canções, aos jogos, aos banquetes e à luxúria (laetitia, conuiuuiis, cantionibus, ludis, comessatione et lasciuia.) e vós, ao homem crucificado, a quem não podem agradar, quantos gozam destes bens, quem rejeita a alegria, quem se deleita com os jejuns, quem prefere a triste e infecunda castidade aos prazeres."

objectivos vão nem senhores corruptos. Diante dos argumentos do demónio, de que deviam atender à juventude e beleza promissoras dos seus corpos, que deviam buscar o gozo dos bens deste mundo (*mundi huius beatitudine perfruaris*), os jovens respondem com o desprezo pelo corpo, e com a fé no triumphus da alma. O martírio representa para eles a libertação do mundo corpóreo. À morte, o confiante Alexandre, pouco mais do que uma criança, declara ao juiz:

Dou graças a Deus porque enquanto me entregas aos gloriosos triunfos dos mártires e trazes à memória os tormentos passados, também me iguais na devoção desses exemplos. Julgas que as vidas que feriste se extinguem? O céu é que as possui (...) o nosso Deus que fez os céus é seu amo, possui a terra, controla os infernos e o reino celeste recebeu os nossos espíritos que julgas ter aniquilado (...) tu, exercita o corpo, que parece preso à sordidez deste mundo por causa das suas fraquezas terrenas. Ele que tudo tem acolherá e guardará as nossas almas.

Nas Actas do martírio de Andóquio, Tyrses e Félix, quando são conduzidos ao martírio, diz-lhes S. Policarpo, ele próprio um futuro mártir¹⁷⁴):

Dai-nos a vossa saudação, ó irmãos! Que Cristo vos receba na glória do paraíso, pois diante do tribunal apresentastes o fruto do vosso trabalho, e que naquela região onde estão os justos e os venturosos ele reúna os seus atletas.

E, de facto, tal como na visão de Perpétua, Cristo aparece representado como um "patrocinador", um ⁶ <5, ou um lanista que premeia os vencedores¹⁷⁵):

Quanto mais encarniado era o tumulto dos inimigos, tanto mais rápido, por disposição divina, era a consumação do martírio, para que mais depressa o Cristo Recompensador (Christus Remerator) recebesse a sua criança triunfante da paixão e dos seus sequazes.

174 O tratado *De laude Martyrii* de Cipriano, teoriza explicitamente sobre a realidade que as actas dos martírios apresentam de um modo empírico. Em épocas de combate, o martírio permitia ao cristão provar a sua fé e participar com Cristo no combate contra o mal deste mundo.

(¹) O Acta SS. Andochii, Thyrsi et Felicis, PL 5, 1470-1474.

(¹⁷⁵) Clemente de Alexandria, *Stromata*, VII, 3, PG 9 col 424; *Passio Sanctae Perpetuae...* PL 3.

Não deve haver temores, porque outros, tais como Abel, Isaac, José, Daniel e Isaias e o próprio Cristo experimentaram a aniquilação ou sofreram com a sua iminência e alcançaram o prémio da imortalidade. Termos como *electi*, *praemia*, *corona*, *coronare*, *pugna*, *uictoria*, *uincere*, *probatio*, *triumphus*, são vocabulário recorrente em Cipriano para descrever a glória do martírio. Trata-se de uma obra densa, mas que não podíamos omitir pois os tratados dos primeiros padres fixaram uma linguagem e simbologias que permaneceram na cultura cristã, tais como a palma, ou a coroa que acompanham as representações iconográficas dos santos mártires. Citamos apenas um parágrafo da conclusão:

De onde se conclui que é grandioso imitar aquele que, com a sua morte, enfrentou o mundo. Portanto, medita no exemplo da paixão dominical (a Eucaristia — a memoratio do sacrifício de Cristo) e no testemunho de Cristo, e se for necessário derramar todo o sangue, seja. A glória do martírio é inestimável, infinita a medida, imaculada a vitória, título precioso, triunfo imenso, porque quem é trazido com o louvor da sua confissão, é reconhecido como cúmplice no sacrifício de Cristo¹³!

Passado o período das perseguições, a metáfora desportiva não perdeu a sua vitalidade, antes se aplica à exortação da renúncia diária a que obriga a prática cristã. A literatura monástica foi um importante foco de deposição desta metáfora: o monge assume-se como o mártir dos tempos da Pax, aquele que continua a vocação sacrificial e exemplar do mártir. Desapareceu a necessidade da efusão do sangue, mas o espírito de combate e de renúncia é intensificado. Derrotados os inimigos externos, impõe-se o combate pela perfeição interior. Que o monje é o novo mártir é evidente pela continuidade de um simbolismo que todos conhecemos, mas que com frequência interpretamos erroneamente: a tonsura a que se submete o monge é o símbolo da coroa do martírio, herdada dessa primeira vocação cristã. Expressões como *bonum agonem luctari*, *μ*, *certamen habere*, *cursus agonem*, são empregues para referir a gradual conquista da perfeição, obtida através de um treino, a *9*⁽¹⁴⁾. São inúmeros os exemplos de autores subsidiários desta linguagem. ¹³

175

(13) Liber De Laude Martyrii, PL 4, 833-834.

(14) Por ordem de citação, Tertuano, De Spectaculis, 1,1; Atanásio de Alexandria, Vida de Santo Antão, I, I; CASSIANO; Institutiones Coenobiticae, SC n° 109, Le Cerf, Paris, 1965.

Limitemo-nos a referir apenas Cassiano, teorizador do monaquismo do séc. V, que adaptou e transmitiu para o Ocidente latino as doutrinas monásticas mais cedo desenvolvidas no Oriente. Num comentário das máximas paulinas já referidas, ele mostra de que forma estas se podem aplicar à prática monástica. Tal como Paulo, o monje é um pugilista enérgico (pugilem strenuem), um athleta Christi, que, através da maceração do corpo, fustigado pelos murros da continência (uerberibus continentiae castigato) e empurrado pelas luvas do jejum (caestibus ieiuniorum eliso), traz ao espírito vitorioso a coroa da imortalidade (immortalitatis coronam) e a palma da incorrupção (in corruptionis palmam). Cassiano insiste numa reinterpretação da instrução paulina, aplicada à disciplina monástica. Sendo o combate espiritual (certamen spiritale), impõe-se a contenção, domínio da carne, como etapa que fortifica o atleta para a luta contra as forças exteriores, os principatus, as potestates, os rectores mundi, as spiritalia nequitiae in caelestibus. O recurso à metáfora desportiva é ainda constante na exposição do combate aos oito principais vícios⁵).

O uso da metáfora desportiva, na verdade, atravessa todos os géneros literários desenvolvidos pelos cristãos. Sem pretendermos ser exaustivos, citemos apenas um exemplo de um autor que, nas suas homilias, a desenvolveu, S. Leão Magno (XLV, I), ao referir-se aos fiéis que, na quaresma, buscam a perfeição:

Quer se trate daquela parte do povo que, iniciado já nos combates da arena evangélica se esforça sem cessar para conquistar a palma na corrida do estádio espiritual...

Mas esta utilização da linguagem do campo semântico desportivo contrapõe-se à rejeição da realidade que lhes deu origem, a instituição dos jogos, e divertimentos públicos em geral.

176 S. Cipriano, Tertuliano e S. João Crisóstomo, os dois primeiros com um tratado, o último com uma homilia, escreveram especificamente sobre o carácter nocivo dos divertimentos públicos, quaisquer que eles fossem. A primeira razão de condenação, e trata-se de um argumento que só aparece explicitamente no mais tardio dos autores, é que os

⁵ Cassiano, Op. cit, V, 17, 1-3; 18, 2; 19, 1-2; VIII, 22; X, 5; XI, 19, I; XII, 32, I; o combate aos oito principais vícios ocupa os oito livros finais da obra (V-XII); S. LEÃO MAGNO, Sermones, XLV, I, CCEL, t. I 38 A.

jogos distraíam o cristão das suas devoções, levavam-no a faltar às celebrações litúrgicas. Há, portanto, uma concorrência real que urgia afastarO⁶). Estas obras destinavam-se sobretudo às comunidades cristãs, com dificuldades em renunciar a esta realidade tão arreigada à mentalidade antiga. Que outros argumentos os levam a reprovar os jogos?

Há, antes de mais, que infirmar o facto de os jogos públicos possam ser a vontade de Deus, confusão fácil de ocorrer, reconhecem os padres, dada a presença da linguagem agónica nos textos sagrados. Diz Cipriano a este propósito:

Onde — dizem — estão escritas as proibições? — Pelo contrário, Elias é o auriga de Israel, e o próprio David dançou ante a arca. Noutras lugares ouvimos falar de violas, bandolins, sinos, tambores, flautas, cítaras, coros. S. Paulo numa luta-livre ou boxe, também propõe um combate espiritual contra a nossa iniquidade, (...) Noutro lugar, quando conclui o exemplo acerca do estádio, também fala no prémio da coroa. Porque então, não é lícito ao fiel cristão ver aquilo que as letras inspiradas escreveram? " (...) De facto, estas palavras e estes exemplos que foram lá postos em exortação da virtude evangélica, são desviados para apoiar os vícios. Porque estas não foram escritas para favorecer os espectáculos mas sim para estimular a dedicação da nossa alma para o que há-de vir, tão grande como a que existe nos pagãos pelas coisas do presente (...) o facto de Elias ter sido auriga de Israel, não abona em favor dos que assistem aos espectáculos circenses: ele não correu em nenhum circo. E se David chefiou coros diante de Deus, isto em nada favorece os cristãos que vão ao teatro: de facto, não representou (desaltavit), retorcendo os membros em movimentos obscenos, nenhuma peça das paixões gregas. As violas, os bandolins, os tambores, as cítaras serviram a Deus, não aos ídolos⁷

(⁶) Tertuliano, Loeb Classical Library, London, 1977, p.230-301; S. CIPRIANO, Liber de Spectaculis, PL 4, cols. 822-818; S. João Crisóstomo,

μ μ , PG 264-270.

tom evolui com a mudança dos tempos. Em Tertuliano e Cipriano, autores do séc. II, vemos a preocupação de mostrar os jogos como uma realidade negativa onde nenhum cristão deveria entrar. Ainda que se tratando de reprovações vigorosas, outras preocupações afligiriam as comunidades cristãs em tempos de perseguição. Com o padre de Constantinopla temos um poderosa invectiva contra os que, no Sábado anterior à Páscoa, preferem as corridas de cavalos e os teatros. Domina assim o tom admoestativo, reduzem-se os argumentos. João Crisóstomo promete a excomunhão para casos futuros (col. 268, op. cit.). Curioso é notarmos que nenhum tipo de espectáculo, musicais, dramáticos, desportivos (Cipriano, VII, col. 815; Tertuliano, XXIV, p.286 Quot adhuc modo probauimus, nihil ex his quae spectaculis deputantur placitum Deo esse), escapa à condenação.

(⁷) Também TERTULIANO (op. cit. XVIII-XIX) procura infirmar a teoria de que as Escrituras sancionam a frequência dos jogos.

De facto, a idolatria destaca-se como motivo de condenação. Para Cipriano, os jogos públicos são sempre celebrados em honra de um qualquer deus, ou por ocasião de um sacrifício ou em memória de um morto, motivos mais do que suficientes para não serem frequentados por cristãos⁽⁸⁾: caeterum, sciat omnia haec inuenta daemoniorum esse (...) idololatria ludorum omnium mater est. João Crisóstomo descarta argumento da idolatria, o que é compreensível: insistir na idolatria dos jogos no séc. IV produziria escassos frutos, pois, numa população cristianizada, os jogos teriam perdido o seu referente religioso imediato. Essa tarefa coube aos primeiros padres, concretamente a Tertuliano, que enfrentaram a concorrência real de outras religiões. Impunha-se, por isso a demarcação nítida entre os propósitos cristãos e as religiões pagãs⁽⁹⁾.

A vanidade dos jogos também é um argumento invocado, na senda das entrelinhas da máxima paulina. Diz Cipriano na obra referida, alargando a sua condenação a aspectos tradicionalmente consagrados no meio romano:

...ã vão saber as disputas das cores, as rivalidades nas corridas, os favores nas honras, alegrar-se por causa do cavalo mais veloz, sofrer com a lentidão de outro, contar os anos do gado, conhecer os cônsules, aprender as Eras, saber de cor a árvore genealógica, celebrar os antepassados...

A efusão gratuita de sangue, a tortura e o suplício de inocentes ou de culpados, a desumanidade com que são tratados os protagonistas dos espectáculos públicos ferem a nova sensibilidade, que considera a

(⁸) Op. c/t., col. 813: Quod enim spectaculo sine idolo? Quis ludus sine sacrificio? Quod certamen non consecratum mortuo? Quid inter haec Christianus fidelis facit?

(⁹) Tertuliano, Op. cit. V-VI, p. 24-248. Conferindo autoridade ao seu discurso, apresenta as origens dos diversos Ludii (Luperici, Consuales, Liberales, Megalenses, Apollinares, Cereales, Neptunales, Latiare e Florales) e, apoiado em etimologias duvidosas (os ludii foram introduzidos pelos Lydii; o circus foi consagrado ao Deus sol pela filha Circe), em autoridades como Varrão, Suetónio e Plutarco, conclui que "acerca da idolatria, isto bastará para confirmar a culpabilidade da origem". Além destes, temos os jogos fúnebres que são causa maior de idolatria, pois não se distinguem, em intensidade das homenagens, homens e deuses. E remata (VIII): animaduerte, Christiane, quot nomina immunda possederint circum. Aliena est tibi religio, quam tot diaboli spiritus occupauerunt. Res equestres e scaenicae res não escapam à sentença de idolatria, as suas origens míticas, o local de construção dos edifícios (IX-X).

tradicional mentalidade romana incongruente: o reconhecimento de uma dignidade implícita à condição humana, culpada ou inocente, cuja humilhação nunca deve ser motivo de gozo, não sendo o mais desenvolvido dos argumentos reprovadores dos jogos, é certamente o mais revolucionário, e destaca-se, quanto a nós, pela sua dramática actualidade. Tertuliano fala da vítima, a hostia, o criminoso em vias de ser punido ou o profissional dos jogos, como um par⁽²⁰⁾ Dedicar-se à exposição das incongruências deste sistema, que promovem uma oportunista inversão dos valores. Tertuliano testemunha uma realidade bastante conhecida, a de que a popularidade dos jogos confinava paradoxalmente com a exclusão social a que se votavam os seus protagonistas:

Quanto aos condutores de carros, aos actores, aos atletas, aos lutadores, homens apreciadíssimos, a quem os homens rendem os seus afectos e as mulheres os seus corpos e para quem desempenham aquilo que se reprova, por essa mesma arte lhes trazem os patrocinadores e administradores a glória, a humilhação e a degradação, e mesmo às claras condenam à vergonha e à diminuição social, excluindo-os do conselho, dos rostris, do senado, da ordem equestre, e de todas as outras honrarias e reconhecimentos. Quanta perversidade! Apreciam o que condenam, rejeitam os que aprovam, elevam a arte mas estigmatizam o artista. Que lógica é esta em que alguém é ofuscado pela mesma razão pela qual é aclamado?

Insistindo nos aspectos morais, Cipriano e João Crisóstomo apontam a imoralidade, o luxo, a dissolução dos costumes, que rodeiam o ambiente público dos jogos. Cipriano reclama que, no caminho para os espectáculos se acumulam bordéis, o suficiente para os olhos pecarem. São a causa da destruição de valores, trazendo adulterorum fallacias, mulierum impudicitias, scurriles iocos, parasitos sordidos, ipsos quoque patresfamilias togatos, modo stupidos, modo obscenos, in omnibus stolidos.

(20) Cipriano, op. cit. col 813-814: ludorum omnium matrem unde haec uanitatis et leuitatis monstra uenerunt; plura prosequi quid est necesse, uel sacrificiorum in ludis genera monstruosa describere, inter quae nonnumquam et homo fit hostia latrocinio sacerdotis; Tertuliano, quanto à crueldade associada aos jogos, afirma que o deleite dos cristãos no derramamento de sangue confirma o juízo que os pagãos deles fazem (XIX, p. 278 Si tales sumus quam dicimur, delectemur sanguine humano). Ainda que punam culpados, é errado tirar prazer da aplicação da pena. E, de resto, que homem é tão culpado que mereça uma pena de tal ordem? Et tamen innocentes de supplicio alterius laetari non oportet, cum magis competat innocentibus dolere, quod homo, par eius, tam nocens factus est, ut tam crudeliter impendatur (XXII, p.284).

Para João Crisóstomo, autor em que a problemática moral e as disfunções sociais provocadas pelos jogos assumem relevância, nestes espectáculos os velhos desonram as suas cãs, os jovens conspurcam a sua juventude e os pais assassina os próprios filhos quando os levam aos jogos. Condena o impudor das mulheres que, de vestes douradas e sem véu e com gestos afectados cantam canções de meretrizes, que não são mais do que um convite à lascívia⁽²¹⁾.

Que alternativa, que espectáculos são legítimos aos cristãos? Os autores referidos são unânimes quanto a este assunto: cabe aos cristãos contemplar o espectáculo da criação de Deus, a beleza deste mundo, a harmonia dos seus elementos celestes, marinhos e terrestres, oferecidos pelo criador aos seus *incolae*, as aves, os peixes e os homens. “Que estes, e outras obras de Deus, sejam os espectáculos dos cristãos. Que teatro erigido por mãos humanas se podia comparar a estas obras?” pergunta Cipriano.

As Escrituras também oferecem *condigna fidei spectacula*. Aí “lemos como Deus criou o mundo, justos naufrágios, a paga para os maus, o castigo dos ímpios, o mar esvaziado em favor do povo e pelo povo novamente devolvido ao solo, a descida de alimento dos céus, feras amansadas pela fé...”⁽²²⁾.

Tertuliano acrescenta à lista de espectáculos permitidos aos cristãos a constante e progressiva entrega a Deus, feita de renúncia, a luta contra os demónios pagãos, suficientes fontes de emoções. O quadro desenhado por Tertuliano no final da sua obra é nitidamente milenarista. Para o cristão, o maior dos espectáculos será observar a vinda de Cristo, rodeado de anjos, para a edificação da nova Jerusalém⁽²³⁾.

João Crisóstomo também propõe aos cristãos a contemplação de dois espectáculos, o teatro da criação do mundo e o combate pelo

(21) Cols 814-815; cols 266-267. Tertuliano, XVI, p.272, descreve um quadro de uma multidão entregue ao furor, para quem os juizes são lentos. O comportamento da multidão não difere dos modernos espectáculos de massas, seja o futebol seja um concerto rock, o que só confere veracidade ao testemunho de Tertuliano.

(22) Op. cit, IX, col. 816.

(23) Op. cit. XXIX-XXX, p.295-301: *Haec uoluptates, haec spectacula Christianorum sancta perpetua gratuita; in his tibi circenses ludos interpretare, cursus saeculi intueri, tempora tabentia, spatia peracta dinumera, metas consummationis expecta, societates ecclesiarum defende, ad signum dei suscitare ad tubam angeli erigere, ad martyrum palmas gloriare.*

domínio da alma. Nesta passagem, cremos que as referências platónicas são evidentes:

Se querias contemplar uma corrida de irracionais, porque não colocaste o jugo sobre os afectos irracionais da tua alma, a paixão e o desejo (μ μ)? Porque não lhes impuseste aquele jugo suave e cómodo da verdadeira sabedoria ()? Porque não lhes deste o correcto pensamento como auriga e não te lançaste para alcançar o prémio () do banquete celeste, correndo, não do pecado para o pecado, mas da terra para o céu? Este tipo de corrida traz, para além do gozo, muito proveito (...)⁽²⁴⁾.

Estes três autores concordam quanto ao carácter indistintamente negativo dos divertimentos públicos. A diferença entre as suas avaliações decorre mais dos contextos epocais onde estão inseridos e do diverso alcance pragmático do texto. Esperamos, portanto, ter tornado evidente a utilização da linguagem do campo semântico agónico nos autores cristãos, mesmo em contextos que visam a condenação da realidade em si.

Em jeito de conclusão, o facto de os três padres apresentarem uma alternativa legítima aos jogos pagãos confirma o reconhecimento, por parte destes, da impossibilidade de afastar o prazer lúdico do horizonte humano. Como mostrámos, serviram-se até dessa paixão como instrumento de evangelização, utilizando deliberadamente a metáfora desportiva em textos proseliticos. O que estava em causa, para os padres, não era a motivação lúdica, mas sim o modo como esta era satisfeita pelo velho mundo pagão. Urgia substituir essa realidade. Cipriano, Tertuliano e João Crisóstomo apresentaram as suas alternativas. As suas propostas, poéticas e inspiradas, decerto, não teriam cativado muitos adeptos ... a prova deste desinteresse residiu na dificuldade em acabar com as espectáculos públicos, mesmo entre populações cristãs, dificuldade que constatámos no dramático episódio que ensombrou o império de Teodósio e que também a irritada homilia de S. João Crisóstomo testemunha.

181

Os espectáculos públicos foram extintos, sob a força da lei, na perseguição das manifestações pagãs que se seguiu à conversão oficial do Império. Por anos próximos, foi-se desenvolvendo a procura de relíquias e de objectos santos, o culto dos santos mártires expande-se, erigem-se

⁽²⁴⁾ *Op. c/t.* I, também II col. 265, a evocação do espectáculo da criação do mundo.

ou ocupam-se santuários dantes consagrados a outros deuses, cristianizam-se festivais pagãos, desenvolvem-se as viagens espirituais pela terra santa, pelo Oriente dos profetas e dos antigos apóstolos, cristãos zelosos instalam-se em mosteiros, eremitérios, cimos de colunas e mesmo de árvores, tornados exemplos e objectos de veneração, fenómenos que gozam de uma enorme adesão popular e que nem sempre receberam o apoio da hierarquia religiosa. Num processo decerto espontâneo, as populações cristianizadas incorporaram nos seus hábitos, nas suas práticas, a pulsão lúdica, antiga e universal, num movimento que não deixa de atestar a sobrevivência dos jogos pagãos numa sociedade que formalmente lhes era hostil.

O CANTO DO MARTÍRIO: ESPÍRITO AGÓNICO NO HUMANISMO

Carlota Miranda Urbano
Universidade de Coimbra

No âmago do “espírito olímpico” que dá o tema a este congresso, reside a corrida para a meta da glória. A corrida, o combate, a prova que coloca o homem contra o outro homem, a competir pela vitória, aquilo a que chamamos espírito agónico e que o mundo grego admiravelmente encarnou em tantas dimensões da sua vida, é decerto mais do que a competição. É uma luta do homem para se superar a si mesmo, para superar os seus limites e a sua caducidade. Por isso, nós encontramos ao longo da história e das realizações humanas a força deste espírito. Testemunham-no, por vezes, belos passos da literatura.

Esta comunicação pretende ocupar-se de um poema do séc. XVII que exalta um herói da ascese e do martírio. Francisco Pacheco, um jesuíta, que nos anos da perseguição do cristianismo entre os nipónicos, prossegue os seus trabalhos de evangelização, acaba por ser preso e juntamente com os companheiros é queimado vivo. Aqui temos o mártir, mais tarde beatificado por Pio IX, apresentado como herói de uma notável epopeia de doze cantos, o *Padecidos libri duodecim*(\ editado pela primeira vez em Coimbra no ano de 1640, da autoria de

183

(¹) Sobre este poema veja-se TORRES, Amadeu, “A Arquidiocese de Braga e a Expansão da Fé: Nos 350 anos da “*Padecidos Libri*”, sep. de Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da Dedicção da Catedral, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, p.XLVII (1995) 861-870. O poema conheceu para além da edição de 1640, uma segunda edição em Génova no ano de 1750 e uma terceira do século XIX: Grandpont, Guichont. *La Paciecidie Épopée en douze livres en l'honneur du très illustre Père François Pacheco, portugais de Ponte de Lima (...)* par Barthélemy Pereira, S.J. (...) Paris, 1887.

Bartolomeu Pereira⁽²⁾, um poeta também jesuíta mestre de Artes em Coimbra.

1 Não podemos deixar de visitar Pindaro, o eterno cantor dos heróis olímpicos, para brevemente lançarmos um olhar sobre os caminhos percorridos pelo espírito agónico e pelos sentidos da ascese, que em primeiro lugar é o exercício do atleta que o leva à perfeição e à vitória. Pindaro assume a missão sagrada de exaltar o herói vencedor, mas também a cidade da sua origem, e o herói do mito que escolheu para ilustrar e significar na sua composição. O amor da glória, a base da educação homérica, é o nobre ideal do herói, e este passa a constituir exemplum, a fornecer modelos que despertarão no ouvinte espírito agónico. Não podemos demorar-nos com Pindaro, mas fixemos a perspectiva de Jacqueline Duchemini⁽³⁾ sobre a sua obra que nos ajudará a reconhecer no séc. XVII este espírito olímpico.

No entender da autora, no centro das preocupações de Pindaro está o problema escatológico, mas não vamos tão longe. Atentemos apenas no seguinte: Duchemin, baseando-se na leitura dos mitos narrados nas odes, afirma que em Pindaro, se por um lado o nascimento do herói ocorre de algum modo prodigiosamente, e se alguns heróis são favorecidos pelos deuses desde o nascimento, o que lhes confere uma natureza divina, por outro, esses favores são merecidos, e o homem deve encontrar pelo seu próprio esforço os valores da civilização e da humanidade, que só pode alcançar à custa da ascese. Aqueles que neste combate conseguem superar a condição humana, alcançam a glória, a sua parte na herança sobrenatural, que lhes merece um hino divino e lhes garante partilhar a imortalidade dos deuses.⁽⁴⁾

184 2 Mas vejamos de que valor a designação do exercício e do treino do ginasta, o termo e vai revestindo ao longo dos tempos: já

(2) Para alguns dados biográficos sobre este autor veja-se Miranda URBANO, Carlota, "Cantus Coniualis no canto I do *Padecidos libri duodecim* de Bartolomeu Pereira SJ" *Humanitas* LI (1999) 285-299.

(3) DUCHEMIN, Jacqueline, *Pindare poète et prophète*, Paris, 1955.

(4) Veja-se a obra acima citada, especialmente a segunda parte, "Le message Pindarique et la tradition" 97-190.

segundo Filon, possuirão a abundância, é o que nos diz na sua obra *Acerca dos prémios e dos castigos*⁽⁹⁾

A ascese que os primeiros padres da Igreja divulgam, embora entronque no Novo Testamento, na metáfora atlética de S. Paulo que foi objecto de trabalho da minha colega, a Dr. Paula Barata Dias, essa ascese, dizia, tem uma das suas raízes em Filon, sobretudo no sentido da renúncia e nos estoicos, especialmente no conceito de purificação da alma das suas paixões.

Se nos primeiros séculos do cristianismo a ascese encontrou expressão sobretudo na preparação para o martírio (), com o fim das perseguições, o 'negar-se a si mesmo' das mais variadas formas, por exemplo pela vida monacal, é o modo de praticar o glorioso feito dos mártires.

A crescente devoção da Idade Média pela humanidade de Cristo e pela sua Paixão e morte aumenta nos fiéis o desejo de conformação com os sofrimentos do Redentor, surgem as ordens mendicantes, que assumem a pobreza voluntária e das quais nascem numerosos tratados sobre a ascese. No séc. XV, a famosa Imitação de Cristo, de Thomas Van Kempen, contribui para o desenvolvimento de uma nova doutrina de vida interior baseada numa ascese exigente, a devotio moderna.

Porém, algum humanismo do Renascimento, por um lado, e a Reforma protestante, por outro, reagem contra o ideal ascético. Sobre-tudo a Reforma Protestante, com a doutrina luterana da justificação apenas pela fé, abala os fundamentos teológicos da ascese medieval. Só a fé e a Graça salvam o homem que nada pode. Contra esta aniquilação das possibilidades humanas, o sentido antiluterano da contrarreforma

(9) Filon, De praemiis et poenis 100.

(>) Nos primeiros séculos do cristianismo, o conflito ético-religioso entre o império romano e as comunidades cristãs gera inúmeros mártires. Pressionados pelos seus súbditos inconformados com a fuga dos cristãos à tradição, os imperadores perseguem e condenam o cristianismo. O martírio exerceu então uma forte atracção para muitos cristãos, o que testemunha, por exemplo, Tertuliano em obras como *Ad martyras*. Neste texto, nas suas exortações, Tertuliano recorre à comparação com os atletas, com os gladiadores, com o mundo militar, o que sublinha a concepção heroica que este autor tem da fé cristã. Veja-se p. ex.: "Proinde uos, benedicti, quodcumque hoc durum est, ad exercitationem uirtutum animi et corporis deputate. Bonum agonem subituri estis in quo agnothetes Deus uiuus est, xystarches Spiritus Sanctus, corona aeternitatis, brabium angelicae substantiae, politia in caelis, gloria in saecula saeculorum" Cf. *Ad martyra*, III, 3.

investe com o conceito de virtude heroica que os santos encarnam, conceito que sem dúvida deriva do humanismo e de uma radical confiança no homem⁽¹²⁾. A Reforma Católica continua a fazer a apologia e a gerar “campeões” da ascese, e surgem novas ordens religiosas que dão expressão a uma ascese mais exclusivamente interior, a completa renúncia da vontade, é o caso da Companhia de Jesus.

3 Esta ordem missionária cuja notável empresa educativa é sobejamente conhecida, foi também extremamente actuante nos domínios espiritual e teológico. Neste último, destacamos o aspecto mais relevante para este trabalho, o seu contributo na controversa polémica da cooperação da Graça Divina com o livre arbítrio do homem, que não moveu apenas, como vemos, o mundo protestante, mas que opôs dominicanos e jesuítas⁽¹³⁾. Valerá ao homem o seu esforço para se salvar? Basta-lhe a fé? questões cujas respostas darão ou não sentido ao ideal ascético.

No domínio espiritual o pequeno livro de St. Inácio de Loiola, recheado de imagens medievais e de espiritualidade tradicional nos seus pontos particulares, foi sem dúvida extremamente inovador se entendermos o seu todo significativo, a sua proposta de ascese, o seu método e a sua perspectiva humanista.

Também neste ponto deveríamos deter-nos sobre a ascese inaciana que influenciou largamente não só os religiosos da Companhia que regularmente faziam os Exercícios Espirituais, mas numerosos leigos que orientados por jesuítas os faziam, no contexto desta Devotio Moderna alargada a todos os fiéis.

(12) Veja-se a propósito do conceito de virtude heroica na Contra-Reforma MAIO, Romeo de, *Riforme e miti del'500*, Guida Editori Napoli, 197, p.257-278. Fazendo um estudo dos processos de canonização na Conta-Reforma, o autor propõe uma leitura da evolução da concepção de virtude heroica.

(13) Controversa acesa com a publicação de uma obra do jesuíta Luis de Molina, que saiu em Lisboa no ano de 1588 e que se propunha conciliar a eficácia universal da Graça com o livre arbítrio do homem à luz da presença de Deus e atacava expressamente a doutrina tomista do dominicano Bafiez exposta no seu Comentário a S. Tomás, publicado em 1584. Veja-se a este propósito ISERLOH, Glazik eJedin *Storia de la Chiesa — Riforma e Controriforma*, vol. VI, ed. Jaca Book, 1975, p.656-659.

Antes de mais, importa notar que o livro do fundador da Companhia não é nem pretende ser um tratado sobre a ascese, nem se dirige sequer ao que faz os Exercícios, ele é sim um manual de instruções, dirigido ao professor de ginástica (deixai passar a metáfora), ou se quisermos, ao guia espiritual que orienta os Exercícios. Só este facto já nos permite suspeitar da presença influente de um espírito agónico (de luta), de uma constante disciplina e exercício na concepção inaciana da vida espiritual do fiel cristão.

Se o tempo permitisse uma visita pormenorizada aos pontos dos exercícios, às suas regras e anotações, veríamos aquela suspeita confirmada, mas vejamos apenas um tema dominante. Para além das imagens fortemente inspiradas pelo clima militar e cavaleiresco medieval e os valores dele herdados, da devoção, da obediência, do serviço a um Senhor, domina os Exercícios, como meio para atingir o supremo fim de dar maior Glória a Deus, o "Vencer-se a si mesmo". A todo o momento o homem trava este Agón, este combate que opõe as duas bandeiras, o estandarte de Cristo e o de Lúcifer, ou se quisermos as duas cidades, Jerusalém e a Babilónia, numa evocação da imagem desenvolvida por St. Agostinho no *De Ciuitate Dei*.

Nas adições da primeira Semana, St. Inácio aponta como segundo fim da penitência: "Vencer-se a si mesmo, a saber, para que a sensualidade obedeça à razão e todas as partes inferiores estejam mais sujeitas às superiores"⁽¹⁴⁾. Isto implica, pois, o domínio do corpo, que no decurso dos Exercícios se traduz em gestos de disciplina que ajudarão a alcançar esta virtude. Por ex. a penitência corporal, o refrear dos sentidos, o guardar silêncio, a pontualidade a levantar-se, etc...

Os frutos de um vencer-se a si mesmo contínuo, e não apenas no decurso dos Exercícios, são o "ordenar-se", a libertação das paixões, a paz, acompanhada das três virtudes da humildade, da paciência e da fortaleza.

Notemos então que na ascese inaciana a penitência não é um fim, mas um exercício que serve para o aperfeiçoamento constante das virtudes interiores. A suma perfeição destes "atletas" deve ser

⁽¹⁴⁾ Inácio DE LOIOLA, *Exercícios Espirituais*, trad. de Vital Dias Pereira S J, Porto, 1983. Cf. §87.

procurada, seja qual for o seu estado de vida⁽¹⁵⁾, e implica “sair do seu próprio amor, querer e interesse^{^16)}, de modo a que não se queira nem deseje mais do que Deus quer, ou pelas palavras de St. Inácio: “de tal maneira que da nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que breve, e, assim, por diante em tudo o mais, somente desejando e escolhendo o que mais nos conduz para o fim que somos criados/W)

A ascese inaciana é sem dúvida um dos traços mais vigorosos e peculiares do espírito da Reforma Católica, e é também à luz das propostas deste movimento que devemos entender o Poema de Bartolomeu Pereira em louvor do martírio de Francisco Pacheco.

4 A recusa da Reforma protestante ao culto dos santos e das relíquias dos mártires teve como contrapartida na Reforma Católica, um ressurgimento da hagiografia em que a tendência apologética recua para dar lugar ao método crítico. No entanto, continuamos a encontrar numerosos poemas em tom épico que fazem a apologia de santos e mártires e a par dessa tendência, assistimos à intensificação do culto das relíquias^{O8)}.

A semelhança de Roma, igreja fundada sobre a fé dos apóstolos e sobre as relíquias de S. Pedro e S. Paulo, todas as outras igrejas procuram ter relíquias de santos e mártires ligados às suas origens, e no

(15) Ibidem §135 “como nos devemos dispor para chegar à perfeição em qualquer estado de vida que Deus, Nosso Senhor, nos conceder escolher”; §173 “Se alguém fez eleição devida e ordenadamente (...) não tem motivo para de novo fazer eleição, mas aperfeiçoe-se naquela que fez, quanto puder”; §185 “Supor a um homem que nunca vi nem conheci. E, desejando-lhe eu toda a sua perfeição, considerar o que eu lhe diria que ele fizesse e elegesse para maior glória de Deus, nosso Senhor e maior perfeição de sua alma (...)”. A glória de Deus acompanha sempre a perfeição da alma.

(16) Ibidem §189 “porque pense cada um que tanto aproveitará em todas as coisas espirituais quanto sair do seu próprio amor, querer e interesse.”

(17) Ibidem §23, o chamado Princípio e Fundamento. Espécie de texto programático que abre a Primeira Semana e tem como objectivo predispor o exercitante para o percurso espiritual que se segue.

(18) O Agiologio Lusitano de George Cardoso, que começou a ser editado em 1652, atesta bem o especial valor que esta época atribui à veneração das relíquias dos santos e mártires. CARDOSO, Jorge, Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas, Lisboa, 1652-1 774.

Jubileu do ano 1600, afluem a S. Pedro um milhão e duzentos mil peregrinos para venerar as sagradas relíquias¹⁹⁾. A Igreja pós-tridentina, reafirma o culto dos santos também prescrevendo para uso litúrgico em 1584 o *Martyrologium Romanum* compilado pelo Cardeal Sirleto a encargo de Gregório XIII.

A Sé Nova de Coimbra, antiga igreja do Colégio de Jesus da Companhia deste nome, cuja construção terminou já no séc. XVII, é um claro exemplo da valorização das relíquias, a julgar pelas enormes paredes que encerram os extremos do seu transepto, revestidas de numerosos relicários ricamente ornados. Como sugere o Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, é muito provável que algumas destas relíquias provenham da Igreja de S. Roque, também da Companhia de Jesus, que em 1588 recebeu numerosas relíquias que o embaixador João de Borja trouxe da Alemanha e de outros locais onde corriam risco de profanação graças ao cisma protestante. A importância das relíquias neste tempo é testemunhada pela própria celebração deste acontecimento que deu lugar à publicação de um livro de poesias de vários humanistas celebrando o acontecimento.²⁰⁾

Nesta atmosfera, então, podemos entender melhor a epopeia de doze cantos, cerca de seis mil versos, cujo propósito é cantar o martírio do Beato Francisco Pacheco.

5 E sobretudo no Canto V, a narrativa da prisão do herói-mártir, mas também no Canto XII, a narrativa da morte e glorificação, que se torna mais expressivo o espírito olímpico de um Agón que é travado nos planos divino e humano. Palco de uma luta entre dois mundos e suas

⁽¹⁹⁾ Este ano assiste ao triunfo de um papado renovado, nos países católicos, favorecido pelo Concílio de Trento que lentamente via as suas reformas postas em prática. Quando Clemente VIII abriu a Porta Santa em 31 de Dezembro de 1599, estavam presentes 80.000 pessoas.

⁽²⁰⁾ Entre os quais se encontra p. ex. André Falcão de Resende, como informa RAMALHO, Américo da Costa, in *O essencial sobre André Falcão de Resende*. Cf. p 19-20: "Com efeito, vemo-lo colaborar com oitavas e sonetos, na Companhia de Pero de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Luis Franco, do licenciado Fernão Rodrigues Lobo e outros, entre os quais o licenciado Manuel Campos que foi o editor, na Relação do solenne recebimento que se fez em Lisboa às santas relíquias que se levaram à Igreja de S. Roque da Companhia de Jesus."

forças contrárias, Francisco Pacheco, como qualquer herói, caracteriza-se por uma natureza agônica.⁽²¹⁾

Podemos ver em quase todo o poema um claro paralelismo entre este mártir-herói e o herói olímpico, entre a poesia que louva e imortaliza os heróis dos jogos helênicos e esta epopeia que louva os heróis da Evangelização. O atleta corre para a sua glória, que será a vitória sobre a sua caducidade, a sua imortalização na memória através da poesia que o cantará. O mártir corre ad Maiorem Dei Gloriam. Saindo derrotado pelas forças do mal aos olhos do mundo, vencido sai vitorioso, porque glorificado, também ele eternizado na Glória de Deus e na memória dos fiéis. Também ele luta contra a sua caducidade, contra os seus limites, exercitando-se nas virtudes, vencendo-se a si mesmo para que nele triunfe a sua centelha divina.

O constante sofrimento que a prisão impõe a Pacheco e aos seus companheiros é a sua melhor arma para se fortalecerem e prepararem para o martírio. A ausência de conforto e de repouso, bem como as mais diversas torturas contribuem para a ascese que os purifica, no dizer do poeta: “em tais sofrimentos, porém, a mais bela virtude alimenta as forças e uma valentia secreta”⁽²²⁾. Por isso, quando abrandada a tortura, “logo cada um flagela o seu corpo com o chicote, como se travasse combate com impudente inimigo e não cessam os golpes de suas próprias mãos, até que o último suspiro lhes foge da boca, as correias caem das mãos e o chão fica rubro de sangue”.⁽²³⁾

Assim fortalecidos pela penitência exterior, estes heróis não têm qualquer cuidado pelas coisas mundanas e pensam apenas em “crucificar o seu corpo”⁽²⁴⁾. Francisco Pacheco, o herói protagonista anseia e suspira por mais sofrimentos, por que venha finalmente o martírio, e cito — “nas lágrimas recrudescer o seu amor e recobra as forças adormecidas”⁽²⁵⁾

(21) BAUZÁ, Hugo, na sua obra *El mito del héroe, morfología e semántica de la figura heroica*, El Salvador, 1998, caracteriza o herói como alguém que está em permanente conflito entre dois mundos. Cf. p.8.

(22) Traduzido nas citações. *Padecidos...* V, v. 107-108.

(23) *Ibidem* V, v. 126-130.

(24) *Ibidem* V, v. 133.

(25) *Ibidem* V, v. 154.

Vencedores neste combate humano entre a esperança e a tortura, o “rei do funesto Averno”⁽²⁶⁾, no dizer do poeta, prepara nova ofensiva a estes heróis. Pede a Vénus que envie o seu filho Amor com suas flechas e com elas vença Pacheco e os seus companheiros, já que as torturas nada conseguiram. Trava-se então um combate divino entre o Cego Amor, como Ihe chama o poeta, e a Pureza. Falando a Pacheco durante o sono, o Amor propõe-Ihe, em troca da apostasia, o casamento com a bela filha de Mondo, e recorda-Ihe célebres e míticos vencidos das suas setas, para que não pense resistir-Ihe. A Pureza acode a Pacheco, insulta o Amor Cego, expulsa-o e desmascara o seu engano, porque, cito —“até quando dorme, Pacheco vigia, triunfa durante o sono”⁽²⁷⁾. O Amor tenta ainda vencer os companheiros do herói, mas também eles levam a palma da vitória neste combate, então, desistindo corre a chorar, humilhado, para o regaço consolador da sua mãe que promete vingança a Pacheco. O resultado desta vitória é a glorificação da virtude dos heróis, numa antevisão da sua glorificação pelo martírio. Cito: “irefulgiu a honra da virtude...todo o rigor, todas as ameaças começaram a ceder”⁽²⁸⁾. Os guardas não só refreiam as suas torturas, mas fazem tudo para aliviar os sofrimentos dos prisioneiros. O poeta manda calar Orfeu, pois, mais do que o seu canto que domou as feras, as obras⁽²⁹⁾ destes prisioneiros abrandaram os corações de pedra dos seus carrascos.

Ao ver surgir esta oportunidade, Francisco Pacheco propõe à contemplação destes homens uma série de exempla, homens e mulheres, naturais do Japão, que sofreram o martírio, modelos em que venceu a virtude, e deste modo se converte um jovem guarda.

6 A morte e a apoteose de Francisco Pacheco, encerram o último canto da epopeia, e estes momentos são também eles representativos do ideal do mártir-herói.

⁽²⁶⁾ *Ibidem*, V, v. 165.

⁽²⁷⁾ *Ibidem* V, v.236-238.

⁽²⁸⁾ *Ibidem* V, v.276-278.

⁽²⁹⁾ Valorize-se aqui o carácter eficaz das obras no contexto da polémica questão da justificação das almas entre a doutrina luterana e a católica.

Francisco Pacheco, que o poeta compara ao cisne, canta o momento da morte, exulta neste trespasse que é o triunfo, a meta tão desejada da sua corrida para a glória. Cito as suas palavras:

O fogueira!, ó meta tão desejada das minhas preces, como a vossa demora afligia o meu peito, afligia a minha alma, mas chegastes, enfim; em boa-hora vinde, para que pelo fogo me purifique (...) Recebei nas vossas cinzas este corpo envelhecido, ó chamas, que o nosso zelo e as nossas lágrimas mereceram, e o mar tantas vezes percorrido, e os mil perigos enfrentados nas ondas. Feliz aquele a quem foi dado passar pelo fogo e pelas águas! De um lado e do outro conspiram água e fogo, ambos elevam aos céus a minha glória.⁽³⁰⁾

O perfil heroico de Pacheco surge, assim, valorizado na dolorosa e trágica morte pelo fogo. Além disso, esta morte significa simbolicamente a purificação do herói, a redução de tudo o que nele é humano e imediata libertação da sua centelha divina que se reunirá ao seio divino de Deus Pai.⁽³¹⁾

Aquelas palavras do herói exprimem o desejo de martírio, a máxima conquista a que aspiravam os santos, a sua forte consciência de heroísmo, de honra e de glória tão gratas ao seu tempo.

O grande movimento missionário desencadeado pelas descobertas de novos mundos traz consigo novas oportunidades de manifestação daquele desejo, e se o martírio não se trava contra as autoridades ou religiões locais, como neste caso, há outras formas de o travar, pelo ‘serviço heroico’, como o exprimem sobretudo as ordens hospitalares de S. João de Deus e de S. Camilo de Lellis. A morte por contágio com a peste, fruto do serviço aos doentes, é considerada um forma de martírio, também ela resulta de uma escolha voluntária de Cristo nos pobres e doentes⁽³²⁾. Este é sem dúvida um ideal heroico valorizado na

⁽³⁰⁾ *Padecidos ... op.cit, XII, v. I 117-126.*

⁽³¹⁾ BAUZÁ, op. cit., no estudo do mito do herói na Antiguidade Clássica, percorre os caminhos de Hércules, como arquétipo do herói, observando o carácter paradigmático da sua apoteose pelo fogo. Cf. p.80-82. A obra dedica àquele herói todo o capítulo III “Heracles y el arquétipo heroico” p.39-106.

⁽³²⁾ O Agiologio Lusitano, no seu prefácio, justifica a inclusão de “alguns religiosos, que movidos de caridade ministrando os sacramentos aos feridos da peste ou curandoos, morreram nesta sã empresa, a cujos semelhantes a Igreja Católica em lata significação dá título de mártires.” E justifica-a evocando um antigo exemplo “Assi o faz o martyrologio romano a 28 de Fevereiro a certos presbyteros, diaconos e seculares de Alexandria, os

sociedade da Reforma Católica que mais uma vez se afirma na polémica com as doutrinas protestantes que desvalorizam a acção humana e fazem depender apenas da Graça de Deus a Salvação do homem. Ao mesmo tempo, este ideal mostra na sua época o elevado valor do martírio cantado nesta epopeia.

Mas o triunfo do mártir, aos olhos do mundo, é uma derrota, por isso Francisco Pacheco apela à cristandade do Japão que não o lamente, mas que antes contribua para a sua glorificação, exultando também de alegria com a vitória do seu 'atleta':

E vós, meu rebanho, celebrai comigo este dia, todos vós, cingidos de coroas festivas, e erguei nas mãos as palmas. (...) uma só coisa vos peço, vos suplico nesta hora extrema: que nenhum de vós, ó Japão, me desonre com suas lágrimas, ao verme arder entre as chamas e as duras cadeias. Ao triunfo não ficam bem os tristes lamentos»¹⁽³³⁾

Não podemos deixar de notar a coroa festiva e a palma, prémio das vitórias nas competições da Antiguidade, que para sempre ficaram na simbologia da iconografia cristã como identificação da vitória do martírio.

Enquanto arde o fogo que consome estes mártires, Francisco Pacheco, a Fénix⁽³⁴⁾, como lhe chama o poeta, parte para os céus, juntamente com os companheiros, guiados pelo anjo Japoniel, o anjo do Japão. Os mártires chegam à mansão celestial, brilham as nove palmas e as nove coroas destinadas a cada um. Acolhem-nos à chegada, St. Inácio

quaes numa cruel peste q naquella cidade ouue an. 255 mouidos de Caridade acudirão com grande cuidado (como quem sacrificava a vida por Cristo) os sacerdotes, & diaconos a Sacramentar os enfermos & consolalos, & os seculares com outros de Menores Ordens, a curalos, a servilos e enterralos, offerrecendose huns e outros voluntariamente á morte". Cf. p.50. Esta 'categoria' de santos merece na Companhia de Jesus um catálogo próprio: vd. ALLEGAM BE, P, Heroes et victimae charitatis Soc. Iesu seu Catalogus eorum qui e Societate Iesu charitati animum deuouerunt ad id expositi et immortui peste infectorum obsequio ex charitate obedientiaque suscepto..., Romae, 1658.

(33) Padecidos... XII, v. 130-140.

(34) Cf. Padecidos... XII, v. 172-178: "Ah Fénix, como partes feliz! como desprezas as iras de vulcano, e rejubilas de renascer das chamas! Como voas formosa e resplandecente! sobes acima da própria Lua e do Sol, com tuas asas vais além dos astros dourados, da cristalina abóbada celeste, os olhos dos que te seguem já não podem distinguir-te. Parte, bem-aventurado, exulta para sempre no triunfo que alcançaste."

e S. Francisco Xavier. Espera o herói um trono admirável que, à maneira do escudo de Aquiles ou do de Eneias, é também de fabrico divino. No bronze desta obra brilham Portugal, a Índia, a China, as cidades do Japão, os trabalhos e a vida de Pacheco, a sua morte, e na base do trono estão esmagados os monstros cruéis das divindades japonesas, inimigos vencidos.

O poema termina em apoteose. Na perspectiva do humanismo da Contra Reforma, este mártir-herói merece ser cantado, é exemplum de virtude, venceu o desafio dos seus limites e da sua caducidade, paradoxalmente, pela morte. O combate que travou preparado pela ascese, deu-lhe a vitória. Esta é, sem dúvida, uma manifestação de espírito agónico, do princípio humano que leva o homem a esforçar-se por superar os seus limites, por corresponder ao seu Fim, e que ao longo da história humana pode resultar nos mais elevados ideais.

(Página deixada propositadamente em branco)

A POÉTICA DO DESPORTO EM MAURICE GENEVOIX

Ana Fernandes
Universidade Católica

Buscar na literatura francesa autores ou obras em que o desporto tivesse algum peso não foi tarefa fácil, muito menos na época que mais tenho estudado, o século XVIII. No entanto, a partir do século XIX e sobretudo no século XX, este tema encontra vários adeptos e até se vê nascer uma profícua literatura desportiva.

Maurice Genevoix foi o autor escolhido pela beleza do texto que nos ofereceu, primeiro em 1925 com *Euthymos, vainqueur olympique*, texto que foi aumentado e viu uma segunda publicação, em 1960, com a mudança de título para *Vaincre à Olympie*. De um a outro, permanece a mesma ideia de vitória nos jogos olímpicos, embora o segundo título seja mais pessoal.

A obra divide-se em três livros, mas todos convergem para uma concentração no herói *Euthymos de Locres*, e de todos sobressai a beleza física e a comparação entre o homem mortal e os deuses eternos. É daqui que resulta aquilo a que chamámos a “poética do desporto” e, poderíamos acrescentar, do corpo.

Tratar a “poética” de um texto é tentar perceber a especificidade do discurso literário, a qual enriquece a nossa percepção de uma gama de harmónicas e de uma rede de significações em que o imaginário tem um lugar preponderante. Isto não quer dizer que a literatura só profira mentiras, ao construir imagens arbitrarias e sem relações necessárias com o real, antes pelo contrário ela alimenta-se de referencialidade. A descrição e até a análise propriamente literárias são as únicas capazes de dar conta do real na sua totalidade. Ao lermos o texto de Maurice

Genevoix, assistimos à emergência de um “espaço poético”, no sentido primeiro do termo, isto é, um espaço criado pelo discurso literário, que comporta mais realidade que o próprio acontecimento ou o facto bruto que se passou no estádio. As imagens que a literatura utiliza, as “conotações” que ela liberta, as analogias que sugere, as impressões que traduz ou as evocações a que nos convida, são modos de nos despertar para uma visão dos factos, de motivar a nossa afectividade, a nossa sensibilidade, para todos os traços, cores, nuances, singularidades ou aproximações harmónicas, permitindo-nos assim melhor penetrar no “vivido” dos praticantes ou dos espectadores, que passaremos a estudar.

Um dos temas mais constantes da literatura desportiva, sobretudo no seu início, é o do tipo de beleza que a prática do desporto confere ao corpo do atleta. O conhecimento de si passa pelo reconhecimento do seu corpo. As teorias do desporto e da educação física oscilam entre a consideração do corpo como suporte ou simples instrumento que é preciso domesticar e aprender a manejar o melhor possível. Assim, podemos constatar que na obra que estudamos, Euthymos de Locres treina-se para os Jogos Olímpicos de forma sistemática e persistente: “Mais tant de durs travaux devaient avoir leur récompense. Maintenant le corps d’Euthymos s’était chargé de muscles larges, aux attaches sèches et déliées.” (p.98). Qualquer aprendizagem desportiva deve revelar a personalidade do atleta, mas também constrangir o seu corpo para que a desordem da natureza dê lugar à harmonia da “cultura” física e à beleza: “A peine avait-il dix-neuf ans, mais il montrait sous la chlamyde l’apparence d’un homme fait; et, dès qu’il était nu, l’on sentait au premier quelle force terrible animait son corps de vivant” (p.98). Este treino, que combina o progresso da consciência do corpo com a aquisição de mecanismos ou de automatismos, é acompanhado pouco a pouco de um sentimento de libertação: Euthymos suivait l’alïpte, comme lui délivré de son corps, ivre d’une liberté divine” (p.93). Apropriar-se do seu corpo, ser o seu corpo, consiste em não depositar nele, como se se tratasse de uma entidade distinta, a responsabilidade de um comportamento em que não quer reconhecer-se, mas, pelo contrário, em conhecê-lo e em tornar-se capaz de controlar cada vez melhor as suas reacções e os seus movimentos: “ Aussi bien que son maître, Euthymos savait à présent les places vulnérables du corps, celles qu’il faut chercher à frapper” (p.99).

Perdendo o seu peso de instrumento ou de objecto, o corpo parece aligeirar-se. Por força de habitar plenamente o seu corpo e de ser o seu corpo, o atleta, em estado de graça, acaba por perder a consciência de ter um corpo. Este estado supremo é atingido na realização perfeita de todas as suas virtualidades. Nesses instantes privilegiados em que se manifestam estes poderes, o corpo encontra-se sublimado, volatilizado, solúvel no ar: "leurs corps planent, libérés de la dure pesanteur, emportés tous ensemble sur l'aile de la Vitesse divine. Ceux qui les voient planent avec eux" (p. 168).

O treino que permite que o desportista melhor se conheça, possibilita-lhe responsabilizar-se pelo seu corpo. Este auto-conhecimento tem uma incidência evidente sobre o comportamento geral. A cultura física é também uma educação moral, que toca a disciplina de si e a vontade: "Et Euthymos, plein de respect, sentait la force de sa volonté, l'ardeur de son espérance" (p.87). A concentração não é senão substituir um estado de alma por um estado de corpo e, por isso mesmo, o atleta abstrai-se de tudo, da pátria de que tem de se afastar temporariamente, do seu passado mal conhecido, do amor por Cymothoé que o poderá fazer vacilar. O desporto consiste em delegar no corpo algumas das virtudes mais fortes da alma: a energia, a audácia, a paciência: "Il le faisait courir sur les pentes les plus escarpées, traverser les fourrés d'épines, franchir d'un bond le lit des torrents. [...] Il loua son élève de sa constance, de son courage" (p.97, 100). E são também eles os princípios de todo o atleta: "Fidèle à sa gloire passée en même temps qu'aux ordres des dieux, il chercherait, de ville en ville, les jeunes athlètes entre les mieux doués; et, les ayant trouvés, il cultiverait en eux les vertus qui donnent la victoire: la force, l'agilité, le caractère, et le désir de vaincre" (p. 121). É o espírito olímpico que se enuncia na procura em promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais do indivíduo.

Este culto do corpo gera beleza, fazendo-o aparentar-se assim à arte. Maurice Genevoix insiste então neste aspecto quando nos mostra um atleta que é comparado à estátua de um atleta olímpico: "Il avait les mêmes jambes longues,... la vigueur de son torse" (p.30). Na obra que estudamos, este tipo de comparação é frequente, e não é para admirar, pois, que o desporto seja tema evidente de inspiração dos escultores, e também não é por acaso que um dos capítulos de *Vaincre à Olympie* tem

por título "Le sculpteur", personagem que a dado momento afirma: malgré moi, tandis que de mes mains je modelais et animais l'argile, j'étais hanté par la forme virile, aux épaules larges, aux hanches étroites, aux bras musclés. [...] Tous, tant que nous sommes, sculpteurs, nous avons trop flâné dans les palestres. Toutes les visions dont brille notre mémoire sont d'athlètes nus dans le soleil." (p.87-88) — a imagem real serve assim de inspiração à arte e nesta se vai espelhar.

O olhar posto pelo homem sobre o seu próprio corpo modifica-se e o narrador que o transporta observa-o na sucessão dos seus movimentos com a minúcia de um anatomista. A antinomia suposta da tecnicidade e da "literariedade" encontra-se abolida pelo facto de que a menção aos músculos e às partes do corpo não é feita através de uma designação e, por isso mesmo, tal não confere de todo ao texto o ar de um curso de anatomia, mas participa, pelo contrário, com o ritmo, a escolha das imagens e das comparações, numa viva sinfonia: "Son buste, incliné sur le flanc, se soutenait sur son bras droit plié qui, du coude, appuyait sur le sol; son bras gauche s'allongeait, détendu, suivant la courbe de sa hanche et laissant sa main reposer, les doigts entrouverts à demi, sur sa cuisse aux muscles pesants" (p.94); "On les voit se plier sur eux-mêmes, le buste horizontal, un peu courbé comme un bel arc. Leur force, en ondes profondes, s'éveille, s'accumule, se durcit. Elle bande leurs jambes, elle crisper leursorteils dans les rainures de brique chaude" (p. 168). O escritor provoca deliberadamente o leitor e quer incitá-lo a prestar atenção ao que o seu olhar habitualmente negligencia: as diferentes partes do corpo podem ser dotadas de expressão.

200 Mas o homem, na sua força e pujança adquire características de bestialidade. Mesmo se o dualismo homem/animal é fortemente contestado, em Maurice Genevoix as comparações surgem com certa frequência e o que é especificamente humano adquire características animais: "Ilsouffle bruyamment, il mugit. Frappe, Euthymos! C'est un buffle, Ekhékratidas, un buffle aveugle!" (p. 126); "Euthymos plus roidement qu'un bélier contre la porte d'une ville, a lancé son terrible poing droit" (P-I 89).

O que sobressai contudo do espectáculo corporal é a beleza evidenciada na sua nudez: "dès qu'il était nu, l'on sentait au premier regard quelle force terrible animait son corps de vivant. Je le revois en ce temps,

Sostratos. Et j'en puis témoigner par le Soleil qui éclaire toutes choses, il était beau" (p.98). Ou então quando na nudez homens e estátuas se confundem: 'Oui, Sostratos, c'est bien elle, la table des olympionikes. Colotès a ciselé sur ses quatre côtés l'image des dieux et des athlètes. L'ivoire est blanc sur le champ d'or. Les pâles nudités en prennent un éclat rayonnant, comme au soleil du stade les corps vivants des jeunes hommes" (p. 148). Em Vaincre à Olympie, o leitor reencontra a nudez dos "primitivos", de que os Gregos conservam o uso para a sua ginástica - como o mostra a etimologiaO.

Não é lugar comum a beleza transcender o tempo? Em todo o caso a sua constância testemunha a verdade da primeira impressão. Esta verdade depende ela própria da felicidade com que o escritor traduz a emoção. Em Maurice Genevoix existe um exemplo singular. Quando evoca a corrida antiga de Olímpia, eis que de repente qualquer noção do tempo é abolida: "H n'y a jamais eu que le rayonnement du soleil, la piste fauve" (p. 168). Curioso emprego do perfectum que designa aqui não o resultado presente de uma acção passada, mas justamente a perfeição desse instante, que o situa fora do tempo, factor de evolução e de aniquilamento. O perfectum utilizado aqui por Maurice Genevoix alia-se a um dos valores de emprego do presente que ultrapassa infinitamente tanto o passado como o futuro e sugere a natureza intemporal deste instante que, contudo, "objectivamente", só figura como um ponto muito ténue na cadeia temporal. Esta beleza tem o carácter evanescente de um sonho, e contudo evoca-se frequentemente a estatuária a seu propósito, o das artes que assegura mais a perenidade da obra.

O tempo também se pode suspender na corrida a pé, é o que nos sugere precisamente Maurice Genevoix quando afirma: "//s courent et semblent suspendus. Les corps planent, libérés de la dure pesanteur, emportés tous ensemble sur l'aile de la Vitesse divine" (p. 168).

As comparações são uma constante no livro, e não podemos deixar de focar uma certa consagração da graça, a qual transporta o homem para uma esfera superior que o faz esquecer o banal da sua existência

(*) Do grego *gymnos* : nu. que levou a "ginástica" e ao facto de que os atletas apresentavam-se nus para realizar os seus exercícios.

quotidiana, e sugere uma promoção da natureza e da condição humanas que inspiram o poeta. Em Maurice Genevoix, a graça remete para a ideia grega de que o que os homens partilham com os deuses, não é unicamente a inteligência, mas também a beleza, fazendo interferir sabiamente a maioria dos temas uns com os outros: courent, nus dans le soleil. Des flocons de poussière éclosent sous leurs talons. [...] Ceux qui les voient planent avec eux: tous les maux, les misères, les laideurs, les voici soudain oubliés. Il n'y a jamais eu que le rayonnement du soleil, la piste fauve et l'allongement des corps rapides, les taches d'ombre qui naissent et s'effacent au creux des jarrets vigoureux, les talons qui battent l'air en arrière, qui le refoulent et s'y appuient pour aider l'élan des poitrines, tendues, tendues, poussées en avant par les coeurs, et le mouvement des bras qui redisent dans la lumière l'envolée des jambes admirables. Plus vite! On voudrait qu'ils arrivent et que leur course n'ait point de fin. La foule palpite, halète, ravie au-dessus d'elle-même par le spectacle de cette beauté brûlante, qui s'emblée touche à son apogée, et s'y maintient, miraculeusement" (p. 168-169). Página plena de vigor e de dinamismo, mas em que, ao mesmo tempo, se vê o movimento evoluir para uma frequência imóvel. Sente-se a vontade de traduzir a impressão de que a sucessão destes instantes parece tender para a eternidade, assim como a sucessão dos gestos rápidos se resolve numa espécie de suspensão sugerida pelo verbo "planer" que sugere a suspensão temporal a que já nos referimos. Este esforço violento transmuta-se em graça, e mesmo se esta alquímica operação é sobretudo fruto da transposição literária, é preciso que o autor tenha percebido e sentido assim a corrida do estádio para a ter querido traduzir e "transmitir" desta forma. A força, a violência, o esforço existem, é certo, mas não nos apercebemos do seu carácter penoso: o que predomina é a impressão catártica que se apodera dos corações. Espaço e tempo são abolidos. O estádio olímpico transfigura-se de repente: eis-nos transportados para a Olímpia inacessível ao tédio: "L'enchantement des Jeux a saisi les pèlerins d'Olympie. Pendant cinq jours, ils seront ivres. Leur vie est une fontaine de joie qui ne saurait jamais tarir" (p. 169). A "graça" surge em toda a sua força, tanto no seu sentido puramente estético, como na sua acepção mística e religiosa quando os atletas são comparados a deuses: "Et Euthymos, dans ses propres veines, sentait couler le sang d'un dieu" (p.94).

Qual a impressão geral que nos fica deste romance de Maurice Genevoix? Em *Vaincre à Olympie*, autor oferece-nos romance dos primeiros jogos olímpicos, remontando até à pureza das fontes. "Un à un, les athlètes s'avancent Ils jurent devant Zeus d'être loyaux, de craindre les dieux...". Euthymos de Locres veio para afrontar os melhores pugilistas, "boire à longs traits le vin grisant de la victoire" e colocar na sua cabeça a coroa de oliveira sagrada, medalha de ouro da época e que reveste uma simbologia muito forte de fecundidade, paz, força, vitória e recompensa.

O autor faz-nos assistir como espectadores privilegiados aos Jogos de Olímpia, sacrificar aos deuses, participar no triunfo de Euthymos, que só se torna possível porque o herói se abstrai de qualquer relação humana que o possa distrair e comprometer na sua vitória.

Vaincre à Olympie é o romance em que o Eu se suplanta: triunfo do estádio, triunfo da juventude, sob o céu helénico, num mundo povoado de deuses. Este mundo grego, onde a nossa civilização encontra as suas mais nobres origens, é aqui apresentado com toda a vivacidade. O livro magistral de Maurice Genevoix leva-nos de forma feliz até ao movimento, até ao calor da sua própria vida, narrando a criação do corpo paralelamente à descoberta do exercício físico.

BIBLIOGRAFIA

GENEVOIX, Maurice, 1960, *Vaincre à Olympie*, Paris, Le Livre Contemporain.

CHARRETON, Pierre, 1990, *Le Sport, l'Ascèse, le Plaisir*, Saint-Etienne, Centre Interdisciplinaire d'Étude et de Recherche sur l'Expression Contemporaine (CIEREC).

(Página deixada propositadamente em branco)

OLIMPISMO E EXALTAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE: DAS ORIGENS AOS JOGOS CONTEMPORÂNEOS

Francisco Sobral
Universidade de Coimbra

I

Como explicar que, na iconografia desportiva, as figuras proeminentes, com lenda tecida à sua volta nos últimos cem anos, sejam, na sua grande maioria, atletas de desportos individuais? Paavo Nurmi, Johnny Weissmuller, Sonja Heine, Emil Zatopek, Roger Bannister, Fausto Coppi, para citar apenas alguns dos mais antigos. Mesmo ao cidadão de interesses mais afastados do fenómeno desportivo são familiares nomes de grandes atletas que os media entronizam na galeria dos heróis populares.

Que valores e representações justificam que, em todas as recentes votações para eleger o Atleta do Século, a escolha tenha recaído em figuras desses chamados “desportos individuais”? E por que razão, chamados a eleger a figura mais notável entre os desportistas, jurados e público em geral concordaram na atribuição do título a um pugilista, um nadador ou um campeão de atletismo — ou, pelo menos, aceitaram pacificamente esse desfecho?

Como entender que, sendo o futebol, numa extensa parte do mundo, o desporto que agarra a atenção das maiores multidões e, pela sua mediatização, aquele que mais promove os seus ícones, os futebolistas apareçam em plano secundário quer nas nomeações quer nas classificações finais atribuídas?

Este sentido de escolha verifica-se, de resto, não apenas em relação ao futebol mas também a outras modalidades de equipa que, em alguns países, gozam de preferência pública semelhante. Nos Estados Unidos,

por exemplo, onde Michael Jordan, do basquetebol, ou Joe Montana, do futebol americano, são heróis entronizados na admiração popular, as escolhas repartiram-se entre Muhammad Ali e Cari Lewis, com algumas incursões avulsas pelo meio, como foi o caso do nadador Mark Spitz. A tendência parece ter, assim, carácter universal. São verosímeis algumas excepções — para jogadores de críquete, por exemplo, dos pequenos países das Índias Ocidentais — entre outras hipóteses pitorescas mas confinadas a um contexto geográfico muito restrito.

Mais importante do que julgar sobre o acerto dos eleitores é procurar entender o significado desta inclinação por figuras de modalidades desportivas que não beneficiam da exposição massiva aos media, que só arrastam a curiosidade das multidões de anos a anos, por ocasião dos grandes torneios internacionais, e que mesmo assim conquistam um lugar perdurável na memória de um largo espectro de jornalistas, técnicos e adeptos do desporto.

Como entender, pois, um desfecho tão paradoxal?

II

Uma interpretação não trivial remete-nos para outra questão: qual é a essência do “acto desportivo”? Qual o motivo que incita o homem à proeza atlética e, de certa maneira, imprime no desporto um significado que repercute no imaginário dos povos?

206 As teorias clássicas do jogo atacaram este problema segundo diversas perspectivas. Alguns autores pretenderam ver, no acto desportivo, a comprovação da teoria do excesso de energia, enquanto outros, instalados em posições pragmatistas, se inclinaram para a teoria do exercício preparatório, associando o desporto, pelo menos nas suas manifestações mais arcaicas, à preparação militar e à aquisição e aperfeiçoamento das técnicas de caça e pesca. Trata-se de visões ao mesmo tempo ingénuas e parciais porque, tal como a investigação o tem demonstrado nas diversas áreas de iniciativa científica aplicada ao desporto - psicologia, sociologia, antropologia, ciências biológicas — este é um fenómeno multidimensional tanto nos mecanismos que solicita como nos significados que reveste enquanto domínio de experiência subjectiva. Não é redutível, portanto,

a um quadro de explicação singular, mesmo que erigido sobre uma teoria sedutora e cientificamente robusta, de acordo com o paradigma monodisciplinar.

A falência das teorias de jogo na elucidação da essência do acto desportivo — e, em particular, nos seus planos axiológico e motivacional — resulta precisamente dessa natureza complexa que não nos autoriza a entender o desporto como sucedâneo directo do jogo através de uma simples mudança de grau. Embora em toda a experiência desportiva persistam elementos residuais do fenómeno lúdico — e isso é inquestionável, pelo menos no plano formal — o desporto contém elementos distintivos originais e outros que, não o sendo de todo, revestem porém intensidade e articulação específicas.

Nos estudantes de Educação Física e Desporto, frequentemente aturdidos com a copiosa produção dos diversos discursos científicos, procuramos estimular um olhar crítico, integrador, do fenómeno desportivo, a partir de três díades fundamentais: naturalismo-racionalismo, regra-transgressão, hedonismo-ascetismo. Dois outros elementos se acrescentam como matéria de reflexão, atravessando o debate científico e filosófico: a superação e o excesso.

A importância do excesso, identificador por excelência do desporto, é tal que Pierre de Coubertin não se sentiu constrangido a esconder o pensamento atrás de conceitos elípticos ou artificiosos. Desporto, como o definiu na sua "Pedagogia do Desporto", é toda a forma de exercício físico desprovida de interesse material — a definição é datada, como sabemos — que visa a superação das capacidades humanas, «se necessário com risco da própria vida.»

Este risco, inerente ao desafio, à proeza, é uma aposta assumida pelo indivíduo na esfera exclusiva da sua consciência. É um acto livre, eventualmente favorecido por uma constituição biopsíquica e por estímulos oriundos do contexto sociocultural, mas sempre uma manifestação individual da vontade.

As mais antigas referências escritas a proezas atléticas são porventura as contidas na *Ilíada* e na *Odisseia*. Comentários, descrições, episódios em que a individualidade dos protagonistas é recortada nos seus múltiplos detalhes. Assim acontece no episódio da corrida de carros disputada durante os jogos em honra de Pátroclo (*Ilíada*,

canto XXIII), precedida da apresentação algo minuciosa dos concorrentes: Emelo, filho de Admeto; o robusto Diomedes, filho de Tideu; o louro Menelau, nascido de Zeus; Antíloco, filho admirável do altivo rei Nestor... O acto desportivo aparece, na tradição homérica, como um sinal da identidade dos heróis — de cada herói em particular: «Quando os cavalos davam a volta na direcção do mar, então aparecia o valor de cada um» (Ilíada, *ibidem*). O desporto e a proeza que o concretiza possuem, assim, um intérprete, um rosto e um nome desde a Antiguidade.

III

O olimpismo moderno tem uma larga responsabilidade na preservação do indivíduo como elemento central, e maior, do acto desportivo. O facto é tanto mais significativo quanto mais desfavorável se apresentava o contexto social e cultural em que o movimento olímpico renasceu, na transição do século XIX para o século XX. Com efeito, o desporto contemporâneo fundou raízes nos jogos de equipa, uma prática quase inexistente no longo transcurso da história. António José Saraiva¹, numa das suas últimas obras, sublinhou esta característica originária do movimento pedagógico inglês do século XIX, bem ilustrada em obras literárias da época, como *Tom Brown's Schooldays*²), onde se

() «O desporto teve sempre uma grande importância na vida colectiva das cidades e mobilizou multidões e rios de dinheiro. Há desportos que são, na realidade, espectáculos para multidões em que os figurantes estão destinados a morrer às mãos uns dos outros, como os combates de gladiadores. Na Grécia antiga, os Jogos Olímpicos tinham um papel político importante no conjunto dos estados concorrentes. Mas esses jogos eram concursos individuais. Modernamente, o desporto sofreu uma mutação: apareceram os jogos entre equipas, como o futebol, que acrescentou ao espectáculo desportivo uma qualidade teatral: o suspense. Neste tipo de desporto, os agentes em competição são grupos que têm de responder colectivamente a situações imprevistas, e o desfecho é incerto até ao fim.» António José Saraiva, *O Que é a Cultura?*, Lisboa: Difusão Cultural, I 1993.

(²)«‘Hold the punt-about!’ To the goals!’ are the cries, and all stray balls are impounded by the authorities; and the whole mass of boys moves up towards the two goals, dividing as they go into three bodies. That little band on the left, consisting of from fifteen to twenty boys, Tom amongst them, who are making for the goal under the School-house wall, are the School-house boys who are not to play up, and have to stay in goal. The larger body moving to the island goal are the School boys in like predicament. The great mass in the middle are

descreve, de forma pitoresca, o espírito e o ambiente que presidiam à formação desportiva dos jovens nas public schools britânicas. Esse espírito foi, depois, trasladado a todo o Império, na prática social dos funcionários da administração — os civil servants — e na preparação militar dos soldados.

Na Alemanha, onde o movimento ginástico, o Turnen, responde aos apelos nacionalistas de Fichte através das suas sociedades de inspiração patriótica, o desporto reveste, de ponto de vista da técnica de execução dos movimentos, um carácter individual, predeterminado e invariável, assente no drill. Porém, a concepção doutrinária que o informa inculca-lhe também uma configuração de prática de massa, onde o indivíduo é uma unidade que só tem existência na medida em que serve um sistema - um sistema de gestos, de exercícios, onde a dissonância, o rasgo, a interpretação pessoal não têm lugar nem sentido. No Turnen, ao contrário do instinto lúdico e da atitude hedonista presentes nos jogos desportivos ingleses, o atleta é peça de um projecto, de uma encenação que tem por finalidade produzir um efeito emocional no espectador⁽³⁾.

Trata-se, pois, de uma ocorrência aparentemente paradoxal, esta irrupção do desporto contemporâneo fundada em duas mensagens contrárias, se não mesmo contraditórias.

Por um lado, a exaltação das massas, dos movimentos colectivos, directamente inspiradas nos nacionalismos emergentes, nos projectos coloniais e nas visões autoritárias de Estado, reunindo assim, num

the players-up, both sides mingled together; they are hanging their jackets, and all who mean real work, their hats, waistcoats, neck-handkerchiefs, and braces, on the railings round the small trees; and there they go by twos and threes up to their respective grounds.» Thomas Hughes, *Tom Brown's School Days*, Oxford: Oxford University Press, 1989.

⁽³⁾ Correndo embora o risco de estabelecer uma identidade linear a partir de duas configurações semelhantes, é difícil evitar a analogia entre os festivais do Turnen da primeira metade do século XIX e as grandes paradas, gímnicas e militares, organizadas pelo III Reich. De resto, a obra da "cineasta do regime", Leni Riefenstahl, tem os seus momentos mais altos quer no registo da grande celebração do Partido Nacional - Socialista, em Nuremberga (O Triunfo da Vontade) quer nos documentários em que fixou os arquétipos da beleza corporal ariana e germânica entregues a exercícios de ginástica de grupo, inspirados na doutrina, na técnica e na estética dos discípulos de Jahn. A semelhança seria apenas formal e accidental ou devemos, pelo contrário, ver aí um fio condutor, ao mesmo tempo ideológico e cultural, que partilha do pensamento alemão e, designadamente, das concepções dos filósofos trágicos e da "filosofia da vontade"?

mesmo corpo, configurações desportivas e contextos políticos e sociais tão diferenciadas como os da Europa Central, da Grã-Bretanha e dos países germânicos.

E, por outro, um projecto de revivescência dos ideais da Grécia Antiga, celebrando o atleta individual e individuado, cultor da proeza, predestinado pela Natureza (ou pelos deuses?) mas disciplinado por uma vontade e um sistema de treino que são condições necessárias ao desígnio de superação: Citius, Altius, Fortius⁴) É neste desígnio de superação que radica um elemento fundamental da prática dos desportos individuais: o record. A etimologia é, aqui, um argumento categórico: record, registo; e, por extensão, memória. É essa "memória", desde muito cedo organizada nos anais das primeiras federações desportivas, que viabiliza um dos traços mais conspícuos do desporto contemporâneo: uma iconografia própria.

Embora Pierre de Coubertin não oculte a sua admiração pela pedagogia desportiva dos colégios ingleses, a sua formação cultural e académica segue a tradição aristocrática francesa. É humanística, devotada ao estudo das obras e dos valores greco-latinos, tal como a da maioria dos seus companheiros de empresa. Não foi por isso acidental que Coubertin tenha escolhido a Sorbonne para palco da proclamação do reatamento dos Jogos nem que as suas incursões poéticas, dentro da temática olímpica, tenham uma inspiração explícita em Pindaro.

IV

Podemos, hoje, afirmar que os Jogos Olímpicos retomaram o ideal clássico, quando a proeza atlética tinha um rosto e um nome, era cantada pelos poetas e alçada pelos mortais à natureza dos actos divinos.

210 Como sistema institucionalizado à escala planetária, supranacional e

(⁴) São por vezes surpreendentes, nos textos dos Antigos, referências à preparação atlética que revestem validade actual. «Não é possível que um homem seja hábil em todos os exercícios,» declara Epeu, antes de iniciar o combate de pugilato com Eurialo (Iliada, canto XIII). Como sabemos, os primeiros jogos Olímpicos modernos tiveram uma significativa representação de atletas que participaram em competições de várias modalidades. Em breve, porém, a especialização impôs-se ao ecletismo, tal como o treino metódico à prática diletante.

congregador de interesses económicos gigantescos, a entidade que o dirige, o Comité Olímpico Internacional, e sua nomenclatura são, de certo, merecedores de críticas e suspeitas, algumas das quais ainda recentemente se mostraram fundadas em casos de suborno e tráfico de influências. Não obstante, o seu papel na preservação do valor do atleta enquanto indivíduo, enquanto ser singular, e não apenas uma peça integrada num todo, a equipa, preparada segundo uma lógica de produção a que não são estranhos nem o taylorismo industrial nem o “espírito de corpo” da disciplina militar, representa um contributo decisivo para a preservação dos valores mais primitivos e genuínos do acto desportivo — desafio, risco, superação e excesso — num exercício constante de medida em referência ao mundo físico, a si mesmo e ao Outro.

Estes são os elementos primais do agonismo, de certo retidos na espécie por terem representado vantagens selectivas em alguma fase da sua evolução, que o olimpismo exalta e mobiliza nas suas mais altas expressões. Esse é um tributo que a Humanidade tem de reconhecer e gratificar.

(Página deixada propositadamente em branco)

PORTUGAL NOS JOGOS OLÍMPICOS

BREVE RESENHA

Fernando Maia
Universidade de Coimbra

É consensual a ideia de que os Jogos Olímpicos constituem, na actualidade, um elemento central e estrutural do desenvolvimento da cultura desportiva moderna. A sua renovação, operada em finais do século passado, constituiu a expressão institucional do Olimpismo como movimento social e cultural. Foi ele que tornou inevitável a universalidade do desporto, perante tendências dominantes de uma sociedade em permanente mutação quer pela internacionalização das ideias e das práticas sociais, quer pelas alterações políticas e económicas ocorridas.

É no contexto da mediatização (fruto do avanço técnico do nosso tempo) e da universalidade dos grandes acontecimentos desportivos que os Jogos Olímpicos podem ser considerados como a maior manifestação desportiva da actualidade. Com o seu impacto, têm marcado a sociedade, pelo que os podemos elevar à categoria do maior espectáculo dos tempos modernos.

213

A participação portuguesa

Quando, em finais do séc. XIX, Pierre de Coubertin se apaixonou pela ideia de fazer reviver os Jogos Olímpicos da Antiguidade e transformá-los num grande acontecimento desportivo da Era Moderna, em Portugal vivia-se um período de instabilidade política que levaria ao regicídio

ocorrido em 1908 e, logo após, à deposição do regime monárquico e à implantação da República.

Por isso, não é estranho que os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna realizados em 1896, na cidade de Atenas, fossem ignorados em Portugal. A comprová-lo, está o facto de a imprensa diária e desportiva da época não fazerem qualquer referência ao acontecimento o que pode significar que seriam do seu desconhecimento ou que não lhe suscitavam interesse.

A II Olimpíada realizada em 1900, em Paris, coincidiu, conforme deliberação anterior, com a Exposição Internacional que teve lugar na capital francesa.

Ofuscados pela realização do certame internacional, os Jogos não assumiram a importância e não obtiveram o impacto pretendido, acontecendo mesmo que os próprios franceses se alheassem da sua realização. Mesmo a imprensa internacional preocupou-se mais com a divulgação dos eventos que iam acontecendo na Feira Internacional, do que, propriamente, com os acontecimentos desportivos relacionados com o decurso dos Jogos Olímpicos.

Em Portugal, à semelhança do que havia acontecido relativamente à I Olimpíada, na imprensa nacional não se encontra qualquer referência aos Jogos Olímpicos de Paris.

Na senda da informação desportiva que se propunha, a revista O Tiro Cívico¹⁾, no seu n.º 187, de 1 de Junho de 1900, noticia a realização de Concursos Internacionais de Esgrima a realizar de 14 de Maio a 1 de Junho no Grande Salão de Festas da Exposição de Paris. Se atentarmos nas datas, verificamos que elas coincidem com as da realização dos Jogos Olímpicos e também estes têm início com uma prova de esgrima, actividade muito em voga no início do século.

214 Nestes concursos participaram os nossos compatriotas Sebastião Herédia e António Martins. Quanto ao comportamento desportivo destes nossos representantes, é omissa a informação de que dispomos, apesar de terem sido atribuídos os números respeitantes à sua partici-

¹⁾ O Revista semanal criada a 7 de Março de 1895, que se destinava a dar notícias e informações respeitantes a certos desportos, dos quais destacamos o tiro, a esgrima, a ginástica e a caça.

pação, bem como haver conhecimento de terem sido sorteados os mestres de armas com que se haviam de defrontar. Contudo, não há qualquer referência a resultados, pelo que se poderá presumir que a nossa primeira participação se saldou por uma falta de comparência, pois que há notícia de os seus adversários terem passado à eliminatória seguinte.

Se bem que este episódio, pelo tempo em que ocorre, revele que a nossa participação pode ter acontecido antes da própria adesão de Portugal ao movimento olímpico, (o que só vem a acontecer em 1906), ele não deixará, por certo, de ter contribuído, para um processo que levaria à criação da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional, em 1909 e, Posteriormente, à formação do Comité Olímpico Português, a 30 de Abril de 1912, portanto, alguns meses antes da realização da V Olimpíada. Nesta, a nossa representação assume, pela primeira vez, o carácter de representação oficial.

Perante os factos aludidos e não havendo qualquer referência à nossa participação nos Jogos que se realizaram em 1904 e 1908, podemos concluir que, oficialmente, a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos remonta à celebração da V Olimpíada, realizada de 5 de Maio a 22 de Junho de 1912, na cidade de Estocolmo.

Com uma presença modesta, traduzindo com fidelidade a incipiente organização do desporto nacional, a representação portuguesa foi confiada a 6 atletas: Fernando Correia, António Stromp, Armando Cortesão (que, no futuro, viria a ser um ilustre e insigne historiador), Francisco Lázaro, Armando Pereira e Joaquim Vital que viriam a participar em 3 modalidades: Esgrima (especialidade de sabre), Atletismo e Luta Greco-Romana. A viagem destes atletas rumo à Suécia, realizou-se a bordo do navio Astúrias, pertencente à Marinha Real Inglesa.

Em consequência de resultados anteriormente obtidos numa Maratona realizada em Lisboa (2h 52m 8s), a comitiva portuguesa depositava as maiores e fundadas esperanças numa boa prestação de Francisco Lázaro. Talvez por isso mesmo, lhe tivesse sido concedida a honra de porta-bandeira na cerimónia inaugural. Mas a realidade foi bem adversa. Quando participava na prova da maratona, à passagem do quilómetro 30, aquele atleta veio a desfalecer, acabando mesmo por

falecer no dia seguinte. Terá sido o episódio mais dramático da nossa participação nos Jogos Olímpicos e, por certo, aquele que a imprensa considerou mais sensacionalista como acontecimento mediático da representação portuguesa, já que, nas restantes modalidades, o nosso desempenho se fixou, de forma modesta nas eliminatórias que dão acesso às finais.

Lançadas as bases para uma participação efectiva no Movimento Olímpico, a partir desta Olimpíada, a presença portuguesa passaria a ser uma constante.

Com representações mais ou menos numerosas, expressando a realidade da organização do desporto nacional, Portugal ir-se-ia mantendo fiel à organização. Cultivava-se o Ideal Olímpico e através dele procurava-se vivificar o simbolismo de uma das mais ricas manifestações das actividades físico-desportivas e culturais do nosso tempo.

Contudo, as Olimpíadas seguintes (1916) não se realizaram. Vicissitudes de ordem política ocasionaram um conflito internacional de grandes proporções - a 1ª Grande Guerra - que envolveu vários países europeus, o que não permitiu a realização dos Jogos de 1916, contrariando os preceitos da Antiguidade em que era declarada a "Trégua Olímpica" durante o tempo dos Jogos.

Assim, ter-se-ia de esperar mais quatro anos, por 1920, para, de novo, podermos assistir a uma nova Olimpíada, desta vez realizada em Antuérpia.

216 As convulsões sociais que se viviam no nosso País, expressas pelo anarquismo político-constitucional, determinavam limitações orçamentais importantes que impediam grandes gastos económicos, eventualmente considerados como supérfluos. Deste modo, a Antuérpia, apenas foi possível a deslocação de praticantes de esgrima e tiro, em missão custeada pelo Ministério da Guerra. A representação portuguesa foi composta por dez atletas, que representaram o País nas modalidades referidas. Apesar do reduzido número de participantes, a representação não deslustrou. A equipa de Esgrima, na especialidade de espada, conseguiu um 4.º lugar, entre 11 participantes e, individualmente, na mesma especialidade, obtivemos um 6.º lugar. Quanto ao Tiro, na especialidade de tiro de revólver a 30 metros classificámo-nos na 8.º posição.

Depois do fracasso da II Olimpíada, a “cidade Luz” engalanou-se, de novo, para viver a VIII Olimpíada da Era Moderna (1924). Embora as dificuldades políticas, financeiras e sociais continuassem a fazer-se sentir em Portugal, este aspecto foi superado com o recurso a uma subscrição pública para angariação de fundos capazes de suportar a representatividade portuguesa nos Jogos. Por sua vez, a proximidade de França e o recurso ao comboio como meio de transporte, possibilitou a diminuição dos gastos. Daí que a delegação portuguesa fosse composta por 25 pessoas, que vieram a participar em 8 modalidades olímpicas: atletismo, esgrima, equitação, pesos e alteres, natação e ténis. Foi uma representação numerosa, para o tempo. E o que mais se salienta é o facto de ter sido nestes Jogos que Portugal conseguiu, pela primeira vez, um lugar no podium, ao conquistar uma medalha de Bronze na modalidade de Equitação, na especialidade de saltos de obstáculos. A equipa que conseguiu este feito era constituída por um civil - Borges de Almeida - e dois militares - o Tenente Helder Martins e o Capitão Mouzinho de Albuquerque.

Nas restantes modalidades, o comportamento foi modesto. Contudo, o êxito obtido na equitação terá galvanizado a organização portuguesa para, atempadamente, iniciar a preparação da Olimpíada seguinte, que viria a realiza-se em 1928, em Amesterdão.

Foi na senda de um progresso desportivo constituído por um maior cuidado na preparação dos nosso atletas que nos preparámos para participar nesta Olimpíada. Para tal, foi decisivo o papel assumido pelo Comité Olímpico Português, já que, através dele, foi possível a organização de actividades preparatórias e de selecção dos atletas à participação Olímpica.

Também no plano político tudo corria de feição: o Estado havia atribuído uma verba cem mil escudos destinada à participação dos nossos representantes. Contudo, a revolução ocorrida a 28 de Maio de 1928, veio alterar toda a conjuntura, tendo sido retirados os apoios governamentais. Com uma representação composta por 29 pessoas, que se haveriam de distribuir por 8 modalidades, Portugal veio, mais uma vez, a conquistar uma medalha de Bronze, na modalidade de Esgrima - especialidade de espada. Mas assinala-se um outro facto digno de registo: a sensação causada pela primeira participação de uma equipa de

futebol nacional, que atingiu os quartos-de-final, onde foi afastada pelo Egipto.

Os próximos Jogos viriam a ser realizados em 1932, em Los Angeles. A distância, aliada às dificuldades e custos de transporte, bem como os poucos recursos económicos do País e as consequentes restrições impostas pelo Estado Novo, constituíram justificação suficiente para que Portugal apenas se tenha feito representar por 8 elementos, que competiram em 3 modalidades. Foi uma participação sem história, o que, aliás, é fácil de compreender. O melhor que obtivemos foi um 7.º lugar no Tiro, na especialidade carabina.

Em 1936, os Jogos Olímpicos realizaram-se em Berlim. Eram tempos de afirmação do regime nazi. De novo na Europa, a comitiva portuguesa passava a ser mais participativa. A nossa representação foi composta por 16 elementos, que se distribuíram por 5 modalidades.

De novo, no hipismo conquistamos uma medalha de Bronze por equipas, numa equipa de que fez parte o Marquês do Funchal.

A II Guerra Mundial veio determinar a suspensão das Olimpíadas de 1940 e 1944. Mais uma vez, os tempos de guerra não foram propícios à sua realização e, por isso mesmo, somente em 1948 voltamos a ver a concretização do espírito Olímpico, nos Jogos que viriam a realizar-se em Londres.

218 Nestes Jogos, a participação portuguesa foi composta por 45 elementos, que participaram em 7 modalidades olímpicas. Em Portugal, o regime político do Estado Novo preocupava-se mais com os problemas sociais do que propriamente com os desportivos. Não admira, por isso, que o comportamento dos nossos compatriotas apenas tivesse conseguido sobressair na modalidade de vela, na classe de swallow, em que os irmãos Belo (Duarte e Fernando) obtiveram a medalha de prata - a primeira do nosso historial Olímpico. Igualmente, no hipismo obtivemos uma medalha de bronze, à semelhança do que tinha acontecido na VIII Olimpíada.

Foi apenas a partir dos Jogos Olímpicos de Helsínquia (1952) que o governo português se começaria a aperceber da verdadeira importância que o desporto viria a assumir no poderio social e cultural estabelecido entre as nações e do papel dinâmico que cabia aos Jogos Olímpicos na sua divulgação. A preparação dos nossos atletas começava a merecer

algum cuidado em termos de planeamento e organização do treino, o que tornava necessário a afectação de verbas para estágios e a selecção de treinadores especializados.

A própria deslocação para Helsínquia realizou-se num navio fretado para o efeito e o aluguer de lugares a outros passageiros foi uma medida que permitiu reduzir o custo das despesas. A representação portuguesa era composta por 79 atletas que participaram em 10 modalidades (Vela; Esgrima; Remo; Hipismo; Ginástica; Pólo Aquático; Atletismo; Tiro; Pentatlo e Natação). Como resultados mais relevantes, registe-se a conquista de uma medalha de Bronze na Vela, na classe de Stars, e uma actuação relevante, embora sem lugar no podium, na modalidade de Hipismo.

Os Jogos Olímpicos de 1956 deviam ter como cenário a cidade de Melbourne, na Austrália⁽²⁾. A representação portuguesa quedou-se pela participação apenas numa modalidade - vela, com 5 representantes. As despesas de deslocação, causadas pela distância e pelo número de dias necessários para a percorrer, foram justificação suficiente para dissuadir os nossos responsáveis. Mesmo assim, e sem termos conseguido um lugar no podium, obtivemos um 4.º lugar na classe de "Star".

Muitos séculos depois da proibição dos Jogos pelo Imperador Teodósio, na sua cruzada contra o paganismo, em 1960, coube a Roma a organização da XVII Olimpíada. Foi tão importante a sua realização, que quase poderíamos dizer que constituíram um marco decisivo para a sua maior expressão e o seu maior fulgor. Quanto a Portugal, a proximidade geográfica possibilitou uma representação com 62 atletas, que se fizeram representar em 11 modalidades. Mas não fosse uma medalha de prata na Vela, na classe Star, e a presença portuguesa teria passado despercebida, já que nas restantes modalidades não passámos das provas de classificativas.

Em 1964, era a vez da realização dos Jogos no País do "sol nascente". A Tóquio, Portugal enviou uma delegação de 20 elementos, para uma participação em 7 modalidades (Vela, Tiro, Atletismo, Natação, Hipismo,

219

(2) Porém, razões de ordem política que obrigavam a quarentena todos os animais de outros países ali entrados, desde logo impediram a realização das provas de Hipismo. A questão foi ultrapassada pela atitude da Suécia, com a oferta da cidade de Estocolmo para a realização desta disciplina Olímpica, proposta aceite por todos os Comitês nacionais.

Judo e Ginástica). Poderíamos dizer que estes Jogos constituíam uma viragem nos nossos resultados, até então apenas confinados à obtenção de medalhas em actividades que, de alguma forma, estavam ligadas ao meio militar (hipismo e esgrima) e na vela que, embora sendo uma modalidade elitista, tinha muito apoio das Escolas de Vela da Mocidade Portuguesa. Nestes Jogos, o atleta português Manuel de Oliveira superou-se ao vencer uma eliminatória nos 3.000 metros obstáculos e ao obter o 4.º lugar na final da mesma modalidade. Se bem interpretamos este feito, cremos estar aqui o prenúncio de que algo poderia vir a mudar na prova rainha dos Jogos Olímpicos e, muito particularmente, nas provas de Fundo e Meio-Fundo. Nas restantes provas, e por ironia do destino, mesmo nas modalidades em que Portugal vinha detendo algum prestígio - Vela e Hipismo, não conseguimos qualquer lugar de destaque.

As Olimpíadas seguintes, realizadas em 1968, na Cidade do México e 1972 em Munique, respectivamente, Portugal apenas se fez representar. Possivelmente, vicissitudes de natureza política interna, a que não será alheio o facto de se achar a braços com uma guerra em três frentes de combate, terão impedido uma melhor representatividade e um maior fulgor à nossa representação. Na Cidade do México, constituíram a nossa representação 23 atletas, que participaram em 6 modalidades. Por sua vez, em Munique, a nossa delegação foi composta por 32 atletas que nos representaram em 8 modalidades (Vela; Atletismo; Tiro; Remo; Luta; Hipismo; Judo; Halterofilia).

220 E o prenúncio que se anunciava em Tóquio começa a desenhar-se na XXI Olimpíada, realizada em 1976, em Montreal. Portugal, com uma delegação composta por 20 atletas, fazia-se representar em 6 modalidades (Atletismo; Natação; Vela; Luta; Judo e Tiro). Embora com uma representação mais reduzida, pode considerar-se esta uma Olimpíada histórica para o desporto português. A obtenção de duas medalhas de prata (Carlos Lopes nos 10.000 metros e Armando Marques no Tiro - especialidade Fosso Olímpico) marcaram bem a nossa presença nestes Jogos.

Mas os Jogos que se seguiram, realizados em 1980, em Moscovo, devolvem a mediocridade à nossa participação. Nestas Olimpíadas, a nossa delegação foi composta por 11 atletas que nos representaram em

6 modalidades (Atletismo Judo; Natação; Ginástica; Halterofilia; Boxe). Sem apoio governamental, em virtude da adesão do nosso país ao boicote decretado pelos Estados Unidos, de retaliação à invasão do Afeganistão pela União Soviética, a representação portuguesa realizou-se a expensas, exclusivamente, do Comité Olímpico de Portugal. Quanto a resultados, apenas a salientar a presença de João Campos na Meia-Final dos 1.500 metros.

Em Los Angeles, em 1984 - Jogos em que a União Soviética e os seus países satélites não participaram, como resposta ao boicote americano da Olimpíada anterior - Portugal, finalmente, conquistou a sua primeira medalha de ouro. Este feito pertenceu a Carlos Lopes que, ao correr a prova da Maratona em 2h 20m 42s chegou isolado ao Coliseu. E foi assim que, pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos, a bandeira Portuguesa foi hasteada no mastro principal, ao som dos acordes do Hino Nacional. Foi a concretização do anunciado na XVIII Olimpíada, quando Manuel de Oliveira venceu a eliminatória dos 3.000 metros obstáculos.

Mas o êxito da nossa representação não ficou por aqui: Rosa Mota, na prova feminina da maratona, e António Leitão nos 5.000 metros, obtiveram honrosos 3º lugares, o que lhes permitiu um lugar no podium e as consequentes medalhas de Bronze.

O resultado conseguido por estes atletas, precisamente na modalidade de Atletismo, conferiu à nossa representação um feito jamais conseguido pelas nossas representações e difícil de igualar.

A Seul (Coreia do Norte), para participar na XXIV Olimpíada, realizada em 1988, Portugal fez-se representar por uma delegação composta por 66 elementos, que participaram em 13 modalidades. Nestes jogos, de novo o atletismo português esteve em foco. A atleta Rosa Mota obteve a medalha de ouro na maratona feminina e Domingos Castro conseguiu o honroso 4.º lugar na prova dos 5.000 metros. Pode dizer-se que na modalidade mais importante dos Jogos Olímpicos, Portugal, mostrava-se ao mundo de uma forma aberta e sem complexos ou receios.

A Olimpíada seguinte, em 1992, realizar-se-ia aqui bem perto, em Barcelona Também a nossa representação foi alargada - 99 elementos, que nos representaram em 18 modalidades. Já com as ausências de

Carlos Lopes e Rosa Mota, as nossas grandes expectativas de êxito iam para o Hóquei em Patins, modalidade na qual Portugal detém prestígio mundial, e que havia sido introduzida nos Jogos Olímpicos, a título experimental. Porém, a representação portuguesa, ao conseguir um modesto 4.º lugar, ficou aquém do valor que tradicionalmente lhe é atribuído, não conquistando qualquer lugar no podium. Aliás, toda a representação portuguesa teve uma prestação medíocre, a merecer críticas por parte dos nossos governantes e da imprensa da especialidade.

Na Olimpíada que se seguiu (1996) realizada em Atlanta Portugal fez-se representar por 108 elementos, que participaram em 18 modalidades. Quanto a presenças no podium, o maior mérito vai para Fernanda Ribeiro que conquistou a medalha de ouro na corrida dos 10.000 metros femininos. Mas há a registar, igualmente, o excelente comportamento obtido pelos atletas Hugo Rocha e Diogo Barreto, que conquistaram a medalha de bronze na modalidade de vela, na classe de "470", façanha que Portugal não conseguia desde 1960, nos Jogos Olímpicos de Roma.

Conclusão

Passados mais de 100 anos após a realização dos I.ºs Jogos Olímpicos da Época Moderna, Portugal participou em 20 das 23 Olimpíadas efectivamente realizadas. Nelas competiram 515 atletas, (462 homens e 53 senhoras) que nos representaram em 23 modalidades Olímpicas e que se deslocaram em comitivas mais ou menos numerosas em função da distância de Portugal ao país organizador.

222 No campo desportivo obtivemos 3 medalhas de ouro, 4 de prata e 8 de bronze, bem como conhecemos a tragédia, com a morte de um promissor desportista.

Numa breve análise a estes resultados e tendo em conta a evolução política que vivemos neste século, referimos que durante a "I.ª República" e "Estado Novo" os melhores resultados foram obtidos nas modalidades de esgrima, hipismo e vela, através das quais conseguimos 7 medalhas (2 de prata e 5 de bronze).

Já no último quartel deste século obtivemos 8 medalhas com destaque especial para as 6 conseguidas na modalidade de Atletismo (principalmente nas especialidades de Fundo e Meio-Fundo). Foi por ela que a bandeira de Portugal flutuou, bem alto, no mastro principal do podium olímpico. Os resultados alcançados por Carlos Lopes, Rosa Mota e Fernanda Ribeiro, entre outros, são a prova da notoriedade que a Escola Portuguesa de Atletismo assumiu no contexto olímpico.

QUADRO REFERENCIAL DA PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA

ANO	LOCAL	N.º de modalidades	N.º de participantes	MEDALHAS
1900	Paris	1	2	
1912	Estocolmo	3	6	
1920	Antuérpia	2	10	
1924	Paris	8	25	Bronze – Hipismo
1928	Amesterdão	8	29	Bronze – Esgrima
1932	Los Angeles	3	8	
1936	Berlim	5	16	Bronze – Hipismo
1948	Londres	7	45	Prata – Vela Bronze – Hipismo
1952	Helsíquia	10	79	Bronze – Vela
1956	Melbourne	1	5	
1960	Roma	11	69	Prata – Vela
1964	Tóquio	7	20	
1968	Cidade do México	6	23	
1972	Munique	8	32	
1976	Montreal	6	20	Prata – Atletismo (10.000 metros) Prata – Tiro (Fosso Olímpico)
1980	Moscovo	6	11	
1984	Los Angeles	11	39	Ouro - Atletismo (Maratona) Bronze - Atletismo (Maratona. Fem.) Bronze - Atletismo (5.000 m.)
1988	Seul	13	66	Ouro - Atletismo (Maratona. Fem.)
1992	Barcelona	18	99	
1996	Atlanta	18	108	Ouro – Atletismo (10.000 m.) Bronze – Vela



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

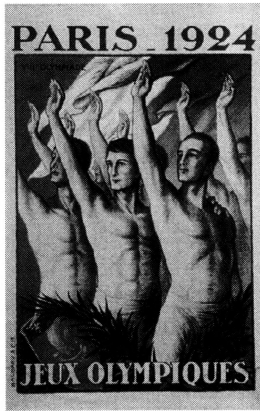


Figura 7

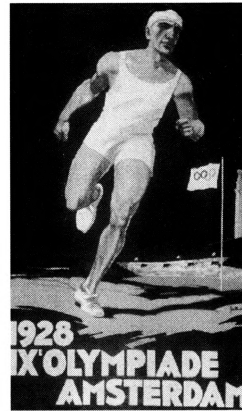


Figura 8

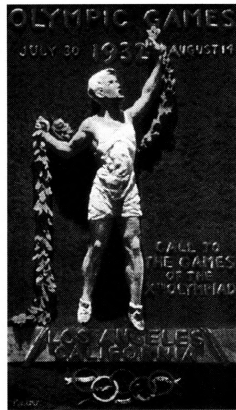


Figura 9

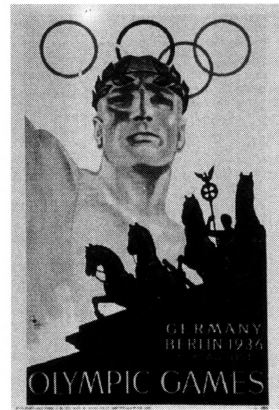


Figura 10



Figura 11

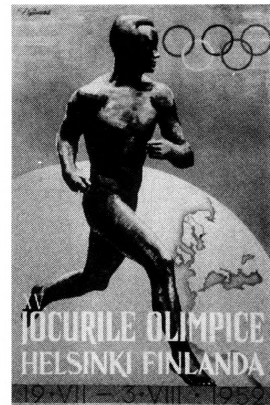


Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

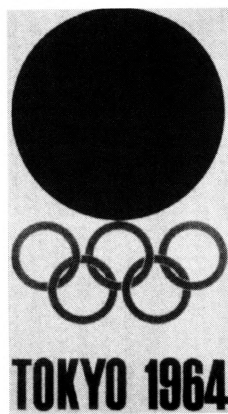


Figura 16

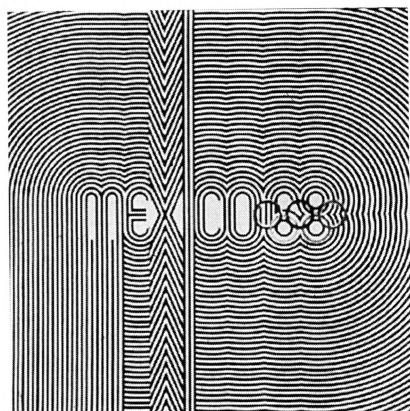


Figura 17

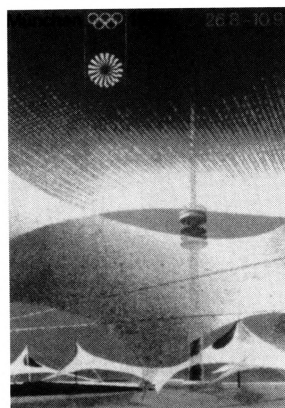


Figura 18

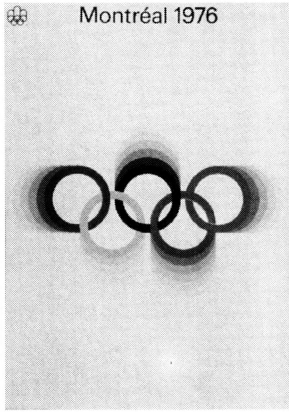


Figura 19

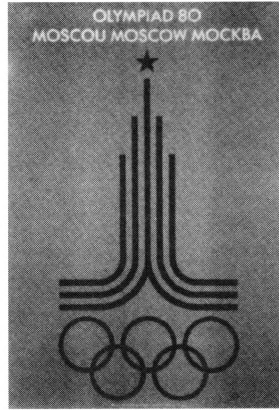


Figura 20

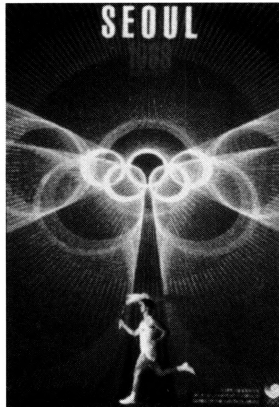


Figura 21

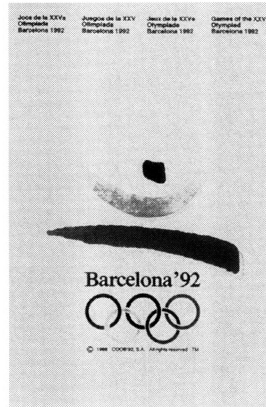


Figura 22

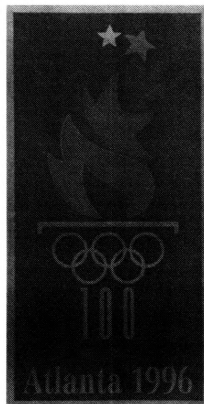


Figura 23

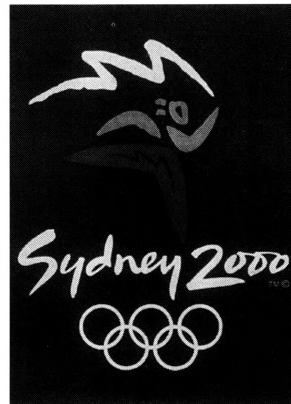


Figura 24

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTA SOBRE A ORIGEM DAS GRAVURAS

. H. ROCHA PEREIRA, Os vencedores dos jogos olímpicos: a glória na arte

Pertencem a . I. Finley and H. W. Pleket, *The Olympic Games: The First Thousand Years* (London, Chatto and Windus, 1976) as figs. 1, 7, 8, 9, 10, 11, 12; a John Boardman, *Greek Sculpture. The Archaic Period* (London, Thames and Hudson, 1978), a fig. 2; ao Museu de Delfos, a fig. 3; a Petros G. Themelis, *Delphi. The Archaeological Site and the Museum* (Athens, Ekdotike Athenon, S. A., 1984), a fig. 4; a Bernard Ashmole, *Architect and Sculptor in Classical Greece* (London, Phaidon, 1972), a fig. 5; a Arthur Lane, *Greek Pottery* (London, Faber and Faber, 1948), a fig. 6; a Werner Gauer, *Hermes 106* (1978), a fig. 13; a John Decapoulos, Athens, as figs. 14 e 18; a Gisela Richter, *A Handbook of Greek Art* (London, Phaidon, 1959), a fig. 15; a Photios Petsas, *Delphi. Monuments et Musée* (Athènes, Éditions Kréné, 1981), a fig. 16 ; às coleções da Hellenic Society (London), a fig. 17; a Nikolaos Yalouris, *Olympia. Altis and Museum* (Athens, Art Editions Meletzis and Papadaokis, 7th ed. 1985), a fig. 19; a John Boardman, *The Oxford History of Classical Art* (Oxford University Press, 1993), a fig. 20.

Francisco de Oliveira, *Actividades de lazer em Roma*

Museu Capitolino: fig. 1, 13 e 19; Museu do Vaticano: fig. 2 e 6; Piazza Armerina: fig. 3, 4, 7, 18; fórum de Roma: fig. 5; Museo della Civiltà Romana: fig. 7 e 20; Museo Nacional de Arte Romano de Mérida: fig. 8; Foligno, Pinacoteca Comunale: fig. 9; Museu de Paestum: fig. 10; Museu de Augst: fig. 11; Museu Arqueológico de Dorres: fig. 12; Antikenmuseum Berlin: fig. 14; Lião: fig. 15; El Jem: fig. 16 e 24; Constantinopla: fig. 21; Museu Arqueológico de Nápoles: fig. 22; Arles: fig. 23.

Paula Barata Dias, *Metáfora desportiva na literatura cristã*

Pertence a M. B. Poliakoff, *Combat Sports in the Ancient World. Competition, Violence and Culture*, Yale University Press, London, p. 145, n. 4, a fig. 1; a DAEL, I, col. 438, a fig. 2.

Fernando Maia, *A participação portuguesa nos jogos olímpicos*

A reprodução dos cartazes das Olimpíadas é feita por deferência do Comité Olímpico de Portugal.

